

SEM QUERER Querendo

Memórias

Roberto Gómez Bolaños

SEM QUERER Querendo

Memórias

Roberto Gómez Bolaños

Tradução: Monique D'Orazio

Estética Torta

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B687s Bolaños, Roberto Gómez

Sem querer querendo: memórias / Roberto Gómez Bolaños ; tradução por Monique D'Orazio. – Contagem, MG : Estética Torta, 2021.

Formato: e-book

ISBN: 978-65-89087-37-3

1. Biografia. 2. Televisão. I. D'Orazio, Monique. II. Título.

CDD: 792.23
CDU: 792.2

And Books: André Queiroz – CRB-4/2242

Editora Estética Torta
www.esteticatorta.com.br

facebook.com/esteticatorta
instagram.com/esteticatorta
contato@esteticatorta.com.br

Grupo Chespirito
www.chespirito.com

twitter.com/ElChavo_Animado
facebook.com/ElChavoAnimadoOficial
twitter.com/ChapulinRGB
facebook.com/ChapulinColoradoOficial

Prefácio à edição brasileira

Aí vem o Chespirito

Por Fórum Chaves

Em 1984, quando *Chaves* e *Chapolin* estreavam no Brasil, pelo SBT, as duas séries já não existiam mais como programas independentes. Enquanto descobríamos personagens como Quico e Seu Madruga, seus atores, Carlos Villagrán e Ramón Valdés, respectivamente, haviam saído do elenco poucos anos antes. Quando o público brasileiro começava a se apaixonar pelos seriados, Roberto Gómez Bolaños já era uma figura admirada em praticamente toda a América Latina, tendo levado milhões de pessoas aos seus shows pelo continente.

O brasileiro, assim, descobria o incrível universo de Chespirito com alguns anos de atraso, em relação aos seus irmãos latino-americanos. Inclusive, Roberto já havia pisado em nosso país ainda como um anônimo, lá em Foz do Iguaçu (PR), em 1981 – e, do outro lado da fronteira, multidões tentavam se aproximar de um dos maiores gênios que a comédia já produziu. Enquanto milhões já se divertiam com Chaves, Chapolin, Doutor Chapatin e outros tantos personagens de sua extensa galeria, fomos devagarinho nos adentrando nesse mundo.

Tudo começou com o episódio “Aristocratas vemos, gatunos não sabemos”, de 1978, do *Chapolin* (então chamado de *Polegar Vermelho*), exibido dentro do programa *TV Powww!*, em 20 de agosto de 1984. Quatro dias depois, o Chaves apareceria em “O matador de lagartixas”, de 1976. Era o início de uma jornada de mais de 35 anos das obras de Chespirito no Brasil. Nesse período, os seriados se tornaram parte do imaginário do público brasileiro, que se diverte até hoje com aqueles personagens – e com nomes próprios ao nosso português: Chaves [El Chavo], Quico, Seu Madruga [Don Ramón], Chiquinha [Chilindrina], Dona Florinda, Chapolin Colorado [El Chapulín Colorado], Racha Cuca [Rascabuches], Quase Nada [Cuajinais], entre tantos outros.

Os roteiros de excelência de Bolaños foram traduzidos pela equipe da cooperativa Maga Produções Artísticas, do dublador Marcelo Gastaldi, voz brasileira de Bolaños. Seu grupo fez o que muitos consideram como uma das melhores dublagens da história dessa arte no Brasil, contando com reconhecidos nomes como Nelson Machado (Quico), Marta Volpiani (Dona Florinda), Sandra Mara e Cecília Lemes (Chiquinha), Carlos Seidl (Seu Madruga), Mario Villela (Senhor Barriga), Potiguara Lopes e Osmiro Campos (Professor Girafales), Helena Samara (Dona Clotilde) e Older Cazarré (Jaiminho).

Repetidos à exaustão no SBT, os episódios tiveram ainda outras moradas, como a CNT/Gazeta, que passou o programa *Chespirito* – que viria depois como o *Clube do Chaves* no canal de Silvio Santos, porém com pouco mais de 200 dos mais de 600 episódios produzidos entre 1980 e 1995. As séries passaram ainda pelos canais pagos TLN, Cartoon Network, TBS, Boomerang e, mais recentemente, Multishow, que adquiriu e dublou mais de 150 episódios inéditos, além de exibir outros que há muito não iam ao ar no sinal aberto. Pela primeira vez, o público brasileiro era brindado com todos os capítulos distribuídos pela Televisa, num total de mais de 500 – cerca de 80, atualmente, não são comercializados, por razões desconhecidas.

Além das séries na TV, os brasileiros tiveram acesso a jogos eletrônicos, brinquedos e outros itens que se tornaram obrigatórios para os colecionadores – como o “óculos do Chaves”, que era, na verdade, um canudinho, e ainda os gibis lançados pela Editora Globo na década de 1990. Infelizmente, o público brasileiro nunca teve a oportunidade de ver um show do elenco das séries, como aconteceu em países vizinhos. Primeiramente, pela chegada tardia dos programas ao país. Em 1990, o grupo chegou a ser contratado para uma série de apresentações por aqui, mas a turnê foi cancelada em virtude da barreira do idioma – os shows seriam dublados, o que não agradava a Roberto –, além da instabilidade política no Brasil.

Se o público brasileiro não teve a chance de ver Chespirito em pessoa, os fãs puderam encontrar atores como Carlos Villagrán, Edgar Vivar e María Antonieta de las Nieves, que estiveram em turnê por quase todas as regiões do país desde os anos 1990. Em 2019, uma grande homenagem a Bolaños chegou aos palcos: *Chaves: um tributo musical* levou emoção e diversão para mais de 35 mil espectadores no Teatro Opus, em São Paulo. A peça, produzida por Adriana del Claro, com direção de Zé Henrique de Paula e roteiro de Fernanda Maia, foi a primeira adaptação oficial da série para o teatro, reunindo um elenco estelar dos musicais brasileiros para uma nova e incrível história. Em visita ao Brasil para conferir a estreia do espetáculo, o produtor Roberto Gómez Fernández, filho de Chespirito, disse que aquele foi um dos “dias mais felizes da minha vida”.

Essa é uma pequena parte da grande história do universo de Chespirito no Brasil. Mas esse não é o assunto deste livro, no qual Roberto Gómez Bolaños narra, com seu bom humor característico, incríveis passagens de sua vida. Antes de chegar lá, pedimos licença ao mestre para avançarmos algumas décadas, trazendo o que ele próprio não teve a oportunidade de contar do seu ponto de vista – uma vez que *Sem querer querendo* foi lançado em 2006.

Além desta autobiografia, aquele 2006 seria marcado por outra obra inédita de Roberto: a versão animada do Chaves, que foi ao ar no México, pela primeira vez, em 21 de outubro daquele ano. Inicialmente inspirada nos roteiros do próprio Chespirito, logo as séries enveredariam para outros caminhos, permitindo ampliar as possibilidades do universo de Chaves, Quico, Seu Madruga e toda a turma. Ao longo de sete temporadas, foram produzidos 135 episódios, exportados para toda a América Latina e outros países da Ásia e da Europa.

Quase uma década depois, em 2015, chegaria às telas a versão animada do *Chapolin*. A animação, ainda inédita no Brasil, tem um humor mais adulto que o *Chaves em desenho animado*, porém também explorando novas e diferentes aventuras para o super-herói latino-americano. Agora, personagens como o Professor Inventillo e Dulce, sua neta e assistente, fornecem apetrechos para o Polegar enfrentar as perigosas ameaças que surgem em seu caminho. Em cinco temporadas, *El Chapulín Colorado animado* teve 74 capítulos.

Em suas obras, Gómez Bolaños sempre deixou clara a importância da solidariedade, auxiliando os mais humildes – e mesmo um personagem pobre como o Chaves não hesitava em abrir mão do que tinha para ajudar o próximo. Com tais valores, Bolaños criou, em 2007, a Fundação Chespirito IAP, entidade que busca auxiliar outras instituições com projetos de caráter social voltados a crianças e adolescentes. A iniciativa atua em segmentos como a promoção de saúde e qualidade de vida e fortalecimento da educação para os jovens.

No mesmo ano, Chespirito voltaria aos palcos para a última turnê do espetáculo *11 y 12*. A montagem retornou ao Teatro Libanés, na Cidade do México, com produção de Florinda Meza e participação de Juan Antonio Edwards, Oscar Bonfiglio e Moisés Suárez, além de atuações especiais de Raúl “Chóforo” Padilla, Rubén Aguirre e Erika Blenher. Novamente, repetia-se aquela peça que, nos dois anos seguintes, ainda chegaria à América do Sul, com apresentações no Peru, no Chile e na Colômbia. Foi a derradeira visita de Chespirito a muitos daqueles países, onde recebeu uma série de homenagens, sendo celebrado por fãs de todas as idades.

Prestes a completar 80 anos, a idade e o tempo cobravam seu preço. Uma cirurgia urgente na próstata levou Bolaños ao hospital nos últimos meses de

2009. Embora tenha sido um procedimento simples, era o prenúncio de uma série de debilidades que acometeriam a saúde do escritor nos anos posteriores. Internado por poucos dias, Chespirito voltou para casa, mas no começo de 2010 retornaria para outra cirurgia. As operações tornaram mais frágeis seus músculos, o que fez com que precisasse caminhar com o auxílio de um andador – e, para distâncias maiores, era conduzido com uma cadeira de rodas. Além disso, os anos de fumo também exigiam mais de seus pulmões: a insuficiência respiratória fez com que passasse a morar em um condomínio fechado em Cancún, no nível do mar, onde poderia viver melhor do que na capital – que está a 2.250 metros de altitude.

Em sua casa, mais distante dos filhos, Chespirito encontrou uma nova morada nos ambientes digitais. No dia 28 de maio de 2011, menos de 140 caracteres causaram furor nas redes sociais: “Olá. Sou Chespirito. Tenho 82 anos e esta é a primeira vez que tuíto. Estou estreando. Sigam-me os bons!”,[1] escreveu o comediante, que inaugurava sua conta @ChespiritoRGB no Twitter. Dali em diante, o criador de *Chaves* e *Chapolin* passaria a conversar diretamente com fãs de todo o mundo, compartilhando histórias, piadas, fotos e momentos *graciosos* de sua vida. Em apenas dois meses, já tinha um milhão de seguidores.

Ainda pelo Twitter, na noite de sexta-feira do dia 29 de julho, também de 2011, Bolaños “quebrou” a internet. O escritor fez sua primeira *live* na rede social, ao lado de sua esposa, Florinda Meza. Durante mais de uma hora, enviou mensagens aos fãs, cantou músicas clássicas das séries, divertiu e emocionou mais de 40 mil pessoas que acompanharam a transmissão. Um momento inesquecível que se repetiria no ano seguinte para celebrar o Dia das Crianças no México, comemorado em 30 de abril.

Nesse mesmo ano, Gómez Bolaños levou emoção aos fãs brasileiros ao conceder uma entrevista ao apresentador Ratinho, do SBT. Exibido no dia 19 de agosto, data de aniversário da emissora brasileira, o especial teve momentos marcantes, como a entrega de uma camiseta da Seleção Brasileira autografada por Pelé – e uma mensagem do próprio Chespirito que, até hoje, leva muitos às lágrimas:

> Agradeço de todo o coração o que dizem de mim no Brasil. Creio que nem mereço, digo isso sinceramente. Então, agradeço muito mais. Amo vocês, sejam como são, como eu conheço vocês: alegres, brincalhões, bons, muito brasileiros. Brasil, amo vocês. Eu te amo.

Aquele 2011 foi marcado, ainda, pela participação de Bolaños no terceiro Encuentro Mundial Valores y Cultura de la Legalidad, realizado em Monterrey, no México. Sua palestra encerrou as atividades do evento. Intitulada “Sigam-me

os bons", a fala teve críticas aos meios de comunicação de hoje em dia, por se basearem totalmente nos índices de audiência, levando a situações como a disseminação de preconceitos. "Nunca houve discriminação em nossos programas. Mesmo no *Chapolin*, se ele enfrentava um inimigo, este não era estrangeiro nem era de uma raça ou religião diferente. Nunca nada disso se criticava – no *Chaves* era igual", disse. No mesmo ano, Bolaños esteve em Washington, nos Estados Unidos, para receber o prêmio Herança Hispânica, concedido pela comunidade latina em homenagem à sua contribuição cultural.

O Auditório Nacional do México ficou pequeno para todo o amor e celebração à vida e à obra de Roberto Gómez Bolaños, no dia 29 de fevereiro de 2012. Naquele local, pessoas de todo o continente somaram mais de 40 mil espectadores para a maior homenagem já feita ao "pequeno Shakespeare": *América celebra a Chespirito*, uma iniciativa da Televisa em parceria com emissoras de toda a América Latina e dos Estados Unidos.

Ao longo de várias horas, o espaço foi sede de grandes celebrações para o comediante, que esteve no palco acompanhado de sua esposa, Florinda Meza, e de seus companheiros de jornada Rubén Aguirre e Edgar Vivar. Conduzido por Marco Antonio Regil, o evento teve a participação de estrelas como Thalía, que cantou a música "Gracias, Chespirito", e de Armando Manzanero, que executou seu clássico "Somos novios" para Bolaños e Florinda. Estiveram presentes ainda o jornalista Jacobo Zabludovsky, o apresentador Chabelo e a equipe do Club América, que prestaram homenagem ao criador das séries.

Envolvendo todos os países latinos, o evento teve demonstrações massivas de amor pelas obras de Gómez Bolaños, como coreografias ao som de músicas das séries em diversos ritmos – na capital mexicana, mais de 22 mil pessoas foram ao Monumento a la Revolución para a celebração. No concurso realizado no programa, a coreografia brasileira foi eleita a melhor de todas. Além disso, houve um concurso de *experts* e outro de *cosplayers* dos personagens. Durante a gravação, houve preocupação com a saúde de Chespirito: o comediante não se sentiu bem, tendo de ser retirado durante as atividades. Ele foi levado a um hospital, mas dois dias depois já estava em casa.

Em 2013, faleceu a primeira esposa de Roberto, Graciela, aos 77 anos. No mesmo ano, Chespirito desmentia, no Twitter, sua própria morte: "Não morri. Confirmo isso todos os dias pela manhã. E hoje, outra vez, amanheci – até bonito, eu diria". Entre fatos e boatos, a preocupação com a saúde do criador de *Chaves* e *Chapolin* crescia. Com cada vez menos aparições públicas, restrito à sua casa, seguia compartilhando anedotas pelo Twitter. Ocasionalmente, recebia visitas de fãs e de seu grande amigo Edgar Vivar, que, no começo de 2014, mostrava ao ex-companheiro das telas imagens gravadas em seus shows pelo

Brasil, onde os brasileiros exibiam sua paixão por CH.

No último país da América do Sul aonde as séries chegariam, em 1984, Bolaños conquistou o coração dos brasileiros, que traduzem sua paixão de uma forma sem igual no continente, impressionando até mesmo os mexicanos. Alguns dizem que mesmo na terra dos *mariachis* não há adoração tão grande a Chespirito quanto no Brasil. E quis o destino que, justamente quando acompanhávamos mais uma exibição do *Chaves*, fosse anunciado o falecimento de Gómez Bolaños. Aos 85 anos de idade, o multitalentoso artista faleceu, vítima de uma parada cardíaca, em sua casa em Cancún.

No dia seguinte, seu corpo foi trasladado para a Cidade do México. Na sede da Televisa, uma missa de corpo presente reuniu centenas de amigos, conhecidos e personalidades, como Edgar Vivar e Carlos Villagrán, que faziam sua última homenagem. No domingo, 30 de novembro, uma cerimônia aberta contou com mais de 40 mil pessoas no Estádio Azteca. Na segunda-feira, seu corpo foi sepultado no Panteón Francés, na capital, num momento restrito para familiares. Em seu túmulo, permanece uma inscrição que diz:

...À vida, por tanto
tenho de agradecer
que por meu duplo afazer
escritor e comediante
é o riso meu constante
e fascinante prazer.[2]
Roberto Gómez Bolaños
1929-2014
Foi um bom homem.

Em um mundo tão marcado pela efemeridade, a obra de Chespirito é exemplo de perenidade. Como se prevendo a própria eternidade, inscreveu em seus roteiros duas frases que são mostra de sua genialidade. Em “Boa noite, vizinhança”, ele afirmava: “prometemos despedir-nos/sem dizer adeus jamais/pois haveremos de nos reunirmos/muitas vezes mais”. E em “A despedida”, episódio de 1979 que marcava o fim da série *Chapolin*, Florinda Meza foi taxativa: “mas não é um adeus – e sim um ‘até breve’. Porque um programa como *Chapolin* sempre terá um lugar reservado na televisão”.

E assim aconteceu. Cinquenta anos após sua criação, Chaves, Chapolin Colorado e toda a galeria de personagens de Gómez Bolaños seguem vivos, divertindo-nos e nos emocionando. Especialistas procuram explicar a fórmula para um êxito capaz de tornar tais programas, por alguns vistos como pobres e toscos, algo resistente ao tempo. Tal como um arco-íris, é um fenômeno para o qual a ciência e as teorias oferecem explicações. Mas de que valem elas, quando

o melhor é apreciá-lo com toda sua beleza?

No momento em que você lê estas páginas, talvez as séries de Gómez Bolaños já tenham retornado às telas, de onde saíram em 31 de julho de 2020. Ou, então, talvez ainda sigam esperando para voltar. Seja qual for o desfecho, fato é que a obra de Chespirito sempre terá um lugar reservado na televisão. E nós, fãs e apaixonados, haveremos de nos reunirmos muitas vezes mais. Seja em frente à TV, seja nas telinhas dos celulares. Sejamos jovens de 80 e poucos anos ou velhos de apenas 26.

Afinal, não importa a idade, o tempo ou o lugar. *Chaves* e *Chapolin* sempre nos tirarão um grande sorriso. A obra de Chespirito nos faz sentir jovens ainda. Tornou Acapulco nosso sonho de viagem. Fez com que quiséssemos experimentar churros e suco de tamarindo (que parece laranja e tem gosto de limão). Que déssemos ao nosso cachorro o nome de Madruguinha. Que faz bater mais forte um coração amarelo no peito. E que nos tira uma lágrima quando vemos o Chaves deixar a vila após ser acusado de ladrão.

Que outras obras nos provocam sentimentos tamanhos? Somente o trabalho de um gênio seria capaz disso. De fato, Chespirito: não contavam com sua astúcia. Como diz a música, você viverá sempre em nossa memória. Estará vivo em nosso coração. E seu legado de alegria permanecerá por muito, muito tempo.

No dia 26 de novembro de 2014, dois dias antes de partir, a última mensagem de Roberto Gómez Bolaños foi direcionada justamente à nação que tanto amor lhe dedica. À fã Maria do Carmo, ele escreveu no Twitter: “Todo o meu amor para o Brasil”. Agora é nossa vez de retribuir tanto carinho:

Todo nosso amor por você!
¡*Gracias por siempre*, Chespirito!

I

Foi meu tio Gilberto quem me contou esta história: uma paciente que ele já havia atendido em ocasiões anteriores ligou dizendo que estava com um resfriado muito forte, mas não queria perder uma festa, naquela mesma noite, para a qual tinha sido convidada. E explicou que o motivo da ligação era solicitar não uma permissão médica, mas uma receita que a ajudasse a acabar com o tal resfriado. Foi inútil meu tio explicar que a única recomendação era se enfiar na cama e ficar de repouso, já que, ainda por cima, a previsão era de fortes tempestades para aquela noite. No entanto, a paciente já tinha tomado a decisão de ir, e não houve argumento que a fizesse mudar de ideia. Por isso, meu tio Gilberto acabou lhe prescrevendo um remédio, além de recomendar que não ficasse exposta a correntes de ar, que não saísse a céu aberto quando estivesse suada etc.

Ela prometeu acatar as recomendações, mas, algumas horas depois, voltou a ligar dizendo que se sentia quase à beira da morte. Isso foi o suficiente para que meu tio, um médico responsável, fosse como um raio para a casa da mulher. Lá, ela perguntou se a causa daquele enorme desconforto poderia ser o remédio que ele tinha prescrito.

O médico respondeu que não, a menos que ela estivesse grávida. E era exatamente esse o caso!

– É que tem quinina na composição – exclamou meu tio –, um abortivo extremamente poderoso!

– Mas como eu poderia imaginar isso? – perguntou a mulher, lutando para suportar a dor que a afligia.

Então meu tio teve de assumir a responsabilidade e reconhecer que deveria ter perguntado antes de prescrever o medicamento. Apesar disso, ele acrescentou

que, de qualquer maneira, a situação não admitia nenhuma outra solução além da “expulsão do produto”.

As palavras do médico pareciam ter produzido o efeito de uma pancada no cérebro da mulher, que mal conseguiu gaguejar:

– É que… é que eu já perdi um filho no ano passado.

– Eu sei – respondeu o médico –, e justamente por isso desta vez o perigo é maior.

– Perigo para mim?

– Sim, claro.

A mulher ficou em silêncio por alguns segundos, refletindo sobre o que o médico dissera, e então frisou:

– Não. Eu não vou fazer isso.

– O que você não vai fazer?

– Permitir que aconteça alguma coisa ao meu bebê.

A resposta foi categórica, além de proferida em um tom de firmeza e convicção que não admitia réplica. Embora o doutor insistisse em convencer a paciente de que era necessário eliminar o produto, recorrendo a todos os argumentos possíveis, não houve poder humano capaz de persuadi-la. Então, consciente dos riscos a que ela e seu bebê estavam sujeitos, inclusive aos sofrimentos e às privações correspondentes, a mulher decidiu enfrentar os perigos e continuar com a gestação do ser de quem ela não quis tirar a oportunidade de viver.

Por causa disso, eu nasci em 21 de fevereiro de 1929.

* * *

Meu tio, o Dr. Gilberto Bolaños Cacho, era muito conhecido nos diversos campos em que exercia sua profissão de médico, entre eles o de chefe de serviços na Comissão de Boxe, cargo que também ocupava nos serviços médicos prestados a jóqueis do Hipódromo de las Américas. Além disso, atuava como clínico geral em um consultório bem modesto, onde basicamente cuidava de boxeadores de baixa renda (ou seja, 95% deles) e seus parentes. Ele mesmo se encarregava de fornecer os remédios que prescrevia, quase sempre os distribuindo de graça.

Também ocupava um cargo de importância singular e enorme responsabilidade: a direção-geral do Tribunal de Menores. Certamente, foi aí que o seu trabalho apostólico ficou mais evidente, pois ele soube conquistar a admiração e o respeito absoluto dos que formavam a triste população da Penitenciária para Menores. Tanto que, quando ele morreu, todos os internos pediram permissão para marchar no cortejo fúnebre que iria do Tribunal até o

Panteón Francés, a várias quadras de distância, sob a promessa de que ninguém se aproveitaria da oportunidade para fugir, o que cumpriram à risca.

Aliás, desempenhando essa última função, meu tio precisou intervir no caso de um menino de 5 ou 6 anos que tinha "fuzilado" (literalmente) uma empregada doméstica, ato que realizou com uma espingarda deixada ao seu alcance por um descuido do pai. Devido à pouca idade do garoto, o Dr. Bolaños Cacho determinou que ele não deveria ser confinado e encaminhou ao tribunal dos adultos um pedido de sanção aos pais dessa criança (aliás, seu nome era Carlos Salinas de Gortari).

Faço esse brevíssimo perfil porque no transcurso da minha narrativa vou mencionar meu querido tio mais de uma vez.

* * *

No entanto, pouco antes de eu nascer, a gravidez de minha mãe teve mais uma complicação: a angústia que ela compartilhou com todo o México quando se espalhou a notícia de que o presidente eleito, Álvaro Obregón, havia sido assassinado. O autor material foi identificado como León Toral, um fanático que atirou nele à queima-roupa durante um banquete em homenagem ao famoso general. Houve quem afirmasse que o corpo apresentava indícios de ter recebido os disparos não de uma, mas de várias armas de diferentes calibres. E, embora isso nunca tenha sido confirmado oficialmente, também se comentou na época que, quando alguém perguntava quem seria o autor intelectual, as pessoas respondiam: "Cale-se, não fale", em alusão inequívoca a Plutarco Elías Calles,[3] que ainda era presidente.

Tudo isso aconteceu, repito, enquanto eu estava no ventre da minha mãe, que sofreu ainda mais de um contratempo (entre os quais alguma infidelidade do meu pai) até que, como já disse, eu visse a primeira luz neste México, no Distrito Federal.

No ano do meu nascimento, 1929, aconteceram coisas importantes. Por exemplo: foi o ano em que o eminente astrônomo Edwin Hubble descobriu que o universo está em contínua expansão, foi também o ano em que nasceu o cinema falado. Da mesma forma, foi o ano em que ocorreu o notório *crash* do mercado de ações de Wall Street, acompanhado por uma crise econômica sem precedentes e temperada com o suicídio de mais de um magnata financeiro. No âmbito deste México, que é o meu país, foi instituída a autonomia da Universidade Nacional, que desde então tem como lema: "Por minha raça falará o espírito", criação de José Vasconcelos.[4] (Embora ultimamente pareça ter mudado para o mais folclórico: "Por minha raça falará o Che Guevara".) Nesse mesmo ano foi fundado o polêmico PRI [Partido Revolucionário Institucional], um partido

político inicialmente chamado PNR [Partido Nacional Revolucionário] e depois PRM [Partido da Revolução Mexicana], que governou o destino do México – às vezes para melhor e muitas vezes para pior – por longos 71 anos. Esse nascimento ocorreu no início de março do referido ano 1929, o que significa que sou algumas semanas mais velho que o partido, apesar de este nunca ter me dado o devido respeito.

Tudo parece indicar que o principal responsável por essa confusão (refiro-me à fundação do partido) tenha sido justamente aquele Plutarco Elías Calles, que achou que já estava na hora de acabar com aquela luta implacável de todos contra todos desencadeada pelo assassinato de Francisco I. Madero.[5] Para conseguir esse objetivo, Calles determinou que o ideal seria reunir todos os líderes da Revolução em um único conglomerado (que chamou de partido), pois seria a melhor forma de impedir o acesso aos novatos que pretendiam dividir o bolo em um número maior de fatias.

* * *

Elsa Bolaños Cacho de Gómez Linares era o nome da minha mãe. Ela nasceu em 4 de abril de 1902, em Oaxaca, uma cidade muito importante na época, capital do estado homônimo, em uma família que poderia ser considerada de classe média alta. Seu pai, Ramón Bolaños Cacho, era um médico militar que tinha alcançado um grande prestígio como apóstolo da medicina. Foi talvez esse apostolado o que causou a sua morte prematura, em 1906, como resultado de uma pneumonia fulminante, consequência de uma visita médica, realizada tarde da noite durante uma tempestade gelada e cruel, à casa de uma família de limitados recursos econômicos. Meu avô materno se casou com a bela María Aguilar, natural de Zacatecas, com quem teve sete filhos: Eva, Ramón, Fernando, Roberto, Ernesto, Emilia e Elsa, a minha mãe. Com exceção de Roberto, que foi morto por um bonde “de mulas” no conturbado início da Revolução, os demais morreram em idades que poderiam ser qualificadas de “razoáveis”.

Foram justamente os perigos da revolta armada que motivaram o êxodo da família, liderado por minha avó, com destino a Nova York, cidade que já despontava como uma das principais metrópoles do mundo. Lá, eles se estabeleceram no tumultuado e agitado bairro do Brooklyn, às margens do East River, um lugar que seria a residência de minha mãe dos 10 aos 20 anos. Esse lugar tornou-se algo como o “refúgio nova-iorquino” de amigos e parentes que emigravam para a populosa cidade e encontravam ali o asilo que lhes permitia sobreviver enquanto procuravam um meio de ganhar seu próprio sustento. O fato se torna ainda mais curioso, pois um dos nossos parentes a se valer dessa ajuda

se chamava Gustavo Díaz Ordaz, que viria a se tornar o polêmico presidente do México no período de 1964 a 1970. Ele era primo de minha mãe, e os dois tinham o mesmo parentesco com o ilustre e muito querido Dr. Gilberto Bolaños Cacho, justamente quem interveio na minha aventura pré-natal.

* * *

Na igreja, o padre deu o aviso de rotina:

– Se alguém tiver algo contra este casamento, fale agora ou cale-se para sempre.

O que não era tão rotineiro foi a exclamação de uma mulher que se levantou dizendo:

– Eu! Eu tenho algo contra!

E, para consternação (ou curiosidade) do público, a mulher avançou, levando pela mão um menino de 7 ou 8 anos, até se aproximar dos cônjuges para dar a devida explicação:

– Tenho esta criança – disse ela –, que é meu filho com o noivo.

Obviamente, os murmúrios invadiram o recinto sagrado, enquanto a noiva, que mais tarde seria minha mãe, olhava com cara de ponto de interrogação para o noivo, que se tornaria meu pai. Ele fez um gesto de resignação que implicava um reconhecimento tácito do que a mulher dissera; e então, por sugestão do padre que realizava a cerimônia, os atores principais dirigiram-se à sacristia.

O que exatamente foi dito ou discutido lá dentro? Não sei, porque minha mãe, que me contou sobre isso muitos anos depois, não entrou em detalhes. A única coisa concreta é que, tanto eclesiástica como civilmente, aquilo não constituía um impedimento legal à celebração do casamento, de modo que, após certo pedido de desculpas pronunciado aos presentes, a cerimônia continuou até chegar a uma feliz (feliz?) conclusão.

* * *

Meu pai, Francisco Gómez Linares, nasceu em Guanajuato, em 1892 ou 1893. Embora sua família tivesse pertencido a um estrato de boa posição socioeconômica, quando eu nasci, só lhe restavam algumas reminiscências da antiga abundância. Isto, porém, ele tinha: uma riqueza de recato, pudor, decoro e outras virtudes que caracterizavam as pessoas ditas “decentes”. Eram cinco irmãos: Joaquín, um coronel das tropas federais que se suicidou ao ser derrotado pela terrível Divisão do Norte, comandada por Pancho Villa; Ricardo, que morreu muito jovem, ao contrário de Lola e Esperanza, que morreram muito depois – principalmente minha tia Esperanza, que passou dos 90 anos e foi o último contato que tive com minha família paterna. E o caçula dos irmãos era o meu pai, Francisco, excelente pintor e desenhista, ator de teatro escondido da

família pudica que considerava pertencer ao ambiente teatral algo como adquirir um passaporte para o inferno – um pensamento comum naquela época. De qualquer maneira, seu ramo era a arte em muitas de suas manifestações, pois, além da pintura e do desenho, ele também cantava, tocava bandolim, recitava e, como se não bastasse, era um homem culto, bonito, simpático, um magnífico contador de piadas e, frequentemente, o centro das atenções em festas e reuniões. Sem dúvida alguma, foi tudo isso que, ironicamente, levou-o a ser vítima constante de dois excessos: o álcool e as mulheres, que, juntos, mataram-no cedo, aos 42 ou 43 anos.

Foi um pintor de grande destaque. Seu prestígio como retratista admirável, por exemplo, levou-o a fazer, entre muitos outros, o retrato de dona Carmen, esposa de Emilio Portes Gil, quando este era presidente da República, além do retrato do presidente Harding, dos Estados Unidos (retrato que ainda se encontra na Galeria dos Presidentes no Hotel Gunter, em San Antonio, Texas). Meu pai também se tornou diretor artístico do *El Universal*, então o jornal de maior prestígio do país, e pintou ou desenhou as capas da *El Continental* e da *El Universal Gráfico*, duas das revistas mais importantes de sua época, ao mesmo tempo que, também no *El Universal*, ilustrava as histórias que o conhecido escritor dom Martín Luis Guzmán enviava semanalmente.

Porém, ao lado de seu talento para a arte estava o talento para a boemia, essa tendência que tanto interessa aos intelectuais, mas que quase sempre consome a saúde e o dinheiro de quem a pratica. No caso do meu pai, isso resultou em uma viúva sem um tostão e três órfãos igualmente desprovidos. Ou talvez fossem duas (ou mais) as viúvas e quatro (ou mais) os órfãos, porque durante o velório apareceu aquela mulher que tinha interrompido o casamento da minha mãe, acompanhada de seu filho (meu meio-irmão), que havia se tornado um rapaz de 16 ou 17 anos. A boa mulher chegou a pedir a parte da herança que devia corresponder a eles, mas optou por se retirar ao ver as condições em que tínhamos ficado. Devo ressaltar que, por circunstâncias que desconheço, nunca cheguei a ver pessoalmente aquele meio-irmão, de cuja existência eu soube muito tempo depois, quando minha mãe me contou as duas histórias: a do casamento e a do velório. Depois de um tempo, fiquei sabendo de sua morte por obituários e notas publicadas nos jornais, que enfatizavam que ele tinha sido um homem íntegro e honesto, apreciado e respeitado por todos que o haviam conhecido. Ele tinha o sobrenome completo do meu pai: Gómez Linares.

* * *

Vítima de um derrame, meu pai morreu em 7 de setembro de 1935, quando minha mãe tinha 33 anos; meu irmão mais velho (Paco) tinha quase 9, eu tinha 6

anos e meio, e meu irmão mais novo (Horacio) tinha pouco mais de 5. Morávamos na rua del Carmen (hoje González de Cossío), na então distante e escassamente povoado subúrbio de Del Valle, em uma casa que minha mãe tinha construído usando, literalmente, o que havia economizado em compras no mercado e afins. Mas isso aconteceu enquanto o êxito artístico de meu pai pressagiava um futuro próspero, o que esteve muito longe de acontecer. Pelo contrário: entre os esbanjamentos da boemia e as despesas geradas por sua dolorosa agonia, meu pai não deixou outra herança senão uma casa hipotecada e dívidas, muitas dívidas. Portanto, minha mãe teve de vender o imóvel, com o azar de que os estragos da grande crise econômica ainda vigoravam, razão pela qual recebeu uma quantia mínima pela venda.

Por consequência, passamos a morar no andar superior de uma casa das chamadas “duplex”, que estava longe de ter o conforto da anterior. Mas ficava exatamente ao lado dela, de modo que muitas vezes passávamos em frente à sala que tinha servido de ateliê para o meu pai, e, através da sua janela, o cheiro de guache ou tinta a óleo continuava escapando. Para mim, esses cheiros ainda são os inconfundíveis causadores daquela outra saudade: a de um pai com quem convivi muito pouco e que, apesar disso, deixou-me uma marca profunda. Também era a janela de onde eu ficava olhando enquanto esperava a chegada do meu pai. E isso, aliás, foi algo que continuei fazendo por alguns dias após a sua morte, considerando que devia haver algum erro naquela frase que minha mãe tinha usado para me informar: “Seu pai foi para o céu”.

Mas não demorei muito para perceber que era a verdade, porque meu pai nunca mais voltou. As aflições de minha mãe ainda não tinham terminado, já que, apenas alguns dias depois, ela recebeu a notícia de que minha avó havia sofrido um derrame que a deixou quase completamente paralisada pelo resto da vida. Devido à saúde precária de minha avó, a família decidiu esconder dela a morte de meu pai, mas minha falta de jeito acabou se mostrando quando repeti na frente dela o mesmo eufemismo que minha mãe tinha usado para me dar a notícia: “Meu pai foi para o céu”. Então, aprendi que a paralisia não costuma ser o suficiente para evitar que uma lágrima escorra pelo rosto de quem sofre dela.

II

O cheiro de tinta recém-impressa em papel barato me leva implacavelmente a um passado tão distante quanto permanente na minha memória, porque era o aroma que exalava dos folhetos que anunciavam o retorno do pequeno, mas fascinante, Circo Alegría, que seria armado mais uma vez em um terreno próximo ao Parque Central da colônia Del Valle. E quem distribuía os panfletos não eram outros senão os próprios artistas, que desfilavam com as fantasias que costumavam usar no picadeiro! Uma caravana multicolorida composta por trapezistas, equilibristas, domadores, mágicos, acrobatas etc.; acompanhados por um par de cavalos, uma zebra, meia dúzia de cãezinhos (que por vezes andavam sobre duas patas) e até um elefante gigante e parcimonioso! Mas, entre todos eles, adornados com a extravagância, a magia e a fantasia que os tornam o paradigma da arte circense: os encantadores palhaços! Sorrisos e lágrimas desenhados nos rostos pintados de branco; narizes vermelhos; perucas de cores absurdas; enfim, o riso disfarçado de gente.

O palhaço principal tinha o mesmo nome do circo, sendo anunciado como o Palhaço Alegría. Não sei se era por ele ser o dono do circo ou coisa parecida; mas, se a resposta for sim, tenho certeza de que o homem mais do que merecia esse nome, e ainda era um trapezista e equilibrista insuperável, tocava vários instrumentos musicais, dançava, cantava e sabe-se lá quantas outras coisas. Mas, acima de tudo, o Palhaço Alegría era o protagonista da deliciosa pantomima que encerrava o espetáculo, a mesma que eu corria para imitar na frente da minha mãe ou de quem estivesse em casa; sem nem imaginar que toda a minha vida giraria em torno de algo muito parecido com aquilo.

* * *

Meu irmão Paco foi matriculado no Colégio Americano para cursar o segundo ano do fundamental, enquanto Horacio e eu estávamos matriculados na pré-escola, em uma escola que ganhou fama muito tempo depois, quando divulgaram que José López Portillo, sua irmã Margarita e Luis Echeverría Álvarez,[6] entre outros, haviam passado por suas salas de aula. A escola se chamava Brígida Alfaro e ficava na rua Mier y Pesado, quase em frente ao lugar para onde me mudaria e em que moraria por vários anos. Obviamente, minhas memórias daquela escola são vagas; incluindo algumas trocas de socos, situações que me acompanhariam durante toda a infância e quase toda a minha juventude.

Alguma doença (não sei qual) me fez ficar um ano sem ir à escola. Quando me recuperei, fui morar em Guadalajara com minha tia Emilia (irmã de minha mãe) e seu marido, Óscar Brun. Lá, ingressei no primeiro ano do fundamental no Colégio Cervantes dos irmãos maristas e, no primeiro dia de aula, tive minha primeira sessão de pancadaria. Por que esse hábito de trocar socos o tempo todo? Se o que passei a supor com o tempo for verdade, a resposta é um verdadeiro paradoxo: porque eu era baixo e fraco. Sim, porque a desvantagem física gerava em mim um complexo de inferioridade que só poderia ser superado (ou pelo menos compensado) dessa forma: demonstrando, pela força dos murros, que os mais altos e os mais pesados não eram superiores a mim. De qualquer forma, a prática me deu certa habilidade para trocar golpes com outro cristão por aí. (Aliás, quando não foi outro cristão e sim um judeu, a troca foi muito desigual, porque me limitei a receber, sem acertar nada. Se bem que, de certa forma, pode-se dizer que me comportei como um verdadeiro cristão: dei a outra face.)

* * *

Muitos anos depois, durante uma viagem de trabalho, meu grupo de atores se hospedou em um pequeno hotel em Guadalajara, chamado Lafayette. Mal havíamos nos acomodado nos respectivos quartos e, como qualquer um faria, fui até a janela contemplar a vista. Mal tinha dado a primeira olhadela, quando senti uma estranha inquietação.

– Está tudo bem? – perguntou minha mulher, que havia notado minha reação.

– É estranho – respondi. – Tenho a sensação de já ter estado aqui antes. Você sabe qual é o nome da rua em que estamos agora?

– Sei – disse ela com um encolher de ombros. – É a avenida de la Paz.

Claro: a avenida de la Paz! A rua onde ficava a casa dos meus tios quando morei com eles em Guadalajara. Bem, naquela época era uma rua de paralelepípedos, não uma rua bem pavimentada como agora. Mas aquele edifício: aquele da esquina… eu podia jurar que era a casa onde morava Miguel,

meu vizinho e colega do Colégio Cervantes! Porém, algo não se encaixava ali: ao lado daquela casa ficava a dos meus tios, onde eu tinha morado, e aquele espaço agora era ocupado pelo átrio de uma igreja. Sim: é verdade que, na época, também havia uma igrejinha, mas não ali e sim no prédio seguinte. A menos que… a menos que tivessem ampliado a igreja para ocupar o lote adjacente: aquele onde antes ficava a casa dos meus tios. No entanto, havia outra coisa: algo que eu não conseguia definir, mas que devia estar relacionado ao súbito mal-estar que me invadiu quando olhei pela janela. Outras casas? As calçadas? As árvores? Não sei, mas aquele lugar estava guardado em algum canto da minha memória.

– Se minhas especulações estiverem certas, a duas quadras de distância deveria ficar o Colégio Cervantes, e, para comprovar, temos que sair para uma pequena caminhada – falei comigo mesmo.

E assim fizemos. Seguimos pela rua que fazia a esquina onde ficava a casa do meu amigo Miguel e, dois quarteirões mais à frente, deparamo-nos com a grande avenida onde ainda estava o magnífico edifício, alto e imponente, da minha antiga escola. Fiquei olhando para ele por um longo tempo, tentando me lembrar de algo daquele passado remoto, mas só consegui memórias vagas, embora elas tivessem força suficiente para aumentar a inquietação que abalava meu espírito.

Voltamos pela outra rua, onde tudo me parecia familiar; embora seja provável que essa sensação estivesse sendo provocada por uma nostalgia subconsciente. Tanto que tive a impressão de ver a árvore onde antes estivera o passarinho inocente que abati com minha espingarda. O “brinquedo” havia sido um presente do meu tio Óscar, um grande fã de caça, para quem eu quis mostrar a ave morta, como um troféu que atestava minha qualidade de caçador. Mas naquela hora meu tio estava no escritório, então resolvi mostrar o troféu para minha tia Emilia, que tinha ido conversar com uma amiga que morava na casa do outro lado da rua, exatamente no lugar onde agora ficava o hotel! E disso sim eu me lembro muito bem: entrei correndo naquela casa, exibindo orgulhosamente meu passarinho morto, e exclamei, cheio de mim:

– Olha, tia, eu cacei sozinho!

Mas também me lembro bem de outra coisa: a expressão de censura e tristeza que invadiu o rosto dela, bem como as palavras que reforçavam a desaprovação evidente em seu rosto:

– Por que você fez isso? – me perguntou ela. – Aquele pobre passarinho lhe fez algum mal?

* * *

Fiquei um ano em Guadalajara, tempo durante o qual meus tios me trataram

com muito carinho. No entanto, isso não foi suficiente para me distrair do quanto eu sentia falta da minha mãe e dos meus irmãos. Por esse motivo, meu retorno à Cidade do México acabou sendo uma das minhas melhores lembranças. Na capital, ingressei no segundo ano do fundamental no Colégio México, que equivalia ao Cervantes de Guadalajara, incluindo os irmãos maristas do corpo docente. E, no primeiro dia de aula, como deveria ser, eu tive minha primeira troca de socos com outro menino.

Naquela época, todas as escolas (incluindo as particulares) eram obrigadas a oferecer uma educação socialista, ignorando descaradamente a neutralidade a que aludia a Constituição. Era uma obrigação que ninguém respeitava: por um lado, as instituições públicas confundiam o conceito de laicismo, que significa ausência de conteúdo religioso, com o de antirreligioso (geralmente anticatólico). Ao contrário, em muitas escolas particulares havia aulas de religião, ignoradas por inspetores que faziam vista grossa em troca de suborno. Em alguns casos, não era necessário nem mesmo o suborno; era suficiente o cristianismo (talvez não confesso) do inspetor. Embora houvesse também fiscais rigorosos; na presença destes era necessário usar manobras para esconder ou disfarçar o que se ensinava. Também era comum ter um professor laico pela manhã e um marista pela tarde. E foi justamente o caso do Colégio México, onde os professores da tarde (maristas) nos diziam que o que os professores da manhã (laicos) nos falavam era falso. Estes, por sua vez, diziam-nos para não prestarmos atenção ao que os maristas haviam dito durante a tarde anterior. Toda essa situação estava imersa no conflito religioso, ainda em vigor naquela época, que abalou o país até se tornar uma autêntica guerra de facções: foi a chamada Cristiada ou Revolución Cristera, uma triste lembrança, desencadeada a partir de dois fanatismos opostos: o “Viva Cristo Rei!” que alguns gritavam e o “Morte aos padres!” que os outros respondiam, com as consequências fatais que os fanatismos desenfreados inevitavelmente geram. Foi o caso, por exemplo, de Garrido Canabal, governador do estado de Tabasco, que mandou seus capangas, os chamados “camisas vermelhas”, metralharem as pessoas que estivessem saindo das igrejas.

É verdade que o presidente Lázaro Cárdenas havia feito bem ao expulsar do país o principal gerador desse confronto, Plutarco Elías Calles, mas também é verdade que a decisão de dom Lázaro se devia a motivos muito diferentes. O presidente não estava interessado em acalmar o ânimo exacerbado dos crentes; o que ele queria era se livrar do caciquismo representado por Calles, que tinha imposto três presidentes à sua escolha: Pascual Ortiz Rubio, Emilio Portes Gil (que não era tão dócil quanto Calles imaginava) e o general Abelardo Rodríguez, um militar que dominava perfeitamente a estratégia… só que a estratégia do jogo

de azar, já que ficou rico instalando cassinos em todo o país. Então Calles escolheu Lázaro Cárdenas como seu sucessor, sem imaginar que ele pagaria o favor com a ingratidão de pegá-lo, colocá-lo num avião e despachá-lo para o exterior com uma passagem só de ida.

Esse foi, sem dúvida, o primeiro sucesso de Lázaro Cárdenas como governante supremo do México. Também foi um acerto (este, político) a expropriação do petróleo mexicano de 18 de março de 1938, ato que bastou para lhe render o carinho e a admiração do povo, que pensava que essa era uma forma de recuperar pelo menos um pouco daquilo que os gringos haviam tirado de nós, ignorando que o país mais afetado pela expropriação não eram os Estados Unidos, mas a Inglaterra. Como se isso não bastasse, as pessoas também se enganaram ao pensar que se tratava de uma expropriação, quando na realidade era apenas um contrato de compra e venda que nos impunha a obrigação de pagar a dívida correspondente. No aspecto econômico, portanto, a expropriação ficou muito longe de alcançar o que as expectativas tinham indicado, embora isso ocorresse devido, principalmente, à corrupção desprezível dos dirigentes sindicais, em conluio com a maioria dos diretores do que depois se tornou a Pemex.[7]

Mas um dos maiores sucessos de Cárdenas foi a decisão de abrir as portas do país aos inúmeros refugiados que fugiam da Guerra Civil Espanhola ou haviam sido expulsos pelas forças de Franco, incluindo inúmeras crianças. Além do ato de caridade que essa ação implicou, isso deu ao nosso país um capital intelectual inestimável, já que muitos dos refugiados eram verdadeiras eminências nos campos da ciência e das artes. (Florinda, minha futura esposa, trabalhou quando jovem para um desses sábios: o Dr. Isaac Costero, um distinto pilar da anatomia patológica no México. Na Espanha, ele havia sido aluno e ajudante de destaque do famosíssimo Dr. Santiago Ramón y Cajal, prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina.)

Posteriormente, no que diz respeito ao conflito religioso, dom Lázaro passou a batuta ao seu sucessor, Manuel Ávila Camacho, que resolveu a questão ao simplesmente recorrer a uma breve, mas oportuna, declaração: “Sou crente”, disse, “e ponto final”.

No entanto, já que mencionamos Ávila Camacho, é necessário salientar que esse general fez parte daquilo que mais se reprovava em Cárdenas: a instituição do famoso “dedaço”, já que dom Manuel foi o primeiro a conseguir a posição de presidente do México simplesmente por ter sido apontado pelo seu antecessor (Cárdenas).

Onze presidentes exerceram esse atributo de “grande eleitor”, selecionando seus sucessores simplesmente apontando com o dedo. No caso de Ávila Camacho, o

pior não foi o resultado da votação, e sim o sangue derramado para chegar até ele, já que houve ocasiões em que ele foi ao extremo de matar a tiros humildes panfleteiros que pregavam nas paredes a propaganda do candidato de oposição. (Candidato, aliás, que não teria conseguido ascender ao cargo nem teria merecido alcançá-lo de qualquer maneira.)

* * *

Minha mãe trabalhava como secretária na petroleira de capital inglês El Águila, mas a expropriação do petróleo de 1938 a tornou funcionária da recém-nascida Pemex, com o mesmo cargo que já ocupava. Ela também tinha a vantagem de dominar a língua inglesa, o que significou ter o cargo de secretária bilíngue. Isso, aliado a um excelente domínio da escrita nas duas línguas, rendeu-lhe o reconhecimento e a apreciação de muitos de seus superiores; o que não se traduzia em um aumento de salário, mas deu a ela certos privilégios, como poder sair durante o expediente no caso de alguma urgência. Como aconteceu uma vez, quando uma colega de trabalho que tinha a reputação de ser clarividente se aproximou dela e perguntou:

– Você tem um filho que não está bem de saúde agora?

Minha mãe respondeu que sim, pois meu irmão Horacio havia faltado à aula justamente por estar doente. E minha mãe esteve prestes a desmaiar quando essa mulher acrescentou:

– Me dói ser a pessoa a lhe dizer isso, mas a senhora tem que se conformar com o pior.

Como era de se esperar, minha mãe correu para pegar o primeiro telefone que conseguiu encontrar e discou o número de casa, mas estava ocupado. Ela tentou várias outras vezes, mas com o mesmo resultado: alguém estava usando o telefone e, obviamente, com urgência (ou com emergência?). Então, ela pediu para ir até a sua casa (o que permitiram no mesmo instante) e tomou um táxi que a levou rapidamente para casa… onde Horacio estava fora da cama, tranquilo e saudável, falando ao telefone com Susana, sua namorada de 11 anos (ele tinha 10), que ele estava convidando para ir vê-lo jogar futebol no dia seguinte.

Não sei o que aconteceu depois com essa mulher estúpida que assustou minha mãe daquele jeito. Mas tenho certeza de que a “clarividência” dela também não lhe permitiu saber o que aconteceria depois.

* * *

Um dia, meus irmãos e eu voltávamos para casa quando vimos que havia uma grande comoção na calçada à nossa frente. Curiosos, fomos lá olhar. Descobrimos que a razão era um cachorro caído no chão, já sem vida, mas ainda sangrando. A uma curta distância estavam os dois policiais que tinham matado o

animal a tiros, o que havia acontecido, segundo as pessoas comentavam, fazia mais ou menos meia hora. Essas mesmas pessoas, aliás, elogiavam a boa pontaria dos policiais e sua chegada oportuna, pois aquele cachorro tinha mordido algumas crianças da escolinha que ficava em frente. E, embora fossem mordidas leves, que não deixariam cicatrizes, os pequenos não poderiam escapar ao tratamento antirrábico, já que o animal estava obviamente infectado com raiva. No entanto, ainda faltava limite para minha lerdeza, e me atrevi a perguntar:

– Mas não é o Tarzan?

Eu disse isso apontando para o cachorro, que era, sem a menor sombra de dúvida, um animal de estimação de nossa propriedade.

– Não! – meu irmão Paco exclamou ao mesmo tempo que me dava uma cotovelada no estômago e acrescentava: – Dá para ver de longe que é um vira-lata de rua.

Claro que ele era um vira-lata, pois meu irmão mais velho o havia adotado depois de tê-lo achado na rua. Ele mesmo o batizou com o nome de Tarzan e lhe ensinou três ou quatro truques, sem imaginar que um dia o cachorro seria infectado pela raiva e chegaria ao trágico tiroteio que pôs fim a sua existência.

De qualquer maneira, o problema se encerrava ali. Encerrava-se? Pelo contrário: estava só começando!

– Para haver risco de contágio – nos disse meu tio Gilberto (o médico) –, basta que o cão tenha lambido a mão de vocês. E, ainda pior, se ele alguma vez lambeu a cara de vocês ou se vocês chuparam o dedo!

Ele estava, obviamente, se referindo aos dias anteriores à morte de Tarzan. E foi exatamente assim: com exceção das partes pudentes, o animal tinha nos lambido como se fôssemos sorvete de pistache. E a consequência foi inevitável: vinte injeções (uma por dia) aplicadas na barriga – na barriga! – pelos eficientes médicos do Instituto Antirrábico. Embora na realidade houvesse um médico que não poderia ser descrito exatamente como eficiente, já que um dia, ao aplicar a injeção em Horacio, ele não percebeu que tinha aplicado na veia – o que nunca se deve fazer –, e o resultado foi que Horacio revirou os olhos, começou a espumar pela boca, desmaiou e caiu no chão, duro feito uma pedra. Por sorte, estava passando por ali um médico excelente – ou ao menos mais experiente –, que cuidou do meu irmão mais novo, salvando-lhe a vida (porque não era nem mais nem menos do que risco de morte o que ele estava correndo). Como menção final, vale lembrar que, durante os dias em que recebemos o tratamento, cerca de trinta outras pessoas, que haviam sido mordidas pelo imprevisível Tarzan na feira da colônia Del Valle, também foram atendidas. Mais tarde soubemos que, felizmente, todos elas se recuperaram por completo. (Acho que

hoje em dia o tratamento da raiva é de apenas uma ou duas injeções.)

* * *

O Colégio México havia destinado outro casarão antigo para a sede escolar, e para lá nós fomos, os Gómez, pois ficava na rua Mérida, na colônia Roma, e era bem mais perto da nossa casa. E, como se não bastasse, o casarão tinha outra vantagem: um terreno ao lado onde cabia um campinho de futebol.

E aconteceu que um dia, jogando uma partida do campeonato da escola, levei uma bolada bem na virilha. Anteriormente, eu já havia levado vários socos na boca do estômago, alguns inclusive tinham me causado aquela angústia que se experimenta nesses casos, com a perda repentina de ar, uma angústia que parece eterna, embora na realidade não dure mais do que alguns segundos; e por um momento pensei que com esse novo golpe a experiência se repetiria, mas não foi assim. Houve também uma sensação de angústia, mas de outro tipo: menor em intensidade, mas acompanhada de dor. *Já sei!*, pensei, *estou passando por aquilo que alguns colegas já me avisaram: "Você vai ver só o quanto vai doer quando levar uma bolada nos ovos!"*.

Só que essa bolada não deve ter sido suficientemente forte, porque a dor era considerável, mas estava longe de alcançar o grau que tinham previsto para mim. *Não foi para tanto*, pensei. E estava longe de imaginar que, alguns meses depois, pensaria de forma diferente.

* * *

Sempre gostei de fazer todos os tipos de números de equilibrismo, apesar de nunca ter recebido a menor instrução a esse respeito; no entanto, eu já havia alcançado algumas conquistas, como manter o equilíbrio plantando bananeira. (Algum tempo depois, conseguiria andar nessa posição.) Mas um dia, enquanto esperávamos para embarcar no velho ônibus escolar, comecei a andar (com os pés) pelo caminho estreito oferecido no encosto de um banco. Era algo como uma paródia de "andar na corda bamba", e eu já tinha feito isso mais de uma vez, desafiando meus colegas a fazerem também. Não me lembro se alguém aceitou o desafio; o que me lembro é que, dessa vez, escorreguei e caí "montado" no encosto do banco.

Então descobri como aquela dor pode ser insuportável… e o tamanho que um testículo pode atingir quando fica inflamado.

Tive que ficar alguns dias de cama, com compressas de gelo que ajudavam a reduzir a inflamação e a tornar a dor mais suportável (que não continuou, nem de perto, tão forte como no começo, mas seguiu provocando sua cota de incômodo). E então, quando voltei para a escola depois das férias forçadas, o diretor do meu grupo me perguntou:

– Por que você faltou à escola esses dias?

– Porque eu estava doente – respondi com a voz fraca, evitando olhá-lo nos olhos.

– E doente de quê?

Então meu olhar se distanciou ainda mais dele, enquanto dei uma tossida meio áspera e fiz uma pausa e, ao final, respondi secamente:

– Resfriado.

– Ah – o professor murmurou como se não fosse nada de mais.

Hoje, posso garantir que ele sabia exatamente o que tinha acontecido comigo e que só queria ouvir quais palavras eu usaria para responder. Mas eu tinha 11 anos, e, naquela época, falar sobre essas coisas era um grande tabu para as crianças da minha idade.

Que pena! Atualmente um diálogo desses seria tão confortável:

– Por que você faltou à escola esses dias?

– Porque fiquei com o saco inchado.

* * *

Eu estava começando a me interessar pelo que acontecia no meu país e no mundo. O início da Segunda Guerra Mundial, por exemplo, foi uma notícia de enorme importância que gerou as mais variadas opiniões. No México, aliás, parecia haver uma ligeira tendência a favor dos países do Eixo, talvez porque os Estados Unidos, mesmo sem entrar na guerra, fossem simpáticos aos Aliados. Eu mesmo tive essa inclinação no início, mas isso se deveu (lamento confessar) a algo que parecia mais ser produto de uma charada. O que aconteceu foi que, ao dividir meu nome em sílabas, o resultado era RO-BER-TO. E ocorria que elas eram exatamente as três sílabas iniciais das capitais dos três países do Eixo: RO de Roma, BER de Berlim e TO de Tóquio! Depois, ainda bem, minha simpatia claramente se voltou contra os países beligerantes.

Mas, um ano após o início desse conflito monumental, o México foi palco de um evento que transcendeu completamente as nossas fronteiras: Ramón Mercader, um agente secreto sob as ordens de Stalin, assassinou Leon Trotsky na fazenda onde ele vivia, no bairro Coyoacán. Em tudo isso estavam envolvidos dois dos pintores que popularizaram, de alguma forma, o muralismo mexicano: Diego Rivera e David Alfaro Siqueiros. Ambos de esquerda, mas em posições antagônicas, já que o primeiro ofereceu seu apoio para que Trotsky se refugiasse no México, enquanto Siqueiros tinha se oposto a isso, tanto que, antes do assassinato, já havia organizado um atentado (que acabou fracassando) contra a vida do refugiado. No entanto, o homicídio aconteceu pouco depois.

E Ramón Mercader, o assassino, orgulhava-se de ter executado um inimigo

político, agindo sob as ordens e a serviço de Josef Stalin. Ele estava tão envaidecido disso que aceitou com orgulho a longa prisão à qual foi condenado por seu crime. E, depois de cumprir sua pena e ser libertado, foi passar o resto de sua vida na Rússia. Mas então, durante seus últimos anos, o homem teve de suportar um castigo maior do que a longa prisão: a dor sem atenuantes gerada pela vergonha e pela decepção infinitas; a perplexidade dilacerante causada pelo retumbante colapso de Josef Stalin, um cataclismo que expôs um pântano de podridão, crueldade, truculência, bestialidade, maldade, inclemência etc.: um conjunto de circunstâncias que devem tê-lo levado a perceber que ele, ao privar outro ser humano da vida, não só havia sacrificado grande parte de sua própria existência, mas também havia feito do carrasco a fonte de seu remorso.

* * *

Agora, voltando à minha história, acrescentarei que, para mim, aquela Segunda Guerra Mundial mereceu a qualificação de infinita, pois transcorreu dos meus 10 aos meus 16 anos. Quer dizer: minha passagem para a puberdade aconteceu em meio aos tiros de canhão.

E, se não bastasse, terminou com as bombas atômicas que destruíram as cidades de Hiroshima e Nagasaki; explosões que abalaram o mundo quase tanto quanto a descoberta da sexualidade tinha mexido comigo.

Isso já havia acontecido, obviamente, antes da data em questão, mas não tão cedo como acontece com as crianças de hoje, que aos

10 anos já sabem que as camas não são só para dormir. No meu tempo, se alguém tivesse feito tal afirmação (que as camas servem para algo mais), eu teria dito que sim: que elas também serviam para travar guerras de travesseiros. Apesar disso, o que a escassa informação sobre sexualidade me negou foi evidenciado pela natureza; e foi uma evidência tão explosiva quanto as bombas que sacudiriam Hiroshima e Nagasaki.

III

Alguns anos depois, Horacio e eu voltávamos para casa depois de nos reunirmos com um grupo de amigos, fazendo os mais diversos comentários, como de costume. A maioria desses comentários se referia, como sempre, aos esportes, aos filmes e a coisas desse tipo, até culminar no assunto obrigatório: sexo.

No caminho para casa, paramos em uma esquina onde pensamos ter ouvido algo parecido com um murmúrio vindo de alguns arbustos plantados na beira da calçada; um lugar que, aliás, costumávamos usar como esconderijo noturno, do qual saíamos de repente para assustar alguns transeuntes. Então, meu irmão e eu achamos que o ruído vinha de outros amigos que estavam tentando nos assustar. Assim, combinamos com gestos que iríamos andando sorrateiramente para descobrir quem estava ali escondido.

No entanto, imediatamente percebemos que quem estava fazendo aqueles barulhos não eram os nossos amigos…

Mas também não eram desconhecidos, pois eram um casal formado por Imelda, a menina que havia começado a trabalhar na nossa casa fazia três ou quatro semanas, e Sabás, o jovem que andava todos os dias pelas ruas da região montado na sua bicicleta, exibindo seu equilíbrio enquanto segurava a enorme cesta cheia de pão acima da cabeça.

– Depois que a gente engata – ele uma vez nos disse a título de explicação –, é a coisa mais simples do mundo. O problema está em começar e parar; especialmente parar.

Pode-se dizer que Sabás era um amigo nosso antigo, desde quando ele nos encontrava patinando na rua e se oferecia para nos rebocar com a bicicleta.

Só que dessa vez ele não teve a chance de nos reconhecer, porque estava

muito ocupado apertando as melhores saliências de Imelda, que, pelo mesmo motivo, também não percebeu a minha presença e a do meu irmão. Além disso, tivemos a prudência de nos retirar de lá imediatamente e o mais rápido possível.

Horacio e eu chegamos em casa e passamos pela porta da cozinha, onde começamos a procurar frutas enquanto ríamos fazendo comentários sobre o que tínhamos acabado de ver. Procurar uma fruta era algo que fazíamos quase sempre que chegávamos, sem nos preocupar em acender a luz, pois sabíamos de cor onde encontrar a fruteira; só que, naquela ocasião, não conseguimos encontrá-la.

– Devem ter trocado de lugar – disse eu –, porque a Imelda é nova e tal…

– Nova em que sentido? – perguntou Horacio, sorrindo maliciosamente.

Claro, o comentário me fez sorrir também, mas eu estava prestes a acender a luz quando pude ver, pela janela, que Imelda estava se aproximando da casa. Indiquei isso a Horacio quando fiz sinal para que ficasse calado, e logo me agachei atrás do fogão, o que meu irmão também fez com a agilidade pela qual era conhecido. Em condições normais, o pequeno fogão não teria servido de proteção, mas funcionou aquela hora por três motivos: primeiro, por causa da escuridão da noite, que estava caindo; segundo, porque ficava no canto oposto à entrada; e terceiro, pela grande velocidade com que Imelda chegou e subiu a escada que levava ao quarto de serviço que ela ocupava.

Em todo caso, meu irmão e eu voltamos a falar só depois de um tempo considerável e em um tom de voz que evitava denunciar a nossa presença. O primeiro comentário foi sobre como Imelda havia chegado rápido depois de a termos visto na companhia do nosso amigo, o padeiro Sabás.

– Bem, de duas uma – disse-me Horacio. – Ou foi porque ela conseguiu ver a gente ou porque calculou que mamãe logo chegaria.

– Não, isso não – comentei. – Mamãe tem uma daquelas reuniões do sindicato; então vai chegar mais tarde.

– Como você sabe?

– Ela me disse – respondi. E então, com uma expressão travessa, acrescentei: – Mas não disse para Imelda.

Horacio entendeu imediatamente a intenção do meu comentário e, como se ainda faltasse alguma coisa, acrescentou mais uma circunstância, em referência ao nosso irmão mais velho:

– E o Paco está em uma pousada!

Em outras palavras: minha mãe ficaria muito ocupada em uma daquelas reuniões do sindicato da Pemex que nunca terminavam antes das 23h, enquanto Paco estaria feliz da vida dançando de rostinho colado com a Chata, sua namorada. Por isso, um olhar conspiratório entre meu irmão e eu foi o suficiente

para começarmos a subir a escada que levava ao quarto de serviço. Mas não nos faltavam mais do que dois ou três degraus até a porta quando ouvimos uma voz gritando em tom de reprovação:

– Aonde vocês vão?

Era minha mãe, que estava ao pé da escada, com uma cara que prenunciava a mais intensa das tempestades. Seus olhos verdes, geralmente muito bonitos, irradiavam raios de luz que, em vez de iluminarem, lançavam dardos impregnados de fogo líquido.

Então meu irmão e eu começamos a descer, sem conseguir pronunciar uma palavra completa, porque as tentativas se transformavam em balbucios grosseiros. E, para nós, foi algo inédito; algo que não tinha precedente nenhum, porque, se era verdade que minha mãe havia ficado zangada com a gente mais de uma vez, nunca tinha demonstrado sua raiva com aquela expressão.

No entanto, conforme continuamos descendo as escadas, percebi que a expressão de minha mãe começava a mostrar a transição que estava ocorrendo dentro dela, onde a fúria dava lugar à tristeza.

Também não era um gesto agradável, parecia mais doloroso, até. Mas, no momento em que chegamos ao lado dela, nossa mãe apenas nos pediu para ir ao seu quarto. E, uma vez lá, sem exaltação, mas também sem rodeios, perguntou-nos:

– Vocês sabem do que morreu o pai de vocês?

Feita naquele momento, a pergunta era desconcertante, mas eu me apressei a responder:

– Sempre falaram que foi um derrame, não foi?

– Bom, normalmente acontece algo parecido com isso no final, mas a doença se chamava sífilis. Vocês sabem o que é isso?

Sim, a gente sabia. A gente sabia por causa de todas as aberrações derivadas dos comentários feitos entre os moleques, mas com a informação suficiente sobre a fatalidade que representava essa doença contagiosa terrível.

– Eu sabia que mais cedo ou mais tarde teria que contar a vocês e explicar tudo – nos disse minha mãe, de maneira pausada –, mas não imaginei que seria tão rápido.

E passou a descrever as consequências extremamente dolorosas e fatais da sífilis, a condição incurável da terrível doença e as múltiplas formas de contágio que existiam. Mas também teve a inestimável sabedoria de esclarecer que, de modo algum, devíamos alimentar um sentimento de rejeição ou repúdio à relação sexual, muito pelo contrário: que nela deveríamos encontrar o prazer por excelência e o laço de união mais sublime entre um homem e uma mulher. Apesar disso, ressaltou que, se não for acompanhada de amor, a relação sexual

nada mais é do que um hobby de baixo valor, repleto de riscos que custam muito caro.

Obviamente, faço a transcrição acima tentando reconstruir uma conversa de cujas palavras exatas não me lembro, mas com a certeza de ter resgatado totalmente a essência de uma lição que ficou para sempre gravada na minha memória. E a memória inclui a admiração por uma mãe que soube transmitir aos filhos um ensinamento que, naquela época, estava várias décadas à frente do habitual.

* * *

Felizmente, ao longo desse tempo, envolvi-me com algo que compensava o choque hormonal: refiro-me à prática dos esportes, de que já falei, prática que constitui uma armadura formidável para deter a investida dos vícios, além de gerar autoconfiança, algo essencial para aqueles de nós que sofremos de complexo de inferioridade.

Fora isso, as escolas dos irmãos maristas (onde estudei toda a minha vida até terminar o ensino médio) me deixaram muitas coisas boas e algumas outras ruins. Entre as primeiras, devo mencionar a fixação de princípios morais e cívicos, que têm sido o travesseiro que me ajuda a adormecer sem o peso na consciência, uma excelente instrução e assim por diante. Claro que também devo agradecer a ajuda que foi para minha mãe o fato de que, apesar de ser uma das escolas particulares que custava menos, ela só tinha de pagar uma mensalidade pela educação de seus três filhos.

Mas eu disse que a escola também me deixou coisas ruins, e entre elas vale destacar o medo sangrento e angustiante de Satanás, “suas pompas e suas obras”. Não poderia haver nada mais aterrorizante do que a “ira divina”, que se traduzia em punições de condenação eterna. Eterna!

Você pode imaginar como seria uma eternidade nos porões abomináveis de um suposto inferno? E pensar que eu estava exposto a isso se, por exemplo, cometesse o ato nefasto de espiar o traseiro de alguma dessas mulheres cuja contemplação era absolutamente inevitável! Porque, quando isso acontecia, quando eu cometia uma imprudência semelhante, tinha de ter cuidado para não ser atropelado por um veículo sem ter tido tempo de me confessar. E o pior é que isso acontecia e acontecia e acontecia e acontecia (o pecado, não o atropelamento). Por exemplo: a confusão que se armou na escola quando fui pego no ato de modelar o corpo de uma mulher nua com massa de modelar! É verdade que o fiz quando ainda não tinha nem concluído o fundamental 1, mas também é verdade que, apesar disso, era muito bem modelada (ou seja, a mulher era muito gostosa).

Mas demorou muito para eu perceber o quanto isso tudo era incongruente e pensar que não deve existir um Deus cuja “ira” se traduza em veredictos que punem um dos seres que Ele mesmo criou dessa forma. Ora, não deve nem existir um Deus que “sinta ira”! O que pensar da questão do livre-arbítrio? Mas que livre-arbítrio que nada! Nunca tive o livre-arbítrio para aceitar ou não o livre-arbítrio.

Mas então, como fica? Podemos pecar quantas vezes a situação permitir e o quanto a gente bem entender?

“Suponho que não”, respondeu minha consciência, reconhecendo que era difícil, senão impossível, encontrar uma resposta para uma questão que já havia sido debatida pelos grandes filósofos de todos os tempos, que não tinham sido capazes de encontrar nenhum tipo de resposta consensual. Embora, ao mesmo tempo, eu tenha a certeza de que esses mestres do pensamento deixaram muito claro que a existência tem uma tendência que é evidente: a que aponta na direção do Bem. E acho que devemos agir de acordo.

* * *

Em 1943 foi inaugurado o Instituto México (na rua dos Amores, colônia Del Valle), que na época era o maior estabelecimento dos irmãos maristas na Cidade do México. Tinha campo de futebol, ginásio, duas quadras de basquete (que podiam ser convertidas em quadras de vôlei), além de outros espaços onde se podia correr, jogar bolinha de gude, pião, ioiô etc. Ah, também tinha salas de aula e essas coisas.

Como havia se tornado um hábito meu, no fundamental 2 também tive inúmeras trocas de socos. Lembro-me especialmente de uma briga que foi tremenda: a com Aarón Mercado, um menino que tinha a força de um touro (e logo teria a de um bisão); a situação, encenada bem no meio do campo de futebol, durou um tempo enorme. Uma eternidade, diria eu, porque chegou o momento em que eu queria que alguém viesse interromper, coisa que eu mesmo não podia fazer, já que significaria colocar em risco a fama que eu tinha ganhado até então. Por sorte, como em uma luta de boxe, foi o sino que veio em meu socorro; mas era o sinal da escola que anunciava o fim do recreio e o retorno às aulas.

E foi bem ali, a caminho da sala, onde Aarón e eu apertamos as mãos em sinal de reconciliação, dando início ao que se tornaria uma amizade leal e maravilhosa que durou até vários anos depois de nossos respectivos casamentos. Então, devido à diferença de profissão, deixamos de nos ver com a frequência de antes, até que, algum tempo depois, recebi a triste notícia de que ele havia morrido vítima de uma doença estranha que se caracterizava por ir devastando de forma

implacável aquela força que havia caracterizado meu amigo.

* * *

Nesse meio-tempo, ainda fundamental, fui convidado para jogar no time infantil da equipe de futebol Marte, onde tive a enorme sorte de participar em várias eliminatórias realizadas no Campo Asturias, que na época era o palco máximo desse esporte popular. E minha primeira eliminatória foi em um jogo noturno, já que o Asturias foi, no México, o primeiro campo de futebol a usar iluminação artificial. Aquele encontro foi com o poderoso Clube Espanha, que derrotamos por 1 a 0, com um gol que tive a sorte de marcar. E posso assegurar que, no decorrer da minha vida, tive a sorte de experimentar as grandes satisfações produzidas pelos aplausos… mas poucas vezes como aquela em que fui aplaudido enquanto respirava o aroma insuperável que exala de um gramado quando é acariciado pelas solas de 44 chuteiras. (Entre os jogadores daquele clube juvenil do Espanha, aliás, estava meu excelente amigo José Luis Lamadrid, que se tornaria um centroavante da Seleção Mexicana de 1954, quando foi o autor do primeiro gol de um jogador do nosso país em todos os eventos mundiais realizados na Europa. José Luis se lembra da história daquele gol marcado por mim no Campo Asturias e gentilmente a evoca sempre que tem a oportunidade.)

* * *

As trocas de socos (e pontapés ocasionais) também eram nosso pão de cada dia na colônia Del Valle, e entre os valentões havia vários que tinham ganhado a fama de “bons de briga”, como diziam; sua popularidade se estendia além das regiões vizinhas, como a colônia Roma, a Hipódromo e outras, porque nessas direções não havia ninguém que não tivesse ouvido falar de Padilla, Ruvalcaba, Ramiro Orcí, o “Pato” Alatorre, o Chongo e, principalmente, Arturo Durazo. Este, considerado o melhor (ou o “pior”, segundo o ponto de vista), viria depois a adquirir uma fama muito maior como o poderoso e temível chefe de polícia durante a presidência de José López Portillo, que também havia sido membro da mesma gangue, chamada Los Halcones, embora o futuro presidente nunca tivesse chegado a se envolver com briga de rua.

“El Negro”, como Durazo foi apelidado, tinha uma namorada que morava em uma casa de vila na rua Mier y Pesado, 133; quer dizer: na mesma rua que eu. Isso fez com que o El Negro (que era dez anos mais velho) me usasse de “menino de recado”, já que eu ficava encarregado de levar as mensagens para a namorada dele, que não tinha autorização dos pais para manter aquela relação. Mas, em mais de uma ocasião, também tive a tarefa de segurar o casaco do El Negro enquanto ele cumpria sua respectiva tarefa: quebrar a cara de alguém.

Porque era assim: não havia dúvida de que ele era um lutador de rua habilidoso e de primeira. Um dia, por exemplo, eu o interrompi enquanto ele confrontava, simultaneamente, três pedreiros que tinham cometido a “enorme audácia” de passar uma cantada em sua namorada. E Arturo deu conta dos três, o que, para mim, era como uma reprodução de um filme de caubói em que “o mocinho” brilha ao derrotar os vilões malvados. Mas a impressão foi diferente quando, depois de derrubá-los, El Negro continuou a chutá-los com uma fúria semelhante à de qualquer repressor de um governo ditatorial. Então o “herói” caiu de seu pedestal, e eu procurei manter uma distância saudável entre nós.

Mas, ao me referir a esse grupo, mencionei também Ramiro Orcí, que se distinguia por nunca abusar de ninguém, embora fosse o mais forte de todos. Ainda me encontro com Ramiro até hoje; não só como amigo, mas também como parceiro de atuação, já que trabalhamos juntos na televisão, no teatro e no cinema.

* * *

O Parque Mariscal Sucre, que no início se chamava Parque Central, era o principal ponto de encontro da colônia Del Valle. Aos domingos, por exemplo, tornava-se quase parada obrigatória para quem acabava de assistir à missa na paróquia, e nós, adolescentes, já sabíamos que as meninas iam à missa do meio-dia, então as esperávamos na saída.

As meninas, por sua vez, já sabiam que nós já sabíamos disso, então sempre iam à missa do meio-dia. E o coração disparava quando víamos aquela figura, aquele modo inconfundível de caminhar, aquilo tudo que representava a garota que tinha se tornado a meta das nossas ilusões. *Será que vou ter a coragem de me declarar?*, pensávamos. Porque, naquela época, o namoro só podia começar depois de concluído tal procedimento; aquele que exigia um pedido formulado no maior rigor: “Quer ser minha namorada?”, perguntávamos depois de termos reunido o mais intenso estoque de coragem. E havia apenas três respostas possíveis: “Sim”, “Não” e “Vou perguntar para o meu travesseiro”.

Esta última, que era o que eu costumava ouvir com mais frequência, despertava em mim um ódio visceral por um bom número de travesseiros. E não sei como eu me continha para não ir ao quarto da envolvida, tomar seu travesseiro e rasgá-lo até que centenas de penas brotassem de seu traiçoeiro interior. Posteriormente, a experiência nos disse que não deveríamos “cantar para elas” (sinônimo, naquela época, de fazer uma declaração de amor) sem antes termos percebido alguns sinais encorajadores, o maior deles sendo que ela tivesse permitido uma dança de rostinho colado com algum de nós. Isso era, por si só, motivo para ter o mais delicioso dos sonhos, ou talvez ainda melhor: a

mais deliciosa das noites em claro. Esse “não dormir” porque a adrenalina continuava circulando pelo corpo em um ritmo que, para estar em sintonia com a época, com certeza era mambo.

Com o passar dos anos, era possível se lembrar desses momentos hipnóticos e pensar: “Que bobeira!”. Mas então, depois de mais tempo, o pensamento dizia: “Que bobeira mais divina e inesquecível!”. (Embora seja verdade que, paradoxalmente, a mesma saudade me obriga a lamentar que a urbanização implacável tenha se encarregado de acabar com aquele refúgio de amizade que fora o Parque Mariscal Sucre, transformando-o no perigoso cruzamento de automóveis que é hoje, banindo impiedosamente a maioria das frondosas árvores que abrigava e, com elas, o concerto de trinados que os pássaros espalhavam pelo ambiente todos os dias.)

* * *

Foi nesse aconchegante Parque Mariscal Sucre que, no dia 18 de setembro de 1945, decidimos que nosso grupo deixaria de ser uma gangue, para adquirir a categoria de “clube”. Nesse dia, o grupo era formado por Toño Gabilondo, Chava Neri, Javier Oceguera, Aarón Mercado, Carlos Ruiz, meu irmão Horacio e eu. Procurando um nome apropriado para o clube, decidimos por aquele que Horacio havia sugerido: Los Aracuanes, em homenagem aos pássaros.[8] Não tínhamos um lugar nosso, regras ou coisa, parecida até que Chava Neri cedeu o porão de sua casa como nossa sede oficial. E ali mesmo houve uma breve norma: a que estabelecia a proibição de “palavras de baixo calão”, pois estas podiam ser ouvidas na parte alta da casa, onde costumavam estar as irmãs de Chava. No entanto, essa regra foi eliminada devido ao fato de que, no andar de cima, os palavrões eram muito mais numerosos.

Então fomos para um local mais amplo: a rua. (Em frente à loja Netolín, propriedade da família de Javier Oceguera, localizada na rua de Morena, quase na esquina com a dos Amores.) Ali, sob a proteção da “recreação social” proporcionada pelo espaço aberto, desenvolveu-se um ambiente altamente propício a amores, casos, paqueras ou como queiram chamar a conjunção de casais, que marcavam encontro ali ou se deparavam “casualmente” naqueles lugares.

Mas também havia outros pontos de encontro aos quais iam todas as turmas da colônia Del Valle. Entre eles estava a Farmácia Aguirre, um lugar que vendia refrigerantes e onde foram criados dois projetos com uma repercussão que ultrapassou os limites do bairro: o Carnaval e os Jogos Olímpicos, ambos idealizados pelo meu irmão Horacio.

O Carnaval foi um sucesso, ao contrário dos encontros atléticos, onde os

confrontos arruinaram algo que prometia ser interessante. Mas uma coisa podemos dizer: que a gente tentou, a gente tentou.[9]

* * *

Durante as chamadas "*fiestas patrias*"[10] ocorriam algumas atividades que, na maioria das vezes, representavam riscos de várias dimensões, como sofrer com a explosão próxima de um foguete ou se ver envolvido em brigas de rua. (Quase sempre geradas pela euforia do "*¡Viva México, hijos del tal por cual!*".[11]) E é claro que nós, Aracuanes, tivemos de sentir algumas dessas desventuras na pele, embora sem consequências graves, para nossa sorte. Mas ainda é importante dizer como foi impressionante, para nós, o resultado de uma daquelas noites de 15 de setembro.

Tínhamos ido ao Bosque de Chapultepec, que naquele dia estava iluminado e decorado com motivos nacionais. Pelas suas trilhas, multidões transitavam, correndo ou passeando, rindo ou brigando, comprando ou vendendo algodão-doce, pãezinhos fritos, apitos, cornetas, línguas-de-sogra, bandeirinhas etc.

E depois de termos participado de toda aquela confusão, cansados mas felizes, decidimos voltar para a querida colônia Del Valle. Fomos a pé (naqueles tempos isso não representava perigo nenhum) e, quando chegamos à avenida Coyoacán, decidimos terminar o dia nos refrescando com um dos deliciosos *tepaches*[12] que havia no local em questão.

Era uma *tepachería* que a gente não frequentava, mas, naquela ocasião, era a única que continuava aberta às altas horas da noite em que chegamos; nós entramos e nos acomodamos o melhor que podíamos nos poucos lugares que não estavam ocupados. Esses "assentos" eram bancos com capacidade para três pessoas, de modo que nos pareceu um abuso que um homem estivesse sentado no meio de um deles, em vez de se acomodar em uma das pontas.

– Será que o senhor pode se afastar para a ponta do banco? – disse uma pessoa do nosso grupo. – Assim meu amigo e eu poderíamos nos sentar juntos.

Mas o senhor nem mesmo se dignou a responder.

– Ele está dormindo? – alguém perguntou.

– Como ele pode estar dormindo! Não está vendo os olhos abertos?

– É verdade – comentou outro. – Vá mais para lá, por favor!

Este último comentário foi acompanhado de um pequeno empurrão, que, apesar de muito leve, foi o suficiente para que o homem caísse sobre a mesa… revelando um picador de gelo cravado nas costas.

E, apesar de muito cansados, os Aracuanes iniciaram uma corrida em que com certeza batemos vários recordes de velocidade e que durou um bom número de quarteirões.

Dois ou três dias depois, vimos um jornal vespertino no qual havia uma pequeníssima nota sobre um estranho assassinado em uma *tepachería* da Del Valle. “Quando os fregueses descobriram” – dizia mais ou menos a nota –, “o sujeito já estava morto havia duas ou três horas.”

* * *

Nessa época, minha mãe havia conseguido um empréstimo para construir um “prédio”. (Coloquei entre aspas porque não parecia lógico chamar de prédio uma construção que só tinha dois andares; o superior foi planejado para três apartamentos, enquanto o térreo teria seis ou sete lojas.) E tudo parecia apontar na direção de um futuro encorajador, apesar do fato de que, pouco antes, o governo havia decretado um congelamento dos aluguéis… embora não tivesse podido evitar que, em vez de congelar, o custo de vida fosse subindo dia a dia. Como consequência, o aluguel das casas na vila era insuficiente para pagar o empréstimo… e ficou ainda mais insuficiente quando dois inquilinos deixaram de pagar os respectivos aluguéis; evento que fez com que o banco tomasse posse da vila. Por consequência, passamos de proprietários a inquilinos. Mas também não tínhamos o suficiente para pagar nosso aluguel, então, para compensar, minha mãe teve de trabalhar na Pemex pelo máximo de horas permitidas… até que as finanças anêmicas nos obrigassem a sair de lá e ir em busca de um lar que estivesse ao alcance dos nossos bolsos. Mas onde encontraríamos tal refúgio? E, como sempre, foi minha mãe quem deu a resposta rápida e corajosa:

– O prédio que estou construindo – disse ela – está apenas no estágio inicial de obras, mas, seja como for, há um espaço cercado por paredes.

E para lá fomos nós.

O piso era apenas aplainado (de concreto em algumas partes e de terra em outras), e as paredes em parte eram as divisórias expostas, e em parte as portas de aço dos futuros espaços comerciais; mas minha mãe teve o cuidado de esconder a feia aparência do aço com cortinas do tecido mais barato que pôde encontrar. As divisórias, por sua vez, foram rebocadas. Não havia mais água quente além da obtida pelas panelas no fogão, e, como não podíamos desperdiçar combustível, o banho completo era reduzido aos sábados, momento em que nos ajudávamos mutuamente com baldes de água previamente aquecida. No resto da semana a higiene pessoal era da cintura para cima, com água de duas bacias. Mas tudo isso ficou melhor quando, alguns meses depois, adquirimos um aquecedor a lenha. O gás caríssimo era para uso exclusivo do fogão.

* * *

Passei então a cursar o ensino médio profissionalizante no Colegio Francés Morelos, situado na rua de mesmo nome, onde me matriculei para fazer o curso

de engenharia. Por que escolhi essa área? Bem, talvez houvesse dois motivos importantes: um, que meu tio Óscar, com quem morei um ano em Guadalajara, era engenheiro eletromecânico e tinha em sua casa uma oficina onde fazia mil coisas maravilhosas. (Como um trem a vapor em cuja construção eu "ajudei", passando a ele alicates, chaves de fenda e outras ferramentas de que precisava.) Acho que a partir daí criei essa ideia de que o trabalho dos engenheiros era apenas projetar e fazer brinquedos e qualquer tipo de mecanismo engenhoso. O outro foi o gosto que eu tinha pela matemática, uma das disciplinas de estudo mais fáceis para mim. Hoje, embora já tenha esquecido a matemática de ordem superior (cálculo integral e diferencial, por exemplo), ainda recorro à resolução de algumas equações algébricas (até o 2º grau) como meio de distração e relaxamento mental.

No Morelos, aliás, tive o privilégio de ter aulas com alguns professores de grande prestígio, entre os quais vale a pena destacar dom Agustín Anfossi, professor de matemática e autor de livros sobre álgebra, trigonometria etc., que eram usados em todas as escolas do país; dom Oswaldo Robles, um filósofo de fama internacional; o professor Moreno Tagle, que dava as aulas de literatura e me introduziu ao conhecimento de Homero, Ésquilo, Shakespeare, Calderón de la Barca, Lope de Vega, Molière, dom Miguel de Cervantes etc. E, claro, o professor Salvador Flores Meyer, a quem devo o hábito de ler todo tipo de texto relacionado à história do México, hobby que foi estimulado pela clareza, imparcialidade e amenidade que caracterizavam cada uma das aulas que ele nos ministrou. Por exemplo: ao contrário do que muitos pensavam sobre os maristas, o professor Flores nem mesmo dava a entender que Benito Juárez[13] fosse o diabo ou algo parecido, porque reconheceu como um acerto a separação entre a Igreja e o Estado, assim como a tenacidade com que ele se opôs ao estabelecimento de uma monarquia europeia. (Embora ele considerasse vergonhoso o Tratado McLane-Ocampo,[14] que dom Benito pretendia estabelecer.) Ele também havia reconhecido o mérito de quase todos que participaram da luta pela independência, como Hidalgo, Morelos etc., mas esclarecendo que, apesar do heroísmo que os distinguia, todos aqueles campeões eram seres humanos e, como tais, possuidores de defeitos. (Entre estes, por exemplo, a crueldade demonstrada por Hidalgo no assalto à Alhóndiga de Granaditas ou no fuzilamento impiedoso de numerosos prisioneiros.)

* * *

O lado ruim foi que continuei sem aprender a lição no que dizia respeito às brigas. Tanto que, depois, participei do campeonato de boxe do tecnólogo, tendo sido vice-campeão no primeiro ano e campeão no segundo. No primeiro, fui

derrotado na final por Ricardo Ancira, que com o tempo se tornaria um excelente engenheiro. No segundo ano também consegui disputar a final; dessa vez com um rapaz cujo sobrenome não me vem à mente. O que eu lembro é que seu nome era Fernando e ele era um vendaval ao desferir socos, só que, para minha sorte, não tinha nada da técnica do boxe. Como desfecho triste, posso referir que Fernando faleceu no ano seguinte, vítima das agressões que sofreu dos cruéis covardes da Faculdade de Medicina em que acabava de entrar.

* * *

Na casa de jogos de bilhar Joe Chamaco, aconteceu algo que rendeu uma memória amarga: estavam jogando "vinte e um" com dominós, em uma mesa que estava bastante animada, quando chegou um amigo, que costumava ir lá regularmente, e não demorou muito a dizer que queria entrar no jogo.

– Me dá uma ficha – disse o recém-chegado, dirigindo-se a Arturo Díaz, "El Tirolés", que exercia a função de banco naquela hora.

– Não – respondeu o Tirolés. – Você nunca paga.

– Bem, se você não me der uma ficha, garanto que você terá assinado sua sentença de morte.

O comentário havia sido feito com um sorriso que enfatizava a intenção de piada, o que ficou mais evidente quando o amigo mostrou a antiquíssima espingarda de retrocarga que ele carregava.

– Larga essa porcaria! – disse Arturo, afastando a arma com a mão, sem imaginar que, meio segundo depois, receberia a chuva de uma boa quantidade de balas cravadas em seu fígado.

E tinha de ser justo no fígado de um cara que, como Arturo, sofria de um diabetes precoce severo! Por isso, ninguém se surpreendeu quando o prognóstico médico indicou que nosso amigo não sobreviveria, pois, além da gravidade que a lesão representava, ele havia entrado em um coma diabético que teria consequências fatais.

O prognóstico foi feito pelo médico que o havia atendido na emergência do hospital, diante de todos nós, que aguardávamos o resultado da intervenção; mas ao grupo havia se juntado a mãe de Arturo, que ouviu o relato com uma expressão de dor que até hoje me custa a esquecer. E havia outro rosto igualmente desfigurado pelo prognóstico esmagador: o de Arnulfo Delgadillo, o garoto causador do acidente, que se fez presente durante todo o tempo, com louvável coragem cívica e reconhecendo a culpa que lhe correspondia.

– Nunca imaginei que aquela arma estivesse carregada! – o pesaroso amigo exclamou mais de uma vez.

"As eternas desculpas de sempre", comentaram vários dos ali presentes… sem

imaginar que, logo depois, começaria a acontecer o que muitos de nós descrevemos como um milagre: Arturo começou a se recuperar. E conseguiu de tal forma que chegou a viver mais uns trinta anos! É verdade que, mesmo assim, sua morte ocorreu em uma idade que agora pode ser considerada precoce, já que ele mal tinha 50 anos; mas não era pouca coisa para alguém que havia superado um perigo tão grande antes de atingir a maioridade. Pouco depois daquele acidente, Arturo se casaria com Thelma, a irmã mais velha de Luz María, futura esposa de meu irmão Horacio.

* * *

O Cine Moderno, ao contrário da casa de jogos, podia ser classificado como adequado para toda a família; embora as coisas melhorassem quando não ia a família inteira. Quer dizer: quando não ia a família das meninas, aquelas que iam ao cinema com assiduidade graciosa – aos sábados, de preferência – e nos davam a oportunidade de começar a jogar um jogo mil vezes mais emocionante que o bilhar e o dominó: o delicioso jogo da sedução e da paquera.

Mas, já que estou falando do Cine Moderno, é necessário que eu faça um esclarecimento pertinente: tenho ouvido e lido um bom número de narradores que se enganam totalmente (ou mentem com singular atrevimento) quando atribuem ao cinema a origem da exclamação “Cácaro!”, que agora é ouvida em todas as salas de projeção da República Mexicana. (Já me falaram até que o termo já transcendeu fronteiras.) E todas as histórias são falsas quando não se referem ao Cine Moderno da colônia Del Valle, já que ali foi cunhado esse termo singular. Seu autor foi Ángel Ruiz Elizondo, apelidado de “Kelo”, e a criação foi fruto da amizade que ele tinha com um dos operadores de projetor do cinema, que tinha o rosto extremamente marcado pela acne, o que deu origem à alcunha de Cácaro,[15] pela qual todos o conhecíamos. Agora, não sei se o Cácaro não era um projecionista muito bom ou se as fitas estavam mais do que danificadas, mas o fato é que a projeção era interrompida com alguma frequência. (Digamos a todo momento; mas substituindo a palavra “momento” por “rolo de fita”; e como cada fita consistia em nove ou dez rolos…) Então, toda vez que a projeção parava, Kelo reclamava com o amigo, gritando coisas como: “Cácaro… acorda!”, ou “Cácaro, me dá essa garrafa também!”, “Cácaro, o que você fumou?”, e assim por diante. Aí todo o público começou a gritar junto, principalmente aqueles de nós que tínhamos exclusividade no segundo andar, ou “arquibancada”, até que finalmente as frases foram encurtadas, começaram a deixar de fora a reclamação e mantiveram apenas o nome da pessoa em questão: Cáááácaro!

Muitas outras histórias poderiam ser contadas sobre o Cine Moderno, mas

temo que, nestes tempos de hoje, não seja mais muito interessante ler que havia brigas no meio da plateia (individuais ou em grupo); que, da arquibancada, nós jogávamos gatos cuja silhueta era projetada na tela e que depois pousavam enganchados com as unhas na cabeça de algum espectador lá da frente; que o silêncio mais expectante do filme era interrompido pelo estrondo de um brinquedo barulhento colocado na retaguarda de algum espectador, mas não me parece adequado relatar tudo isso.

* * *

– Deite aí, rapazinho – dizia meu tio Gilberto, o médico, com aquele tom carinhoso de sempre com que se dirigia a mim.

Estávamos na enfermaria do Hipódromo de las Américas, instituição cujos serviços médicos eram administrados por meu tio havia vários anos. Claro, o normal teria sido que, em vez de mim, estivesse lá um dos muitos jóqueis que costumavam aparecer durante as corridas de cavalo por causa de algum acidente, mas, naquela ocasião, era em mim que ele ia praticar uma circuncisão.

Ele havia me examinado antes e dito:

– Esse pingolim está pedindo aos gritos para ser liberto da pele que o está sufocando. Chama-se prepúcio. E se você fosse judeu, eles teriam cortado alguns dias depois de você nascer, e não agora que você tem 17 anos.

– O senhor está falando de circuncisão? – eu perguntei, embora tivesse certeza de que a resposta seria “sim”.

– Sim, obviamente. Esse dia parece bom para você?

– É…

– Bem. Vejo você a essa hora na pista.

– O senhor disse “hipódromo”, tio?

– Sim, rapazinho, temos tudo de que precisamos lá. Você já foi lá alguma vez?

– Não. Mas sei onde fica.

– Então está combinado. Nos vemos por lá.

E lá nós nos vimos.

– A anestesia vai ser local – disse meu tio. – Uma única injeção. Mas primeiro eles vão barbear você.

Esse último esclarecimento me desconcertou um tanto, já que eu não tinha muita barba, digamos assim. Mas a perplexidade aumentou ao máximo quando descobri qual área ele queria dizer com “barbear”. E mais ainda quando percebi que a pessoa que estava prestes a cumprir a tarefa não era ninguém mais, ninguém menos que a linda enfermeira que ajudava meu tio. Então, para conseguir ensaboar de um lado, a mulher tinha de afastar suavemente o que quer que estivesse no caminho. E eu não podia ver se suas mãos femininas estavam

cobertas por luvas de borracha ou não; mas, de qualquer maneira, senti o que ela estava fazendo, então eu não conseguia impedir meus hormônios de trabalharem (algo que eu entendo agora) nem ordenar ao meu cérebro que evitasse a remessa de sangue de que o ilustre membro precisava para se erguer como um testemunho evidente de sua masculinidade (o que mostra que não existe Viagra ou algo parecido que possa competir com uma bela enfermeira).

– Não se preocupe – disse meu tio, percebendo o que havia acontecido. – Isso é resolvido com um simples peteleco no pingolim.

Dito e feito. O peteleco que meu tio deu foi o suficiente para que o membro impetuoso desaparecesse. E qualquer possível repetição do incidente foi anulada quando, um instante depois, meu tio deu a injeção que anestesiou a zona de conflito.

Após a cirurgia, meu tio me informou que, a partir de então, o que havia acontecido comigo quando a enfermeira estava me "barbeando" ia começar a acontecer com bastante frequência, uma vez que a remoção do prepúcio revelava uma área que anteriormente tinha permanecido "protegida", por assim dizer, e que daquele momento em diante se tornaria extremamente sensível.

– Principalmente à noite – ele me disse –, quando o simples toque de lençóis ou pijamas pode provocar sonhos eróticos que, por consequência, vão provocar essa reação. Só que, como você vai estar recém-operado – acrescentou –, isso vai te provocar dor. Aí você vai ter que ir ao banheiro ou a qualquer lugar que tenha chão de cerâmica ou qualquer outro material frio, você vai baixar a cueca e se sentar no chão. Assim, o frio do ladrilho vai fazer seu pingolim voltar a dormir placidamente. E se a dor persistir – concluiu ele –, tome um desses comprimidos.

E ele me deu alguns comprimidos que, em harmonia com o método da cerâmica fria, fizeram muito bem o seu trabalho. Isto é: cumpriram o papel no que dizia respeito às vivências noturnas, mas houve outras ocasiões em que não foi possível aplicar o tratamento; por exemplo no transporte público, quando uma mulher sentou-se à minha frente e deu uma cruzada na perna que revelou parte daquela região perturbadora que inclui as coxas. (Leve em consideração que naquela época eu tinha 17 anos, idade em que até a letra "B" faz pensar em nádegas femininas e o "V" faz pensar em uma mulher com as pernas abertas. Adicione a isso o fato de que, naquela época, o avanço tecnológico representado pela invenção da minissaia ainda não havia sido alcançado, então a oportunidade de ver essa região das coxas era rara.) Nessas ocasiões, portanto, a experiência acabou sendo extremamente dolorosa, já que no transporte público não era bem-visto alguém baixar as calças e sentar-se no chão frio do veículo.

Com o tempo, no entanto, os resultados da minha circuncisão foram altamente positivos. A única coisa ruim, talvez, foi que naquele mesmo dia eu apostei 5

pesos em um cavalo (chamava-se Blue Rambler, eu me lembro), e ele cometeu a façanha de entrar em primeiro lugar, apesar de estar cotado a 16 por um, o que me fez ganhar 85 pesos (deles!). E, se digo que isso foi ruim, é porque o acontecimento me pareceu simplesmente maravilhoso e me fez, por muito tempo, uma pessoa regular no hipódromo. Às vezes eu ganhava e às vezes eu perdia, mas, no longo prazo, como todo mundo, perdi mais do que ganhei.
E, embora seja verdade que não colocava em risco meu patrimônio nem nada perto disso (porque apostava pequenas quantias), a triste verdade é que estava perdendo algo muito mais valioso: o tempo. E tenha em mente que é possível recuperar dinheiro, amor, prestígio ou tudo o que você perdeu… exceto o tempo.

Porém, depois de ter me livrado de tal vício, admito que também guardo boas lembranças de colegas com quem eu me encontrava lá, entre os quais vários do meio futebolístico, como o grande Nacho Basaguren e os excelentes argentinos Mario Pavez e Miguel Marín, sem esquecer as pessoas da televisão, tais como Juan "El Gallo" Calderón (que se tornaria o primeiro a dirigir um programa estrelado por mim) e Ramiro Gamboa, o famoso e muito agradável locutor de rádio e televisão, também conhecido como El Tío Gamboín. E não me esqueço, aliás, da ocasião em que Ramiro me olhou com uma expressão severa e disse com aquele tom de conselheiro espiritual que tanto o caracterizava:

– Roberto, não desperdice seu dinheiro. Melhor apostá-lo.

* * *

Alguns anos antes, os militares haviam dito ao meu irmão Paco: "Você teve a sorte de ser um dos escolhidos para servir sua pátria". Mas os hipócritas falavam como se aquilo fosse boa sorte, quando na realidade o que acontecia era que Paco tinha tirado uma "bola branca" no sorteio para o serviço militar, o que implicava que ele deveria passar um ano dentro de um quartel. Porque, naquela época, era uma loteria que definia quem seria aquartelado e quem só teria de receber o treinamento militar nos finais de semana. Portanto, não era sorte, era azar (um grande azar, eu diria), se você tirasse a bola branca.

– Dos males, o menor – disse minha mãe diante do inevitável. – Talvez o quartel sirva para tirar a sua rebeldia, a gritaria, o jeito autoritário.

Mas o quartel não pode tirar nada disso do meu irmão mais velho. Na verdade, a única coisa que lhe foi tirada foi uma caneta-tinteiro, um relógio (ambos baratos), um dente (por meio de uma marretada durante uma briga) e uma dose considerável de saúde. Por outro lado, o que lhe deram no quartel (totalmente de graça, deve-se admitir) foi um mau humor dos infernos, uma boa quantidade de parasitas intestinais e um farto suprimento de chatos.

Lembrei-me de tudo isso três anos depois, quando foi minha vez de participar

do sorteio para o serviço militar, cerimônia em que não houve um único patriota que exclamasse de alegria: “Iuuuupi, vou ser um dos ungidos para servir a pátria!”. E eu, felizmente, tive o “azar” de tirar uma bola preta, o que me dispensou de ir para o quartel. (Embora eu não estivesse livre de marchar de domingo a domingo, das 6h às 10h da manhã.) Claro, às vezes perdia-se o compromisso sagrado, a negligência que se podia pagar com uma detenção que devia ser efetuada nas instalações da delegação correspondente, para a qual fui levado no final da prática dominical, mas com circunstância agravante: o comandante ordenou que me levassem e me deixassem encarcerado por oito horas, o que significava que eu tinha de ficar até as 18h, uma vez que o período começava às 10h, mas o sargento (ou cabo, não me lembro) que me conduziu, sem mais nem menos, disse:

– O soldado deve ficar até as oito.

– Não! – eu exclamei. – O comandante não disse “até as oito”. Ele disse “oito horas”. E a partir das dez da manhã, completam-se oito horas às 18h, ou seja, às seis da tarde.

– Até as oito! – o sargento corrigiu, imperturbável.

– Oito horas! – insisti.

– Até as oito.

– Oito horas!

Blá, blá, blá. E quem poderia ganhar um debate desenvolvido com tanta elegância?

Saí de lá “pouco” depois das 20h (cerca de 20h55), depois de ter cumprido duas belas tarefas que me foram confiadas: varrer o pátio e limpar os banheiros. Mas devo agradecer a Deus que esse tenha sido todo o castigo, porque, enquanto isso, corria o risco de ser mandado para o paredão. Isso mesmo! Porque houve uma hora em que adormeci num banco do pátio, até ser desperto pelo método sutil de levar uma marretada (por sorte, com a parte plana da marreta) na sola dos meus sapatos.

– Você está dormindo, caralho? – meu despertador militar exclamou instantaneamente. – Você não vê que estamos honrando a bandeira?

De fato: era a hora em que a bandeira nacional descia ao som de um rufar de tambores. O ruim é que fui acordado de forma tão abrupta e violenta que a única coisa que consegui pensar em dizer naquele momento foi:

– E eu com isso, caralho?

– O quêêêêêêê?

E imediatamente percebi como minha exclamação era estúpida e inadequada; mas acho que naquele momento tive o primeiro indício de que um dia me tornaria ator, porque fiz a melhor cara de inocência para dizer:

– Perdão. Eu não sabia que era proibido dormir aqui.

– Mas você insultou a pátria!

– Eeeeeeu? – perguntei com total hipocrisia.

– Sim! Você se referiu à bandeira com palavrões, filho da puta! – (nessas exatas palavras).

– Ué, mas quando? – insistiu o personagem que já estava atuando.

– Como assim, quando? Quando você disse “caralho”!

– Aaaaaah! – exclamei então com um sorriso que me saiu da expressão mais natural do mundo. E acrescentei com o mesmo sorriso: – Não, meu ilustre senhor. O que eu disse é que estava sonhando com um jogo de “baralho”. Veja só: descobri que eu estava entre amigos, sabe? Quando, de repente, era a minha vez de cortar o… como posso dizer?

– Melhor não dizer nada. E dê graças aos santos que eu não mandei fuzilarem você.

E talvez eu merecesse algo semelhante. Porque a verdade é que eu não só amo incondicionalmente o meu país, mas também amo a nossa bandeira e sinto algo muito bonito quando a vejo.

IV

Aquele ano em que cumpri o serviço militar foi um dos mais entediantes da minha vida, com exceção do período que compreendeu a Semana Santa, época em que o laico não impede o respeito pela devoção… mas pela devoção ao descanso, porque em todos os lugares se dá folga no trabalho e nas escolas, o que é um convite para se fazer justamente isso. E para mim acabou sendo uma exceção mais notável, já que foi naquele ano que vi o mar pela primeira vez.

Tendo nascido no altiplano mexicano, eu só tinha referências distantes sobre aquela grande massa de água que ocupa a maior parte da superfície terrestre, pois as informações confiáveis se limitavam ao que era publicado em livros – de geografia, os romances, os contos etc. – e o que era projetado nas telas de cinema quando os filmes incluíam cenas filmadas nesse ambiente (em preto e branco, claro). Embora houvesse também informações pessoais de amigos e parentes que relatavam experiências com o mar, às vezes apoiadas pelo testemunho das fotografias – mas não há nada como o testemunho pessoal.

E esse era o objetivo do grupo de amigos que embarcou em um ônibus de passageiros velho e dilapidado que fazia a rota Cidade do México-Acapulco em um trajeto que demorava, na época, algo entre oito e dez horas. O veículo estava lotado de passageiros, entre os quais cinco ou seis galinhas, que viajavam na qualidade de bagagem e que não constituíam uma companhia muito agradável, por assim dizer. Mas estes e outros inconvenientes semelhantes não foram suficientes para diminuir o entusiasmo que tínhamos em chegar ao nosso destino, o que foi conquistado por volta das 18h, quando o imponente espetáculo apareceu súbita e majestosamente numa curva da estrada.

– Olhe só aquilo! – um de nós exclamou. – Quanta água!

– E mais para baixo tem mais! – Adrián Herrera apontou.

Os comentários me causaram tanta vontade de rir que, além de ficarem gravados na minha memória, aproveitei para usá-los como piadas nos meus programas em mais de uma ocasião.

Com o pouco dinheiro que tínhamos, não poderíamos encontrar melhor hospedagem do que um quarto velho e dilapidado para todos nós (éramos seis ou sete), em uma pousada que ficava na rua que então sinuosamente levava ao famoso Mirante de la Quebrada.[16] Lá, tínhamos de nos amontoar em catres individuais que serviam de cama, sem lençóis, travesseiros e outros luxos semelhantes. Mas, em vez disso, desfrutamos de um espetáculo exclusivo e totalmente gratuito: o dos ratos que transitavam incansavelmente pelas vigas do teto. Descobrimos isso na primeira noite que passamos lá, quando obviamente olhamos para cima ao nos deitarmos nos catres; mas o ser humano se acostuma com tudo – principalmente quando se trata de um ser humano de idade entre 16 e 19 anos, ávido por aventura e carente de recursos econômicos. E nos acostumamos tanto que batizamos as vigas do teto com nomes das ruas da nossa querida Del Valle – Providencia, Mayorazgo, Mier y Pesado, Amores, Gabriel Mancera etc., e os ratos com os nomes das nossas amigas.

– Olha – disse alguém apontando para um dos roedores –, lá vai a Carmina, passando pela Mier y Pesado.

– Sim, ela está procurando a Lala, que está na Gabriel Mancera.

– Caramba, Toño; lá vai a Gloria!

– Aaaai!

A última interjeição foi motivada pela queda de um roedor no catre de Beto Porter.

– O que foi? – alguém perguntou.

– É que a Güera escorregou e caiu no Beto quando estava passando pela Mayorazgo.

Felizmente, tudo isso acontecia apenas à noite; e durava muito pouco, pois chegávamos tão cansados que logo caíamos nos braços do Morfeu (embora fôssemos gostar mais de cair em outro tipo de braço, mas esse não se apresentou para nós). O cansaço vinha principalmente das caminhadas, já que íamos a todos os lugares a pé. Começávamos indo ao mercado, onde comprávamos peixes, por 50 centavos cada um, que depois colocávamos sobre uma fogueira improvisada. Não ficávamos satisfeitos comendo isso, é claro, mas depois vagávamos pelas praias em busca de coquetéis, refrigerantes e todos os restos que eram abandonados por turistas que não estavam tão oprimidos como nós.

Ali mesmo, nas praias, era preciso brincar, nadar e caminhar incansavelmente em busca constante de bons exemplares do sexo feminino. Por fim, o retorno à Cidade do México foi mais confortável, já que foi feito a bordo da picape em

que, pouco depois, havia chegado outro dos Aracuanes: “Kelo” Ruiz. O único inconveniente foi, talvez, o frio que fazia quando passamos à noite pela região onde fica Três Marias,[17] já perto do nosso destino final. E então, de volta à Cidade do México, o aborrecimento de lembrar que alguns de nós tinham de marchar como recruta no dia seguinte. (Disseram-me que a atividade dos recrutas hoje em dia é voltada para o trabalho de assistência social, o que, se assim for, é algo realmente positivo.)

Mas, seja como for, ainda acho que o serviço militar obrigatório foi quase sempre a melhor maneira de perder tempo de forma lastimável, sem proveito algum. Na função de recruta, o desperdício não tem desperdício, pois tudo o que se consegue é aprender algumas ordens militares, aprendizagem que, em caso de guerra ou em outras circunstâncias similares, pode ser adquirida em menos de uma semana (se é que não em dois dias). E, dependendo do país, o que mais se consegue é um repúdio generalizado a tudo o que a disciplina militar representa.

Para piorar a situação, a Carteira de Alistamento se tornou um documento essencial para a vida cívica, pois constituía a prova de que o jovem tinha cumprido tal obrigação. Sem essa prova, não era possível, por exemplo, tirar um passaporte. Ou seja: você não poderia ir para o exterior se não provasse que havia aprendido a virar 90º para a direita quando um sargento dizia: “Direita… volver!”. Um assunto que não teria tido impacto na minha vida, se não fosse o fato de mais tarde ter perdido minha carteira.

* * *

Para tirar uma segunda via desse documento, era necessário se dirigir a um departamento cujos escritórios ficavam no Palácio Nacional. E foi isso que eu fiz. Até com prazer, porque representou, para mim, a oportunidade de conhecer o interior do edifício que era a sede do governo; um lugar que já havia sido palco de tantos acontecimentos importantes na história da minha pátria e cujas belezas arquitetônicas tinham as melhores referências. Estas eu pude confirmar pessoalmente a partir do momento em que cheguei àquele local singular. Na verdade, eu poderia dizer que a única coisa de que não gostei foi a extensão da fila em que tive de ficar e a eternidade que parecia levar antes mesmo de um pequeno avanço ser perceptível. E lá estava eu, quando observei um senhor que fumava com tanto prazer que tive vontade de fumar um cigarro também. Naquela época, eu ainda não tinha caído nas garras desse vício, de modo que meu desejo não era devido a uma necessidade fisiológica ou à busca por algo que provocasse satisfação; tudo o que eu procurava era um hobby que me ajudasse a suportar o tédio da espera. E é claro que eu não tinha cigarros comigo, mas não demorei nem um minuto para descobrir que um colega estava com um

maço de cigarros no bolso da camisa.

– Me dá um cigarro? – pedi, tentando fingir que era um fumante de fato. Não esperei a resposta, mas tirei o maço do bolso dele e peguei um cigarro. Acho que devo ter mesmo feito isso naturalmente, pois o colega foi acender o cigarro como sempre fazia, depois de ter respondido:

– Sim, claro. – (Naquela época ainda não era costume dizer “Vá em frente!”)

Felizmente, não dei mais que um trago, porque um instante depois ouvi a voz autoritária de um sargento que me disse:

– Aqui não pode fumar!

– Sim, pode sim – respondi, expelindo a fumaça inalada com dificuldade. – O que acontece é que não sei tragar.

– Quero dizer que aqui é “proibido” fumar! – apontou o sargento, elevando seu tom de voz e sua atitude autoritária.

– Desculpe, eu não sabia.

– E você também não sabe ler? Este aviso diz claramente: “Proibido fumar”.

Ele disse isso apontando para uma placa que estava a menos de um metro de distância, então não havia desculpa.

– Sei – respondi. – Mas eu pensei que era obsoleto.

– Que era o quê? – ele perguntou, indignado.

– Não! Eu não estou falando do senhor.

Desta vez, ele olhou para mim com desconfiança antes de perguntar:

– O que você quer dizer com isso?

– Que eu pensei que a proibição de fumar não estava mais valendo.

– Não seja palhaço!

– Sim, é verdade! A questão é, olha: aquele homem parece alguém importante e está fumando.

Disse isso apontando para o senhor cujo ato de fumar tinha me contagiado com a ideia de fazer o mesmo; e se eu mencionei que ele parecia alguém importante, foi porque ele usava um uniforme muito bonito.

– Aquele senhor é um general de brigada! – exclamou o sargento, sua indignação e seu tom de voz aumentando ainda mais.

– Ou seja – eu me atrevi a perguntar com a timidez natural que as circunstâncias exigiam –, então a proibição de fumar é só de coronel para baixo?

O sargento estava com vontade de mandar me fuzilarem (suponho), mas o diálogo chamou a atenção dos que estavam ao redor, inclusive o próprio general, que então interveio com o sorriso mais tranquilizador que eu poderia esperar.

– Está tudo bem, sargento – disse ele calmamente. – O rapaz tem razão. – E então, olhando para mim brevemente e sem suprimir o sorriso, ele acrescentou: – Vou fumar no pátio.

Então aconteceu o que eu nunca teria imaginado: o militar saiu daquele salão, em meio aos aplausos espontâneos que grande parte da multidão ali lhe deu!

Por muita sorte, eu tinha me livrado daquele risco que geralmente está implícito nesse tipo de fanfarronice, mas a sorte começou a virar para mim quando cheguei ao balcão onde eu seria atendido.

– Perdi minha carteira – eu disse quando fui questionado sobre o motivo que tinha me levado até ali.

– Você tem alguma prova de que cumpriu integralmente o serviço obrigatório?

– É justamente isso que venho procurar.

– Isso o quê?

– O comprovante. Porque a carteira é uma prova de que marchei o ano todo, não é?

– Claro.

– Pois é por isso que venho pedir uma segunda via: como eu disse, perdi a minha carteira de alistamento.

– E você acha que é muito fácil pesquisar entre os milhares e milhares de arquivos com os milhares e milhares de prontuários de recrutas que estiveram por… o que você acha?

– Por milhares e milhares de anos? – perguntei.

Mas, como eu disse antes, meu estoque de boa sorte já tinha se esgotado, então a fanfarronice não funcionou dessa vez.

– Onde e quando você cumpriu o serviço?

– Em San José Insurgentes, em 1948 ou 1949. – A imprecisão se devia ao tempo decorrido, já que esse episódio da perda da carteira que estou narrando ocorreu vários anos depois de eu ter concluído o serviço obrigatório.

– Que azar. Durante esses anos, os registros deixaram de ser arquivados em vários lugares, e um deles foi justamente San José Insurgentes.

Parecia um pretexto para gerar um suborno… mas acabou sendo pior do que isso: era verdade! Não tinha nada arquivado!

Assim, meu problema foi resolvido (como o de muitos outros) de uma forma única: recebi uma carteira classificada como “reserva”. E não só me explicaram o sentido dessa classificação como também a incluíram na carteira por meio de algumas linhas que diziam algo como: “O soldado Roberto Gómez Bolaños se mostrou negligente no cumprimento de suas obrigações militares, por isso passa a fazer parte da Reserva Nacional”.

Antes me avisaram que o aviso poderia ser considerado humilhante por eu ter sido descrito como “negligente”, mas presumi que a humilhação estivesse no fato de me colocarem como reserva, depois de ter sido titular em todas as equipes em que eu havia jogado. No entanto, mais que humilhante, foi

assustador, porque me deixaram claro que essa advertência significava que, em caso de guerra, eu seria um dos primeiros a serem convocados para as fileiras.

Felizmente, o México não interveio em nenhuma guerra, e já se passaram anos suficientes para que minha idade me impeça de participar de qualquer evento bélico.

* * *

Não sei se esse costume ainda prevalece, mas, quando entrei na Universidade Nacional Autônoma do México, os novos alunos tinham de se submeter a trotes humilhantes dos veteranos, embora práticas diferentes fossem utilizadas em cada faculdade. Felizmente, na Faculdade de Engenharia as agressões mais graves só eram aplicadas ao longo de um dia, ao final do qual o "calouro" recebia um diploma que o credenciava como sujeito que já havia cumprido sua cota de humilhações – isso ao contrário de outras faculdades, como a de Arquitetura e a de Medicina, onde tais práticas duravam o ano todo.

Eu, é claro, não escapei de ser vítima dessas "recepções de calouros" (eufemismo que disfarçava uma definição mais adequada). Para começar, você tinha de perder os cabelos nas mãos de cabeleireiros sádicos que cortavam (ou tosavam) o calouro da maneira mais grosseira possível. Em seguida, despojados de todas as roupas, os novatos tinham de ir para a piscina velha e fria que ficava ao lado do ginásio, uma piscina que estava vazia na época e que recebeu o nome de "bundódramo", já que era usada como pista de corrida na qual quatro calouros deviam se deslocar arrastando-se sentados. O prêmio por chegar em primeiro lugar ao outro lado da piscina era evitar a prova seguinte, que, segundo diziam, era pior. E eu, com pouquíssimas habilidades para escorregar de nádegas, cheguei em penúltimo lugar. Portanto, tive de suportar a temida prova seguinte, que consistia em receber choques elétricos em várias partes do corpo nu. (Eu estava prestes a escrever que uma dessas partes se chama "ânus", mas acho que a palavra "cu" é mais explícita. Se bem que, seja qual for o nome, juro que os toques aplicados nesse lugar fazem a pessoa sentir que estão arrancando a pele da rosquinha.)

A última humilhação consistia num banho de tinta e alcatrão, "maquiagem" com a qual se tinha de percorrer o caminho até chegar em casa ou a outro local apropriado para um banho. E como todos se locomoviam de acordo com suas possibilidades, eu tinha de viajar a bordo de um bonde, sujeito à compaixão de alguns passageiros e à rejeição de quem estava mais próximo, que recuava sob o risco de ser enlameado pela tinta ou o alcatrão que me cobriam.

Mas isto eu posso afirmar: não fui incomodado novamente daquele momento em diante.

* * *

Vários clubes da colônia Del Valle (incluindo os Aracuanes, é claro) receberam um convite para participar de uma tourada. Quem convidava eram dois jovens empresários conhecidos que acabariam sendo apontados como autores de um grande contrabando, algo que nunca chegamos a comprovar. De qualquer forma, o convite incluía de presente os quatro novilhos que seriam manejados em uma pequena praça que fica (ou ficava?) na colônia Anzures. (Não lembro o nome da arena, mas lembro que ficava ao lado do Colégio Madox, frequentado por garotas muito bonitas de se ver.)

A equipe taurina dos Aracuanes era comandada por Rafael Legorreta, vulgo Rafita, que gostava de todos os esportes e praticava muitos deles. Eu estava entre os seus subordinados, eu que era apaixonado por muitos esportes (que não incluíam a corrida de touros) e praticava outros (entre os quais não figuravam as touradas – longe disso). Porém, viciado em desafios como eu era, aceitei participar do festival, e assim, vestindo calça jeans e uma jaqueta recortada com tesoura, que tentava imitar um traje cordovês, percorri, sorrindo, o curto percurso chamado "*paseíllo*". Mas, pouco depois, aconteceu algo que diminuiu muito o sorriso que iluminava meu rosto: o animal com o qual tínhamos de lidar entrou na arena…

– Não precisa ter medo – alguém me disse. – É um bezerro inofensivo que pesa só 125 quilos.

E sim: considerando que touros de briga pesam 500, 600 quilos e até mais, isso significa que um de 125 seria algo como um cãozinho de colo; e, considerando que eu pesava 48 quilos, o bicho era uns dois Chespiritos e meio. (Nessa época eu ainda não era Chespirito, mas o anacronismo vale para esclarecer a comparação.) E, como se não bastasse, disseram-me que era minha responsabilidade "receber" o chifrudinho. (Eu ia escrever "chifrudo", mas os chifres do bezerro tinham no máximo três ou quatro centímetros.) Mesmo assim, fiz conforme as circunstâncias exigiam: a cerca de dez metros do animal. Desnecessário dizer que isso causou um grito imediato do "respeitável público" (que de respeitável não tinha nada). Mas a infelicidade veio logo depois, quando o bezerro fez uma finta de ataque e eu corri na direção oposta. O lamentável, como eu dizia, foi que se tratava de uma tourada, e não de um campeonato de atletismo, pois tenho certeza de que, com aquela prova, devo ter quebrado dois recordes mundiais: o recorde de velocidade e o recorde de salto em altura, pois, com um só impulso, fui parar no topo da cerca que separava a praça de touros do Colégio Madox. No entanto, o mais vergonhoso foi descobrir minutos depois que a ameaça do tourinho não tinha passado disto: uma ameaça, porque ele

instantaneamente cessou; mas corri pensando que a fera estava me seguindo a poucos centímetros da minha retaguarda. Isso, felizmente, transformou os gritos em uma grande gargalhada.

Aí interveio o Rafita, nosso matador, que conseguiu bons lances com a capa, e não a dez metros de distância, como eu, pois o Rafita reduziu essa distância até ficar a uns oito metros do novilho.

Mas então veio o que os toureiros chamam de segundo terço; quer dizer: você tem de fincar bandarilhas nas costas da inocente bestinha. (Refiro-me ao novilho, não a mim.) E quem deveria desempenhar essa tarefa? O matador e os subordinados! Um deles era eu.

– É a coisa mais simples do mundo – me disse algum conhecedor. – Tudo consiste em parar no meio da arena e chamar a atenção do animal para que ele comece a correr na sua direção, fingindo que você vai dar o passo para direita, para que o novilho caia na armadilha. Só que então você de repente dá o passo para esquerda. Fazendo isso, você terá todo o tempo do mundo para cravar as bandeirinhas no lugar certo.

– Mas e se o novilho não entender muito bem o que é “direita” e o que é “esquerda”?

– Não seja idiota – meu amigo, o conhecedor, respondeu afetuosamente. – Esqueça os termos “esquerda” e “direita” e pense apenas em um lado e no outro. Ou seja: você finge que vai dar o passo para um lado e vai para o outro. Só isso.

Bem, era assim, né? Então, já com toda a vantagem a meu favor, cumpri o que me foi indicado. Como deve se lembrar, a penúltima coisa era (antes de cravar as bandeirinhas) fingir que daria o passo para um lado, mas levá-lo para o lado oposto; e isso foi o que eu fiz… sem levar em conta que alguém havia aconselhado o bezerro a simular um golpe de um lado para terminar dando o golpe pelo lado oposto… Isso resultou em um golpe desferido por seu incipiente chifre de três ou quatro centímetros no meu antebraço de vinte e cinco centímetros, um golpe que deixou os cinco dedos da minha mão direita sem sensibilidade pelo resto da tarde.

Considerei que tal experiência fosse algo como minha estreia e despedida nas corridas de touro, mas depois vou demonstrar que a estupidez não se elimina assim tão facilmente.

* * *

No Colégio Morelos também fui escolhido para fazer parte do time de futebol da escola. E que grande equipe nós tínhamos! Suponho que isso ficará evidente apenas com a citação dos números: o campeonato foi em rodada única, com todos os sete jogos disputados em campo neutro. Os times em disputa eram

escolas de ensino médio do Distrito Federal, incluindo a Escola Preparatória Nacional da UNAM e o Instituto Politécnico Nacional.

Jogos perdidos: 0
Jogos empatados: 0
Jogos vencidos: 7 (Todos)
Gols marcados: 39
Gols sofridos: 1

No início, eu tinha sido selecionado, incluído em um grupo de cerca de vinte e cinco jogadores. E havia cinco candidatos a titular na posição em que eu jogava: lateral direito (posição de ataque que correspondia aos alinhamentos usados naquela época), portanto, conseguir a posição foi um desafio considerável, e ainda mais para um jogador que mal atingia 1,60 m de altura. Mas tive sorte, porque na última partida da pré-temporada jogamos contra o Tecnológico de Monterrey e o derrotamos por 4 a 1. E eu marquei três dos quatro gols do meu time! Claro que a façanha fez de mim o titular.

É natural, portanto, que eu guarde as melhores lembranças daquela equipe; alguns daqueles integrantes continuam ocupando um lugar especial na minha memória, como Oscar Bada, meio-campista central inteligente e capitão da equipe, Alfonso Martínez “La Chirina”, um jogador de futebol de qualidade excepcional, Víctor Manuel Chávez, colega de classe durante muitos anos, Isaac Weil, um centroavante que muitos times profissionais hoje já desejaram, e Gilberto Gazcón, um goleiro que sofreu apenas um gol em toda a temporada e que, com o passar do tempo, tornou-se um proeminente diretor de cinema e presidente efetivo da Sociedade de Diretores, onde continuamos a nos ver até hoje.

Aliás, antes disso, Isaac Weil e eu tivemos de participar do campeonato de boxe do Colégio Morelos (eu era peso-palha, e ele, peso-médio); mas o adversário de Isaac na final foi Sergio Gual, um garoto de Del Valle, amigo meu, dotado de uma musculatura mais do que impressionante. Isaac Weil, por outro lado, dava a impressão de ser o protótipo do menino saudável e corado de uma escola gringa. Seus braços eram “tubos” sem qualquer proeminência que pudesse ser chamada de bíceps ou algo parecido. Por consequência, todos previam que o encontro seria algo como uma carnificina na qual Sergio Gual faria o papel de algoz, e Isaac Weil, de bode expiatório (é que esse “todos” não era exatamente composto por especialistas em boxe).

Logo percebemos que os braços musculosos não eram os mais adequados para a prática do rude esporte, ao contrário dos braços elásticos e ágeis de Isaac, pequenas lanças que se cravavam com precisão e força no corpo de Sergio enquanto este atacava como um touro valente, com todo o vigor que os touros

exibem, mas também com toda a franqueza com que sucumbem ao domínio do toureiro. Como resultado, o árbitro foi forçado a suspender a partida, dando a Isaac a vitória por nocaute técnico no segundo *round*.

E, como desfecho paradoxal, devo mencionar que os braços robustos de Sergio Gual, que não o ajudavam a conquistar um campeonato de boxe, são agora os instrumentos de precisão que lhe permitem manejar os pincéis com destreza, já que acrescentou à sua carreira de arquiteto a arte da pintura, na qual se destaca de forma notável.

* * *

Como eu disse, também participei daqueles campeonatos de boxe no ensino médio; eu havia sido vice-campeão no primeiro ano e campeão no segundo (ambos como peso-palha, a divisão mais leve). E isso tinha sido o suficiente para me fazer supor que, se na rua eu havia lutado com caras muito mais altos e pesados que eu, seria praticamente impossível ser derrotado ao enfrentar alguém do meu peso. Portanto, o passo imediato foi me inscrever no campeonato Luvas de Ouro, a maior competição do boxe amador.

Mas a inscrição não foi uma coisa fácil, pois um requisito essencial era passar no exame médico, o que atestava se a pessoa estava fisicamente apta para a dura competição. Aconteceu que o médico-chefe da comissão de boxe era justamente meu querido tio, Dr. Gilberto Bolaños Cacho, que, como eu tinha imaginado, disse-me que o boxe era algo em que eu não devia me envolver. Fingi então aceitar a recusa com resignação… e me alinhei em outra fila, onde o encarregado dos exames era o Dr. Horacio Ramírez, assistente do meu tio, que na época não me conhecia. (Com a morte do meu tio, o Dr. Ramírez assumiu a chefia da comissão de boxe.) Claro, por precaução, quando escrevi meu nome, coloquei apenas Roberto Gómez, tomando o cuidado de não mencionar o “Bolaños”, que poderia me relacionar ao meu tio.

Assim, então, fui para a minha primeira luta, que venci por decisão dividida. Dois juízes votaram a meu favor, e o terceiro votou contra (o idiota!). Pouco depois fui para minha segunda luta, da qual saí vencedor novamente, mas com maior facilidade, pois os três juízes votaram a meu favor (como deveria ser!). Fiz então uma aparição para minha terceira partida, que ganhei por *default*, o que significa que meu oponente não apareceu. Mas era preciso preencher o tempo programado para a luta na Arena Coliseo, então tive de subir ao ringue para enfrentar outro garoto que também havia vencido devido à ausência do adversário. A luta seria classificada como “exibição”, portanto o perdedor não seria desclassificado das eliminatórias. E naquela ocasião tive a sorte de nocautear o meu adversário logo no primeiro minuto do primeiro *round*, o que

me fez perceber que ele era o mais inepto dos três adversários que eu tinha enfrentado. Mas eu pensava essas coisas sem imaginar que estava prestes a encenar minha primeira performance dramática.

Acontece que esse outro rapaz realmente tinha uma péssima técnica de boxe, que ele compensava com uma resistência física avassaladora. Isso era simplesmente consequência de sua profissão, já que ele trabalhava como parceiro de treino de boxeadores habilidosos, então estava acostumado a levar surras pesadas e frequentes que não pareciam fazer nenhuma marca em seu organismo robusto. E tanto que, depois de trocar golpes por dois *rounds*, acabei com um cansaço que nunca tinha sentido antes em nenhum esporte, até que, vítima de um tremendo golpe inesperado, fui para o chão todo esparramado (eu não ocupava muito espaço, como disse antes). O golpe foi muito mais espetacular do que eficaz, porque eu ainda estava longe de ser nocauteado. *Mas se eu me levantar*, pensei, *esse sujeito me mata*. E não me restou outra escolha senão "atuar": fingir que estava à beira de um desmaio ou uma síncope total, que minhas pernas estavam dobradas como se fossem de massinha de modelar e que eu não conseguia ficar de pé apesar de tentar ao me segurar nas cordas do ringue. Tive de fazer isso até que o árbitro terminasse de contar os dez segundos fatais (que para mim seriam vitais), mas me parecia que o homem de branco demorava cerca de meia hora para contar cada segundo. Porém, não há hora que não chegue, de modo que se ouviu enfim o tão esperado: "Dez, fora!", que foi cantado com todo entusiasmo pela multidão (já que eu, de pele branca, não podia contar com as preferências do respeitável público). E então dizem que no México não existe discriminação!

É claro que fiquei longe do ringue, embora continuasse um fã total da chamada "arte da defesa pessoal", até que, ao longo de muitos anos, percebi o quanto essa prática é selvagem e primitiva e que, mais do que um simples esporte, lembra as batalhas sangrentas de gladiadores no circo romano. E os defensores do boxe argumentam que é maior o número de feridos ou mortos em decorrência da prática de esportes como automobilismo, corrida de cavalos, futebol americano, surfe e tantos outros; no entanto, a diferença fundamental é que o objetivo das corridas (de carros, cavalos ou do que quer que seja) é chegar primeiramente à linha de chegada; no futebol americano é marcar *touchdowns* e *field goals*, enquanto o objetivo do boxe é simplesmente ferir outro ser humano, feri-lo o máximo possível, aniquilá-lo, destruí-lo.[18]

* * *

O septo do meu nariz estava mais torto do que as falcatruas de um deputado, de modo que havia necessidade de uma intervenção cirúrgica para corrigir o

defeito. Para fazer a operação, foi escolhido um médico que, segundo me disseram, era mestre na especialidade.
O ruim é que, na época, e sem o nosso conhecimento, ele tinha adquirido um profundo carinho pelas bebidas alcoólicas, o que o impediu de cumprir adequadamente a tarefa que lhe havia sido confiada. Portanto, continuei respirando apenas pela narina esquerda. Tive o mesmo resultado vinte anos depois, quando fiz a mesma cirurgia. Dessa vez não era um médico que gostava de beber; ele só gostava de dinheiro e cultivava amizades no meio artístico. Mas dizem que a terceira é a definitiva, tanto que trinta anos depois da primeira experiência resolvi fazer outra intervenção cirúrgica para o desvio de septo, dessa vez nas mãos da Dra. Norma Karina López, que finalmente me permitiu respirar pelas duas narinas.

Porém, fazendo um esforço de memória, será que estou levantando falso testemunho contra o médico que me operou pela primeira vez? Porque, ao que parece, não muito depois daquela operação, tive um encontro na rua com um rapaz… que estava na companhia de outros dois, que me seguravam pelos braços enquanto meu rival tinha prazer em me bater com força. E acho que mereci isso por aquele hábito estúpido que eu tinha de me sentir como uma pantera quando não chegava nem a ser um gato que revirava lixo.

Mas quem não tinha culpa e, no entanto, sofreu poucas e boas foi minha pobre mãe. Refiro-me ao susto que levou quando cheguei em casa tarde da noite com sangue no rosto e nas roupas, sem dúvida consequência de uma nova fratura no septo do meu nariz.

* * *

Minha mãe vendeu o prédio semiconstruído, em cujas dependências morávamos, e alugou uma casa da qual também tivemos de nos mudar para ir para um apartamento de padrão inferior, de onde nos saímos para outros cada vez mais simples… e assim por diante, até chegar ao mais barato. Mas tudo isso coincidiu com uma época em que havia algo muito mais importante que o local de residência, os estudos e até os esportes: as namoradas.

Não era apenas o fator hormonal. Não. Também era de vital importância o prestígio social (vamos chamá-lo assim) representado por ter uma linda namorada. Porque, se a namorada não fosse bonita, era preciso explicar aos amigos: “É só para passar o tempo”, por exemplo. Ou: “Tive muita pena da pobrezinha”. Até certo paralelo poderia ser traçado com o que acontecia com as lutas de rua, nas quais o mais doloroso não era o acúmulo de golpes recebidos, mas a perda de prestígio que a derrota implicava. Porque os hematomas e os supercílios abertos saravam com o tempo, mas o mesmo não acontecia com a

afronta que fazia com que alguém lhe dissesse: “Fulano comeu sua mãe”. E algo parecido acontecia com as namoradas, porque não havia vergonha maior do que se espalhassem a notícia de que você tinha “cantado” para a fulaninha e ela disse não.

As circunstâncias, portanto, fariam os mais bravos tremerem.

E eu me vi compelido a agir de acordo, de maneira semelhante à forma como havia agido nas brigas de rua. Quer dizer: deixei-me dominar pelo complexo de inferioridade. Embora deva ser reconhecido que este (o complexo) não era de graça, já que dois de seus culpados moravam na minha própria casa. Refiro-me aos meus irmãos, que eram muito bonitos e podiam, portanto, ser namorados das meninas mais bonitas do bairro, o que conquistavam com a facilidade mais invejável. Por outro lado, com uma aparência física que poderia ser qualificada de “comum”, fui forçado a usar todos os recursos possíveis para compensar tal desvantagem. Então aprendi a tocar um pouco de violão para fazer serenatas, tentei ser simpático, interessante e possuir uma grande personalidade… e acho que nem assim.

Bem, digamos que eu consegui ter várias namoradas, e algumas delas eram aceitavelmente bonitas. Mas sim: de todas elas, das bonitas e das que não eram tanto assim, guardo uma linda memória. E posso citar, através do tempo e do espaço, a memória de Olga, Pina, Cristina, Pilar, Tere, Rosita, a “Cuco”… e Graciela, claro. Mas advirto que os seus maridos podem ler estas memórias com total tranquilidade, pois sempre agi de acordo com os princípios que me foram incutidos na escola e em casa: respeitando as mulheres. (Embora isto eu possa dizer: guardando um grande rancor pelos princípios inculcados.)

Mas me lembro muito bem do que aconteceu quando me apaixonei pela primeira vez na vida. Ou melhor: lembro-me da primeira vez que me apaixonei pela segunda vez. Explico: antes eu já tinha me apaixonado por Olga Peralta, prima de Antonio Gabilondo, que, supunha-se, já era minha namorada havia alguns meses. Mas digo que é apenas “suposto”, porque nunca fui além de um beijo na bochecha durante uma dança. Ela era uma menina bonita e esperta, mas eu ansiava por pelo menos um beijinho na boca, certo? Que nada! Sim: sei que deveria ter me esforçado para conseguir o ósculo desejado (esclarecimento: esta palavra significa “beijo”), mas com certeza não sabia como fazê-lo. Porém, foi essa mesma circunstância que impediu que minha paixão fosse total, pois, sem a lembrança de um beijo, o rompimento é indolor; o que aconteceu quando Olga me disse:

– Está acabado.

– Ah, quando começou?

Então foi quando eu me apaixonei pela segunda vez. Ela morava na rua de

Morena, quase na esquina da Amores. Seu nome era María Asunción Aguilar Reed, e eles a chamavam de Cuco. E ela era a menininha mais doce e terna que eu já havia conhecido, embora tivesse me dado conta disso aos poucos, porque, a princípio, não pude imaginar até onde o afeto que passei a sentir por ela chegaria. E muito menos eu poderia imaginar a dor que a quebra desse vínculo me causaria depois!

E, para falar a verdade, ela foi a primeira garota por quem eu realmente me apaixonei. E devo presumir que ela também estivesse apaixonada por mim, até que um dia ela disse "não mais". Você conheceu alguém melhor do que eu ou se cansou de ter que compartilhar meus "princípios inculcados"? Não sei. O fato é que ela nunca mais quis ser minha namorada, e isso dói como só dói aquele primeiro amor que tivemos em nossa juventude. Tanto que decidi me afastar de lá o máximo possível, para o que não encontrei melhor remédio do que arrumar um emprego longe da Cidade do México.

* * *

O lugar era Culiacán, Sinaloa. E o contato tinha sido o meu grande amigo Alfonso San Vicente, o "Capullo Grande", que me arranjou um emprego de desenhista na Companhia Eureka, propriedade de dom Manuel Suárez, que na altura era o responsável por todas as obras públicas na capital do estado. Vivíamos em uma casa assistencial. Quando cheguei a Culiacán, não havia lugar na casa assistencial, de modo que eu precisaria dormir as três primeiras noites no sofá na sala, mas Alfonso não permitiu que isso acontecesse, por isso me cedeu sua cama e foi dormir no sofá.

Passávamos o tempo livre na companhia de outros amigos de Del Valle, como Roberto ("Capullo Chico", irmão de Alfonso) e Agustín de la Garza. Lá conheci uma maravilhosa mulher sardenta que em pouco tempo me fez esquecer a Cuco (diriam que eu tinha trocado um problema por outro). E, embora essa relação tivesse durado muito pouco tempo, o remédio já havia surtido efeito, então voltei para ao Cidade do México depois de três ou quatro meses.

* * *

Eu estudava na Faculdade de Engenharia da UNAM, cujas instalações ocupavam então o lendário Palácio da Mineração. Lá fiz excelentes amigos, que agora só vejo de vez em quando, mas que jamais serão apagados da minha memória, entre os quais posso citar Guillermo Sunderland, Jorge Casas, Fernando Garza Galindo etc. Quase todos permaneceram lá até obterem o título profissional correspondente.

E eu fui, acho, o único que seguiu um curso totalmente diferente. Mas isso começou um pouco depois.

O Palácio da Mineração era palco anual do Grande Baile da Engenharia, sempre animado pelas mais renomadas orquestras do país. Tudo era muito caro, a começar pelos ingressos. No entanto, os ingressos poderiam ser conseguidos pelo sistema denominado "*talacha*", que consistia em ajudar a montar a enorme plataforma e demais acessórios necessários para transformar o pátio em um salão de dança. E numa certa ocasião consegui uns ingressos de "*talacha*", para ir ao baile acompanhado com ninguém mais, ninguém menos do que Pina!

Pina Pellicer, irmã mais nova da agora famosa atriz Pilar, de mesmo sobrenome, deixava-me louco. Bastou eu vê-la para que meu coração começasse a galopar de um jeito que nem mesmo Gay Dalton galopava em seus melhores dias no hipódromo (entenda-se que Gay Dalton era um dos melhores puros-sangues do hipódromo, é claro).

E, quando via Pina, meu coração também era puro-sangue; mas sangue coagulado que no máximo aspirava formar meio taco de chouriço. Como a irmã, Pina também se tornaria uma estrela do cinema nacional, embora naquela época nem ela nem Pilar tivessem sonhado com tal coisa (ou, se sonharam, não contaram para ninguém).

Mas o baile era de etiqueta rígida, e eu não tinha um *smoking* nem nada parecido. O que fazer com tal dilema? Bem, o de costume: recorrer à mamãe. E ela resolveu muito bem, pois comprou algumas peças de seda e fez as lapelas que transformaram meu único terno (cinza-escuro) em um *smoking* aceitável. O problema era maior com o calçado, pois meu único par de sapatos era marrom. E a solução foi dar-lhes algo como quinze demãos de graxa preta e betume, com o mesmo número de escovadas vigorosas. A gravata-borboleta foi um empréstimo do meu irmão Paco.

Assim, o suntuoso Baile da Engenharia foi enfeitado pela presença das três lindas irmãs Pellicer: Tayde, a mais velha, acompanhada por "El Güero", Jorge Salinas; Pilar, a segunda, com Ornar Téllez; e Pina, a mais jovem, com Roberto Gómez Bolaños, que escreve estas memórias. Havia, como sempre, duas orquestras. E a principal não era outra senão a dirigida pelo internacionalmente famoso Juan García Esquivel… infelizmente! Por que uso esse qualificador? Porque, à medida que o alegre sarau prosseguia, o alegre Juan García Esquivel fazia questão de buscar o olhar da ainda mais alegre Pina Pellicer. Ela não tinha mais de 14 ou 15 anos, mas já sabia espalhar toda a coqueteria que dominam as mulheres que se sabem atraentes. Como se não bastasse, a reputação do maestro de orquestra como conquistador também era conhecida. Ou o que é a mesma coisa: se juntaram a fome e a vontade de comer.

A festa continuou seu curso, enquanto eu, vítima de pouca experiência, ou estupidez, ou o que quer que fosse, não encontrei maneira melhor de me vingar

do que beber o máximo de drinques que pudesse durante os intervalos entre as danças; logo depois, levantei-me para dançar em uma condição pior do que inconveniente. Digamos, em estado de emergência.

Embora, é claro, eu não estivesse ciente disso. Portanto, quando percebi que o flerte infame (e mútuo) havia se tornado ofensivamente notório, interrompi a dança, disse a Pina que me esperasse ali por um momento e decidi me encaminhar para o palco onde estava a orquestra. Uma vez lá, exibindo meu comportamento corajoso, agarrei a batuta de Juan García Esquivel, exclamando algo como "Dá isso aqui!". E então veio o melhor de tudo: o ilustre maestro disse-me com entusiasmo desconcertante:

– Ora! Eu já dizia que um aluno deste campus poderia reger minha orquestra tão bem ou melhor que eu. Vá em frente!

Ele me deu um tapinha no ombro e me deixou ali, na frente de seus músicos (que ainda tocavam como se nada tivesse acontecido), saiu do palco… e começou a dançar com Pina.

Pouco antes, no final do primeiro ano da Faculdade de Engenharia, recebi a lamentável notícia de que havia reprovado em duas disciplinas: mecânica e topografia. Por isso, tive de solicitar dois exames extraordinários, no primeiro dos quais (de mecânica) tive a benevolência do examinador, nada menos que o eminente cientista professor González Graf, que me deu a indulgente nota 8. Mas na outra matéria (topografia) aconteceu o contrário comigo; o examinador, professor Esteban Salinas, deu-me um 5 que me pareceu totalmente injusto, pois confirmei com um amigo (Jorge Casas Lecona, que tinha feito o mesmo exame) que o meu trabalho deveria ter recebido pelo menos a nota 7. Assim, decidi que deveria reclamar com ele imediatamente. Se bem que, para dizer a verdade, não fiz essa reclamação tão "imediatamente" como havia proposto, pois a fiz precisamente na noite daquele baile em que Pina Pellicer havia pisado cruelmente no meu orgulho. E a reclamação, é claro, foi feita quando esse orgulho foi regado a um bom número de cubas-libres.

Encontrei o professor no bar instalado embaixo da escadaria do Palácio da Mineração, local aonde fui com a intenção de acrescentar outra cuba ao recipiente do meu corpo, depois de ter "dirigido" a orquestra de Juan García Esquivel enquanto ele dançava com minha namorava e me fazia dançar.

– Meu exame merecia pelo menos um 7 – eu disse ao professor Salinas quando o alcancei. O tom da minha voz era áspero e com um volume que permitia ser ouvido por todos ao nosso redor.

– Provavelmente a nota desse exame deveria ter ficado entre 6 e 7 – respondeu-me o professor Salinas.

Sua resposta foi dada com uma naturalidade desconcertante, o que me fez

hesitar um pouco antes de exclamar com a mesma arrogância inicial:

– E então por que diabos o senhor me deu um 5?

– Porque não é conveniente para você estudar essa carreira.

A explicação foi ainda mais intrigante do que a primeira resposta à minha afirmação. Mas minha perplexidade foi superada pela raiva que me causou o que eu considerava a pior injustiça, então segurei o ilustre professor pelas lapelas, enquanto dizia ameaçadoramente:

– Sabe o que vou fazer?

– Suponho que vá tentar me bater – respondeu ele com uma naturalidade irritante. – E talvez consiga – ele acrescentou –, já que você gosta de boxe, e eu não me destaco nos esportes. Mas isso não vai ajudar você a superar os obstáculos que você vai encontrar no estudo desse curso.

Para falar a verdade, não lembro se foram exatamente essas as palavras que o professor Salinas usou naquela ocasião, mas tenho certeza de que foi esse o sentido de sua resposta. Então a perplexidade venceu a coragem novamente; e ainda mais quando ele acrescentou, intrépido:

– Veja bem: isso não significa que você não tenha capacidade para estudar. E é até provável que tenha facilidade para matemática e outras disciplinas semelhantes, mas garanto que seu futuro está em outros territórios.

Também não consigo lembrar se foi a formulação exata com o qual ele continuou seu conselho, mas sei que, felizmente, minha agressividade desabou a partir daquele momento, de modo que o confronto não passou disso. E também sei que muito, muito tempo depois, enquanto gravava um dos meus programas na Televisa San Ángel, recebi a agradável visita de um professor, já avançado na idade, que me disse:

– Sou o engenheiro Esteban Salinas, professor da Faculdade de Engenharia. Por acaso você se lembra de mim?

– Por acaso, não – respondi. – Lembro-me do senhor com todo detalhe e com a maior gratidão.

O professor sabia o que eu queria dizer. E, depois de relembrar os velhos tempos, unimo-nos em um abraço caloroso.

* * *

Certa ocasião, participei de um autêntico safári de caça, em um grupo formado por meu irmão Paco, Carlos Hernández, Héctor Cuéllar e Sergio Gual, o amigo fortão que fracassou como boxeador, mas triunfou como arquiteto e pintor. O local escolhido para a aventura foi uma fazenda do tio de Sergio que ocupava grandes terras no litoral de Tamaulipas,[19] próximo à foz do rio Soto la Marina. Naquela época, a viagem incluía uma série de adversidades, entre as quais se

destacavam as estradas desniveladas que haviam sido inundadas por fortes tempestades. Estávamos a bordo de dois veículos, um Jeep e um Land Rover, que atolavam com uma frequência enlouquecedora, obrigando-nos a realizar as manobras mais exaustivas para que pudessem retomar o trajeto. Porém, chegou um momento em que não havia manobra que nos permitisse resgatar o Land Rover, por isso fomos obrigados a abandonar o referido veículo no meio da Sierra Tamaulipeca e passar bagagens, armas e outros pertences para o Jeep, a bordo do qual continuaríamos a viagem, os cinco aventureiros.

Mas os imprevistos continuaram surgindo, até que recorremos a uma manobra mais eficaz: a que realizávamos quando conseguíamos antecipar a proximidade de um lodaçal. A manobra consistia na descida imediata de quatro de nós para empurrar o Jeep, ao mesmo tempo que nossa descida aliviava o peso do veículo. O quinto passageiro ia obviamente ao volante e pisava no acelerador até o limite. Mas logo depois, nem isso foi suficiente: o Jeep também se deu por vencido.

Então, carregamos o indispensável e começamos a caminhar até percorrermos os dezesseis quilômetros que ainda nos separavam de nosso destino. Cruzamos veredas, campos e planícies, todos forrados por uma camada grossa de lama que grudava na sola das nossas botas, fator que exigia um grande desperdício de energia a cada passo dado. Com tudo isso, é fácil imaginar o estado de exaustão em que chegamos à fazenda, o que aconteceu cerca de seis ou sete horas depois de iniciarmos a marcha a pé.

Encostei-me na parede e deslizei até me sentar no chão. A cerca de três metros de distância, sobre uma mesa rústica, estava o tesouro mais fabuloso que alguém poderia imaginar: um garrafão de argila cheia de água fresca. De um lado estavam os copos, também de barro, mas não tive forças para me levantar e ir até o garrafão. Então, meu irmão Paco percebeu, encheu um dos copos com água e levou até onde eu estava. Em seguida, ele também se serviu de um, avisando-me:

– Beba devagar… aos poucos… Senão, não vai te fazer bem.

No dia seguinte, a caçada começou. E o que eu fiz? Bem, coloquei-me a caçar: matar pombos, águias, tatus, texugos e não me lembro mais o quê.

Como já contei, em Guadalajara, tinha caçado um passarinho com uma espingarda que meu tio Óscar me dera quando eu tinha
8 anos, ação que havia me deixado muito orgulhoso… até mostrar aquele troféu à minha tia Emilia (o passarinho morto), e ela me dizer: “Por que você fez isso? Aquele pobre passarinho lhe fez algum mal?”. Na colônia Del Valle eu havia caçado pássaros e lagartos com estilingue, mas, doze anos depois, seria válido usar como desculpa o fato de que não havia nenhuma tia Emília ali que reprovasse minha “façanha”? Seria muito confortável, não seria? O caso era que eu me encontrava em um lugar selvagem na costa de Tamaulipas, munido de

uma arma de verdade (pouco comum, aliás, porque tinha dois canos: um de fuzil calibre .22 e outro de uma espingarda .410), e eu sentia que era “o cara do filme”.

Porém, depois de alguns dias, comecei a ter dúvidas, as quais expressei sem muito entusiasmo na frente de meus companheiros aventureiros e que foram imediata e habilmente refutadas.

– Se você come um bife – disse um –, é porque alguém matou uma vaca, não é?

– E o mesmo quando você come frango – disse outro.

– Bem, sim – objetei fracamente. – Mas o que acontece no caso de um tigre, por exemplo? Você não come o tigre.

– Não, claro que não – comentou um terceiro –, mas os caçadores só matam os velhos, o que para eles é até um favor, porque nós os privamos dos sofrimentos da velhice.

– Exatamente – alguém interveio. – A gente nem mesmo toca nos filhotes e nas fêmeas.

Os argumentos pareciam sólidos. Mas eu não estava muito convencido do que dizíamos, e perguntei coisas como:

– E no caso das águias?

– A mesma coisa: só matamos os machos velhos.

Então parei de insistir. Embora seja verdade que eu poderia ter perguntado: “Como você sabe quando a águia é um ‘águio’? E como você consegue saber quando eles estão velhos? Não vai ter as que vão morrer cedo, antes da hora?”. Enfim…

Felizmente, havia outras atividades além da caça que também ocupavam nosso tempo. Uma delas era a equitação, atividade em que eu tinha muito pouca prática, ao contrário de Sergio Gual e do meu irmão Paco, que eram cavaleiros experientes. Minha inexperiência tornou-se mais do que evidente quando montei uma égua que começou a correr sem mais nem menos, antes que eu tivesse dado o menor comando para ela fazer isso, e a uma velocidade que ultrapassava completamente meus moderados anseios de Cavaleiro Solitário.[20] E, como se isso não bastasse, eu tinha a intenção de galopar por um caminho à esquerda, mas a estúpida égua virou à direita, de modo que eu, no caminho que estava seguindo, voei para a esquerda, enquanto a égua se aproximava da sombra de uma árvore que, segundo me explicaram depois, era o “amor” daquela besta (a besta era a égua, não eu). No entanto, também é possível que tudo se devesse a uma falta de coordenação; isto é: se o cavaleiro quiser virar à esquerda, o cavalo também deve virar à esquerda. E, na pior das hipóteses, se o cavalo já estiver determinado a virar para a direita, deveria avisar, não é?

Essa não foi minha única experiência lamentável em relação aos equinos. Outro dia, por exemplo, eu estava montando um cavalo que não tinha nada a invejar ao Rocinante, o cavalo do Cavaleiro da Triste Figura,[21] quando me ocorreu que eu poderia pular um "obstáculo", que na verdade era um arbusto que tinha não mais do que vinte ou trinta centímetros de altura. E nós conseguimos! O cavalo deu um salto perfeito pelo matagal até chegar ao lado oposto… onde estava o problema, porque o que havia ali era um pântano. Sim: um daqueles pântanos de cinema, onde se começa a afundar lentamente e, de repente, encontra-se ao lado o esqueleto de alguém que há muito tentou fazer o mesmo! Bem, a verdade é que não havia esqueleto. E também eu não estava afundando, mas o cavalo sim! Em menos tempo do que eu levei para contar, as pernas do cavalo afundaram até que sua barriga repousasse na superfície do pântano. Então fiquei automaticamente parado naquela superfície, mas com a feliz diferença de que meu pequeno peso me impediu de afundar. E não precisei dar mais do que cinco ou seis passos para sair da zona de perigo.

No entanto, o infeliz cavalinho parecia continuar afundando, não tão rapidamente quanto no início, mas o suficiente para despertar pena. Consegui puxar as rédeas, com a ajuda de um pedaço de pau, e fiz o possível para ajudar o animal a sair do pântano, mas não consegui. Até que, felizmente, ouvi vozes dizendo:

– Deus! O que aconteceu? O que é isso?

Era meu irmão Paco, que vinha montado na égua que antes tinha me derrubado, acompanhado de um dos peões da fazenda, que cavalgava outro cavalo. E eu não precisava explicar o que estava acontecendo, pois era evidente. Mas então, Paco e o peão prenderam meu cavalo (com as amarras de seus próprios animais) e puxaram com ousadia até que o infeliz bichinho conseguisse sair da armadilha em que havia caído. Uma vez fora do pântano, ele fugiu dali a toda velocidade.

– Pobrezinho! – exclamou Paco. – Parece que viu o diabo.

– Bem, não – esclareci. – O desconcertante foi justamente a falta de reação dele: afundou com a mesma facilidade com que teria pastado.

– Bem, leve em consideração que é um cavalo… um animal.

Eu já havia percebido. Mas em cães, por exemplo, você nota quando eles estão tristes; tigres e leões permitem que você veja claramente quando eles estão com raiva e querem te devorar; as tartarugas mostram na cara como deve ser enfadonho ter nascido tartaruga; e há até os organizadores de passeatas que fazem cara de alguma coisa em determinadas circunstâncias.

* * *

Dias depois, chegou a hora de começar a viagem de volta, mas, como devem se lembrar, nosso Jeep havia ficado preso no atoleiro, a uma boa quantidade de quilômetros de distância, enquanto o Land Rover havia sido abandonado em um lugar ainda mais distante. Este último seria finalmente resgatado depois de vários meses por pessoas a serviço de Sergio Gual, enquanto o Jeep acabou sendo habilitado de uma forma curiosa.

Estávamos perto de uma cidade chamada La Pesca, na foz do rio Soto la Marina, quando vimos um pequeno avião pousar na rudimentar pista de pouso perto da cidade. Era pilotado por um estadunidense que logo puxou conversa conosco, quando soube que o problema do Jeep era o desgaste dos parafusos de uma das rodas.

– Isso não é problema nenhum – disse-nos o simpático vizinho do Norte. – Vou cruzar a fronteira agora mesmo e vou trazer as peças de reposição necessárias (lembro que ele disse isso em inglês; o que não lembro é como se diz isso em inglês).

Mas ele fez o que disse e logo estava de volta com os parafusos que havíamos especificado para ele, que foram imediatamente presos à respectiva roda do jipe. E a questão estava resolvida!

Muito tempo depois, aconteceu algo que me fez lembrar daquela circunstância trivial: um criminoso conhecido e perigoso, de sobrenome Copland, escapou de forma incrível da prisão da Cidade do México, onde estava confinado: ele o fez a bordo de um helicóptero que pousou no pátio da prisão como se nada estivesse acontecendo, e então saiu dali com toda tranquilidade. Posteriormente soube-se que o helicóptero tinha voado até que seu passageiro (Copland) fizesse uma conexão com um avião particular que o levaria ao outro lado da fronteira. A transferência do helicóptero para o avião ocorrera em uma pista rudimentar perto da cidade de La Pesca, na foz do rio Soto la Marina. Era, sem dúvida, uma das muitas vias clandestinas que o tráfico organizado de drogas havia construído.

Assim que o Jeep foi consertado, começamos a voltar, nem mesmo suspeitando de que a viagem de volta seria ainda mais complicada do que a de ida. Porém, não é necessário citar os novos contratempos, visto que eram semelhantes aos anteriores, já descritos; com o agravante de que uma tempestade nos obrigou a pernoitar na rústica escolinha de um povoado, único abrigo coberto que pudemos encontrar. Ali, suportando a inevitável insônia produzida pela chuva, pelos trovões e pelo frio mais intenso que já senti na vida, mais uma vez me lembrei da frase de minha tia: “Por acaso esses pobres bichinhos lhe fizeram algum mal?”.

Depois chegamos a Ciudad Victoria, onde deveríamos embarcar no ônibus que nos levaria de volta à Cidade do México, mas a partida dele foi anunciada

muitas horas depois, então foi necessário encontrar algo para ocupar o tempo de espera. Enquanto pensava a esse respeito, entrei na igreja (catedral?) que ficava em frente à praça principal da cidade.

Naquele momento, não estava acontecendo nenhuma cerimônia, então havia muito poucas pessoas dentro da igreja; apesar disso, os alto-falantes estavam funcionando, e delas surgia uma música que parecia vir do infinito, como os cantos gregorianos, a beatitude feita melodia, em uma harmonia de vozes que pareciam sugerir o mais sublime dos êxtases. Acrescente a isso o aroma que inundava a atmosfera (aquele aroma resultante da mistura de incenso e lírios), e você entenderá o estado de misticismo em que caí profundamente. *Este é o ambiente ideal*, pensei. *O ambiente de paz e tranquilidade em que eu gostaria de passar a vida inteira, vacinado contra a epidemia das tentações e longe dos ruídos mundanos* (expressão esta última que me parece muito precisa, mas de cuja autoria não tenho certeza). Ou seja: em vez de mostrar o desejo de trabalho e esforço que tem motivado tantos santos, eu estava apenas sendo cativado pela possibilidade de viver sem preocupação alguma.

Então, saí da igreja e fui encontrar meus companheiros de caça, que estavam sentados em um banco da praça, assistindo ao desfile das moças do povoado. Trata-se daquele costume que existia em muitas partes do interior mexicano: as moças caminham na praça em uma direção, enquanto os rapazes caminham na direção oposta. Isso faz com que troquem sorrisos, olhares, gestos e outros sinais do repertório de conquistas, até que, se o processo der certo, os jovens acabem caminhando aos pares. Mas meus amigos e eu estávamos cansados demais para ficar dando voltas, então nos resignamos a ser deixados de fora daquele jogo de galanteios e apenas nos sentamos no banco. No entanto, notamos que algumas moças lançavam olhares fugazes, mas contínuos, sempre que passavam na nossa frente, do que se pode deduzir que logo depois já estivéssemos caminhando com as ditas moças. Mas meu cansaço era tão grande que preferi avisar María de la Luz (é o nome daquela que sobrou para mim) e sugeri que nos sentássemos num banco.

E, paradoxalmente, foi daí que veio a parte boa.

– Se você está muito cansado – disse-me María de la Luz –, que tal irmos ao cinema? Está passando um filme do Pedro Infante[22] que quero muito ver.

Ela não precisou me sugerir duas vezes, então em dois minutos estávamos na porta do cinema, onde surgiu um novo problema: eu não tinha um centavo para comprar os ingressos.

– Mas não vai nos custar nada – ela me disse quando mencionei minha situação financeira. – É um primo meu quem está conferindo os ingressos na entrada.

– É que eu não tenho nem para comprar pipoca – esclareci para evitar constrangimento posterior.

– Então ficamos sem pipoca – respondeu ela. – Além disso: não gosto de pipoca nem de nada disso. Eu gosto mesmo é do Pedro Infante, e esse é o filme dele.

Foi então que entramos no cinema sem mais delongas. Sentamos numa das últimas fileiras, onde reinava a sombra mais acolhedora, e minutos depois a minha mão já estava no ombro de María de la Luz. O pretexto de que ela gostava do Pedro Infante a mim pareceu muito original e acertado, por isso comecei a lhe dar o que seria uma boa sequência de beijos… até que me dei conta de que aquilo não havia sido um pretexto de forma alguma, mas que, sim, ela de fato gostava mesmo era do Pedro Infante. Ela se emocionava e se comovia quando o ator aparecia na tela, ria alto cada vez que Pedro dizia algo bom e estremecia às lágrimas com cada uma das canções que o galã cantava.

Terminado o filme, María de la Luz voltou-se para mim, olhou-me com um sorriso doce e beijou-me carinhosamente na boca. Por um momento fiquei estático, entre perplexo e estúpido, até que ela me disse:

– E agora eu tenho que ir, porque na saída minha prima vai estar com minha tia, que veio para buscá-la. Mas, antes, deixe-me te dizer uma coisa – acrescentou, voltando a me olhar com atenção. – Eu te garanto que a partir de agora você vai estar na minha mente, logo depois do Pedro Infante.

Era um elogio. Eu juro! Pois, ora, não é pouca coisa ocupar o segundo lugar em um campeonato no qual o líder é o ídolo do México.

Então María de la Luz saiu de seu lugar, deixando-me imóvel naquela poltrona de cinema. Mas na minha boca havia ficado o frescor daqueles lábios que me beijaram com ternura, enquanto me ajudavam a resolver um conflito interno. *Gosto muito de cantos gregorianos*, eu disse a mim mesmo, *bem como do aroma de incenso combinado com o perfume de lírios; e também gosto da paz de uma vida tranquila… mas minha vocação deve estar em outro lugar. Lá onde eu posso partilhar minha vida com uma mulher, o que implica que terei de enfrentar os desafios que surgirem no meu caminho e que terei de lutar para levar a cabo o meu projeto de vida*.

Ah, e com certeza terei de lutar também contra os Pedros Infantes que cruzarem meu caminho.

* * *

Quando conheci Graciela, faltavam alguns dias para ela completar 15 anos, enquanto eu já tinha mais de 22. Portanto, naquela época eu estava muito longe de imaginar o quanto aquela garota viria a significar na minha vida. No entanto,

seu cabelo castanho-claro, seu rosto doce e bonito, seu tipo físico delgado e sua altura (um pouco mais baixa do que eu) faziam dela algo que poderia ser descrito como meu ideal de mulher. Por outro lado, para mim foi uma surpresa saber de sua tenra idade, pois naquela época ela trabalhava fazia muito tempo em um banco, para o qual tinha de fingir que era alguns anos mais velha. E esse fingimento funcionou, até mesmo comigo.

O namoro surgiu quase por acaso, pois antes, quando tínhamos muito pouco tempo para nos encontrar, eu tinha pedido a ela para ser minha namorada, e ela disse que não, mas, quando percebeu que eu estava encolhendo os ombros com um gesto de resignação, ela se apressou a esclarecer:

– Mas a última coisa que morre é a esperança.

Portanto, logo depois disso, insisti na mesma coisa. Dessa vez, o cenário era uma sorveteria que estava começando a ficar na moda em Del Valle naquela época; e, segundo o que a própria Graciela me confessou algum tempo depois, também nessa ocasião ela estava a ponto de dizer não, mas aconteceu que naquele preciso momento aquela namorada que eu tinha antes, a Cuco, estava chegando na sorveteria, motivo suficiente para Graciela mudar de ideia e dizer sim. E tenho certeza de que nenhuma das duas imaginou que o relacionamento duraria muito.

Graciela era a terceira de cinco irmãs: Esther (que mais tarde se casaria com o arquiteto Benjamín Bueno), Rosaura, Graciela e as gêmeas Pita e Malú (posteriormente casadas com Patricio Molina e Segundo Peña, respectivamente). Seus pais eram: Carlos Fernández e Esther Pierre de Fernández. Todos eles, pais e irmãs, pessoas excelentes. Malú, linda por fora e por dentro, faleceu quando o novo milênio já havia começado.

V

Eu ainda fazia faculdade de Engenharia (com resultados menos do que satisfatórios) e, ao mesmo tempo, tinha conseguido alguns trabalhos que me ajudavam a ganhar algum dinheiro para custear despesas pessoais. O último desses trabalhos foi na La Consolidada, empresa que fabricava vigas, vergalhões e outros itens de aço. No entanto, tinha dois grandes inconvenientes: por um lado, o local de trabalho ficava tão longe da minha casa que eu tinha de pegar dois ônibus para chegar (o que me exigia passar muito tempo no transporte público, com a consequente necessidade de acordar muito cedo); por outro lado, é difícil imaginar um trabalho mais entediante do que o que eu desempenhava, o dia inteiro consultando um livro (o *Manual Monterrey*) para calcular a quantidade de rebites que uma certa viga deveria ter para sustentar determinado peso. Assim, como quem não quer nada, comecei a procurar vagas de emprego nos jornais.

"Precisa-se de aprendiz de produtor de rádio e televisão e aprendiz de redator". Era o que dizia o anúncio que me levou a me candidatar a uma vaga na Publicidad D'Arcy, fato que marcou o primeiro passo que dei para mudar completamente a trajetória da minha vida.

A agência de publicidade era em uma casa que ficava na avenida Reforma, em um terreno vizinho ao primeiro setor do que então era o Hotel Continental. A primeira coisa que vi ao entrar no saguão da casa (que sem dúvida tinha sido um casarão residencial luxuoso) foi a escadaria dupla que conduzia ao andar superior, que, naquele momento, estava apinhado de gente. Se bem que, para ser mais exato, o que estava apinhado era apenas um dos setores da escada, onde eu calculava que houvesse de cinquenta a sessenta pessoas, ao contrário do outro setor, onde a fila era composta por não mais do que cinco ou seis indivíduos. Ao

entrar, mostrei o anúncio do jornal e disse que estava procurando emprego como aprendiz de produtor. Eles me disseram para entrar na fila do lado direito, aquela com as cinquenta ou sessenta pessoas. Naquele momento, intuí que a fila do lado esquerdo (aquela com cinco ou seis pessoas) era a dos candidatos que aspiravam ao cargo de redator aprendiz, então me apressei a retificar, dizendo que era aquela a função que eu queria. Em outras palavras: meu futuro profissional foi definido pela diferença de tempo que eu deveria passar em uma fila.

O problema surgiu quando me pediram uma amostra de algo que eu tivesse escrito. Porém, lembrei que, pouco tempo antes, eu havia colaborado na redação de um jornalzinho semanal que fazíamos em Del Valle durante o Carnaval e os jogos esportivos; assim, prometi trazer uma cópia de uma matéria assinada por mim no dia seguinte. Naquela ocasião, minha colaboração tinha sido uma coluna humorística chamada “Cuartilla Loca” [Folha Louca]; e creio que foi isso (o humorismo) o que determinou que eu fosse escolhido para o cargo. Ou será que foi por eu ter sido o candidato que aceitou o salário mais baixo? Pode ser, já que a oferta foi de 350 pesos mensais; quer dizer: pouco mais da metade dos 600 pesos que eu ganhava na La Consolidada. No entanto, o trabalho na La Consolidada me entediava tanto que decidi aceitar a oferta da D’Arcy.

Essa decisão não apenas foi o ponto de partida das atividades que governariam o resto da minha vida, mas também veio acompanhada de muitos aspectos positivos: entre eles a amizade que fiz com vários colegas de trabalho, muitos dos quais se tornaram grandes personalidades da televisão mexicana, como Guillermo Núñez de Cáceres, Mario de la Piedra, Rafael Matute, Humberto Navarro, Nicky Tavares e muitos outros. Também tive o privilégio de aprender com vários chefes, entre os quais posso destacar dom Humberto Sheridan, diretor dos publicitários, a Sra. Catalina Knizek, dom José Luis Mendoza e o diretor-geral da agência, dom Carlos Riverol del Prado, criador do Monje Loco, da Bruja Maldita e de Carlos Lacroix, todos personagens famosos do rádio.

– Como anda a sua datilografia? – perguntou-me o Sr. Riverol no meu primeiro dia de trabalho. – Porque em uma agência de publicidade há momentos em que é preciso entregar o trabalho com rapidez.

– Bem – respondi com uma expressão envergonhada –, não encostei em nenhuma máquina de escrever nos últimos dois anos.

– Tudo bem. É só uma questão de tirar o atraso.

Eu havia respondido a verdade: nos últimos dois anos, não tinha encostado em uma máquina de escrever. O que não especifiquei foi que também não o fizera em todos os anos anteriores da minha existência. Portanto, quando algum executivo entrava, eu precisava fingir que estava pensando, para que eles não percebessem que eu estava aprendendo a datilografar. Embora, felizmente, eu

deva dizer que o aprendizado foi bastante rápido.

Outro aspecto positivo foi o colega de trabalho com quem eu dividia o escritório: o magnífico escritor e incrível publicitário Juan Lozano. Juan foi o criador, entre outras coisas, de um programa de televisão que eu herdaria como escritor: *El estudio Raleigh de Pedro Vargas*[O estúdio Raleigh de Pedro Vargas].

Mas a melhor parte foi perceber que era uma atividade que eu adorava fazer. Então, pensando que esse poderia ser o meu futuro, eu me dediquei a aprender a manusear da melhor maneira possível a ferramenta básica: o idioma. Isso eu fiz de forma autodidata, de modo que me faltava um método que facilitasse esse aprendizado, mas superei a defasagem com determinação e empenho. Se me deparasse com alguma dúvida de ortografia, por exemplo, escreveria repetidamente as palavras que continham a mesma questão ortográfica. E fazia o mesmo quando encontrava palavras cujo significado eu não conhecia: procurava esse significado e escrevia frases que incluíam a palavra. Consultava também tudo o que encontrava sobre pontuação, sintaxe e outros elementos da escrita. (Destaco o excelente livro *Ciencia del lenguaje y arte del estilo*, do escritor e linguista espanhol Martín Alonso.) E não muito depois pude participar de algo que me ajudou a comprovar a utilidade dessa disciplina.

O jornal *La Afición* [A Torcida] havia organizado um concurso relacionado à redação esportiva (a especialidade desse jornal) que solicitava o envio de um artigo que abordasse os Jogos Pan-Americanos de 1955, cuja sede tinha sido a Cidade do México. E, para mim, um fã de esportes, não foi muito difícil escrever algo sobre esse tema. No meu artigo, comecei destacando o novo recorde mundial de salto triplo, então estabelecido por um atleta brasileiro;[23] prossegui listando outros momentos estelares; destaquei a organização excelente, que, a meu ver, merecia duas medalhas de ouro simbólicas: uma “por equipes”, para o Comitê Olímpico, e outra “individual”, para o chefe da equipe, o general Clark Flores; e terminei com um desejo que na época parecia um sonho inalcançável, mas que acabou sendo uma feliz premonição, pois sugeri que a organização bem-sucedida poderia ser um argumento para pleitear a sede dos Jogos Olímpicos. Como se sabe, a previsão se concretizou treze anos depois. E, como não se sabe (mas aqui eu cuido para que saibam), o júri do concurso determinou que havia empate no primeiro lugar… e que um dos vencedores se chamava Roberto Gómez Bolaños. Não preciso dizer a alegria com que fui ao *La Afición* para receber meu prêmio.

* * *

Um dos primeiros trabalhos de que me encarreguei foi a elaboração de

roteiros para um programa de rádio que se chamaria *Galería musical* [Galeria musical]. Cada transmissão seria dedicada a um compositor de renome, com uma seleção de três ou quatro das suas canções mais conhecidas e com a dramatização de algumas anedotas pessoais, e, para esse objetivo, seria necessário entrevistar os compositores. Foi assim que tive a oportunidade de conhecer pessoalmente vários dos mais famosos compositores do país, entre os quais devo destacar Manuel Esperón, Gabriel Ruiz, Gonzalo Curiel, Manuel Álvarez "Maciste" e, claro, Agustín Lara, compositores de muitas das canções mexicanas mais conhecidas. Essa experiência me deixou ótimas lembranças, como a oportunidade de conversar com meu compositor preferido: Gonzalo Curiel. (Aliás, demorou 45 anos para que eu conhecesse seu filho e homônimo, um episódio afortunado que ocorreu nas instalações da Sociedade de Autores e Compositores, onde ele trabalha) Mas essas entrevistas também me deixaram memórias com elementos de inevitável tristeza. Refiro-me principalmente à entrevista que fiz com o então famoso Manuel Álvarez, apelidado de "Maciste", autor de belas canções, como "Virgencita de Talpa", e da deliciosa melodia que compôs para o não menos delicioso poema de Andrés Eloy Blanco, "Angelitos negros". Os elementos de tristeza surgem da lembrança do lugar onde tive de fazer a entrevista: o pobre quarto de serviço de um prédio de apartamentos muitíssimo modesto; um cômodo que consistia em todo o seu lar e que ficava localizado na cobertura do prédio. Havia um banheiro comum para vários cômodos semelhantes.

É que naquela época se podia contar nos dedos das mãos os compositores que se davam ao luxo de viver da sua música, pois não existia, entre outras coisas, uma organização que reunisse (e defendesse) os criadores de tantas melodias e tantas letras de músicas que surgiram no México e que correram o mundo. E deixo claro que me refiro ao que acontecia no México (e talvez em toda a América Hispânica), pois, se Maciste tivesse sido estadunidense, por exemplo, a melodia de "Angelitos negros" teria lhe proporcionado renda suficiente para viver sem preocupações durante boa parte de sua vida.

* * *

Entre as grandes vantagens que encontrei na minha trajetória na agência D'Arcy estava a diversidade de trabalhos, pois escrevi textos que variavam de um anúncio a uma legenda de pôster, à apresentação de um programa de rádio ou televisão, a um *jingle* e assim por diante. Aliás, a respeito deste último, lembro-me de ter escrito a letra de um bom número de *jingles* para os Chicletes Adams, a maior parte deles cantados pelo excelente trio de Tamaulipas chamado Hermanos Samperio. (Na realidade, eles eram cinco ou seis irmãos que

substituíam uns aos outros para formar o trio. Mas todos eles eram excelentes cantores e músicos.)

Entre os anúncios, tenho o orgulho de destacar um *slogan* que fiz para os caminhões de carga da Chevrolet, que dizia algo como: “Caminhão Chevrolet. Rende mais e jamais se rende”. O difícil, por outro lado, era vender serviços funerários, porque não há muita gente desejando comprar esse tipo de coisa. Por exemplo, rejeitaram um anúncio meu que dizia mais ou menos assim: “Quer morrer com todas as pompas? Conheça a Funerária Poyoso. Aqui sua morte será a melhor”.[24]

Porém, o segmento que finalmente me atraiu foi o que se referia à parte artística. E isso começou no dia em que o Sr. Riverol me disse:

– Você tem um certo senso de humor. Por acaso se considera capaz de escrever as falas de um programa de comédia para o rádio?

– Bem, seria o caso de tentar – respondi, lembrando que nas festividades dos Aracuanes eu havia escrito a maioria dos esquetes que costumávamos apresentar.

– Então – acrescentou meu chefe –, vá esta tarde à W – (a famosa rádio) – e estude o estilo de comédia de Viruta e Capulina.

– Quem são essas senhoras? – perguntei.

– Não são senhoras; são cavalheiros. Homens que formam uma dupla de musicais excêntricos, e parece que estão começando a fazer sucesso.

O termo “musicais excêntricos” era aplicado a comediantes que intercalavam canções festivas com diálogos cômicos, e que estavam muito em voga naquela época. Os mais famosos foram, de longe, Tin Tan e Marcelo, que já tinham atuado em alguns filmes; na sequência vinham Manolin e Shillinsky, outra dupla muito simpática. Viruta e Capulina, segundo me informaram, começavam a figurar em terceiro lugar nesse *ranking*.

Por isso fui à XEW,[25] em cujo Salão Azul e Ouro Viruta e Capulina se apresentavam. E, para falar a verdade, a mim eles pareceram muito simpáticos, o que facilitou a tarefa de escrever um roteiro de rádio para eles. Depois, quando ouvi o programa no ar, percebi que as pessoas riam muito das minhas piadas. (Somando-se a isso, é claro, a boa atuação dos comediantes.) Com esse estímulo, escrevi os roteiros seguintes, e o resultado não só foi o mesmo, como também os comentários positivos foram aumentando. Naquela época, o programa durava apenas 15 minutos, mas, devido à boa recepção do público, o patrocinador decidiu estendê-lo para meia hora. E pouco tempo depois atingiu o primeiro lugar na classificação da rádio, pelo que recebi os parabéns dos Chicletes Adams, que eram o cliente patrocinador.

E, como se isso não bastasse, o mesmo cliente me perguntou se eu achava que poderia escrever algo semelhante para a televisão. Respondi que sim, mas

ressaltando que não seria algo “semelhante”, já que rádio e televisão eram duas coisas diferentes. Desnecessário dizer que eles gostaram da minha observação. Assim, pouco depois, estrearia no Canal 2 um programa que logo se tornaria famoso: *Cómicos y canciones Adams* [Comediantes e canções Adams]. Não era minha primeira experiência como roteirista na televisão, já que antes havia escrito quatro ou cinco roteiros cômicos para Manolín e Shilinsky em um programa chamado *Concierto General Motors*[Concerto General Motors], e foi aí que eu tinha notado a diferença fundamental entre o rádio e a televisão: a ação, como um complemento ao diálogo, mas com prioridade sobre ele.

Viruta, que servia de “escada”,[26] ou personagem coadjuvante, na verdade se chamava Marco Antonio Campos. Até pouco antes daquele dia, ele levava uma vida muito conturbada, na qual se destacavam o alcoolismo e a fixação por mulheres. Quanto à bebida, Viruta tinha realizado a grande façanha de cortar o vício pela raiz. E se manteve firme ao menos pelos quinze anos seguintes, em que trabalhamos juntos, o que revela uma força de vontade mais do que admirável; principalmente considerando que ele já tivera de ser hospitalizado por ter sofrido alucinações de todo tipo. “Meu café da manhã”, contou ele, tempos mais tarde, “era uma garrafa de tequila.” Ele havia estudado apenas até o sexto ano do fundamental, mas a leitura diária tinha lhe proporcionado conhecimentos que o permitiam sustentar uma conversa de bom nível cultural. Quanto a seu gosto por mulheres, isso é algo que ele nunca abandonou. E pode-se dizer que foi invejado por mais de uma estrela de cinema, pois teve romances com um bom número de beldades de todas as classes sociais. Diziam que isso nada mais era do que uma consequência da “maestria” que ele tinha adquirido como cantor nas mais famosas casas de prostituição, entre as quais a governada pela famosa Graciela Olmos, apelidada de “La Bandida”, que também era compositora de boas canções. (Segundo se contava naquela época, duas de suas composições mais conhecidas eram “El Siete Leguas” e “El corrido del bracero”.) Viruta dizia que tinha sido nessas casas que ele aprendera algumas máximas que sempre funcionaram em relação à lida com as mulheres, como aquela que dizia: “O que não comprar agora reserve para depois”, com o que ele queria dizer que você deve mostrar interesse por todas as mulheres que conhece, pois podia acontecer de mais adiante surgir a oportunidade de esse interesse passar a algo mais. Ou outra, que dizia: “Peça sexo a todas; umas vão dar, outras não, mas todas ficarão muito agradecidas”. E tudo isso fazia dele o centro das atenções de todas as festas e reuniões, nas quais dava mostras de simpatia… ao contrário de sua atuação profissional, quando, segundo ele próprio dizia, tornava-se antipático. Paradoxalmente, isso era muito útil para a dupla, pois servia para acentuar o humor natural de Capulina, que desempenhava o papel engraçado.

Gaspar Henaine (Capulina) era gordinho desde a infância, o que mais tarde se tornou uma característica positiva de sua atuação, já que sua personalidade e sua aparência sempre tiveram jeito infantil, apesar de esta última, a aparência, corresponder à de um homem corpulento. No entanto, talvez tenha sido justamente esse detalhe que ajudou a moldar uma personalidade comicamente infantil. Tinha uma preparação intelectual muito inferior à de Viruta, mas era, por outro lado, um ator melhor. E o contraste com o seu parceiro era sempre perceptível: Viruta era antipático no palco, mas se tornava o centro das atenções nas reuniões privadas; já Capulina era um ímã que esbanjava simpatia no palco, mas não tanto na vida social. O que se tornou indiscutível foi o sucesso que a dupla logo alcançou, fato que coincidiu, felizmente, com a parceria profissional que estabelecemos pouco depois.

VI

Muito tempo antes, quando eu cursava o 2º ano do ensino médio no Instituto México, um colega de classe, Fernando Pacheco, convidou-me para fazer parte do grupo de teatro experimental que ele e outros colegas haviam formado.

– Eu? – perguntei-lhe entre surpreso e indignado. – Fazer papel de ridículo na frente das pessoas? Jamais!

No entanto, o futuro se encarregaria de enviar essa convicção ao grande depósito de promessas não cumpridas. Como algo assim poderia acontecer? Pela inesperada ausência de um ator no programa *Cómicos y canciones*, numa época em que a televisão era feita ao vivo, em tempo real (em preto e branco, é claro) e sem o recurso do tão falado *teleprompter* eletrônico. Este último nada mais é do que uma espécie de contrarregra, um auxiliar com que o teatro contava havia muito tempo e que na televisão foi substituído por vários recursos, sendo o mais comum a colocação de "colas" (letreiros) em locais estratégicos da cenografia. Isso, igual ao que acontecia no teatro, não era mais do que um auxiliar de memória, não um substituto para ela. Em outras palavras: de nada serviria a um ator que não conhecesse o texto que deveria representar. No entanto, naquela ocasião, havia alguém que, sim, conhecia o texto, já que o tinha escrito – eu.

Dessa forma, não me restou outra escolha a não ser "assumir o papel", como dizia o jargão correspondente, por isso li depressa o roteiro para reforçar a memória e me lancei à aventura.

– Ouça: você foi muito bem – disseram-me vários técnicos e até mesmo um ator ou outro. – Por que não atua de novo?

E voltei a fazê-lo em várias ocasiões, embora a ética pessoal me indicasse que, já que eu os tinha escrito, os meus papéis deveriam ser pequenos, para não competir com aqueles que desempenhavam os papéis principais, como Viruta,

Capulina, cantores e outros atores coadjuvantes. No entanto, as pessoas logo começaram a me reconhecer, principalmente pelos saltos, pelas quedas e por tudo que exigia agilidade e habilidade atléticas, qualidades que minha prática contínua de vários esportes havia me proporcionado – aqui foi útil até a experiência adquirida como lutador, porque eu sabia "interpretar" bem esse papel.

E, assim, houve um dia em que pensei que já era famoso. Aconteceu na saída da Televicentro,[27] onde fui cercado por um grupo de garotos que até pareciam estar brigando para conseguir meu autógrafo. Mas então, quando eu não tinha assinado nem metade dos autógrafos que eles me pediam, o grupo se dispersou e rapidamente foi embora. Levei alguns instantes para perceber que minha carteira tinha desaparecido. Em outras palavras, a "briga" para chegarem perto de mim, que incluíra empurrões e apertos, tinha um objetivo diferente.

* * *

Um dia eu estava na casa de Graciela, minha namorada na época, quando chegou o cunhado do cunhado dela. (Explico: Benjamín Bueno era cunhado de Graciela porque era recém-casado com a irmã mais velha dela; e o que chegou, Panchito Méndez, era casado com a irmã de Benjamín). Logo percebi que Panchito era um cara muito legal, músico de profissão (excelente pianista) e diretor artístico da Peerles, uma das mais importantes gravadoras do país. Ele tinha vindo basicamente pedir a ajuda de dona Esther, mãe de Graciela, para traduzir a letra de uma canção francesa e escrever uma versão desta em espanhol. Isso porque minha futura sogra falava, lia e traduzia perfeitamente a língua francesa.

– Bem, posso fazer a tradução com muito prazer – disse dona Esther –, mas acho que não estou qualificada para escrever a letra de uma canção.

Mas eu poderia tentar, pensei comigo mesmo, *porque gosto de poesia e compus algumas canções com letras e música*. E ousei insinuar:

– E se a senhora fizer a tradução e eu tentar escrever a versão em espanhol?

– Você tem alguma experiência nisso? – Panchito me perguntou.

Expliquei a ele sobre minhas modestas composições, e ele respondeu:

– Bem, não custa tentar.

Foi então que a mãe de Graciela ouviu o disco que Panchito carregava, e bastou uma só passada para fazer a tradução literal para o espanhol. Um momento depois, no entanto, surgiu um problema:

– Não posso deixar o disco com você – disse-me Panchito. – Essa é a única cópia que eu tenho, e preciso dela para trabalhar no arranjo musical.

– Mas então como eu faço para ter a métrica das frases? – perguntei. – Essa

canção é totalmente nova para mim; e minha memória musical não é exatamente a de Mozart.

– Bem, não tem jeito – disse Panchito. – Preciso levar o álbum, porque temos urgência em fazer o arranjo. Mas, bom, vou levar a tradução que dona Esther fez, e vamos encontrar um letrista profissional para cuidar do resto.

– Espera! – apressei-me para dizer quando ele estava prestes a sair. – Posso ouvir o disco de novo? Só mais uma vez.

Panchito olhou para mim com desconfiança e perguntou:

– Você acha que é suficiente para uma pessoa que não tem memória musical?

– É só que… Olha: o significado da letra é muito fácil de memorizar. Já quanto à melodia, posso pensar em algo que poderia funcionar como um gancho para a memória.

Parece que me lembro de sua expressão mudar da suspeita para a curiosidade, quando ele perguntou:

– Ué, como assim?

– Bem, só preciso do caderno e do lápis que a Sra. Esther usou para escrever a tradução.

A exigência era mínima, e então, assim que eu estava armado com papel e lápis, Panchito pôs o disco para funcionar novamente. E o que fiz foi muito simples: em vez de palavras, escrevi números, cuidando apenas para que as sílabas tônicas desses números coincidissem com as tônicas das palavras. Embora, é claro, eu não tivesse certeza se o método funcionaria, já que nunca o tinha usado. Contudo, logo percebi que não apenas funcionava, mas também era fácil de usar. Tanto é verdade que posteriormente recorri a ele em mais de uma ocasião como um auxílio para minhas atividades como compositor.

O melhor foi o desfecho desse episódio, já que a música era “Cerezo rosa” [Cereja rosa], que ganhou o Disco de Ouro daquele ano na versão do trio Los Tecolines, cuja primeira quadra dizia:

> *En jardín de los cerezos*
> *cortaste, niña, aquella flor;*
> *la perfumaste con tus besos*
> *y tu candor.*[28]

Houve apenas um inconveniente: Panchito Méndez não se lembrou do meu nome no momento do registro, então “provisoriamente” ele registrou como autora da letra sua concunhada Esther, esposa de seu cunhado Benjamín. Ainda por cima, o sobrenome dela é Fernández; por isso muita gente pensou que fosse a famosa Esther Fernández, que tinha sido uma renomada atriz do cinema mexicano e fez a protagonista feminina de *Allá en el rancho grande*. Porém, em várias ocasiões, recebi testemunhos de minha autoria dos principais atores do caso, como o próprio Panchito Méndez, o trio Los Tecolines e a mesma Esther.

* * *

Certo dia, não me lembro por que razão, Graciela e eu terminamos nosso namoro. E foi então que percebi que estava apaixonado, pois sua ausência foi muito dolorosa para mim. Por isso, pedi que ela voltasse para mim, ao que ela concordou, dizendo que também estava apaixonada por mim. Então o passo seguinte foi definido: nós nos casaríamos.

Na agência de publicidade D'Arcy, haviam aumentado meu salário para mil pesos. Continuava sendo um salário péssimo, mas percebi isso muito tempo depois, quando tomei conhecimento de quanto meus colegas de outras agências de publicidade estavam ganhando. E, de qualquer forma, Graciela e eu estávamos no melhor estilo *Contigo pan y cebolla*,[29] então, sem perder tempo, começamos a cuidar dos preparativos do casamento. O mais importante era conseguir um apartamento para morar, mas tivemos muita sorte em conseguir um que parecia feito sob medida. Ficava no quarto andar de um prédio localizado na rua Comisión Monetaria, a uma quadra da bem localizada Glorieta del Riviera (depois mudaram o nome dela), e o aluguel era de apenas 200 pesos, o que, no período, era classificado como muito barato. Não tínhamos telefone (e naquela época era muito difícil conseguir um), mas podíamos usar o aparelho geral do prédio, tanto para falar como para receber chamadas. Em ambos os casos, pagávamos uma taxa ao porteiro do prédio, mas era mais barato do que ter nosso próprio telefone. O único inconveniente era o horário, já que o serviço terminava às 21h.

O casamento foi muito simples, pois nenhuma das duas famílias tinha dinheiro de sobra, longe disso. E depois fomos em lua de mel para Acapulco, onde nos hospedamos no barato, mas simpático, Hotel Pacífico, que não tinha piscina.

– Não é necessária – disse-nos o gerente. – Porque se pode dizer que nossa piscina é a Baía de Acapulco. (Ele tinha razão, visto que o hotel ficava em frente à praia da Caleta.)

Posso assegurar que, apesar da condição muito limitada em que vivíamos e das privações a que estávamos submetidos, nossa vida transcorria com grande felicidade. E essa felicidade atingiu um grau superlativo quando nasceu nosso primeiro filho: uma bebê linda que batizamos com o nome de Graciela Emilia. O primeiro nome era obviamente de sua mãe, e o segundo era em homenagem à minha tia Emilia, que seria sua madrinha de batismo, mas que faleceu dois meses antes de minha filha nascer.

* * *

Minha tia Emilia era dois anos mais velha que minha mãe, mas tinha se casado depois, com o engenheiro Óscar Brun Fenelón, da mesma idade dela.

Eles nunca tiveram filhos. Todavia, só muitos anos depois é que minha tia soube que essa incapacidade de ser mãe se devia a uma incapacidade do marido, causada por uma doença venérea que o tinha acometido durante a juventude. Meu tio sempre escondera dela sua condição, de modo que a revelação causou um grande impacto em minha tia. O resultado foi uma repreensão velada e avassaladora, que, no entanto, ela soube como esconder de parentes, amigos e de todos ao seu redor. Contudo, talvez tenha sido essa mesma circunstância, o fato de ter ocultado sua dor, que a fez gradualmente ir se livrando do peso insuportável que constitui o rancor, até alcançar uma paz interior que lhe permitisse recuperar, se não a felicidade total, aquela que seria suficiente para continuar vivendo. Para isso contribuiu, sem dúvida, o sincero arrependimento do meu tio e o tratamento carinhoso que dispensou a ela.

A propósito: no momento em que minha tia estava sendo enterrada, fomos informados de que meu tio Ernesto, o mais novo dos irmãos homens de minha mãe e minha tia, também tinha morrido aos 58 ou 59 anos. Ele também morreu de câncer, depois de ter vivido tranquila e discretamente; sem causar danos; sem gerar ressentimentos; sem causar brigas; sem ofender. Ele foi uma daquelas pessoas que, na opinião de alguns, nunca conseguiu se destacar. Mas não posso ter a mesma opinião, porque tenho certeza de que ele se destacou em algo fundamental: ele foi um bom homem.

* * *

Por outro lado, a pequena Graciela não só se destacou por ser bonita, como também demonstrou possuir uma inteligência precoce, que no dia de seu primeiro aniversário lhe permitiu dizer:

– Eu sou Gacela Gome Fenandez das penas gandes.

Quando sua irmãzinha Cecilia já tinha nascido e estava prestes a segurar um fio elétrico, Gracielita disse a ela:

– Cuidado! Se você pegar isso, você vai ser “eletroputada”!

Como se não bastasse, o nascimento da minha primeira filha concretizou aquela lenda de que bebês chegam trazendo boa sorte para a família, pois coincidiu que, com sua chegada, eu também passasse a ter uma renda maior.

– Eles acabaram de me oferecer algo que poderia ser muito bom – eu disse a Graciela. – É algo como uma pequena remuneração em troca de dedicar um tempo especial aos roteiros de *Cómicos y canciones*.

O dinheiro me seria dado por Viruta e Capulina, mas com o conhecimento e a autorização da D’Arcy.

– Excelente! Quanto vão te pagar por cada roteiro?

– Ainda não combinamos isso. Será o caso de chegarmos a um acordo.

– Ah, sim. Mas você não pensou em quanto poderia pedir a eles?
– Ora, eu não sei. Talvez uns 25 pesos por programa.
– Não! – Graciela protestou com firmeza. – Peça 50 pesos.
– Não é demais?
– Talvez, mas não custa nada tentar.
– Mas existe o risco de assustar o cliente.
– Você acha?
– Não sei. E, por via das dúvidas, tenho uma ideia melhor: deixar que eles deem o valor.

E assim eu fiz. Mas tive de fazer um esforço para esconder a emoção que senti quando Viruta me disse:

– Está bom para o senhor se pagarmos 75 pesos por programa?

E, depois de aceitar, continuei fingindo uma expressão de arrogância em que nem mesmo eu acreditaria, enquanto Viruta acrescentava:

– Só temos que acrescentar uma condição, Sr. Gómez.
– Qual? – perguntei com certo receio.
– Chega de nos tratarmos por "senhor", porra!

E assim começamos a nos tratar de modo mais informal e amigável, o que nos uniu por muitos anos, ao longo dos quais aqueles 75 pesos por programa (que então já significavam 300 pesos por mês) continuaram a aumentar à medida que Viruta e Capulina obtinham melhorias suculentas em seu próprio salário.

* * *

Durante a primeiríssima infância de minha filha, houve dois eventos notáveis, nos quais encontro um ligeiro paralelo simbólico. Uma delas foi a comoção causada pelo terremoto que abalou a Cidade do México em 1957, de cujas consequências uma das mais comentadas foi a queda do anjo que coroava a Coluna da Independência.[30] O outro acontecimento foi a morte do inesquecível Pedro Infante, que continua a ser, até hoje, o mais famoso dos protagonistas que o cinema mexicano produziu. O paralelismo que encontro se refere ao fato de ambos os acontecimentos incluírem a queda, literalmente falando, de dois ícones – o Anjo da Independência e Pedro Infante. E, para acentuar o paralelismo, os dois caíram literalmente, desabando das alturas: o Anjo, do alto da coluna que o sustentava; e Pedro, dos ares que cruzava a bordo de seu avião.

* * *

Infelizmente, minha mãe faleceu quando minha filha Graciela tinha 11 anos, então ela não conseguiu aproveitar as mil qualidades que sua neta desenvolveu até se tornar a mulher bonita e talentosa que é agora. Como minha mãe teria gostado, por exemplo, de ouvir qualquer uma das magníficas palestras que

minha filha costuma dar, sempre revestidas de preparação, cultura, simplicidade e clareza! (Consequência de alguns genes de minha mãe? Com certeza.) E como ela ficaria orgulhosa de ter bisnetas como Ana Lorena e Valeria! (Que possuem o acréscimo genético de Raúl Pérez Ríos, pai delas.)

Mas Gracielita não chegou trazendo pouca, e sim muita sorte, pois logo após seu nascimento consegui outra melhoria econômica, já que pedi demissão da agência de publicidade D'Arcy para aceitar uma oferta que me havia sido feita: ser chefe de publicidade da Radio y Televisión S. A., empresa que fabricava os Radios Universal e os produtos da marca Sylvania, que incluíam televisores, cinescópios para os televisores, lâmpadas e outros produtos relacionados com essa indústria.

Da agência D'Arcy tenho apenas duas más recordações (além do baixíssimo salário que me pagavam): uma delas foi um incidente muito desagradável que ocorreu certa ocasião, embora sem qualquer culpa por parte da empresa. Refiro-me a um frasco de Nescafé que caiu no telhado, atirado certamente de um quarto do Hotel Continental, que ficava ao lado. A força com que o frasco caiu fez com que se espatifasse completamente, expondo seu conteúdo e espalhando-o por todo o lugar. Tratava-se um feto cujo tempo de gestação nos foi impossível determinar, mas que já apresentava mãos e pés muito pequenos, mas completos. Todas as especulações pareciam apontar para alguma turista hospedada no hotel, que havia recorrido à execução daquele triste crime. E a empresa também nada teve a ver com a outra memória desagradável: a de um homem que se suicidou ao saltar do alto da Coluna da Independência, situada em frente à minha sala.

* * *

À medida que as coisas iam melhorando aos poucos, passamos a morar em uma casa de vila, cuja rua dava na bela rua López Cotilla, na colônia Del Valle. E foi lá que nasceu a segunda de minhas filhas: Cecilia del Sagrado Corazón. Posso garantir que o nome comprido deve ter causado mais de um problema na hora de obter passaporte, fazer inscrições e assim por diante. (E deve ter acontecido o mesmo com minha terceira filha, que batizamos de Teresita del Niño Jesús. Isso nós só reconsideramos tardiamente, mas a partir daí corrigimos o costume, pois demos aos filhos seguintes apenas um nome: Marcela, Roberto e Paulina.)

Muito diferente da irmã mais velha, mas tão bonita quanto (ora, dá para ver que tem alguém aqui que faz as coisas bem feitas!), Cecilia desenvolveu muito rapidamente um excelente senso de humor, que se expandiu com o tempo e a ajudou, entre outras coisas, a superar as adversidades que teve de enfrentar, como problemas de saúde que a obrigaram a se submeter a uma disciplina

terapêutica intensa e dolorosa, esmagadores desafios financeiros e profissionais, bem como o divórcio que precocemente pôs fim a um casamento que até então parecia estar no caminho certo.

Como compensação insuperável, Cecilia é mãe de Andrea e Alejandro, dois adoráveis adolescentes que fazem parte, por mérito próprio, do grupo que mereceu o título de: "os doze melhores netos do mundo" (os meus). Mais tarde, Cecilia se casou novamente. Dessa vez com Roberto Flores, linguista simpático e inteligente com quem formou um casal harmonioso. Desejo aos dois o melhor dos futuros e o maior dos sucessos.

* * *

Nesse meio-tempo, o salário melhor que eu estava recebendo, juntamente a algumas economias que fiz e um pequeno empréstimo de minha mãe, fizeram com que eu pudesse adquirir algo que havia muito eu ansiava: um carro próprio. E então consegui um que, digamos, não era muito novo, pois já tinha quinze anos de uso, e o estreei justamente no dia do casamento do meu irmão Horacio com "La Chacaya", o apelido de sua linda namorada, Luz María Jiménez. Naquele dia, meu carrinho (que era um Studebaker 1942 cupê) teve de passar pela avaliação de meu irmão Paco, um especialista nesses assuntos; mas, depois de fazer um teste com ele, disse-me:

– O carrinho é muito bom. Só a suspensão e os freios estão ruins, além do fato de que, em vez de uma chave para acioná-lo, ele só tem uma alavanca, então pode ser roubado num piscar de olhos. Os pneus estão gastos de forma um tanto irregular e não tem estepe. Por outro lado, o motor tem uma boa compressão. Eu lhe dou meus parabéns.

O problema da suspensão, aliás, fazia o carrinho pular ao se deparar com qualquer irregularidade mínima da estrada, o que, somado à cor verde do veículo, inspirou-me a lhe dar um apelido que certamente foi produto de uma premonição, já que o batizei de "El Chapulín" [Gafanhoto], pela forma como esse inseto pula e pela cor verde que costuma ter (embora, mais tarde, meu personagem fosse Colorado).

* * *

O emprego na empresa dos Radios Universal não me dava oportunidades de me envolver em qualquer atividade criativa, então decidi apresentar minha carta de demissão. E, apesar de ter recebido ofertas de emprego de algumas agências de publicidade, optei por dar um passo em outra direção; uma etapa importante: trabalhar como roteirista por minha própria conta e risco. E então aconteceu algo que eu qualificaria de deliciosamente irônico: a D'Arcy me contratou para escrever os roteiros de *Cómicos y canciones* (com os mesmos Viruta e

Capulina), pagando-me por cada programa o dobro do que eu ganhava mensalmente como funcionário da agência publicitária. E isso nos permitiu iniciar outra aventura que parecia maluca: construir uma casa própria.

* * *

O terreno ficava, como se costuma dizer, "lá na casa do diabo", de tão longe. Embora, aparentemente, o diabo soubesse que o caminho até lá ia melhorar muito com o passar do tempo, pois estou falando de Tlalpan, uma área que passou de casa do diabo a casa de Doña Diabla. Quer dizer, a casa de María Félix,[31] já que a bela atriz viveu em Tlalpan por um bom tempo, na famosa mansão chamada Catipoato. (Para se ter uma ideia dos tempos a que me refiro, basta indicar que naquela área não tínhamos telefone particular direto, sendo necessário discar um número genérico para todos de Tlalpan e depois pedir à operadora que nos conectasse ao ramal correspondente a cada endereço).

O Anillo Periférico[32] acabava de ser inaugurado, e era possível viajar com a tranquilidade que só se obtém quando se trafega numa rua onde só há o nosso próprio carro. E o preço do terreno, claro, estava de acordo com esse afastamento do centro: a 100 pesos o metro quadrado. Eu o tinha comprado (a prazo, claro) um pouco antes por indicação do meu amigo Benjamín Bueno, um arquiteto maravilhoso que se encarregou da construção da casa, seguindo um projeto que eu mesmo havia desenhado. No entanto, a construção demorou cerca de dois anos e meio, pois a obra só avançava quando eu ganhava dinheiro extra (com a venda de um argumento de filme para o cinema, por exemplo), e era suspensa quando os fundos estavam escassos. Apesar disso, à medida que a construção da casa avançava, eu me dedicava a construir outra em menor escala: uma casinha de madeira que construí no pequeno jardim. Tenho certeza de que se tornou um grande brinquedo para minhas filhas, cujo número cresceu com o nascimento de Teresita, primeiramente, e de Marcela depois. (Roberto, que era o quinto, usava o jardinzinho como as pessoas decentes deveriam: para jogar futebol.)

* * *

Naquela época, Viruta e Capulina faziam uma pausa de dois ou três meses por ano, período em que outros atores eram contratados para o *Cómicos y canciones*. Por esse motivo tive a oportunidade de escrever para muitos comediantes, entre eles Pompín e Nacho (com Susana Cabrera), Corona e Arau, Los Yorsys, Los Mimos, Las Kúkaras e vários outros. Simultaneamente, tive também a sorte de conhecer um bom número de cantores famosos, como Los Panchos, Los Diamantes, Los Tres Ases (com Marco Antonio Muñiz), Las Hermanas Navarro, Carlos Lico, Luis Demetrio (cantor e compositor), Felipe Gil, María de Lourdes,

José José, Chucho Martínez Gil etc.

Pouco depois, a dupla de comediantes alcançou tamanho sucesso que os produtores de cinema os notaram. Assim, depois de serem contratados para fazer papéis menores em alguns filmes, eles se tornaram estrelas que conquistavam enormes lucros de bilheteria. Mas, antes que isso acontecesse, eu também fui chamado para escrever roteiros cinematográficos para eles. O primeiro que escrevi foi tão apreciado pelo diretor do filme, o Sr. Agustín P. Delgado, que ele me elogiou dizendo que eu era um pequeno Shakespeare. (Faça-me o favor!) E então passou a me chamar carinhosamente de “Shakespearito”, diminutivo que, depois de passar pela pronúncia em espanhol, acabou se transformando em Chespirito. E foi ele também quem me levou à Seção de Autores do Sindicato dos Trabalhadores da Produção Cinematográfica (STPC), do qual eu viria a fazer parte.

* * *

A Seção de Autores tinha como secretário-geral dom Rafael Portas, que já ocupava esse cargo havia muito tempo. A repartição ficava localizada em um antigo prédio na rua Chihuahua, cenário de várias experiências para mim. Lá, é claro, tive meu primeiro contato com os principais criadores da sétima arte, os roteiristas e diretores, muitos dos quais despertaram em mim os mais sinceros sentimentos de admiração. E como não admirar, por exemplo, um Chano Urueta, um Miguel Zacarías, um Juan Bustillo Oro, um Roberto Gavaldón, um Emilio Fernández, um Ismael Rodríguez, um Rogelio González, um Adolfo Torres Portillo… Enfim: tantos cujos nomes ocupariam páginas inteiras, e a muitos dos quais se deve a enorme projeção internacional que nosso país obteve com a exibição dos filmes que constituíram a indústria cinematográfica mexicana. E ao privilégio de fazer amizade com alguns desses pioneiros (e de ter a companhia de todos eles) também pude agregar os benefícios do aprendizado que nos proporcionavam ao difundir suas experiências fascinantes.

Claro, a parte negativa também não faltou. Por exemplo: a oposição que enfrentei para chegar à categoria de adaptador, uma oposição que se baseava em estatutos sindicais que não tinham outra finalidade senão esta: impedir que novos membros ingressassem naquele ramo do sindicato. Nessa altura, os estatutos indicavam, por exemplo, que, para fazer uma adaptação cinematográfica, era necessário que o aspirante tivesse vendido anteriormente dez argumentos. Exatamente isso: nada menos que dez argumentos! Isso era aberrante, porque um argumento poderia ser, por exemplo, uma história escrita em três ou quatro páginas. E que produtor de cinema se aventuraria a comprar algo semelhante sem saber que tipo de roteiro ou adaptação poderia derivar

desse argumento? Bem, digamos que havia alguém que pagasse por algo assim: quando o próprio produtor era o autor do argumento. Mas, nesses casos, não havia necessidade de a história ocupar três ou quatro páginas; bastava uma… ou dar ao adaptador o recorte de um artigo de jornal, enquanto lhe dizem: “Adapte um roteiro em cima disso”.

Mas, felizmente, tal prática não durou muito, pois logo se passou a adotar uma premissa natural: aquela que estabelece que “escritor de cinema é quem escreve um argumento ou uma adaptação ou roteiro cinematográfico”. E então, para evitar abusos como aquele em que o produtor criava um argumento que não ocupava nem uma página, estabeleceu-se que o pagamento mínimo de uma adaptação deveria ser maior do que o valor mínimo de um argumento, já que um argumento até mesmo um produtor pode escrever… enquanto uma adaptação necessita do trabalho de um escritor.

* * *

Como eu já havia antecipado, nessa época nasceu minha terceira filha, a quem batizamos com o nome de Teresita del Niño Jesús. Espero que a minha adorada “Terremoto” (como a chamávamos às vezes) não se zangue ao ler estas linhas, porque a verdade é que ela era a única das minhas filhas que não me parecia bonita quando recém-nascida. E que as demais não se zanguem quando lerem que, em pouco tempo, Tere se tornou a mais linda da família (e de muitíssimas outras famílias).

Bem, a verdade é que todas as minhas filhas são bonitas, e o que aconteceu com Tere foi que ela nasceu com mais cabelo, o que deve ter coberto seu bonito rosto mais do que deveria, ao mesmo tempo que lhe deu um charmoso aspecto de macaquinha. Principalmente quando ela sacudia as grades do “chiqueirinho” onde a deixávamos para tirar a soneca da tarde, pois, como se sabe, esses chiqueirinhos têm toda a aparência de jaulas. Como se isso não bastasse, a comparação aumentava quando o bebê escapava do chiqueirinho, pulando de forma habilidosa e sem dificuldades sobre as grades, para então escalar uma estante de livros cujo topo alcançava sem recorrer à ajuda do oxigênio ou dos sherpas.[33] E deve-se notar que seu início de carreira no montanhismo culminou com a conquista do telhado, que havia sido algo como “o Everest doméstico”. Não era mais que um sobrado, mas o parapeito do telhado não chegava a medir dez centímetros, e a intrépida Terremoto se aproximava dele quando a encontramos, depois de procurá-la até no último canto da casa. Não é necessário dizer que tivemos de organizar uma operação de resgate, com Graciela e a empregada segurando um poncho como “rede de proteção”, como as usadas pelos bombeiros, enquanto eu me esgueirava em silêncio até a menina para

pegá-la carinhosamente (para conseguir o devido silêncio, antes eu tive de tirar os sapatos).

* * *

O sucesso do programa não parava de aumentar; como consequência, Viruta e Capulina foram contratados para atuar na República de El Salvador, e eu acompanhei os comediantes. Essa foi a primeira vez que saí do país.

Mas haveria outras viagens ao exterior, pois logo depois foi organizada uma turnê para ir a Porto Rico, Venezuela, Colômbia e Peru, aos quais fui convidado para adaptar os esquetes cômicos às particularidades do espanhol de cada um desses países, tanto quanto fosse possível, é claro. (Mal tínhamos chegado a Porto Rico quando se espalhou a notícia de que o cruel ditador Rafael Leónidas Trujillo havia sido assassinado na República Dominicana.)

A única desvantagem dessa turnê foi que durou cerca de três meses, e, como partimos quando minha filha Tere mal tinha três meses e meio, no meu retorno eu a encontrei com pouco mais de meio ano de vida. Ou seja, eu tinha perdido metade de sua curta existência até aquele momento. E, embora seja verdade que a viagem me permitiu contemplar paisagens lindas e interessantes, nada poderia ter sido tão bonito e interessante como assistir ao desenvolvimento da minha pequena Terremoto dia a dia.

* * *

Pouco tempo depois, surgiu a preocupação de substituir dom Rafael Portas, cuja idade avançada não era mais adequada para exercer o cargo de secretário-geral da Seção de Autores do STPC. Então foram realizadas as eleições de praxe, nas quais a votação favoreceu amplamente Rafael Baledón para ocupar o cargo principal, enquanto o segundo cargo na escala de importância, a Secretaria do Interior, foi concedida a… a este que vos fala, Roberto Gómez Bolaños.

E não adiantava eu protestar de mil maneiras e recorrer a argumentos tão sólidos como afirmar que eu era um novato absoluto nesses assuntos, que era totalmente inexperiente nesse aspecto, que era inepto, despreparado e assim por diante (além de baixinho, queixudo, de pernas tortas e outros detalhes). E mais, não me ajudava nem mesmo gritar a plenos pulmões:

– É que eu não tenho a menor vontade de ocupar esse posto!

Foi tudo inútil. O papel timbrado da nossa papelaria começava com: “Secretário do Interior: Roberto Gómez Bolaños”.

No entanto, o tempo começou a provar que eu estava certo.

E ainda mais quando percebi que, sobretudo, o secretário-geral (Rafael Baledón) e o secretário do Interior (eu) deveriam fazer parte do Comitê Central do STPC, onde discutíamos com os respectivos secretários das outras cinco seções do

sindicato: Atores, Diretores, Compositores, Músicos, e Técnicos e Manuais. Isso significava ter de lidar com pessoas como o ator Jaime Fernández, o maestro Carlos Gómez Barrera e o músico Venus Rey (gulp!). Era algo como se trancar em uma jaula com uma pantera, um urso e um lobo, sem outras armas além de um estilingue de segunda mão. Embora eu também deva admitir que o conjunto mostrou uma virtude: a sinceridade.

Por exemplo, quando Jaime Fernández disse:

– Aqui você só faz o que eu determino.

Bem, a verdade é que a unidade que o conjunto mostrou também era notória, já que todos respondemos a Jaime em uníssono:

– Sim, senhor! Como não? Era isso que estava faltando!

Essa fase da minha vida também deixou uma lembrança única na minha memória. Refiro-me a um telefonema que recebi por volta das 4h da manhã (ou da noite?).

– O que foi? – eu disse naquele tom amável que costumamos usar quando falam com a gente ao telefone em horários tão adequados.

– De onde fala? – perguntou uma voz do outro lado da linha; ao que respondi no mesmo tom amável que havia usado antes:

– Quer falar com quem, caralho?

– É você, Roberto?

E sim; sim, era eu: Roberto. Mas, além de me identificar, também reconheci meu interlocutor: era Rafael Baledón, meu amigo nas reuniões sociais e meu secretário-geral nas assembleias sindicais. Então, eu estava terminando de me identificar, quando Rafael me interrompeu, dizendo em voz seca:

– É urgente, venha à Oitava Delegação o mais rápido possível; os escritórios do sindicato foram incendiados, e temos de lavrar a ata correspondente!

O que aconteceu foi mais do que suficiente para justificar ser acordado àquela hora da madrugada, então fui depressa. Já havia outras pessoas na companhia de Rafael, alguns prestando depoimentos e outros lhe pedindo autógrafos. Não faltou quem me esclarecesse que o fogo já tinha sido controlado e que, felizmente, não havia perdas humanas a lastimar, mas que as perdas materiais tinham sido consideráveis.

Em relação a isso, estimou-se que o dano maior havia sido registrado no arquivo do sindicato, o que resultou em uma lamentável perda de documentos. A única coisa que coube a mim foi assinar a declaração de que o sindicato tinha apresentado a denúncia cabível.

No dia seguinte, porém, fui verificar pessoalmente quais tinham sido as consequências do acidente e percebi o quanto a quantidade de madeira que enfeitava nossas instalações deve ter sido decisiva para aquele desfecho, tanto

nas escadas como nas paredes e nos pisos, um verdadeiro capim para as lhamas.[34] Uma boa quantidade de fumaça ainda exalava dos restos das instalações.

Estavam presentes, junto com Baledón e outros colegas, os representantes da seguradora, um dos quais me perguntou se minha mesa ou os objetos nela contidos haviam sofrido algum dano, ao que respondi que não; felizmente, não tive de lamentar nenhuma perda, talvez porque nunca tenha tido uma mesa ali.

Poucos meses depois, apresentei minha renúncia como secretário do Interior, insistindo que o cargo era grande demais para mim (eu era tamanho P). Esse pedido foi levado à consideração da assembleia seguinte, que determinou que seria aceito.

– Mas eu gostaria – esclareci – que essa renúncia tivesse caráter irrevogável.

– Mas é claro! – alguns se apressaram a dizer.

– Certamente! – outros adicionaram com a mesma rapidez.

– Por favor! – suplicou o resto.

E não pude deixar de agradecer por seu apoio caloroso e espontâneo.

* * *

Aquele edifício na rua Chihuahua também abrigava as instalações da Sociedade de Escritores Cinematográficos, da qual derivaria a atual Sogem (Sociedade Geral de Escritores do México), cujas atribuições mais importantes eram a cobrança dos direitos autorais que a lei concede aos escritores e a distribuição das porcentagens correspondentes. Porém, esta última tarefa era mais do que difícil e incômoda, pois exigia averiguar qual tinha sido a arrecadação de cada uma das exibições de cada uma das salas de cinema em toda a República Mexicana, a fim de deduzir as porcentagens devidas a cada um dos respectivos autores. (Se eu já me cansei só de descrever o procedimento, imagine como seria a execução.) Felizmente, a tarefa era confiada à Companhia Bull, cujas máquinas faziam o trabalho pesado. Essas máquinas, que ocupavam um andar inteiro do prédio, eram daquelas que funcionavam por meio de cartões perfurados, gerando um ruído que causaria inveja a qualquer casa noturna da atualidade. Porém, se eu faço esse relato, é para destacar o que significam os avanços tecnológicos, pois atualmente apenas um dos muitos computadores da Sogem tem capacidade para realizar, em pouco tempo, um trabalho equivalente a dez mil vezes o que faziam juntas aquelas máquinas que ocupavam um andar inteiro.

A princípio, a sociedade era presidida por Marco Aurelio Galindo, irmão do famoso Alejandro de mesmo sobrenome (e pai de Magenia e Toya, lindas moças que moravam bem perto de minha casa). Posteriormente, ocupou o cargo o destacado jornalista e romancista de sucesso Luis Spota, a quem muitos

intelectuais não perdoavam pelo fato de que um romance seu havia vendido mais exemplares do que a soma de todos aqueles escritos por todos eles ao longo de sua existência.

E então veio o presidente que revolucionaria completamente a sociedade e a elevaria a um nível nunca antes imaginado. Refiro-me ao argentino José María Fernández Unsaín (que acabaria por adquirir a cidadania mexicana), que permaneceu muitos anos no cargo, até sua morte, em 1998.[35] No entanto, houve algo que nunca imaginei enquanto ele vivia: Chantal, a bela filha de José María e da atriz Jaqueline Andere, que eu conhecia desde recém-nascida, iria se casar mais tarde (muito mais tarde) com meu filho Roberto. Assim como também não imaginava que seu filho mais velho, também chamado José María Fernández, mas apelidado de Pirru, iria se tornar meu amigo e companheiro frequente nos jogos de dominó.

* * *

Pouco tempo depois, comecei também a participar como ator (sempre em pequenos papéis) em alguns dos filmes que escrevi. O primeiro deles foi *Dos criados malcriados* [Dois criados malcriados], no qual representei um papel de vilão que acabou sendo fatalmente exagerado. O filme foi um grande sucesso de bilheteria, tanto que seu título foi copiado pouco depois para uma comédia de María Victoria, que se chamava *La doncella es perilgrosa*, título que foi substituído por *La criada malcriada*, que copiava descaradamente o título do meu filme. Essa peça teatral teve um enorme sucesso e consolidou a consagração da simpática cantora como atriz, a ponto de, mais tarde, utilizar-se o mesmo título para a sua série televisiva. Título que também foi "plagiado" em um filme de Mauricio Garcés: *El criado malcriado*. Em tudo isso, vamos esclarecer, nem María Victoria nem Mauricio Garcés tiveram culpa alguma.

* * *

Era 29 de maio de 1962. Saí por um momento do quarto do Hospital Francês em que Graciela estava instalada e fui para a esquina mais próxima a fim de buscar um jornal. Lá eles estavam com o rádio ligado em uma estação que transmitia uma partida de futebol entre Brasil e México, que estava acontecendo no Chile. Já havia se passado algo em torno de vinte minutos do segundo tempo, e o placar indicava um empate em 0 a 0, mas um instante depois ouvi o comentarista anunciar o primeiro gol do Brasil. E marcaram mais um gol, mas disso eu não fiquei sabendo na hora, porque devia voltar ao hospital para ouvir algo muito mais importante:

– É uma menina – me disseram –, e as duas estão muito bem.

Era sobre o nascimento de minha quarta filha, que logo seria batizada como

Marcela. Minha descendência, portanto, continuava composta apenas por mulheres. E como a experiência com as três tinha sido insuperável, o aumento no número de filhas me deixou mais uma vez altamente satisfeito.

O comum é que os pais sejam mais condescendentes com o filho menor, e suponho que tenha sido o que fiz com relação a Marcela. Com o passar do tempo, no entanto, uma fascinante inversão de posições tomou corpo: Marcela foi se convertendo em uma pessoa altamente condescendente com seu pai; ela não perdia a oportunidade de me perguntar se eu precisava de alguma coisa; era a que subia as escadas correndo para trazer algo de que eu precisasse; enfim, aquela que se ofereceu sem restrições para fazer o que fosse necessário. E não que as outras se abstivessem de fazer tais coisas. Ao contrário! Elas eram todas adoravelmente atenciosas e prestativas. O que aconteceu foi o que eu já disse: eu era o queridinho da Marcela.

E é claro que Marcela colaborou na formação do grupo denominado “os doze melhores netos do mundo”. Sua contribuição foi composta por María e Andrés, tão lindos quanto inteligentes. A colaboração paterna ficou a cargo de Enrique Penella, outro genro estupendo.

* * *

A chamada Guerra Fria estava esquentando. E, o pior de tudo, parecia estar se aproximando perigosamente de nossas terras, pois os soviéticos decidiram instalar mísseis de alto poder bélico em Cuba, apontados para os Estados Unidos! Estávamos tentados a dizer:

– Ei, cuidado! Se desviarem um tantinho para baixo, vão acertar na gente (“a gente” sendo os mexicanos).

Mas nem os russos nem os cubanos pareciam se importar com as nossas preocupações. Então o presidente Kennedy chamou os capitães de seus navios (ele tinha muitos) e disse:

– Pois bem, rapazes: zarpem aos montes e arranjem seus barcos ao redor de Cuba. E não me deixem passar por um único navio russo! Entendido?

– Sim, senhor – responderam os rapazes.

E fizeram aquilo que se chamou de bloqueio, alertando que não deixariam passar nenhum navio se antes os mísseis não fossem retirados do território cubano. Isso nos fez tremer ainda mais, pois presumíamos que tal bravata poderia desencadear os instintos militares dos soviéticos, levando à guerra atômica, com a consequente aniquilação total da raça humana. Porém, a Rússia teve a prudência (ou foi medo?) de acatar o assim disposto.

Pouco tempo depois, a televisão seria responsável por transmitir ao mundo uma das notícias mais chocantes de todos os tempos: em Dallas, Texas, um

franco-atirador havia assassinado o presidente Kennedy. Logo o atirador, Lee Harvey Oswald, foi assassinado, mas a televisão não se limitou a dar a notícia; transmitiu o evento ao vivo e em tempo real. Esse foi, talvez, o divisor de águas que sinalizou o início de uma nova era na história da comunicação, pois, a partir daquele momento, as notícias deixaram de ser acontecimentos locais para se tornar expressões de um acontecimento universal. E minha geração teve de se adaptar às mudanças.

* * *

Um dia me ligaram da agência D'Arcy, que ainda era a maior produtora de programas de televisão, e me pediram para cuidar dos roteiros do célebre programa *Estudio Raleigh de Pedro Vargas*. Até então, o escritor dessa famosa série era meu colega de trabalho na D'Arcy, o excelente Juan Lozano, mas ele tinha recebido uma ótima oferta de trabalho em outra agência e a aceitou. Então fui para a D'Arcy, onde me ofereceram um salário magnífico para escrever os roteiros. Era a Providência que se apresentava oportunamente a mim, visto que isso se dava quando as relações com Capulina não iam tão bem assim. Portanto, decidi deixar o *Cómicos y canciones* para me dedicar integralmente ao *Estudio de Pedro Vargas*; no entanto, o Sr. Riverol, o mandachuva da D'Arcy, apressou-se em me dizer que não havia motivo para sair de um dos programas, que eu poderia facilmente escrever ambas as séries. E eu concordei, pois os dois programas eram muito diferentes um do outro, mas eu duvidava de que Viruta e Capulina pensassem da mesma forma. Porém, quando souberam que, se eu fosse obrigado a escolher, decidiria pelo *Estudio de Pedro Vargas*, disseram-se que não havia inconveniente nisso.

– Mas qual é o problema? – Capulina me disse. – Você tem capacidade para escrever dois, quatro e até mil programas ao mesmo tempo.

E a verdade é que não só eu consegui, como também em pouco tempo aqueles dois programas, escritos por mim, estavam competindo semana após semana pelo primeiro lugar de audiência (o outro programa obtinha o segundo). Embora eu deva esclarecer que a parte principal do sucesso deve ter correspondido a quem aparecia na tela, pois, assim como o *Cómicos y canciones* contava com os famosos Viruta e Capulina, *Estudio Raleigh* também tinha três figuras de destaque: Pedro Vargas (protagonista da série), Paco Malgesto (locutor insuperável, apresentador e animador) e Daniel "El Chino" Herrera, comediante de Yucatán[36] que irradiava simpatia e graça naturais, qualidades a que se adicionava uma capacidade cômica de primeira ordem. A participação do extremamente simpático e excelente locutor León Michel na parte comercial também era muito importante. Tudo somado à produção eficiente das duas

séries, ambas a cargo de meus amigos Mario de la Piedra e Guillermo Núñez de Cáceres.

* * *

Naquela época, o México estava sendo invadido por um fenômeno que havia surgido de algum recanto escondido de Liverpool, na Inglaterra, e que ia se expandindo até atingir os recantos mais remotos do mundo inteiro. Tratava-se de quatro jovens que, querendo ou não, iriam revolucionar o universo da música. Eles se autodenominavam The Beatles. É verdade que existiram alguns antecedentes, o maior dos quais poderia ter se chamado Elvis Presley, mas a transcendência numa dimensão universal ficou a cargo do quarteto britânico. Apesar disso, além da contribuição musical, eles realizaram outra que, a meu ver, teve consequências negativas: a confissão despreocupada e imprudente de que usavam drogas; o que, nas vozes daqueles que eram ídolos da juventude, constituía o mais danoso dos exemplos.

* * *

Os jornais comentavam a infeliz morte de João XXIII, o chamado Papa Bom, a quem muitos consideravam “um papa de transição”, desde que alcançou o pontificado, quando estava para completar 70 anos. Por isso, o mundo da cristandade ficou mais do que surpreso quando João XXIII anunciou a realização do Concílio Vaticano II, que efetuaria a atualização mais radical da Igreja Católica Apostólica Romana em muito tempo. Por exemplo: foi a partir daí que a missa passou a ser celebrada com o altar voltado para os fiéis e no idioma próprio de cada país. João XXIII só permaneceu cinco anos na Cátedra de São Pedro, mas, apesar de o curto período não ter lhe permitido ver o resultado do concílio, foi o suficiente para deixar a sua marca de amor e caridade no Vaticano.

Seu lugar foi ocupado pelo papa Paulo VI, que deu continuidade aos trabalhos do seu antecessor, que incluíram a conclusão do Concílio Vaticano II.

* * *

Um dia Capulina pediu-me que o acompanhasse a um estabelecimento comercial da Zona Rosa, especializado na venda consignada de vários artigos, entre os quais se destacavam algumas antiguidades. Na ocasião, porém, o objetivo de Gaspar não era a compra nem a venda de nenhum objeto, mas sim uma visita ao dono do estabelecimento para que fizesse o “mapa astral” do meu amigo. Esse homem (de cujo nome não me recordo) era considerado um dos melhores astrólogos do México. Porém, havia algo que eu não esperava: a atenção excessiva com que fixou os olhos em mim quando estávamos chegando ao seu estabelecimento. Era um olhar penetrante e perscrutador que parecia ter a

intenção de me perfurar até chegar ao mais profundo do meu ser.
E devo confessar que tal atitude me causou um bom grau de nervosismo e perplexidade; especialmente porque tive de esperar muito tempo antes de descobrir a causa de sua estranha atitude.

Mas a coisa era séria. O astrólogo estendeu uma folha sobre a mesa de trabalho, explicando que era um “mapa astral”, de onde poderiam ser extraídos dados suficientes para revelar o futuro de qualquer pessoa.

– Embora não completamente – reconheceu o homem –, mas, digamos, apenas oitenta ou noventa por cento.

Além disso, a informação não estava ao alcance de nenhum novato ou ignorante. Não; essas informações só podiam ser obtidas aplicando-se linhas e fórmulas especiais, tarefa reservada aos “iniciados”, como era o distinto professor que nos atendia. Ele então perguntou ao meu amigo a data, o local e a hora de seu nascimento, dados que marcou com toda precisão no mapa astrológico do cliente, que, no caso, era Gaspar Henaine, Capulina. Então, valendo-se de réguas, esquadros e compassos, o homem desenhou uma série de linhas que ligavam esses dados, entre si e em combinação com a posição dos planetas e das constelações; tudo isso, segundo ele disse, serviria para prever o futuro mais provável do meu amigo.

– É claro que o diagnóstico requer trabalho – acrescentou. – Assim, terei tudo pronto dentro de duas semanas.

– Não é tempo demais? – Capulina objetou.

– É que existem dados que exigem muito cuidado. Por exemplo: o alinhamento de tais e tais planetas.

Não lembro a quais planetas ele estava se referindo especificamente, mas por acaso poderia haver alguma dúvida sobre as consequências de um alinhamento planetário semelhante? Porque, se é preocupante ver que muitos políticos estão “alinhados”, como seria a coisa toda se, em vez de políticos, estivéssemos falando de planetas?

Também não lembro qual foi o preço da consulta, mas lembro bem que o pagamento tinha de ser à vista e naquele exato momento. Ou seja: adiantado. E foi então que descobri o que tinha causado a excessiva atenção sobre a minha pessoa quando cheguei.

– Você – disse-me o astrólogo – é o possuidor de vastíssimos poderes sobrenaturais.

– Não; é sério?

– Sim, senhor. Basta sua presença para sentir o fluxo de forças que emana do seu interior. É como uma explosão de partículas magnéticas que se espalham com a velocidade da luz.

– Ah, não brinca!

– É verdade. Posso dizer que no momento em que o senhor entrou neste lugar eu senti como se minhas pernas estivessem tremendo, e me deu um arrepio só de vê-lo.

– Bem, Sophia Loren me disse a mesma coisa quando me conheceu, mas…

– Sim, eu sei que o senhor é um cético absoluto! Mas me dê seus dados pessoais para que eu possa elaborar seu mapa astral, e então o senhor vai comprovar se eu tenho ou não razão.

– É que… o senhor poderia estar certo, mas eu não tenho dinheiro.

– Não vou cobrar um único centavo! – ele exclamou em um tom mais do que agressivo. – Se eu quero fazer isso, é unicamente pelo interesse profissional que me despertaram as ondas explosivas que irradiam do seu cérebro.

Eu estava pronto para repetir minha negativa, mas o homem continuou falando e advertiu Capulina:

– Me perdoe, Gaspar – disse ele se desculpando. – Talvez você pense que eu deveria ter essa distinção com você, mas, acredite em mim, essa pessoa tem algo especial.

– Está tudo bem – disse meu amigo –, vá em frente.

– Mas eu não acredito nessas coisas – consegui dizer. – E não vou acreditar, mesmo que o senhor me diga isso. Por isso, não vejo razão para o senhor perder seu tempo.

O homem insistiu em me olhar com aqueles olhos perfurantes que ele tinha e, depois de suspirar de resignação, disse:

– Tudo bem, mas vou lhe fazer uma revelação que o fará mudar de ideia muito em breve, queira o senhor ou não.

A advertência fez Capulina aguçar os ouvidos, atitude que foi imediatamente percebida pelo astrólogo, que comentou:

– Você também pode ouvir, Capulina. Porém, esse é um assunto muito delicado, então vocês dois devem me prometer que não dirão uma única palavra do que ouviram aqui.

– Prometido! – Capulina apressou-se a responder, olhando-me como se me pedisse para colaborar também nesse sentido, para que não fôssemos privados da misteriosa revelação.

– Além disso – disse o astrólogo –, o segredo só terá de ser guardado por muito pouco tempo. Depois vocês terão liberdade para proclamá-lo aos quatro ventos, se assim quiserem.

As tentativas de convencimento estavam começando a demorar um pouco mais do que deveriam, então acabei prometendo a discrição solicitada.

– Então prestem atenção – disse-nos o astrólogo, baixando a voz, apesar de lá

(no seu “escritório particular”) não haver mais ninguém. Ele acrescentou: – Há cerca de um mês, neste mesmo local, recebi a visita de uma atriz de cinema que estava interessada no desenho de seu mapa astral.

– Quem era? – perguntou Capulina, vivamente interessado.

– Espere – disse solenemente o xamã urbano. E acrescentou: – Concordei prontamente com o pedido da mulher, sem nem mesmo imaginar a terrível revelação que receberia quando o estudo fosse concluído.

– Por quê? – perguntou Capulina. – Do que se trata?

– Ai, rapazes! – o homem exclamou com um suspiro de dor. – Aquela mulher não tem mais que dois meses de vida.

– Mas quem é?

– Uma atriz de cinema muito conhecida. Porém, quando eu digo muito… quero dizer muitíssimo conhecida! Porque não apenas eu a conheço e os senhores a conhecem; o mundo inteiro também a conhece… Digam-me: de que vale a fama de que você não poderá mais desfrutar dali a alguns meses?

– Tão drástico assim?

– Tão drástico assim. Os astros não mentem, e os astros estão dizendo isso com absoluta clareza: essa atriz tem apenas dois meses de vida. Portanto, é triste o destino de María Félix.

Foi exatamente isso que ele disse: María Félix! A maior figura feminina que o cinema mexicano já teve em todos os tempos havia recebido uma sentença de morte daqueles inexoráveis juízes que são os planetas quando desejam se alinhar de forma inconveniente.

Na época, a bela atriz devia ter por volta de 40 anos, idade que confere à morte um caráter de injustiça que é ainda mais exacerbado quando a vítima se destaca por ser depositária de todas as distinções que a existência de um ser humano pode trazer: beleza, força, personalidade, talento etc.

No entanto, escrevo estas linhas após o início do século XXI, o terceiro milênio. A inigualável dama faleceu faz pouco tempo, com mais de 90 anos.

A anedota não deve terminar aí, pois parece inevitável ressaltar o absurdo do fato. Que é incompreensível constatar que isso não aconteceu em um povoado perdido na montanha, nem mesmo em um bairro marginalizado da cidade, mas na Zona Rosa da capital mexicana; um bairro considerado exclusivo da “melhor” sociedade. E isso não aconteceu no alvorecer da Conquista[37] ou nos primórdios do país independente, mas em meados do século XX, o mesmo século que mandou os astronautas à Lua e o telescópio Hubble ao espaço.

Mas o incompreensível ultrapassa as dimensões de tempo e espaço, pois abrange também as medidas abstratas, como as determinadas pela educação, pelo conhecimento e pelas posições socioeconômicas. E nessa situação podemos

colocar alguém como Adolf Hitler, que recorria à astrologia com a ideia estúpida de que os melhores conselhos viriam de planetas, adivinhos, clarividentes e outros exploradores da cândida credulidade das pessoas. E já sabemos qual foi o desfecho! Mas o México não fica atrás, já que muitas vezes se comenta sobre a forma como os astrólogos eram consultados por personalidades como o então presidente José López Portillo, um homem que, além do cargo que ocupou, destacou-se por possuir formação e cultura mais do que invejáveis. Não tenho provas irrefutáveis disso, mas os comentários acrescentavam que os astros não souberam adverti-lo de que o preço do petróleo despencaria, o que o impediria de "administrar a opulência".

Pois bem, o absurdo se prolonga em jornais, revistas, programas de televisão e de rádio, e assim por diante. Sim, porque é difícil encontrar uma publicação que não mostre os estúpidos horóscopos, apresentados de forma que pareçam "informações" autênticas e importantes. Porém, o mais triste nesse caso é que essa fraude (pois nada mais é do que fraude) é apresentada sob os auspícios de jornais, revistas e estações de rádio ou televisão que gozam de grande prestígio.

"É que essas coisas têm uma grande aceitação por parte do público", dizem muitos a título de justificativa.

E infelizmente é verdade! Mas também é verdade que as notícias dos tabloides são amplamente aceitas, assim como são amplamente aceitas as drogas, a pornografia e assim por diante.

Então, o mais natural a se fazer é ver um estú… (ia escrever o adjetivo "estúpido" ao me referir a esse tipo de pessoa que aparece na televisão anunciando horóscopo, mas não: elas não têm nada de estúpidas. Pelo contrário: são autênticos "espertos". Estúpidos somos nós, que os vemos sem protestar). Tão estúpidos como somos quando não protestamos ao vermos que alguém pretende nos convencer de que "uma pulseira é milagrosa" ou que "um pedaço de quartzo tem poderes sobrenaturais".

Para concluir esse assunto: quando as pessoas lhe perguntarem de que signo você é, apenas vá somando aqueles que lhe fizeram tal pergunta. É uma maneira fácil de começar a descobrir quantos idiotas existem no mundo.

Certo dia, em 1963, minha mãe me disse:

– Você não imagina quem é o candidato do PRI à Presidência da República!

– Não faço ideia – respondi honestamente, já que política era algo que nunca tinha me interessado.

– Pois ninguém menos que o seu tio Gustavo.

Ela se referia a Gustavo Díaz Ordaz, meu tio, pois era primo de primeiro grau de minha mãe, já que Díaz Ordaz era apenas o sobrenome do pai (composto), enquanto o sobrenome materno (também composto) era Bolaños Cacho. Ou seja:

o nome completo do futuro presidente era Gustavo Díaz Ordaz Bolaños Cacho. Era filho de Ramón Díaz Ordaz, de Tehuacán, Puebla, e de Sabina Bolaños Cacho, de Oaxaca. E, na mesma linha, era também primo de primeiro grau do meu querido tio, o Dr. Gilberto Bolaños Cacho.

Disse que era o nome do "futuro presidente", consciente de que naquela época não havia dúvidas: o candidato do PRI seria o futuro presidente do México.

Apesar de ser um parente próximo, tive contato muito eventual com o tio Gustavo (tão eventual quanto tive com a grande maioria dos meus tios), mas a impressão que guardo dele é a de que era um sujeito simpático. Ele cantava muito bem, acompanhado do violão, tinha uma voz maravilhosa (para cantar e falar) e era muito bom em contar piadas. (Ele também era político, mas neste mundo ninguém é perfeito.) Menor ainda foi o contato que tive com sua esposa, dona Guadalupe Borja, e com meus primos Gustavo e Lupita. Tive apenas alguns encontros ocasionais com meu outro primo: Alfredo; isso se deveu à sua profissão de compositor, já que fez vários trabalhos para a Televisa (era um excelente músico). Alguém com quem tive um pouco mais de contato foi a mãe do meu tio Gustavo, a tia Sabina, de quem posso afirmar que se tratava de uma mulher linda e devotada.

No momento em que minha mãe me deu a notícia, tive a sorte de tomar uma decisão que parecia absurda na época, mas acabou se mostrando altamente positiva.

– Sabe de uma coisa? – perguntei à minha mãe. – Não vou ver o tio Gustavo até 1970, quando terminar o mandato de seis anos que ele terá.

É claro que o motivo pelo qual tomei essa decisão não representou, longe disso, uma premonição de Tlatelolco, em 1968.[38] E também não relaciono esses acontecimentos quando digo que minha decisão acabou sendo altamente positiva. Não. Essa decisão foi tomada unicamente com base nas possíveis influências que podem ser atribuídas aos parentes do presidente do país, influências de que eu não precisava e que, nem preciso dizer, eu nunca solicitaria. Porém, não é um gesto de arrogância afirmar que eu não precisava de tais influências, já que minhas atividades eram totalmente alheias à política. Naqueles dias, aliás, fiz um comentário cuja lembrança, muito tempo depois, fez Emilio Azcárraga Milmo rir de novo: "A política é tão feia", comentei, "que se pegarmos uma palavra tão bela como 'mãe' e acrescentarmos a ela a palavra 'política', o resultado vai ser 'sogra'!". Esse comentário, feito há mais de quarenta anos, ainda é válido no meu pensamento, mesmo reconhecendo que tal atividade (política) é e continuará sendo um mal necessário. E aqueles que a exercem honestamente devem ser elogiados. (Ou seja, você não perderá muito tempo fazendo isso.)

* * *

Um guarda de trânsito me parou por excesso de velocidade. Porém, bastou-lhe ver a volumosa barriga de Graciela e que ela se contorcia e reclamava de dores pelo risco iminente de dar à luz no meio da rua. Então, o mesmo policial se encarregou de seguir em frente, com a sirene ligada, até chegarmos ao Hospital Francês da avenida Cuauhtémoc. Uma vez lá, em vez de ir para o estacionamento, fui direto para o pronto-socorro, onde receberam a pobrezinha da Graciela, cuja dor aumentava a cada segundo, e a levaram para dentro em uma maca. Só então fui deixar o carro no estacionamento. De lá voltei calmo e relaxado, mas fiquei sabendo que o parto já tinha acontecido e que ocorrera na própria sala de emergência.

De resto, tudo tinha corrido de forma satisfatória, pois tanto Graciela como o bebê gozavam de ótima saúde. O bebê, aliás, era um menino; o primeiro da minha prole depois de quatro mocinhas (não fazia ideia então de que outra daminha chegaria algum tempo depois). O pequeno seria batizado com o nome Roberto (e não tenho muita certeza se é conveniente essa história de batizar uma criança com o mesmo nome do pai). Porém, o acontecimento deve ter sido importante; afinal, entre os visitantes que o Hospital Francês recebeu naquele dia, destacou-se o general Charles de Gaulle, então presidente da França. Embora eu também não tenha muita certeza se ele veio justamente para conhecer meu filho. E mais: acreditam que ele nem me cumprimentou?

Roberto rapidamente foi se tornando um de meus melhores colaboradores, primeiramente como editor de meus programas, e depois como assistente de direção. Ele até interveio como ator, não só na TV, mas também no teatro, já que fez parte do elenco de uma peça que levei aos palcos em 1984, intitulada *Títere* [Marionete]. Fez isso de maneira improvisada – porque foi substituto de um ator que não tinha aceitado o papel. E posso assegurá-los de que sua intervenção foi mais do que incrível, apesar de ter de cantar e dançar, coisas que nunca tinha feito. Posteriormente, passou a se desenvolver como diretor de câmera e diretor-geral, para depois se dedicar integralmente à produção, área em que se destacou como produtor-geral de todo tipo de novela, seriados com capítulos independentes etc. Como se isso não bastasse, meu filho cuida de muitos dos meus assuntos pessoais.

De sua vida pessoal, posso dizer que Roberto foi o único membro da minha prole que não herdou minha baixa estatura, já que deve ter entre 1,73 m e 1,74 m de altura. Casou-se com Kim Bolívar, uma linda moça, com quem teve Roby e Tamara, mais dois integrantes do grupo chamado “os doze melhores netos do mundo”. Posteriormente, por motivos que só eles conhecem, Roberto e Kim se

divorciaram; ela foi morar em San Diego, Califórnia, na companhia dos filhos, então, para vê-los, Roberto tem de viajar para lá com a maior frequência possível.

Roberto se casaria novamente alguns anos depois com Chantal Andere, conforme narrei nestas páginas. E devo dizer que gosto profundamente das duas: Kim e Chantal, assim como acho que ambas gostam de mim.

* * *

Os locutores da XEW (televisão e rádio) costumavam encenar seu famoso *Tenorio de los locutores*.[39] Faziam isso anualmente ao longo de duas semanas, próximo ao Dia dos Mortos, como é costume no México. Os papéis eram interpretados alternadamente por vários dos locutores mais famosos, incluindo Paco Malgesto, Rubén Zepeda Novelo e León Michel, acompanhados por conhecidas atrizes profissionais, todas sob a direção do insuperável Chucho Valero, que, por sua vez, sempre interpretava Ciutti. Porém, em uma ocasião, dom Chucho me ligou e disse: “Este ano não vou atuar e gostaria que você encarnasse o personagem”.

Eu só tinha atuado na televisão, ao lado de Viruta e Capulina e em papéis muito pequenos, mas nunca havia feito isso em um teatro nem tido um papel tão importante sob minha responsabilidade, então é fácil imaginar o impacto que seu convite teve em mim. Porém, aceitei rapidamente!

Foi minha primeira experiência desse tipo; e o obstáculo a ser superado era chamado de medo do palco. Mas, felizmente para mim, vários fatores se uniram para me ajudar, como a excelente direção do Sr. Valero, a colaboração gentil e indulgente de atores e atrizes e, claro, a surpreendente aceitação por um público que, com suas risadas e seus aplausos, pareciam me dizer: “Sim: você tem um futuro no palco”.

Não posso terminar a narração dessa anedota sem citar duas notórias atrizes com quem tive a honra de contracenar: dona Isabelita Blanch, uma estrela de longa história no palco, que transbordou doçura e travessura interpretando Doña Brígida, e a bela Sílvia Derbez, protagonista de diversas telenovelas, além de filmes e peças de teatro, que foi a encarregada da protagonista (Doña Inés), personagem a que ela deu vida com toda a ternura, paixão e demais componentes que o roteiro exige. Silvia, aliás, era mãe do famoso comediante Eugenio Derbez.

* * *

Algum tempo depois as relações entre Viruta e Capulina começaram a piorar bastante, a ponto de ter chegado o momento em que Capulina disse abruptamente ao seu companheiro:

– As pessoas riem comigo, o que significa que sou a parte mais importante da dupla. Portanto, devo ganhar mais do que você.

– Quanto mais? – Viruta perguntou com uma calma inesperada, revelando que já previa algo assim e que estaria disposto a negociar.

– Digamos que eu ganhe sessenta por cento, e você quarenta.

– Tudo bem – respondeu Viruta com a mesma calma.

E assim foi feito a partir de então. Por que Viruta aceitou um acordo que não só parecia injusto, mas também havia sido proposto com uma atitude de arrogância e prepotência? Será que estava aceitando humildemente o papel de figurante, convencido de fato de que essa era a realidade? Acho que não, e sim que o que ele fez foi pesar as duas opções, aceitar ou não aceitar, e daí deduzir que seria conveniente aceitar, pois ficou claro que a proposta de Capulina era na verdade uma decisão tomada prévia e unilateralmente. Em outras palavras, ele sabia que, para ele, era melhor manter "o emprego" que ainda lhe proporcionaria uma magnífica recompensa financeira. Isso de forma alguma representou a aceitação de uma esmola (por mais suculenta que fosse), pois ele sabia, como todos nós, que sua contribuição no trabalho era muito importante. E ele também sabia que, paradoxalmente, seus quarenta por cento lhe permitiriam levar uma existência muito mais confortável e tranquila do que os sessenta por cento de Capulina, que seriam esbanjados por este.

No entanto, o arranjo precário sugeria que estava fadado a durar pouco, por isso, pouco depois, aconteceu a separação final da dupla.

– Por quê? – perguntavam as pessoas.

E Viruta, com aquele humor estupendo que irradiava quando não estava no palco, respondia:

– É que já estávamos juntos havia muito tempo e ele nunca pôde me dar um filho.

Porém, a relação entre eles foi dolorosamente prejudicada e se tornou um ponto sensível demais para ser usado como tema a qualquer tipo de piada. Tanto que essa situação perdurou até a morte de Marco Antonio Campos, o Viruta, ocorrida muitos anos depois.

* * *

A agência de publicidade se mostrou vivamente interessada em dar continuidade ao programa *Cómicos y canciones* mesmo sem Viruta, o que foi realizado sem problemas.

O projeto incluía o escritor, que era eu. E a verdade é que a elaboração dos roteiros não era difícil, pois Capulina continuou a exibir o que para muitos era um humor natural. Além disso, buscou-se apoiá-lo com um elenco de qualidade,

como se pode deduzir do fato de que por um mês ele dividiu o *set* da televisão com a mundialmente famosa Gina Lollobrigida, estrela italiana do cinema que participou de grandes produções cinematográficas. Na ocasião, aliás, a famosa atriz me fez um elogio que me encheu de orgulho, pois disse literalmente: "Você é um grande escritor e um grande ator". O último porque eu tive um pequeno papel em um dos programas de que ela participou.

O sucesso de Capulina não havia sido gratuito, como alguns de seus detratores insinuavam, pois ele tinha grande habilidades como ator, cantava maravilhosamente bem, tinha uma enorme presença no estúdio e complementava tudo isso com o humor natural de que já falamos. No entanto, às vezes ele sofria daquela pequena desconfiança que muitos comediantes mostram quando seus companheiros arrancam gargalhadas do público.

– Por que você escreve para que fulano conte (ou faça) piadas? – Capulina me perguntou mais de uma vez. – Aqui sou eu quem deveria fazer as pessoas rirem e, portanto, devo ser o único a fazer piadas no programa.

Eu tentava explicar a ele o risco que tal tática poderia acarretar, mas minhas tentativas falharam repetidas vezes, o que me levou a imaginar algo que naquela época não era nada mais do que uma utopia total: *Se alguma vez eu chegar a ser o protagonista de um programa*, pensei (e era nessa suposição que residia a utopia), *eu faria tudo diferente. Ou seja, procuraria estar acompanhado dos melhores comediantes, para que todos nós contribuíssemos com algo para o programa*.

Com o tempo, a utopia se tornou realidade, já que eu passei a estrelar vários programas. E tenho orgulho de saber que cumpri à risca o meu prognóstico, como pode atestar qualquer pessoa que tenha acompanhado minha carreira de alguma forma. Mas, além disso, confesso que também o fiz para minha própria comodidade, pois com isso alcancei dois objetivos altamente lucrativos: enriquecer o conteúdo do programa e reduzir a possibilidade de que minha presença incomodasse o público. Por exemplo:

– No último programa do *Chaves* [*El Chavo del Ocho*] – alguém reclamou comigo –, quem menos permaneceu em cena foi o próprio Chaves [El Chavo].

– Porque a trama exigia outra coisa – respondi. E eu perguntei por minha vez: – Mas você se divertiu mesmo assim?

– Ah, claro! – era a resposta rotineira.

Outras vezes se poderia até suspeitar de que os comentários envolvessem uma forma de agressão:

– Na minha opinião – disse alguém –, quem mais me faz rir é o Quico.

– Já para mim, quem mais me faz rir é a Chiquinha [La Chilindrina] – disse outro.

– Para mim, é o Seu Madruga [Don Ramón].

– Para mim, é a Chimoltrúfia [Chimoltrufia].

E assim por diante. Embora, claro, houvesse quem gostasse do próprio Chaves, do Chapolin Colorado [El Chapulín Colorado], do Chaveco [Chómpiras] ou de qualquer outro personagem interpretado por mim, mas, em resumo, eles gostavam mesmo era do programa. E isso era o mais importante.

* * *

Enquanto isso, voltando ao assunto de Capulina, a relação entre nós foi ficando encoberta por nuvens negras; porém, não só porque era complicado escrever com essas limitações, mas também porque, além disso, começaram a surgir problemas relacionados à minha participação como ator nos programas. De comum acordo, tínhamos estabelecido que, com a ausência de Viruta, eu atuaria em todos os programas, mas chegou o momento em que ele me disse:

– Não é conveniente que você apareça em tantos programas; as pessoas podem acreditar que você é uma espécie de Viruta de segunda classe.

Era evidente que tal apreciação era totalmente infundada. E também ficou claro que ele não queria mais me ter ao seu lado, então apresentei minha demissão à D'Arcy.

Eles se recusaram a aceitar! E se coloco essa afirmação com ponto de exclamação, é porque o primeiro a rejeitar a demissão foi o próprio Capulina. Porém, muito em breve encontrei uma explicação que esclarecia tudo: o que eles não aceitaram foi a minha demissão como escritor, porque, como ator, eu podia fazer o que bem entendesse. Quer dizer: eu poderia ir para os diabos se quisesse. Porém, como naquela época eu continuava considerando que meu futuro estava firmemente ligado às minhas habilidades de escrita, concordei em negociar. Claro, impondo uma condição: que meu crédito como escritor aparecesse na tela com letras maiores do que as de Capulina. Acha que me concederam a exigência? Ora, sim! E tenho certeza de que, pelo menos no México, não há história de algo semelhante (que o crédito do escritor fosse maior que o do protagonista).

Antes desse "acordo" com a D'Arcy e com Capulina, eu já havia atuado em dois dos filmes destes, ambos adaptados por mim: *Operación Carambola* [Operação Carambola] e *El zángano* [O zangão]. No primeiro tive um papel mediano, e no segundo só tive uma participação especial. Acho que em ambos os filmes a minha participação se destacou. Porém, esse foi o último, porque depois veio o "acordo" e então o rompimento final, determinado pela minha decisão, já que era emocionalmente insuportável, para mim, trabalhar naquelas condições de "amigos, mas não tanto" ou "inimigos, mas não muito".

Portanto, reenviei minha demissão para a produção de *Cómicos y canciones*, dessa vez como irrevogável.

Eu continuava escrevendo *El estudio de Pedro Vargas* e, ocasionalmente, vários outros programas. Entre eles poderia destacar *El yate del prado* [O iate do prado], com a atuação estelar do inesquecível Panseco, que fora a primeira figura do humor radiofônico, e *Alegrías musicales Adams* [Alegrias musicais Adams], com a atuação de dois amigos meus: César Costa e Alejandro Suárez.

Também participei de quatro projetos que finalmente formaram uma parte muito importante do meu futuro. A razão para isso é que os quatro projetos foram devidos a uma pessoa a quem serei eternamente grato. Refiro-me a Sergio Peña, um cubano que, como contarei mais tarde, foi decisivo na minha vida profissional. Embora diga que Sergio era cubano, porque nasceu na bela ilha, ao mesmo tempo ele era um mexicano como outro qualquer. Seu corpo era enorme: alto, largo e extremamente robusto. Porém, sua alma era ainda maior. Ele era casado com a bela e simpática Kippy Casado, e ambos realizavam todo tipo de atividades relacionadas ao entretenimento.

Desses quatro projetos, dois viraram séries de televisão, e dois permaneceram em fase de "programa-piloto"; ou seja: gravações que serviram de amostra para os possíveis clientes. Uma das séries era encabeçada pelas Hermanas Navarro, cantoras e atrizes incríveis, e a outra tinha como protagonista o magnífico comediante Oscar Ortiz de Pinedo (pai de Jorge, de mesmo sobrenome). Dos programas-piloto, um não chegou a ter título, mas era encabeçado por Emilio Brillas, na minha opinião um dos melhores comediantes de todos os tempos do teatro mexicano. A respectiva série não foi realizada por motivos de saúde do protagonista. E o outro programa-piloto merece um parágrafo separado.

Era intitulado *El hotel de Kippy* [O hotel de Kippy] e seria estrelado por Kippy Casado, obviamente. Era acompanhada por Luis Manuel Pelayo, outro grande comediante. No programa-piloto, também deveria aparecer um velho preguiçoso, que seria morto no decorrer da trama, um papel que havia sido atribuído a outro grande ator de comédia: Arturo Cobos, "Cobitos". Contudo, isso nunca foi para a gravação do piloto. Então, como tinha acontecido em um programa de *Cómicos y canciones*, eles me pediram para vir em seu socorro, ao que concordei prontamente. E a amostra ficou tão boa que o cliente (Colgate-Palmolive) foi rápido em dizer que seria o patrocinador da série.

– Mas terá que ser modificado – disse o presidente-executivo da empresa.

Eu havia chegado um pouco atrasado para a reunião em que isso estava sendo discutido, então não entendia o que estava acontecendo. E protestei dizendo:

– Perdão, mas o escritor sou eu. E eu acho que está bom assim.

– Tudo bem – disse o mesmo executivo –, mas achamos que o papel do

velhinho é incrível, então queremos que ressuscite o personagem.

O melhor de tudo era que, por causa da caracterização, não tinham me reconhecido, então o elogio foi absolutamente sincero. Depois, quando souberam que eu mesmo era o ator que havia interpretado o personagem, aumentaram os elogios e o interesse em realizar o que tinham sugerido. E adorei a ideia, é claro, pois, além disso, seria muito fácil escrever um segundo capítulo em que se explicasse que a morte do velhinho tinha sido um fingimento, ou coisa parecida. Assim, comecei a trabalhar imediatamente.

A primeira coisa que fiz foi encomendar uma peruca de velhinho, além de uns bigodes, também brancos. Então comprei uns óculos antigos que estavam quebrados… e logo depois todo o projeto entrou em colapso.

Acontece que, quando tinham sido escritos apenas alguns capítulos, Kippy Casado nos informou que estava grávida e que seu estado implicava grandes riscos à saúde, por isso deveria permanecer em repouso absoluto até o parto. E, embora fosse doloroso saber que o projeto não seria realizado, era pior ainda que a querida colega tivesse a saúde afetada dessa forma.

A aventura teve consequências de longo prazo, mas, quando chegar o momento adequado, voltarei à memória desses acontecimentos.

Tempos atrás, eu havia começado a escrever uma comédia para o teatro. No entanto, foram vários os motivos que me impediram de terminá-la: primeiramente, a falta de capital para tentar colocá-la em cena quando o texto ficasse pronto. Em segundo lugar, eu não tinha ideia de quem poderia estrelar a peça. No entanto, essa segunda questão estava começando a encontrar uma solução: e se eu mesmo fosse o protagonista?

– Mas se ninguém te conhece… – disse-me mais de uma pessoa. – Tudo o que você fez foram minúsculas participações no programa *Cómicos y canciones*, e as peças exigem a presença de alguma figura conhecida, pelo menos.

– Bem – eu estava comentando –, há dois papéis que podem ser considerados estelares, então eu poderia contratar um ator famoso para encabeçar o elenco.

– Por exemplo quem?

– Alejandro Suárez.

– …E quem é Alejandro Suárez?

– Irmão de Héctor, um dos integrantes de *Variedades de mediodía*.

– Nós sabemos quem é Héctor Suárez e quem é seu irmão Alejandro (que na verdade é apenas seu meio-irmão). Na verdade, perguntamos quem é ele para estrelar uma peça. Quer dizer: a pergunta significa que ele é igual a você: ninguém.

– Alejandro é um excelente ator! – eu disse enfaticamente.

– De acordo. E você também tem suas qualidades. Porém, os dois estão em

uma situação semelhante: tudo o que fizeram foi desempenhar papéis de terceira ou quarta ordem em programas de televisão. Ou seja: seu trabalho ainda não atrairia o público para o teatro.

– Mas também há um papel feminino.

– Assim poderia ser. Em quem você pensou?

– Em Norma Lazareno.

– Você bebeu?

– Espera! Não me diga que também não sabe quem é Norma Lazareno! Ela foi a estrela de um filme de muito sucesso: *El dolor de pagar la renta*.

– Faz quanto tempo?

– Bem… faz alguns anos.

– Alguns, não; muitos. O suficiente para que o público não tenha mais a menor ideia de quem seja Norma Lazareno.

E os comentários continuaram nesse tom. Até que um dia um jovem que estava iniciando sua carreira como assistente de produção me abordou e que depois se tornou muito conhecido no meio televisivo. Chamava-se Humberto Navarro e me disse:

– É verdade que você quer encenar uma peça que escreveu?

– Que ainda estou escrevendo – corrigi. – Porque ainda não terminei. Porém, sim. Sim, eu gostaria de levá-la ao palco.

– Eu me junto a você como sócio.

Sua oferta me pegou mais do que de surpresa, porque "El Niño" (como era chamado Humberto) nem tinha lido a peça; e eu indiquei isso a ele, mas ele insistiu, bajulando-me:

– A mim basta saber que se trata de um trabalho seu. É suficiente.

O elogio aumentou meu constrangimento, por isso ainda respondi, valendo-me daquele defeito que muitas vezes temos (eu mais do que outros) de atenuar o nosso rubor subestimando os nossos próprios méritos, às vezes como se fôssemos opositores de nossos feitos:

– Mas não tenho ator renomado; a estrela serei eu.

– Melhor ainda! Quando começamos?

– Os demais estão no mesmo caso: Norma Lazareno e Alejandro Suárez…

– Alejandro Suárez! – ele exclamou com um sorriso de orelha a orelha. Não há mais nada para discutir! Onde eu assino?

E nos lançamos à aventura.

Cada um contribuiria com metade do investimento, cuja primeira despesa era o adiantamento que dávamos para o aluguel do teatro, o extinto Sullivan, situado na rua de mesmo nome. Tinha capacidade para 340 pessoas, e o aluguel era de 12 mil pesos mensais. Era um preço razoável para a época (1966). Assim,

enquanto Humberto cuidava da papelada necessária, terminei de redigir o trabalho, cujo título deveria ter sido *¡Silencio… Recámara… Acción!* [Silêncio… Quarto… Ação!].

E digo que deveria ter sido, mas não foi, pois na época havia um censor que se encarregava de aliviar o peso da nossa consciência imunda e evitar que títulos "infames" fossem exibidos em marquises e jornais. Não me lembro do nome completo do distinto censor, nem ele merece ser lembrado por ninguém. Especialmente depois das incontáveis advertências de famílias que ele deve ter recebido naquela época. E eu não tive escolha a não ser intitular meu trabalho *¡Silencio, cámara, acción!* [Silêncio, câmera, ação!]. Isso levou minha filha Cecilia, que na época tinha 6 anos, a perguntar:

– Por que mudaram o título? Eu gostava mais de "*recámara*" [quarto].

– Bem, sim – respondi –, eu também gostava mais do jeito que era antes… Mas teve uma outra pessoa que não gostou.

– Bom, é um tonto! – Cecilia respondeu. – Porque era muito mais engraçado como estava antes. Mas, sabe de uma coisa? Se já retiraram o "*re*" do início, agora tirem o "*ra*" do final e vai voltar a ser engraçado, porque vai ficar: *¡Silencio, cama, acción!* [Silêncio, cama, ação!] (Espero que ela tenha dito isso com toda a inocência da idade que tinha.)

Muitos previram o fracasso. E estavam certos. Nos primeiros dias, doze, treze ou mesmo quinze espectadores vieram a cada apresentação, sem esquecer que houve uma sessão com nove espectadores (incluindo Graciela e o bilheteiro, que lá se sentou). Isso representava uma perda diária de uma quantia considerável, mas Humberto e eu usamos nossas parcas contas bancárias e não permitimos que os atores e técnicos saíssem um só dia sem o pagamento correspondente. Porém, não poderíamos nos comportar de maneira tão galante com relação ao aluguel do teatro, cujo pagamento quitamos somente três ou quatro meses após a retirada da peça de cartaz. Porém, o dono do Teatro Sullivan era o Dr. Gustavo Baz, um conhecido médico e político com uma capacidade econômica que poderia suportar atrasos como aquele e mais longos.

Por outro lado, os poucos espectadores que compareceram riram muito e saíram falando muito bem sobre a peça e os atores. A consequência foi que o público aumentou sessão após sessão (que então eram duas vezes ao dia, de terça a domingo); ou seja: doze apresentações por semana. Isso é ótimo quando a temporada é um sucesso, mas o oposto quando o público não cresce, como aconteceu conosco durante um bom tempo. No entanto, o lento, mas constante, aumento de público me deixou otimista, embora o mesmo não acontecesse com Humberto Navarro, que me disse que só continuaria participando na sociedade até que fossem atingidas as cem apresentações da obra. Eu o fiz ver que a partir

dali a situação deveria melhorar muito, mas ele não queria mais arriscar seu capital. Então fizemos a centésima apresentação, e eu continuei sozinho com o pacote. E aconteceu o que eu previra: a situação ia melhorando dia a dia, de modo que comecei a recuperar um pouco do que estava perdido… mas só um pouco, porque então aconteceu o que era inesperado naqueles dias: a televisão anunciou que iria transmitir ao vivo as partidas da Copa do Mundo de Futebol, que aconteceria na Inglaterra. E a televisão cumpriu o prometido, motivo pelo qual todos os teatros ficaram praticamente vazios. Era uma situação que a minha reserva bancária não aguentava, que nessa altura já tinha caído para cerca de 15 ou 20 centavos, por isso decidi terminar a temporada quando chegássemos a 140 apresentações. Apesar disso, assim que acabou o campeonato de futebol, fiz uma turnê por algumas partes do país e consegui recuperar mais uma parte do investimento.

O grande problema veio depois, porque meu aluguel do Teatro Sullivan ainda estava em vigor por mais seis meses, e eu tive a infelicidade de sublocar o teatro a um filho de sabe-se lá quem, cujo sobrenome era Saldaña e cujo primeiro nome não ficou na minha amarga memória. Só lembro que o apelidaram de “Raposa Cinzenta”. Cinzenta por causa dos cabelos grisalhos, e raposa pelo que era, já que sublocou o teatro de mim por seis meses, o que se traduzia em uma soma de 72 mil pesos, dos quais recebi apenas 2.500. A diferença (69.500) era um prejuízo que naquela época representava uma dívida vitalícia, sem falar no que se acumulava na semana. Meu único consolo foi que o filho do Dr. Baz, dono do Teatro Sullivan, disse-me que me daria o prazo necessário para o pagamento da dívida, sem juros (Deus o abençoe). Por outro lado, foi nesses momentos que escrevi algo do que me encomendou Sergio Peña, para poder saldar a dívida um pouco antes do previsto.

Não gostaria de encerrar este capítulo sem citar algumas notícias tristes que recebemos no final da temporada de *¡Silencio, cámara, acción!* no Teatro Sullivan: acabava de falecer o extraordinário cantor e ator Javier Solís, que foi velado justamente na agência funerária que ficava a poucos metros do teatro. Apesar da dor que a notícia me causou, não pude deixar de me lembrar de algumas anedotas relacionadas justamente à minha peça.

A pedido de um produtor cinematográfico, eu havia escrito tempos atrás um argumento de filme destinado a unir duas grandes estrelas: Tin Tan e Javier Solís. Isso representou um incentivo mais do que agradável para mim, então logo terminei a tarefa e apresentei meu trabalho ao produtor, e ele me disse após a leitura do texto:

– Excelente! Você não precisa alterar uma única vírgula.

Na verdade, é muito raro acontecer algo semelhante na carreira de um

argumentista de cinema… e esse caso não foi exceção, pois dois dias depois fui convidado a ir ao escritório do produtor.

– Como eu disse a você – repetiu o produtor –, o argumento está excelente. E não vamos remover uma única vírgula. Tudo o que precisamos é de um leão para acomodá-lo.

– Um o quê? – perguntei, certo de que eu tinha ouvido mal.

– Um leão – enfatizou. – E, para ser ainda mais explícito, acrescentou: – Um felino enorme, com uma enorme juba ao redor da cabeça, garras afiadas e uma boca cheia de dentes e presas.

Sim, ficava muito claro para mim. Quero dizer, em termos de descrição, mas não em termos de razão.

– Senhor – eu disse –, neste filme, Tin Tan e Javier Solís serão dois caubóis, e a trama se passa no Velho Oeste, quando os dois acabaram de…

– Sim, sim – ele interrompeu. – Eu sei. E é um ótimo argumento.

– Então por que o senhor quer que o estraguemos?

– Não; estragar não! Pelo contrário: o senhor sabe que poucas coisas na tela do cinema são tão atraentes quanto um leão.

– Talvez, mas…

– E o senhor é um argumentista muito criativo, por isso não vai lhe custar nenhum trabalho abrir um buraquinho na trama do seu argumento e acomodar um leão nela.

– Mas por quê? – implorei. – Por que quer colocar um leão nesse filme?

– Porque tenho um leão.

A resposta foi proferida com calma, com um encolher de ombros e sobrancelhas erguidas, de modo que tudo se traduzia em um conceito: obviedade. E eu não tive escolha a não ser imitar o gesto, como se quisesse dar a entender que eu concordava.

– Há alguns outros detalhes – acrescentou ele com um sorriso. – É um leão imponente, muito bonito, e o que é melhor: é baratíssimo!

O raciocínio anterior havia me parecido aceitável, mas este último era mais do que contundente. Portanto, consegui modificar a trama do meu argumento para acomodar um leão imponente e lindo, de modo que o filme contasse com a atuação do felino. (Embora digamos que a avaliação do produtor não tenha sido muito precisa, porque, ainda que fosse verdade que o animal era lindíssimo, o "imponente" ficava a desejar. Além do mais, eu diria que era um leão mariquinhas, porque recuava de medo quando alguém se aproximava de sua jaula.)

Pois bem, pouco depois de começar a escrever minha comédia *¡Silencio… Recámara… Acción!* (aquela a que me referi anteriormente), percebi que a

anedota se encaixava perfeitamente no argumento e concordava muito bem com sua tese, então decidi incluí-la na obra. Mas, como os argumentistas costumam fazer, ampliei o fato substituindo o leão por um elefante. O resto era idêntico: um escritor que já apresentou seu trabalho recebe o pedido de incluir um elefante na trama, o que provoca desconcerto e desespero do escritor (o riso dos espectadores).

A anedota tem um epílogo adicional: algum tempo depois, fui contratado para produzir outra adaptação cinematográfica, que apresentei e foi rapidamente aprovada. Dias depois fui chamado pelo produtor, que me disse:

– A adaptação é muito boa. Mas, sabe de uma coisa? Acrescente um elefante.

Eu juro!

E sim, claro: acrescentei o elefante.

VII

Dos irmãos de minha mãe, apenas meus tios Ramón e Fernando permaneciam vivos. Eu me dava mais com meu tio Ramón, que tinha sido boxeador, jóquei do hipódromo, poeta, apaixonado, fiscal de alfândega, orador divertido, coroinha, maçom, político, jogador, simpático, irresponsável, filatelista e algumas outras coisas mais. Ele era, claro, o mais pobre da família, muito baixo (algo em torno de 1,55 m), mas de ótima aparência. Esta, somada a sua simpatia e seu bom gênio, haviam tornado meu tio um conquistador eficiente, o que ele deixou de ser quando se casou com uma verdadeira beldade (ex-rainha do famoso baile Blanco y Negro), de quinze a vinte centímetros mais alta que ele. Seu nome era María Luisa; e era divorciada, o que causou mais de uma rejeição por parte dos parentes; rejeição que se desvaneceu quando sua bondade e sua simpatia quebraram todas as barreiras. Nos últimos tempos, eles viveram em uma casinha modesta em Cuernavaca, a que meus irmãos e eu íamos às vezes. Tinham um periquito que nos fazia rir, quando dizia com um volume singular: “Ai, Rrrramoncito, não seja peidoooorrrreiro!”.

– Assim que me aposentar na Alfândega – dizia meu tio –, vou me dedicar inteiramente a organizar minha coleção de selos.

Era uma coleção muito modesta em termos de valor financeiro, mas formada com tanto empenho e dedicação que meu tio aguardava com ansiedade por esse momento. E, na verdade, ele estava a apenas um curto tempo de se aposentar. Não sei exatamente quanto, mas era questão de meses. Então aconteceu o imprevisto: faleceu minha tia María Luisa, sua esposa, e meu tio Ramón considerou que lhe seria impossível continuar morando naquela casa de Cuernavaca, que parecia exigir em todos os momentos a presença da mulher que havia sido um complemento essencial para a vida dele, e então ele decidiu voltar

para a Cidade do México para se instalar em um pequeno apartamento. Minha mãe lhe dava uma modesta ajuda financeira que incluía o salário da senhora encarregada do serviço doméstico. Mas não haviam se passado nem dois meses desde a morte de minha tia quando, bem cedo pela manhã, essa empregada telefonou para minha mãe.

– Ai, senhora! – ela disse. – Não consegui acordar o Sr. Ramoncito. Acho que ele morreu.

Minha mãe foi rapidamente ao apartamento, onde constatou que, de fato, meu tio Ramón tinha falecido durante o sono.

– Mas a expressão em seu rosto refletia paz e tranquilidade – minha mãe comentou mais tarde. – Como se estivesse satisfeito por ter ido reencontrar quem tinha sido metade de sua vida, para compartilhar com ela o descanso eterno.

* * *

Pouco depois, eu me submeti a outra intervenção cirúrgica que deveria corrigir o desvio do meu septo nasal, mas isso de corrigir desvios resultou menos eficiente do que um semáforo quebrado. O cirurgião, é preciso admitir, era conhecido por cobrar pouco do paciente quando este fosse ator, cantor ou coisa parecida. Era, além disso, muito simpático. E, como se não bastasse, tinha fama de fazer com que os cantores que vinham vê-lo por estarem afônicos recuperassem a voz. Isso ele conseguia por injeções de cortisona. E é claro que houve quem depois perdesse a voz para sempre ou sofresse de outras doenças que o uso indiscriminado desse medicamento costuma acarretar. Mas, repito: o médico cobrava pouco e era muito simpático. Seu único defeito era não saber operar um nariz.

Imediatamente depois, outras complicações de dimensão regular me ocorreram, como o fim da série de *Estudio de Pedro Vargas* e outros programas que escrevi para Sergio Peña, motivo pelo qual fiquei momentaneamente sem emprego fixo. Mas isso não me preocupou muito, pois seria fácil, para mim, receber encomendas para criar outros programas de televisão, além de poder vender um argumento cinematográfico, já que na época havia uma boa demanda por roteiros.

No entanto, um acontecimento mais que doloroso ainda estava por vir: Edy, o mais novo dos quatro filhos de meu irmão Horacio, morreu com a tenra idade de 4 anos. O menino engoliu um objeto que acabou se alojando em um dos pulmões e foi submetido a uma intervenção cirúrgica na qual perdeu a vida. Agora, quatro décadas depois, ainda tenho a lembrança da dor amarga que turvou o rosto de meu irmão, bem como do cabelo grisalho que inundou sua cabeça antes que tivessem se passado dois meses.

* * *

Então, em maio de 1968, veio o pior: o diagnóstico de que minha mãe tinha um tumor cancerígeno no pâncreas, que previa que, sem alternativa, sua vida não duraria mais de oito a dez meses após o anúncio. E o prognóstico se cumpriu plenamente, pois minha mãe faleceu no dia 22 de dezembro daquele ano, depois de terem aplicado nela poderosas drogas que mitigavam as dores, mas que, ao mesmo tempo, faziam diminuir o funcionamento daquele cérebro que tão magnificamente sempre havia se destacado.

* * *

Apenas oitenta dias antes de chegar àquele triste final, ocorreu um evento que abalaria o país: o tristemente famoso 2 de outubro de 1968. Trata-se do desfecho sangrento de uma tragédia que havia começado com o surgimento de um desentendimento trivial (um pleito entre alunos de duas escolas) e que terminaria em derramamento de sangue, perda de vidas, sepultamento de corpos, sepultamento de esforços, sepultamento de ilusões.

Quem teve a culpa? Que consciência terá de carregar as lápides de todos aqueles garotos, daqueles soldados e até daqueles transeuntes casuais? Diz-se – e é o mais factível – que o número de mortos foi muito superior ao publicado oficialmente e que rivaliza com o dos desaparecidos. Abundam diversas versões a esse respeito, a grande maioria das quais tende a apontar como culpado o Estado-Maior Presidencial, cujo comandante supremo é o presidente da República (no caso, Díaz Ordaz), sem omitir apontamentos ao secretário do Interior (Luis Echeverría), a Fernando Gutiérrez Barrios, a Marcelino García Barragán, ao Exército e a várias outras pessoas ou entidades. Também não é aceitável a teoria de que por trás dos protestos e das manifestações houvesse algum plano orquestrado subversivamente (o que não justificaria, longe disso, a ação sangrenta), e, julgando com todo o rigor, também são questionáveis a ingenuidade e as intenções beatíficas na condução do movimento.

Um dia, muito tempo depois, tive um encontro casual com meu primo Alfredo Díaz Ordaz, filho do então ex-presidente do México. E eu perguntei a ele abertamente:

– O que seu pai disse sobre 2 de outubro de 1968? Ele não deixou algum escrito sobre aqueles acontecimentos?

Estávamos na esplanada principal da Televisa San Ángel, no centro da qual havia então uma bandeira do México, uma bandeira para a qual, pelo que me lembro, Alfredo olhou fixamente antes de responder:

– Meu pai escreveu suas memórias.

– E o que elas falam sobre isso?

– O conteúdo delas se tornará público depois de algum tempo. Foi isso que ele determinou.

– Em quanto tempo?

Não sei se Alfredo voltou a olhar para a bandeira nacional ou se isso nada mais é do que uma adaptação que o meu subconsciente faz para dar à narrativa matizes dramáticos (que estariam em harmonia com a minha profissão). De qualquer modo, suas palavras implicaram um elemento dramático, já que sua resposta foi:

– Só posso lhe dizer duas coisas: uma, que o que meu pai escreveu era a verdade; dois, que não estarei presente para confirmá-lo.

O dramático foi a premonição, pois Alfredo faleceu pouco depois. (Meu primo era muito mais jovem do que eu.) Mas qual teria sido o motivo de tal premonição? Será que ele sabia que estava doente? Simples intuição? Não sei. Alfredo levou o segredo para o túmulo. Ou será que levou um número maior de segredos?

* * *

Logo após os infelizes acontecimentos de 2 de outubro, a Cidade do México sediou os Jogos Olímpicos de 1968, grande evento que, segundo alguns, deveria ter sido cancelado como forma de expressar a dor que a Tragédia de Tlatelolco havia deixado. Outros, por outro lado, achavam que os distúrbios tinham sido expressamente planejados para coincidir com os jogos, de forma que servissem para atrair a atenção de todo o mundo. De qualquer forma, no dia 12 de outubro aconteceu a cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos.

Mas, independentemente das projeções anteriores, as Olímpiadas do México de 1968 foram uma festa de emoção e cor, muitas vezes temperada com cenas de fraternidade universal que vieram a constituir surpresas inesperadas. Na cerimônia de encerramento, por exemplo, vi um judeu e um árabe que se fotografaram um ao outro depois de trocarem suas respectivas câmeras.

* * *

Como já mencionei, o clímax daquele ano convulsivo de 1968 foi a morte de minha mãe. O desfecho ocorreu na noite do dia 22 de dezembro, quando ela já estava há algum tempo na casa do meu irmão Paco, onde havia mais recursos para lhe proporcionar os cuidados que seu infeliz estado de saúde exigia, e, embora todos soubéssemos que o acontecimento chegaria mais cedo ou mais tarde, não pudemos evitar as lágrimas que acompanham essa sensação de dor e vazio que gera o último adeus de um ente querido. Para nós ela foi mãe, pai, confidente, guia, professora, conselheira e amiga querida. Ela foi enterrada na mesma cripta que abrigava os restos mortais de meu pai, que havia morrido 33

anos antes, no Panteón Francés da Cidade do México. E, 32 anos depois, por coincidência, essa mesma sepultura também abrigaria os restos mortais de meu irmão Paco.

VIII

No início de 1969, recebi um telefonema de Sergio Peña.

– Ei, Che'pirito – disse-me com aquele sotaque cubano de engolir os "s", que conservou por toda a vida –, preciso vê-lo com urgência.

– Quando e onde? –perguntei-lhe sem mais delongas.

– Daqui a cinco minuto', aqui na' instalaçõe' do Canal 8. Sabe onde fica?

Sim, eu sabia onde ficavam essas instalações, pois havia sido amplamente divulgado que a Televisión Independiente de México tinha adquirido os Estudios San Angelín para adaptar seus estúdios de cinema aos estúdios de TV; e seria fácil, para mim, chegar a esse lugar. O que não seria tão fácil seria eu chegar em cinco minutos, como ele havia pedido.

– Bem, garoto – disse ele com um sorriso –, leve o tempo que precisar. Eu não vou sair daqui, parceiro.

Assim, segui para o local combinado o mais rapidamente possível. Lá Sergio me informou que tinha sido contratado para cuidar de boa parte do que seria a programação do novo Canal 8, acrescentando que, claro, eu tinha de ser um elemento muito importante da equipe dele. E aceitei prontamente, sem me preocupar em averiguar quais seriam as condições (que certamente seriam as melhores possíveis, já que Sergio Peña estava envolvido).

A primeira coisa que ele me pediu foi que escrevesse uma série de humor em que o protagonista fosse um daqueles caras que se metem em tudo para defender os mais necessitados. Então escrevi o primeiro capítulo de uma série que chamei de *El ciudadano* [O cidadão].

O roteiro recebeu as melhores críticas (inclusive de dom Aurélio Flores Isita, diretor-geral do Canal 8), e me pediram para escrever um pequeno diálogo, baseado no mesmo personagem, com duração não superior a três minutos. Fiz

isso rapidamente e, ao entregá-lo, perguntei qual era o destino de algo tão breve. Eles responderam que seria usado para fazer um *casting*. (Só a partir daquele momento soube que o referido anglicismo significava algo como “teste de atuação”.) Então, sabendo que vários atores seriam convocados para uma avaliação de quem seria o mais adequado para interpretar o personagem, pedi que me incluíssem no tal *casting*. Todos nós que fizemos o teste representamos o papel de Ciudadano [Cidadão], contando (também todos) com a ajuda de Rubén Aguirre como companheiro de cena, de tal forma que agora posso dizer que aquela foi a primeira vez que Rubén e eu contracenamos. Entre os candidatos para o papel havia o mesmo número de atores conhecidos e desconhecidos, enquanto a respectiva análise e o julgamento ficaram a cargo de vários executivos da Televisión Independiente de México, que determinaram que eu seria o escolhido. Isso era como dar um salto mais alto do que um campeão mundial de salto em altura; e acho que foi justamente o que fiz quando fui informado: dei um pulo de alegria, que, se não bateu o recorde de altura, bateu o recorde de felicidade.

E logo depois eu já estava no estúdio gravando a série, cujo primeiro capítulo seria o que eu tinha escrito como prova. Nesse episódio, aliás, o protagonista feminino era interpretado por uma famosa e excelente atriz de cinema, Anabel Gutiérrez, que muitos anos depois teria lugar fixo em meus programas como a simpática mãe de Chimoltrúfia. Em seguida, seriam gravados outros doze programas, até completar um bloco de treze, a quantidade necessária para cobrir um ciclo de três meses. O título definitivo do programa, disseram-me, deveria ser completado com um sobrenome para o Ciudadano, e, como a escolha cabia a mim, coloquei o meu próprio sobrenome (que acabou sendo adequado à idiossincrasia do personagem). O título completo ficou, portanto, *El ciudadano Gómez*.

A série contou com um ingrediente a mais; um ingrediente que eu compararia a um enfeite de ótima qualidade: refiro-me à inclusão daquele gênio da canção vernácula que se chamava Chava Flores (que ainda se chama, eu diria, porque suas canções prevalecem em todas as áreas, formando um nicho de imortalidade para o incomparável Chava).

Como devem bem se lembrar, o grande compositor era, além disso, um excelente intérprete, qualidade que aproveitávamos para que Chava aparecesse em todos os programas, incorporando diferentes personagens que acabavam sendo algo semelhante ao “menestrel”, que enriquecia o desenvolvimento de cada capítulo com canções alusivas à trama. Essas intervenções finalizavam cada um dos quadros em que o programa era dividido, cujo tema musical era justamente “Sábado, Distrito Federal”, uma das canções mais conhecidas do

famoso compositor. Como se fosse pouco, Chava acabou provando ser um ator excelente e extremamente simpático.

A série, portanto, prometia se tornar um sucesso. Então aconteceu algo que eu poderia ter considerado um elogio; mas que, apesar disso, acabou sendo um obstáculo no meu caminho.

– *El ciudadano Gómez* é excelente – disseram-me –, e por isso vamos guardar a série para apresentá-la no momento oportuno.

– E qual será esse momento oportuno? – perguntei, com uma boa dose de perplexidade.

– Quando funcionar como arma de contra-ataque.

– Como arma de contra o quê?

– Taque.

– Puxa!

– Olha – explicaram-me –, o Telesistema Mexicano, que é a concorrente, vai responder com suas melhores armas para combater a presença do Canal 8, e vamos reagir com essa arma formidável que é *El ciudadano Gómez*.

Posto dessa forma, era indiscutível que isso era um elogio. O que eu não tinha certeza era se era também uma manobra sábia. E eu nunca soube se era, porque várias circunstâncias se uniram para impedir que o uso do suposto estratagema se tornasse necessário.

* * *

Enquanto isso, também fui contratado para preparar um roteiro para todo o programa de inauguração do Canal 8, que deveria durar muitas horas. Escrevi apresentações de números musicais, introduções de seções, esquetes, diálogos e tudo o mais que fosse necessário. E acho que o programa ficou muito bom.

A partir dessa época, as telas de televisão passaram a ter um ingrediente a mais: a programação do Canal 8, que contava com algumas séries importadas, como *La lucha en patines* [A luta em patins], que alcançou certa notoriedade, mas logo passou a fazer parte do setor em que sempre deveria ter estado: o de programa para preencher horário. Houve também séries originais, gravadas nas instalações de San Ángel, que alcançaram boa qualidade. E claro: começou também a competição representada pela realização de novelas, entre as quais se destacou *Los hermanos coraje*,[40] que incluiu muitas cenas gravadas em um povoado ao estilo texano, expressamente construído nas dependências dos próprios estúdios.

Simultaneamente, surgiu a oportunidade de mais uma vez atuar com o grande Chava Flores; e dessa vez com um acréscimo sensacional: a atuação de dom Hermenegildo Torres, criador e presidente vitalício do célebre PUP (Partido

Único de Pendejos [Sem-Vergonhas]).
O homem era constantemente solicitado a ditar suas maravilhosas e originais conferências, que já haviam sido gravadas em discos que vendiam como pães quentes.

Dessa vez, tratava-se de fazer uma única transmissão com comentários a respeito das eleições presidenciais imediatas nos Estados Unidos, e os comentaristas seríamos Chava Flores, dom Hermenegildo Torres e eu, cada um falando à sua maneira e de forma improvisada. Essas condições fizeram, é claro, com que meus dois companheiros se destacassem muito mais do que eu, mas também aconteceu que eu me divertia muito mais do que meus dois companheiros.

No entanto, logo depois disso, fiquei desempregado novamente. E então, sem emprego e sem reservas financeiras, fiz uma viagem de passeio à Europa.

IX

Meus irmãos já tinham planejado a viagem quando me convidaram para participar. As despesas? Meu irmão Paco me emprestaria a quantia necessária para eu dar uma entrada e poder parcelar o restante do pagamento na agência de viagens que estava vendendo o pacote. E, assim, os três irmãos Gómez Bolaños cruzaram o Atlântico, acompanhados de seus respectivos cônjuges: Anita com Paco, Luz María com Horacio e Graciela comigo. A turnê incluiu cidades na Itália, França, Espanha, Inglaterra, Áustria, Dinamarca, Suécia e Noruega.

Não preciso dizer que me diverti muito, embora tenhamos ficado em hotéis de qualidade modesta e mediana. Em alguns deles, por exemplo, os quartos não possuíam banheiro próprio (refiro-me ao vaso sanitário e ao chuveiro, pois havia pia). Isso implicava que, se tivéssemos de fazer as necessidades, fosse o "número um" ou o "número dois", tínhamos de usar um banheiro compartilhado que geralmente ficava no fim do corredor em cada andar, o que significava que em muitas ocasiões era necessário fazer fila junto com os demais hóspedes cujo objetivo era o mesmo; e, numa dessas ocasiões, aliás, bastou-me contar as pessoas que estavam na minha frente para decidir voltar ao meu quarto em marcha forçada (mas apertando os joelhos). E felizmente era o "número um" (leia-se "xixi"), porque o que fiz foi esvaziar a bexiga na pia. Mas, sim: fiz com o cuidado de que tudo caísse no ralo, e para isso tive de subir numa cadeira. E ainda bem que Graciela me ajudou a segurar a cadeira, pois ela cambaleava como um bêbado em um ônibus de segunda classe (a cadeira, não Graciela). No dia seguinte, porém, fomos vítimas de um erro de interpretação que nos causou a mais desagradável das surpresas: acontece que estava abrindo a torneira da pia com a intenção de escovar os dentes, quando descobri que a água saía com um aterrorizante tom amarelado.

– Você viu aquilo? – perguntei para Graciela. – O hóspede de cima está fazendo a mesma coisa que eu!

– Não seja bobo – ela me disse, morrendo de tanto rir. – A água sai assim porque enferruja ao passar por tubulação velha, mas isso dura apenas um momento; logo começa a sair melhor.

Assim aconteceu, felizmente, sem que o incidente conseguisse desviar o propósito que meu irmão Horacio havia manifestado no momento em que o avião decolou para cruzar o oceano:

– Muito bem! – ele disse naquela ocasião. – A partir de agora só teremos uma preocupação: fazer todo o possível para nos divertirmos ao máximo.

O que, para falar a verdade, não nos custou o mínimo trabalho. Além disso, pode-se dizer que um dos poucos incômodos que tivemos naquela viagem foi a falta de notícias do que se passava em casa, já que naquela época os contatos telefônicos eram poucos e difíceis. Por outro lado, nosso querido México era então (e infelizmente ainda é) um lugar praticamente inexistente para os europeus, de modo que os jornais não nos dedicavam mais de catorze linhas por semana. A menos que se tratasse de alguma tragédia notável, porque o sensacionalismo é uma questão de consumo para toda a imprensa do mundo; como aconteceu quando soubemos que um avião havia caído no México e que entre as vítimas do acidente estava o famoso tenista Rafael “El Pelón” Osuna. No mesmo acidente morreu também Carlos Madrazo, político mexicano de destaque, mas soubemos disso mais tarde, já no México, já que os políticos nunca foram tão importantes a ponto de merecer um espaço nos jornais europeus, como alguns atletas às vezes merecem. (Isso não é exclusividade dos mexicanos; se morresse um presidente do Brasil ou da Argentina, a notícia ocuparia um espaço bem menor do que se fossem Pelé ou Maradona.) E naquela ocasião, aliás, dizia-se que o acidente poderia ter sido produto de um ataque a Carlos Madrazo, visto que este mais do que havia incomodado o governo com projetos de democratização que necessariamente reduziriam as regalias da extensa e poderosa classe governamental. Mas a suspeita nunca chegou a ser esclarecida (o que é raro que aconteça no México, não?).

Esse mesmo ano (1969) também seria testemunha de eventos de enorme importância, o maior dos quais seria, sem dúvida, a chegada da Apollo 11 à superfície da Lua, incluindo a singular caminhada de Neil A. Armstrong e Edwin E. Aldrin, enquanto Michael Collins permanecia circundando o satélite a bordo do módulo de comando, aguardando o retorno de seus companheiros. O que tinha sido ficção científica transformava-se em uma realidade esplêndida.

Muito tempo depois, Florinda me contaria algo que sua avó dissera naquela ocasião memorável:

– Eu tinha certeza de que mais cedo ou mais tarde o ser humano realizaria a façanha de pisar na Lua. Mas o que eu nunca poderia imaginar é que eu mesma testemunharia a façanha, confortavelmente sentada na sala da minha casa.

Afinal, esta havia sido uma parte muito importante do prodígio: a tecnologia tinha tornado o avanço mais significativo depois da constituição da "aldeia global" anunciada por McLuhan.[41] A TELEVISÃO (assim, com letras maiúsculas) aproximava os lugares mais remotos; e o que acontecia na Austrália seria visto simultaneamente em Paris, no México, em Buenos Aires e assim por diante. As notícias podiam ser positivas e encorajadoras (como essa sobre a viagem à Lua) ou assustadoras e tristes, como havia acontecido seis anos antes, com o assassinato de John F. Kennedy. O que não tinha mais lugar no mundo era o isolamento, já que, logo após sua chegada, a TV dava a entender que muitas transmissões se tornariam presas disputadas pelas feras mundiais da comunicação. E, naquela ocasião, o México não foi exceção, pois o Telesistema Mexicano e a Televisión Independiente de México lutaram para ter o maior número de telespectadores. Não tenho dados a esse respeito, mas imagino que a balança tenha pendido para o lado da Telesistema, cujas transmissões eram comandadas por Jacobo Zabludovsky e Miguel Alemán, que estavam nas instalações de lançamento da Apollo 11. Do lado do Canal 8, destacou-se a presença, no estúdio, do popular Mario Moreno "Cantinflas", que fazia comentários com seu estilo muito peculiar. Pude testemunhar pessoalmente. (Reconheço que não achei o tom excessivamente bem-humorado apropriado para uma transmissão que exigia uma abordagem que evitasse distrações, para que pudesse se concentrar em enfatizar o enorme significado do evento.)

Por outro lado, eu já tinha um novo emprego…

* * *

Era uma série que seria apresentada todos os sábados (com duração completa da grade desses dias). O programa seria composto por danças, canções, números cômicos, mágicos, malabaristas e outros elementos circenses, além de todo tipo de competições e sorteios. O produtor era, mais uma vez, meu anjo protetor: Sergio Peña, que me disse:

– Che'pirito: vou te dar dois segmentos de mais ou menos dez minutos cada, para que você possa fazer o que quiser; o que te der na telha, meu parceiro.

E não sei se me deu na telha ou onde exatamente, mas algo saiu disso, porque o que eu fiz foi o preâmbulo de acontecimentos que mais tarde se tornaram marcantes para mim, já que um dos meus espaços foi ocupado por *La mesa cuadrada* [A mesa quadrada], que era algo como uma paródia dos programas da mesa-redonda.

O grupo era composto por três “supergênios” (?) que responderiam a todas as perguntas que o público supostamente enviava (perguntas que obviamente tinham sido escritas por mim, assim como as respostas.)
E os pseudogênios éramos Rubén Aguirre, a quem batizei desde então como Professor Girafales [Profesor Jirafales]; Ramón Valdés, irmão dos famosos Tin Tan e “El Loco” Valdés, a quem dei o nome de Ingeniebrio Ramón Valdés y Tirado Alanís (porque representava um bêbado);[42] e eu, com o nome e as características do Doutor Chapatin [Doctor Chapatín], para o qual usei a peruca, os bigodes e tudo o mais que havia confeccionado para o personagem que interpretaria em *El hotel de Kippy*, que tinha sido cancelado algum tempo antes. Só acrescentei algo que mais tarde despertaria a curiosidade de mais de um espectador: a sacola (de papel) do Doutor Chapatin.

As perguntas das supostas cartas eram lidas por Aníbal de Mar, aquele comediante cubano que fora companheiro do grande Tres Patines. Havia também uma secretária representada pela simpática Bárbara Ramson. Esta última, porém, logo foi chamada pela concorrência (Canal 2) e foi substituída por uma garota baixinha que acabou sendo um dos pilares do meu grupo: María Antonieta de las Nieves. Posteriormente, Aníbal saiu do país, e María Antonieta ficou encarregada de ler as cartas.

Esse quadro de *Sábados de la fortuna* [Sábados da Fortuna] teve tanto sucesso que a empresa achou conveniente dar a ele a oportunidade de fazer parte de uma série própria. Assim começou o programa que durante várias semanas ainda se chamou *Los supergenios de la mesa cuadrada* [Os Supergênios da Mesa Quadrada] e que mais tarde adquiriu o título de *Chespirito*.

Depois daquela experiência narrada muitas páginas atrás, quando meu clube dos Aracuanes enfrentou um novilho, pensei que nunca mais voltaria a tentar algo assim. No entanto, cometi o erro mais duas vezes.

E o primeiro ficou a cargo do *La mesa cuadrada*. O que estávamos fazendo então? Pois bem, nada menos que a rotina de perguntas e respostas com María Antonieta de las Nieves, Rubén Aguirre (como Professor Girafales), Ramón Valdés (como Ingeniebrio Tirado Alanís) e eu (como Doutor Chapatin). O número foi apresentado no centro da arena, e em determinado momento soltavam um novilho que vinha em nossa direção e causava a debandada geral do grupo, o que provocaria o riso. Mas todos nós tínhamos planejado a atitude que deveríamos adotar: María Antonieta sairia antes que o bezerro aparecesse; eu correria até saltar a barreira, o que era cômico pela caracterização do Doutor Chapatin como um velho, enquanto Ramón e Rubén, conhecedores da arte das touradas, dariam alguns passes. E tudo saiu quase ao pé da letra, exceto a parte de Ramón, já que ele decidiu se tornar um herói fazendo um *tancredo*. Os

especialistas me dizem que é uma manobra em que o toureiro fica totalmente imóvel, evitando assim ser atacado, já que os touros perseguem apenas o que se move (e não a cor vermelha, como alguns pensam). Mas dessa vez tivemos o azar de o touro ignorar os regulamentos, porque deixou um arranhão tremendo na lateral direita do tronco do valente Ramón.

E então tivemos outra experiência semelhante quando Rubén Aguirre e eu lutamos com um novilho um pouco maior, pesando cerca de 150 quilos. “Outro cachorrinho de colo”, diriam os toureiros, mas um verdadeiro colosso na minha maneira muito particular de enxergar o animal. Eu estava vestido como Chapolin Colorado, e, em vez da capa vermelha, usei a marreta biônica, o que representava uma desvantagem para mim, mas Rubén me aconselhou a manter a calma (sua experiência representava a melhor garantia de segurança). E assim foi, porque ele evitou a tragédia ao fazer uma finta profissional e oportuna que me impediu de sofrer um ferimento do touro ou algo semelhante, embora pouco antes o novilho já tivesse me dado uma topada que me deixou atordoado pelo resto do dia.

Mas o público riu abertamente, sem se importar que eu tivesse caído com uma clavícula aberta (sem fratura, felizmente, mas bem esfolada), o que bastou para, alguns dias depois, eu receber uma oferta suculenta: um salário equivalente ao que recebia o toureiro mais valorizado do momento, em troca de protagonizar uma corrida de touros na arena Plaza México. No entanto, recusei a oferta como se tivesse sido convidado para ser o protagonista de uma execução na guilhotina na Revolução Francesa. E então cumpri o que havia prometido anteriormente, pois não cometi o erro de voltar a encarar um daqueles animais, de qualquer tamanho que fosse.

Por outro lado, a paródia da tourada foi “sem sangue”, como chamaram os especialistas nisso. Ou seja: não havia bandarilhas, lanças ou espadas que fizessem sangrar o novilho… Mas era a época em que começava a era da televisão em cores, o que evitou que os não fãs, como eu (e como tantos outros, acho), notássemos que o sangue do touro também era vermelho. Não que antes tivéssemos pensado que a chamada festa de touros fosse algo semelhante a uma brincadeira infantil; mas, nas poucas ocasiões em que nos ocorreu ver uma tourada na televisão, o preto e o branco disfarçavam o que depois se tornou evidente com a cor: o touro se banhava no sangue que escorria de suas inúmeras feridas; a chamada “festa” era na verdade um rito bestial, um rito de morte.

Tenho muitos amigos que não só são verdadeiros fãs das touradas, mas também se posicionam como defensores apaixonados dos supostos benefícios que a prática dessa atividade contém. Sei que devo respeitar sua maneira diferente de pensar, mas também sei que jamais compartilharei sua convicção e

que continuarei a considerar a tourada como algo primitivo, como algo selvagem, como uma reminiscência de um circo romano ou daqueles terríveis enfrentamentos que nossos ancestrais deveriam ter com as feras que povoavam seus arredores.

* * *

Meio ano antes, algo tão inesperado quanto lindo acontecera: o nascimento do sexto e último dos meus filhos e a quinta menina: Paulina. Isso aconteceu quando o Roberto, até então o caçula da minha prole, já tinha 6 anos, então era difícil imaginar que poderia haver um aumento na família. No entanto, foi isso que aconteceu. E a nova descendência veio encher minha existência de felicidade, tornando-se logo aquela por quem eu fazia tudo. Tanto que ela era a única que eu permitia que me interrompesse quando eu estava trabalhando em casa. Por exemplo: eu estava datilografando, e Paulina vinha deslizando de fininho até se sentar nos meus joelhos, onde ficava observando, primeiramente com curiosidade e depois com atenção, a maneira como as letras iam sendo impressas no papel. Poderia ter sido uma premonição de que a pequena Pau chegaria a ter habilidades excelentes como escritora? Talvez. Mas, sim: o que não admite dúvidas é que ela tem um grande talento para essa e muitas outras atividades relacionadas à criatividade.

* * *

Em todo lugar nos deparávamos com um anúncio singular: México 70. O que significava que no decorrer daquele ano (1970) o México seria a sede oficial da Copa do Mundo de Futebol. Foi a primeira vez que um mesmo país teve o privilégio de organizar os dois eventos esportivos mais importantes do mundo: os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo. E foram realizados com apenas dois anos de diferença, os Jogos Olímpicos em 1968, e Copa do Mundo em 1970! (Algum tempo depois, para somar aos privilégios, o México também se tornaria o primeiro país do mundo a sediar duas vezes a Copa do Mundo, ao sair em resgate ao grande evento quando a Colômbia não pôde realizar o campeonato correspondente a 1986, cuja sede lhe havia sido oficialmente concedida.)

Nas duas Copas do Mundo, 1970 e 1986, a sede foi conquistada graças ao empenho entusiasta (e poderoso) de um homem: Emilio Azcárraga Milmo, que contou também com a colaboração da grande equipe que se encarregou dos detalhes complicadíssimos de tecnologia, logística, diplomacia e outros, entre a qual se destacava o enorme talento de Guillermo Cañedo.

Como se tudo isso já não fosse privilégio suficiente, os mundiais celebrados no México se distinguiam por outro elemento com o qual foram temperados: a consagração das maiores estrelas que o futebol já conhecera: Pelé, em 1970, e

Maradona, em 1986. E não foi uma coincidência, portanto, o fato de os respectivos campeões terem sido o Brasil e a Argentina.

* * *

Naquela época, meu irmão Paco se divorciou de Anita. A separação, como acontece em alguns casos, foi benéfica tanto para eles quanto para os quatro filhos, uma vez que o relacionamento conjugal já fazia tempos que apresentava enormes desencontros de compatibilidade. Pouco depois, Paco se casaria com a inesquecível e carinhosa Marta Zamora, que seria sua parceira inseparável até a morte dela, em maio de 2000, vítima de um implacável câncer de pulmão. Meu irmão não resistiu à ausência dela e foi ao seu encontro apenas três meses depois (em agosto), como consequência de um ataque cardíaco inesperado.

* * *

No programa *Chespirito*, mantive a participação de Rubén, Ramón e María Antonieta, além de completar o elenco com outros atores cuja participação era ocasional. E tudo correu muito bem, mas apenas por mais algumas semanas, porque então tomei uma decisão que não só foi muito surpreendente, mas também, na opinião de todos, foi a pior das bobagens: a decisão de eliminar o quadro *La mesa cuadrada*. Isso, é claro, gerou os comentários mais adversos:

– Mas é o esquete que motivou a empresa a nos ceder um espaço próprio!

– Você está louco!

– Mas é um sucesso estrondoso!

Etc. Etc.

Havia um motivo poderoso: a própria constituição do esquete exigia que houvesse muitas piadas baseada nas atualidades do momento, por isso funcionava muito bem em um programa como *Sábados de la fortuna*, que era apresentado ao vivo, pois permitia a menção de pessoas e eventos atuais, mas perdia essa característica quando os capítulos ficavam arquivados por duas ou três semanas (no mínimo) para termos uma reserva adequada de programas para o caso de qualquer eventualidade. Isso não apenas resultava em uma defasagem temporal, como até poderia gerar aspectos negativos. Foi o que aconteceu, por exemplo, quando María Antonieta leu uma carta que dizia:

– O que você acha da *Zona roja*? – um filme de lançamento recente.

– A culpa não é do índio, mas do que Fernández faz – respondeu um dos supergênios.

A piada reunia vários aspectos negativos. Para começar, dava uma opinião desfavorável sobre o filme, em um espaço que não tinha o direito de fazê-lo. Por outro lado, a brincadeira tinha uma limitação: para entendê-la, era preciso saber que o filme havia sido dirigido por Emilio “El Indio” Fernández, e há grandes

setores da população que desconhecem essas circunstâncias. Essa limitação era ampliada ao considerar o público de outros países.[43] Por fim, e esta foi a pior parte do caso, no lapso temporal entre a gravação do programa e sua apresentação na televisão, Emilio Fernández teve a infelicidade de se envolver em um acidente de trânsito que culminou com o cineasta matando a tiros um homem de origem humilde. Posto isso, imagine a reação de quem ouviu: "A culpa não é do índio, mas do que Fernández faz".

– Como você se atreve a zombar da tragédia dolorosa daquelas pessoas! – disseram-me.

E eles estavam certos. Não o fiz com intenção, mas com negligência. Difícil de prever, sim, mas, mesmo assim, negligência. E, se somarmos a isso a zombaria injusta que fizemos de tantos famosos (atores, cantores, atletas etc.), a solução tinha de ser esta: a eliminação do esquete que nos tornou famosos.

Por outro lado, naquela época, para mim, era impossível imaginar o grau de ofensiva sangrenta a que a crítica chegaria, tal como se exerce hoje, quando a zombaria é temperada pelos comentários mais nauseantes, perniciosos e cruéis.[44]

* * *

Dizem que as adversidades costumam ser produtivas. E penso que sim, porque, como consequência de ter sofrido aquela adversidade (a eliminação de *La mesa cuadrada*), surgiu a necessidade de se criar algo novo para substituir aquele esquete; foi quando me lembrei daquele personagem que havia sido rejeitado por muitos comediantes: Chapolin Colorado.

Inicialmente, eu havia colocado outro "sobrenome" no personagem, pois estava pensando em chamá-lo de Chapolin Justiceiro [Chapulín Justiciero]. Mas, depois de ter desenhado uma roupa apropriada, encontrei uma desvantagem: a cor. Porque eu tinha como certo que, no caso, teria de ser verde. Porém, as calças e o *collant* que fariam parte fundamental do traje só eram facilmente encontrados em quatro cores: preto (fúnebre demais); branco (muito refletivo para a iluminação da televisão); azul (impróprio para os truques de *chroma key*, que eu já planejava usar); e vermelho (que também apresentaria problemas técnicos, mas que eu desconhecia na época). Assim, por eliminatória, o personagem teria de usar uma roupa vermelha. Justifiquei mudando o "sobrenome" Justiceiro para Colorado, o que, além disso, representava uma dupla vantagem: uma eufonia singular e uma associação com o famoso encerramento das histórias: "e colorim colorado, esta história acabou". (Esse, aliás, poderia ser mais um exemplo de adversidade produtiva.) O traje seria completado com um calção de banho amarelo, um coração da mesma cor no peito, com as letras "CH" em vermelho, tênis que combinavam amarelo e vermelho, e um capuz de onde saía um par de

antenas parecidas com as dos insetos, mas eu fazia questão de afirmar que eram de vinil (um material plástico muito usado na fabricação de brinquedos na época). No início também tinha um par de asas pequenas, parecidas com as dos insetos, mas logo resolvi eliminá-las, pois não serviam para nada e, por outro lado, dificultavam muito na hora de encenar.

O que eu nunca imaginei foi o sucesso imediato e chocante que meu personagem alcançaria, pois no máximo duas ou três semanas teriam se passado desde a estreia quando as pessoas já repetiam: “Não contavam com minha astúcia!”, cada vez que encontravam a ocasião certa para isso. (Que encontravam o tempo todo.) O Chapolin Colorado havia pronunciado a frase no primeiro programa em que apareceu; depois acrescentaria muitos outros bordões que não só passaram a fazer parte do vocabulário do público, mas também foram usados em charges com figuras políticas e até em propagandas destes. Em mais de um país da América Latina houve campanhas eleitorais em que os candidatos diziam: “Sigam-me os bons!”, “Todos os meus movimentos são friamente calculados”, “Se aproveitam da minha nobreza”, “Suspeitei desde o princípio” etc.

O *Chapolin* também popularizou um número que criei especialmente para esse personagem, que consistia na combinação de dois ditados populares cuja mistura produzia um bom efeito cômico: “Já diz o velho e conhecido ditado” era a frase com que o Chapolin invariavelmente começava o número, para citar as frases misturadas na sequência. Por exemplo: “A sorte da feia… acorda mais cedo… Não”, corrigiu, para depois retificar: “Não, quem cedo madruga… a bonita deseja… Não”, e eu voltava a retificar: “A bonita não quer levantar muito cedo… e a feia dá azar desde o amanhecer… Bem”, esclarecia enfim, “a ideia é essa”.

Muito rapidamente, nossa popularidade cresceu a passos largos, o que comprovávamos não só pelos muitos autógrafos que nos pediam, mas também pela quantidade de vezes que nos procuravam a fim de contratarem apresentações do grupo. A contratação era feita por meu irmão Horacio, com cuja colaboração tive a sorte de contar desde aquela época. Seu desempenho foi tão eficaz que, depois de nos apresentarmos em mais de setenta cidades da República Mexicana e em muitas outras no exterior, apenas em uma delas deixamos de receber uma diária de hotel. Acho difícil que algo assim tivesse acontecido antes, pois nesse ambiente é mais do que frequente encontrar pseudoempresários que voam com todo o dinheiro da bilheteria.

Antes de alcançar tais sucessos, o programa continuava a ter um aumento constante de audiência, o que começava a ser considerado um fenômeno, visto que a série passava no novo Canal 8, cuja audiência costumava ser muito inferior

à do prestigiado Canal 2 da Telesistema. E então aconteceu novamente aquele fenômeno da adversidade produtiva.

Além de *Chapolin*, o programa contava com outros esquetes de estilo variado, entre os quais também começava a se destacar um intitulado *Pancada Bonaparte* [*Los chifladitos*], que, como o próprio nome indica,[45] tinha dois malucos como protagonistas. Eles se chamavam Lucas Pirado [Lucas Tañeda] e Pancada Bonaparte [Chaparrón Bonaparte], e os intérpretes eram Rubén Aguirre e eu, respectivamente. E, apesar de tal esquete não ter tido o enorme impacto de *Chapolin*, foi um grande complemento à série… até que a adversidade apareceu na forma de um contrato oferecido a Rubén Aguirre para trabalhar como apresentador em um programa concorrente.

– O que posso fazer? – Rubén me perguntou. – A oferta é tentadora de todos os lados. Eu seria o titular do programa, e meu salário seria bem acima do que recebo aqui com vocês. Além disso, é o Canal 2!

– Acho que você mesmo já tem a resposta, não tem?

– Bem, digamos que sim. Mas tenho um compromisso com você e com o programa.

Foi uma bela demonstração de lealdade e ética profissional por parte do meu parceiro e amigo. E ficou claro que eu deveria responder com as mesmas virtudes, então disse:

– Aceite a oferta, e espero que tudo se saia maravilhosamente bem. Mas, se por acaso isso não acontecer ou se houver algo que não funcione para a sua satisfação, você já sabe que aqui as portas estarão sempre abertas.

X

Rubén voltaria algum tempo depois, mas, naquele momento, sua ausência significou a adversidade do momento, pois o personagem que ele representava, Lucas Pirado, era insubstituível por muitos motivos; o principal deles sendo o fato de que o público se acostuma com uma imagem e depois tem muita dificuldade em aceitar outra como substituta. A solução, portanto, não foi substituir o ator, mas substituir o quadro. Ou seja: retirar *Pancada Bonaparte* e colocar algo diferente em seu lugar. Mas o que seria esse algo diferente? Passei dois ou três dias (com suas respectivas noites) tentando encontrar a resposta, mas esta não veio. Então, aflito pela escassez do tempo, resolvi sair do cronograma por uma semana, fazendo um esquete dos que eu chamava de "avulsos", porque não tinham continuidade temática temporal. Para isso, usei material que sobrara de outro esquete avulso que eu tinha feito algumas semanas antes. Referia-se a um menino pobre que estava caminhando em um parque público e tinha uma breve discussão com um vendedor de balões. O menino havia sido representado por mim, e o vendedor de balões, por Ramón Valdés. O resultado foi não apenas aceitável, mas também deixou material sobrando. E, enquanto eu continuava a pensar no esquete definitivo, repeti a receita: usei o material que havia sobrado para escrever algo com uma atmosfera semelhante. Dessa vez, o resultado foi mais do que aceitável, e os comentários positivos não tardaram a chegar. Até que, algumas semanas depois, batizei o personagem com o nome que se tornaria conhecido em várias partes do mundo, rivalizando em popularidade com Chapolin Colorado (e, em mais de um aspecto, inclusive o superando): Chaves.[46]

* * *

Jamais pretendi que o público pensasse que eu fosse uma criança. Tudo o que

eu buscava era que aceitassem que eu era um adulto fazendo o papel de uma criança. O desafio não era simples, pois as características do personagem diferiam substancialmente daquelas que haviam distinguido os atores que já tinham feito algo semelhante. Porque todos (ou pelo menos quase todos) eram variantes diferentes do clássico Pedrinho, cuja graça reside justamente em ser criança, mas em agir com a travessura típica de um adulto, enquanto o Chaves era o melhor exemplo de inocência e ingenuidade: a inocência e a ingenuidade próprias das crianças. E é bem provável que essa característica tenha sido o que gerou o grande carinho que o público passou a sentir pelo Chaves; carinho que não se refletia apenas nos aplausos, nos sorrisos e nos elogios, pois a tudo isso se devem somar as centenas de pessoas (crianças e adultos) que se aproximavam para deixar "um sanduíche de presunto" no palco, um par de sapatos, brinquedos etc., ao mesmo tempo que repetiam diariamente as expressões utilizadas nos programas, tais como: "Foi sem querer querendo", "É que me escapuliu", "Tá bom, mas não se irrite", "Isso, isso, isso!", "Cale-se, cale-se, cale-se, você me deixa looooouco!", "Gentalha! Gentalha", "Tinha que ser o Chaves de novo!", e por aí vai.

Para falar a verdade, esse carinho do público também foi um presente para todos os atores que tive ao meu lado, aqueles que vieram a formar o grupo de comédia mais famoso de todos os países falantes de língua espanhola. No entanto, para alcançar essa fama, várias circunstâncias tiveram de ser reunidas, entre as quais se destaca a seleção dos atores que me acompanhariam. Três já faziam parte da minha equipe desde *Sábados de la fortuna*: Rubén Aguirre, Ramón Valdés e María Antonieta de las Nieves.

Já mencionei Rubén e as circunstâncias em que o conheci, mas devo acrescentar que, além de suas faculdades como ator, ele tinha características físicas que o tornavam imbatível como colega de trabalho, como sua voz grave e confiante (tinha sido locutor e comentarista de touradas) e sua elevada estatura (1,92 m), o que o tornava um companheiro de cena ideal para o Chapolin Colorado, razão pela qual foi o mais reconhecido dos "vilões" que o herói enfrentou. Além disso, ele era ventríloquo e um grande apresentador.

Também narrei o episódio da saída de Rubén para trabalhar na "concorrência" (Canal 2) e que naquela ocasião lhe prometi que, se algum dia ele quisesse voltar, as portas do programa estariam abertas para ele. Pois bem, e ele voltou pouco depois, de modo que se encaixou facilmente no ambiente de *Chaves*, interpretando com maestria o Professor Girafales, o rigoroso professor que sofre com as travessuras das crianças, mas que acaba sempre por suportá-las com a bondade e o estoicismo que caracterizava os autênticos apóstolos do ensino. Sua raiva máxima terminava com a exclamação que ficou famosa: "Tá, tá, tá, tá, tá!".

O Professor Girafales e a Dona Florinda [Doña Florinda] eram apaixonados um pelo outro e tinham um romance à moda antiga que inundava de mel a tela dos televisores.

* * *

Dois anos antes, eu havia tido a sorte de contracenar com Ramón Valdés em um filme chamado *El cuerpazo del delito* [O corpaço do crime], composto por três episódios independentes. Ramón e eu trabalhamos no episódio protagonizado por Mauricio Garcés, Angélica María e Pepe Gálvez, e me diverti muito filmando. Por um lado, o trio de estrelas esbanjava simpatia, qualidade cômica e algo que não se vê com tanta frequência: companheirismo, ausência total do "estrelismo" que os atores consagrados costumam exibir. E, por outro lado, foi aí que tive a oportunidade de avaliar o humor ímpar de Ramón Valdés. Foi esse, portanto, o antecedente que me levou a escolhê-lo para compor o elenco do meu programa. E foi ele quem interpretou Seu Madruga, um dos personagens mais engraçados que rodeavam Chaves. Fazia o papel de um daqueles sujeitos que ocultavam suas múltiplas insuficiências atrás de uma camada de simpatia avassaladora. Ele era preguiçoso, ignorante, acomodado etc., mas possuía aquela graça natural que identifica o pícaro e uma engenhosidade que invariavelmente o ajudava a sair do pior dos atoleiros. Por exemplo: nunca pagava o aluguel da casa que ocupava na modesta vila, ao lado de sua filha, Chiquinha.

* * *

María Antonieta de las Nieves, como eu disse, passou a fazer parte do quadro *La mesa cuadrada* no lugar de Bárbara Ramson. Quando chegou, disse que faria esse papel temporariamente, enquanto eu tentava conseguir outra atriz para substituí-la, porque ela afirmava que era melhor em tragédia do que em comédia. No entanto, depois de assistir a ela se apresentando, eu lhe disse que ela contava com qualidades mais do que suficientes para fazer comédia, já que papéis trágicos podem ser interpretados por qualquer pessoa. Ela ficou surpresa com o que parecia ser uma espécie de desafio, mas pegou o touro pelos chifres. Logo depois, reconheceu que não mudaria sua posição por nada no mundo. E foi aí que atingiu o auge da fama com a sua caracterização única de Chiquinha, personagem que a alçou aos mais altos níveis de popularidade.

Criei a Chiquinha como uma menina que teria tantas ou mais sardas que Chaves, para constituir um vínculo de identificação entre os dois; mas ela seria impossivelmente travessa (banguela, como costumam ser as crianças travessas, porque sua hiperatividade as induz a correr riscos) e muito mais inteligente do que ele (com o uso dos óculos que acabaram se tornando paradigmático das

crianças inteligentes). Chiquinha aparecia como a filha de Seu Madruga e sua esposa que, como mencionado no decorrer da série, morrera ao dar à luz a menina. Chiquinha mostrava que havia herdado o jeito pícaro de seu pai, embora ela expressasse essa característica adaptando-a ao contexto infantil que lhe correspondia. Ingenuamente apaixonada por Chaves, era ela quem costumava se encarregar de tramar e conduzir as múltiplas travessuras que ela fazia na companhia das crianças da vizinhança e da escola.

María Antonieta também representou, embora com pouca frequência, o papel de sua própria bisavó, Dona Neves [Doña Nieves], uma velhinha que reunia todos os defeitos de Seu Madruga, seu filho,[47] aos quais acrescentava uma atitude de abuso sem barreiras ou restrições. Para fazer papéis tão diversos, María Antonieta tinha a seu favor não só sua grande qualidade como atriz, como também uma vasta experiência no campo da dublagem, atividade na qual alcançou uma reputação de destaque. Isso permitia que ela falasse tanto com a voz de uma menina como com a voz de uma velha, com grande facilidade.

* * *

Houve então uma ocasião em que, para chegar ao estúdio onde seria gravado o meu programa, era necessário cruzar o cenário de outro programa de humor chamado *La media naranja* [A metade da laranja], cuja figura principal era o grande comediante Fernando Luján, e cujo escritor era seu primo, o incrível Toño Monzel. E, em certa ocasião, ao passar, chamou-me a atenção uma atriz que naquele momento fazia um monólogo, com a caracterização de uma daquelas mulheres que espalhavam fofoca enquanto lavavam roupa no pátio de um bairro. Fiquei impressionado em ver como ela se saía bem. Então, continuei meu caminho até chegar ao meu estúdio, onde encontrei Lalo Alatorre, diretor de câmera do meu programa e um grande amigo, que me disse:

– Escuta, estou procurando uma atriz que tenha muitas habilidades e algumas características… – E ele as listou antes de continuar: – Conhece alguém assim?

– Conheço – respondi instantaneamente.

– Quem?

– Não tenho a menor ideia, mas te mostro agora mesmo. Venha comigo.

Voltamos ao estúdio de *La media naranja* e, apontando para a atriz que estava fazendo o monólogo, eu disse a Lalo:

– É esta.

– Maravilhosa! – Lalo exclamou depois de tê-la visto e ouvido.

– Mais que isso! – disse eu, exalando um suspiro.

– Quero dizer: como atriz.

– Ah, sim, claro.

Foi assim que Lalo contratou Florinda Meza García. E logo depois ela também foi contratada para fazer um papel no meu programa, onde realizou uma atuação que me deixou mais do que satisfeito… E sua presença me deixou mais do que impressionado antes mesmo de saber que ela possuía uma riqueza extra de qualidades, entre as quais se destacava um excepcional talento para cantar, dançar, escrever, produzir etc., tudo acompanhado por uma disciplina e um esforço que logo a fariam se sobressair em qualquer coisa a que se dedicasse. Na época, eu também não sabia o quanto isso significaria para o meu futuro; mas foi então que comecei a trilhar o caminho que me levaria ao destino privilegiado chamado Florinda Meza.

* * *

Antes, Florinda havia enfrentado mil obstáculos e contratempos. Nascida em Juchipila, Zacatecas, a 8 de fevereiro de 1949, era a mais velha dos três filhos sobreviventes de Héctor Meza Solano e Emilia García Valero, casamento que posteriormente se desintegrou, com consequências diretas para os filhos: Florinda, Héctor e Esther. Esta última nasceu por acaso nos Estados Unidos, onde eles ficaram por algum tempo, enquanto Florinda permaneceu no México sob a proteção de vários parentes, entre os quais seus avós paternos: Hipólito Meza e Lucía Solano.

Dom Hipólito era fazendeiro e médico. Embora talvez seja mais adequado dizer que ele era médico antes de qualquer outra coisa, pois foi essa atividade que o tornou um dos homens mais queridos e respeitados da região. Mas, simultaneamente, foi a sua capacidade de fazendeiro que providenciou o necessário para cobrir as despesas do seu apostolado médico, já que a maioria de seus pacientes eram a população muito pobre daquele lugar. Em paralelo, exercia uma atividade cívica que o induzia a apoiar as causas justas e a denunciar as injustas. E foram precisamente suas denúncias corajosas que o levaram a sofrer confinamento nas úmidas e sórdidas masmorras de La Loba, sombrio complexo prisional onde sua saúde sofreu o consequente enfraquecimento, que acabou por levá-lo ao túmulo. Tinha sido preso por ordem do intocável cacique da região, Leobardo Reynoso, que, aliás, depois continuou a viver longos e pacíficos anos sob a proteção do seu também intocável partido político. Essa proteção, além disso, foi suficiente para que ele, apesar de seu analfabetismo, fosse nomeado embaixador na Bélgica.

Florinda ficou com a avó, com quem, creio, estabeleceu uma espécie de relação simbiótica. Porque dona Lucía era para Florinda a mãe que ela não tinha mais ao seu lado, enquanto, para a senhora, Florinda era aquela “razão de viver” de que tantas vezes as pessoas tanto precisam. Isto é, a menina passou a ocupar o

centro das atenções que antes fora o amado marido de dona Lucía. Não sei o quanto essa avaliação é acurada, mas o que sei é que a avó continua e sempre continuará a ter um lugar privilegiado na memória de Florinda.

Ela deu mais uma demonstração de segurança e profissionalismo ao aceitar fazer o papel de Dona Florinda nos episódios de *Chaves*, já que a caracterização exigia que seus encantos pessoais fossem sacrificados para lhe dar a aparência de uma mulher mais velha e que estava muito longe de cuidar do aspecto visual. Sua atuação também incluía que seu rosto irradiasse toda a ternura e toda a doçura que uma mulher apaixonada pode abrigar dentro de si, mas sem prejudicar o rigor com que a maquiagem e o figurino acentuavam sua idade e sua aparência desarrumada. Isso, que acontecia toda vez que ela encontrava o Professor Girafales, era uma verdadeira demonstração de faculdades cômicas. E com a mesma habilidade ela posteriormente interpretou Pópis [Popis], a bobalhona sobrinha de Dona Florinda, que aparecia em várias ocasiões ao lado de sua tia, o que fez mais de um espectador pensar que se tratava de duas atrizes diferentes, já que aquele era um recurso muito raro, dada a tecnologia da época. E outra característica de Dona Florinda era a forma excessiva e ilimitada como mimava o filho, Quico.

* * *

Carlos Villagrán fazia pequenos papéis em um programa apresentado por Rubén Aguirre, mas não tive oportunidade de vê-lo.

No entanto, eu o conheci em uma festa particular na casa de Rubén, onde ele e Carlos fizeram um esquete em que interpretavam os papéis de um ventríloquo e seu boneco, o que me fez rir muito. Carlos, no papel do boneco chamado Pirolo, falava com as bochechas infladas, o que lhe dava uma aparência abertamente caricatural e que favorecia em muito a comédia do número. Isso me lembrou uma das causas do riso destacada por Henri Bergson, eminente filósofo e escritor, em seu excelente estudo:[48] “A humanização do mecânico e a mecanização do humano são causas frequentes de riso”. Era o que Pirolo estava fazendo (sem ter se proposto a isso): aplicando a última parte do conceito bergsoniano – a mecanização do humano. Tanto que Bergson inclui justamente um exemplo como esse ao expor seu raciocínio: “Os movimentos mecanizados de uma pessoa nos fazem rir porque nos lembram da rigidez de um mecanismo ou da produção em massa de fantoches, bonecos etc.”. Então me perguntei: como funcionaria uma criança com essas características fazendo contraponto a Chaves? Ao dizer “contraponto”, eu me refiro ao fato de que o menino seria rico (em comparação com Chaves), caprichoso, teimoso, mimado, invejoso etc. Minha resposta foi o desenho completo do personagem, que chamei de Federico

(Fede “rico”),[49] mas que se seria chamado pelo apelido carinhoso de “Quico”. Sua localização na vila exigia a presença de um familiar adulto, o que me levou a criar o personagem de uma mãe cujo comportamento justificava as características mimadas, caprichosas e afins do filho. Assim, imediatamente pensei em Florinda, que não sentia vergonha em levar o próprio nome no papel, o que me parecia adequado se fosse precedido do clássico “dona”, forma de tratamento que representa certo nível social. E, muito rapidamente, tornaram-se famosos os bordões repetitivos de ambos os personagens: “Vamos, Quico, não se junte com essa gentalha”, “Gentalha! Gentalha!”, “Cale-se, cale-se, cale-se, que você me deixa looooouco!” e assim por diante.

* * *

Eu havia confiado o papel de dono da vila a um ator que tinha capacidade cômica, mas que não era ideal para interpretar aquele personagem. Então, um grande amigo meu (Nacho Brambila) veio falar comigo e disse:

– Eu conheço um ator que é excelente e que poderia muito bem encarnar esse personagem. Quer que eu peça para ele vir fazer um teste com você?

E foi assim que tive o primeiro contato com aquele ator magnífico chamado Edgar Vivar, um ator cujo peso físico (que é muito) está muito abaixo do seu peso artístico. Com isso quero dizer que Edgar possui uma enorme qualidade cômica, que o levou a interpretar todos os tipos de papéis, tragédia, comédia ou o que fosse, sempre com a destreza que caracteriza os grandes atores. Não é necessário dizer que aproveitei essas qualidades para encarregá-lo de interpretar muitos personagens, entre os quais o Senhor Barriga [El Señor Barriga], proprietário da vila, que muito dificilmente conseguia arrecadar um aluguel que fosse (nunca, aliás, de Seu Madruga).

Mas seus problemas não se resumiam ao fracasso em cobrar os aluguéis; afinal, o infortúnio o havia escolhido como vítima fortuita de muitas das travessuras ou imprudências cometidas pelas crianças da vizinhança. Esta última, a imprudência, quase sempre provocada por Chaves, foi o que gerou a expressão que mais tarde se popularizou: “Tinha que ser o Chaves de novo!”. Obviamente, seus momentos de raiva iam moldando a fama de resmungão e mal-humorado que todos lhe davam, até que o público descobria que por trás dessa aparência havia um homem que espalhava bondade, ternura e, acima de tudo, indulgência. Sua mão se estendia para exigir o pagamento, mas seu coração apertava até que ele perdoasse a dívida.

Pouco depois, Edgar também interpretaria seu próprio filho; isto é, o filho do Senhor Barriga, um menino chamado Nhonho [Ñoño], que havia herdado todas as características físicas de seu pai e não poucas das intelectuais. Brincava com

todas as crianças do bairro e da escola, mostrando que a infância é democrática por natureza… É mais tarde, na idade adulta, que preconceitos desprezíveis vêm substituir a Ética.

* * *

Outros atores também se juntariam ao grupo, como Angelines Fernández, uma atriz de reconhecida trajetória que atuara regularmente ao lado do ator Cantinflas, situações em que havia demonstrado um senso de humor que a tornava ideal para o meu programa. Como Florinda, Angelines concordou em se caracterizar de uma forma que não permitia lembrar nem por um instante a pura beleza que possuía, então assumiu o papel da melindrosa solteirona Dona Clotilde [Doña Clotilde], a quem as crianças da vizinhança chamariam de "a Bruxa do 71" [la Bruja del 71].

Dona Clotilde costumava dizer com frequência que era solteira por convicção.

– Mas por convicção daqueles que ela tinha perseguido – disse uma vez Seu Madruga.

A verdade é que Dona Clotilde suspirava de amor pelo simpático viúvo. E era óbvio que, na busca por esse amor, ela havia sido capaz de sacrificar todos os princípios que, segundo ela dizia, davam-lhe a força para continuar sendo uma mulher honesta. Pois bem, não se tratava de sacrificar todos esses princípios assim, de uma vez… Talvez um a um… Digamos um hoje, outro amanhã e assim: sem muita pressa.

O grupo continuou crescendo com a inclusão, como ator, do meu irmão Horacio; mas, para escrever sobre ele (assim como sobre meu irmão Paco), eu poderia gastar tantas páginas que ultrapassaria totalmente o escopo deste livro. Limito-me, portanto, a referir que também interpretou lindamente vários personagens, entre os quais vale a pena destacar Godinez [Godínez], colega de escola de Chaves e das outras crianças. Godinez se destacava por ser o aluno que menos estudava; portanto, não tinha a menor ideia do que eram história, geografia, aritmética e outras disciplinas escolares, mas, por outro lado, era um verdadeiro especialista em esportes, tanto na prática destes quanto nas informações que tinha sobre eles. Não se lembrava da data em que Cristóvão Colombo tinha descoberto a América, mas sabia citar com precisão o dia em que Pelé tinha feito seu milésimo gol. Ao falar de Di Stéfano, Godinez se referia ao jogador de futebol, é claro, e nunca ao tenor. Os tigres não eram da Índia; eles eram de Detroit[50] etc.

Raúl "El Chato" Padilla integraria o elenco principal do programa numa fase posterior, mas pode-se dizer que a sua integração no grupo foi mais do que instantânea. Isso devido a três fatores avassaladores: suas habilidades de atuação,

sua enorme capacidade de caracterizar todos os tipos de arquétipos e sua enorme qualidade de ser humano. Em todo o conjunto de *Chaves* distinguiu-se pela caracterização do terno e saboroso Jaiminho, o Carteiro [Jaimito el Cartero], o velhinho que "preferia evitar a fadiga" e recordar Tangamandápio, aquela "linda cidadezinha de crepúsculos avermelhados" onde nasceu e na qual "os tangamandapianos apaixonaram-se pelas belas tangamandapianas com as quais mais tarde criariam uma multidão de tenros e amorosos tangamandapianinhos".

Posteriormente, durante as muitas temporadas em que esteve no ar, o programa contou com a eventual participação de grandes atores convidados, entre os quais posso citar os incomparáveis Ofelia Guilmain, Germán Robles, Patricio Castillo, Héctor Bonilla, Rodolfo Rodríguez, Rogelio Guerra e muitos outros cuja enumeração seria muito longa.

Com aquele elenco insuperável, sustentado por um enorme amor pelo trabalho e um entusiasmo incessante por fazê-lo, o programa continuou a crescer em qualidade e popularidade. Tanto que a empresa decidiu dividi-lo em dois programas: *Chapolin* e *Chaves*, exibidos em dias distintos (segunda e quarta-feira, respectivamente). Ambos eram ocasionalmente complementados por outros esquetes, entre os quais o *Doutor Chapatin*, acompanhando *Chapolin*, e *Los caquitos* [Os ladrõezinhos], acompanhando *Chaves*. Estes últimos eram dois ladrões tão desajeitados que nunca conseguiam roubar nada: Peterete, interpretado por Ramón Valdés, e Chaveco, interpretado por mim. Com o passar do tempo, após a morte de Ramón, o parceiro de Chaveco foi o Botijão [Botija], interpretado por Edgar Vivar. A eles se juntaram mais tarde Chimoltrúfia (que logo se tornou um personagem fundamental no esquete), Rubén Aguirre como o Sargento Refúgio [Sargento Refugio Pazguato] e outros personagens, mas isso merece um comentário separado; que irei expor no devido tempo.

Entretanto, direi que o sucesso de ambos os programas continuou a crescer, pelo que o Canal 8 decidiu (finalmente!) transmitir também *El ciudadano Gómez*, aquela série que inicialmente tínhamos gravado e que se manteve como "arma de contra-ataque" para enfrentar a concorrência. A quarta-feira foi designada como o dia de exibição,[51] então meus programas eram transmitidos no horário nobre (20h)
às segundas, quartas e sextas-feiras de cada semana. Porém, depois de três meses, o material de *El ciudadano* que tínhamos guardado estava terminado (13 capítulos), e achei que não teria tempo para escrever três programas por semana mantendo a mesma qualidade que tinham em todos os momentos, então solicitei que um deles fosse excluído. E, embora também tenha obtido grande sucesso, foi *El ciudadano Gómez* o escolhido para sair do ar, visto que *Chapolin* e *Chaves* já haviam feito uma boa temporada ocupando os primeiros lugares na preferência

do público. E tanto que pouco depois conseguiram algo que se considerava inatingível: ultrapassar a audiência da concorrência (Canal 2) nesse mesmo horário. Mas essa circunstância gerou uma reação que também merece um capítulo à parte.

XI

– Você tem alguma coisa para fazer esta noite? – perguntou-me Humberto Navarro ao telefone.

– Dormir – respondi. – E mais: já estou indo para a cama.

– A esta hora? Mal são dez da noite.

– Mas eu trabalhei o dia todo.

– Bem, você vai dormir outra hora – acrescentou Humberto, com aquela parcimônia que o caracterizava –, por enquanto o que importa é que você venha para La Fuente agora mesmo.

Essa era, na época, a casa noturna de mais alta categoria que havia no México, e Humberto Navarro se encarregava de contratar os artistas que lá se apresentavam, por isso eu disse a ele:

– Ora, Humberto: você não está pensando em me contratar para trabalhar lá, está? *Chapolin* e *Chaves* não são números para serem apresentados na La Fuente.

– Isso eu sei; mas o motivo do convite não é esse. A coisa vai para o outro lado.

E não lembro o quanto ficamos discutindo, mas o que eu sei é que acabei indo para a casa noturna, onde me receberam com todo tipo de atenções. De um lado da mesa havia um balde de gelo; e, sobre o gelo, uma garrafa de Don Perignon jazia luxuosamente.

– O Sr. Navarro está vindo para cá agora mesmo – disse-me o garçom, colocando duas taças e um prato com fatias de maçã. Em seguida, ele se retirou, deixando-me o alvo absoluto dos olhares de todos ao meu redor, quase sempre acompanhados por sorrisos e saudações gentis de longe. Três ou quatro pessoas vieram até a mesa e pediram meu autógrafo. Não trouxeram um álbum de

autógrafos, mas não era necessário; guardanapos servem bem para a mesma coisa.

Então chegou Humberto Navarro, com aquele sorriso gentil e até cândido que mais tarde se tornou característico de muitos chefes dos chefes.

– Que bom que veio! – disse-me ele, ao mesmo tempo que acenava para o garçom abrir a glamourosa e cara garrafa de espumante. Eu tenho um show que você vai adorar. De primeiríssima categoria, hein!

– Como sempre – comentei sem um indício de originalidade.

A conversa continuou naquele curso incerto que precede as coisas mais importantes. E então Humberto me disse sem mais delongas:

– O Sr. Azcárraga quer falar com você.

– Seus programas são os melhores do Canal 8 – disse-me Emilio Azcárraga Milmo quando eu estava em seu escritório –, e eu gostaria que fizessem parte da nossa programação.

Eu havia tido um contato muito breve com ele em tempos anteriores, quando ele não era nada mais do que o "filho do patrão", o único homem da prole de dom Emilio Azcárraga Vidaurreta. Este, por sua vez, tinha sido o empresário imponente e audaz que ascendera até chegar ao primeiríssimo lugar em vários setores, sendo o principal deles a comunicação (rádio e televisão). Com o adjetivo "imponente" me refiro a sua figura sólida, bem como a sua personalidade arrebatadora. Essas características faziam parte do que recebera de herança seu filho Emilio, que passava a ocupar a dianteira do que já começava a ser o eixo central da indústria televisiva no México, e que mais tarde se encarregaria de promovê-la até ocupar a primeira posição em todos os países latino-americanos. Embora isso não tenha sido alcançado de maneira gratuita, longe disso. Pelo contrário: quando seu pai morreu, previa-se para Emilio II um fracasso retumbante.

– O que esse pobre garoto pode fazer – disseram mais de um – quando tiver que ficar no comando do negócio? Se tudo o que ele sabe fazer é se divertir e engatar romances a torto e a direito?

Bem, este último ele continuou a o último ao longo de sua vida, mas o fez ao mesmo tempo que ampliava seus negócios de maneira espetacular. Por outro lado, muitos dos que previam o fracasso dele não sabiam que, quando o pai morreu, Emilio II já era quem dirigia o negócio havia muito tempo. Às vezes, inclusive, tendo de suportar a oposição do próprio Emilio I, como aconteceu com a construção do Estádio Azteca, cujo futuro ele não entendia. Natural de Tampico e também um *tampiqueño* de coração, dom Emilio Azcárraga Vidaurreta não podia aceitar que "um esporte tão primitivo como o futebol pudesse desbancar algo tão grande como o beisebol". Mas Emilio Azcárraga

Milmo previu o *boom* que o “esporte primitivo” teria, até se tornar o fenômeno que movimenta bilhões de dólares atualmente e que hipnotiza muitos milhões de pessoas ao redor do mundo. Assim, para realizar seu grande projeto, teve de recorrer a um empréstimo de outro visionário: ninguém menos que o grupo que então dirigia, entre outras coisas, o Canal 8, seu concorrente televisivo.

– Minha oferta é a seguinte – acrescentou Emilio quando me sentei à sua frente em seu escritório. – Por cada programa você ganhará tanto (a quantia representou exatamente o dobro do que eu ganhava no
Canal 8). – Além disso, no início você receberá 300 mil pesos em dinheiro.

Isso representou para mim algo como todo o dinheiro do mundo, mais quatro pesos. É evidente que fui rápido em dizer a ele:

– Claro que aceito!

– Mãe do céu! Quando começamos?

– Não me restam mais de oito semanas de contrato com a TIM. (Televisión Independiente de México. Canal 8.)

– Bem, então te esperamos aqui.

Assim, pois, cheguei em casa feliz da vida e contei a Graciela todos os detalhes do arranjo. Então, divertimo-nos muito até tarde da noite, quando recebi outro telefonema.

– Oi, como vai? –cumprimentou-me Humberto Navarro, que estava do outro lado da linha. – Acabou sendo bom para você, não foi?

– Foi incrível! – respondi. E contei a ele detalhadamente os pormenores da reunião que fiz com Emilio.

– Sim – disse-me Humberto –, o senhor Azcárraga já me disse. Mas ele me pediu para lhe dar um esclarecimento.

– Vejamos, diga…

– Ele disse que não gosta dessa ideia de ter que esperar oito semanas. Que você deve vir imediatamente, ou que, caso contrário, você deve esquecer a Telesistema.

Doeu como uma punhalada no coração. (Ou no bolso?) Mas, de qualquer maneira, não tive de pensar nisso por mais de dois segundos, após o que eu respondi:

– Sinto muito, mas tenho um compromisso com o Canal 8 e vou cumpri-lo.

– Não seja tolo! Ninguém está respeitando esse tipo de contrato. Os de lá vêm para cá e os daqui vão para lá, e ninguém está nem aí se tem contrato ou não.

A discussão continuou por um tempo, mas não houve argumento para me fazer mudar de ideia.

– Está bem – Humberto me disse ao se despedir. – Para que conste, a decisão foi sua!

Com a notícia, Graciela ficou tão triste quanto eu, mas entendeu que a dignidade vinha em primeiro lugar.

Alterando um pouco a ordem cronológica dos acontecimentos, direi que na tarde do dia seguinte recebi outro telefonema de Humberto Navarro:

– O Sr. Azcárraga achou que sua resposta foi muito digna – disse ele. – Portanto, ele me manda lhe dizer que você não deve se preocupar; que vamos esperar por você até o final dessas oito semanas que ainda te restam no Canal 8.

– Bem, diga ao Sr. Azcárraga – respondi – que realmente agradeço a consideração dele, mas agora terão que esperar sessenta semanas por mim.

O que tinha acontecido? Foi que na manhã seguinte ao segundo telefonema fui acordado (literalmente) por outro telefonema que seria de enormes consequências. Só que provinha de dom Luis de Llano Palmer, então diretor de produção e programação do Canal 8, chefiado pelo bem-sucedido e dinâmico dom Alfredo Martínez Urdal.

– Peço que você venha imediatamente – disse ele. – Temos que resolver algo muito importante.

O horário era incomum. Não lembro exatamente o que estava marcando o relógio, mas sei que não chegava às 9h30, um horário totalmente atípico para executivos de televisão em qualquer lugar do mundo. Mas, quando cheguei ao seu escritório, dom Luis estava lá com aquele gesto de segurança e franca gentileza que o caracterizava.

– Temos pensado – disse ele – que o seu salário não corresponde ao quanto você representa para nós, então decidimos lhe dar um aumento. O que acha?

Quando fez a pergunta, colocou na minha frente um cartão no qual estava escrito um valor, que era exatamente o mesmo que Emilio havia me oferecido. A diferença é que não haveria aqui um valor adicional como o que a Telesistema estava me oferecendo, mas, de qualquer forma, o aumento era sensacional. No entanto, o assunto não parava por aí.

– Tem alguém querendo falar com você pelo telefone – Graciela me disse naquela mesma noite.

– É do Canal 8 ou da Telesistema? – perguntei brincando.

– É Humberto Navarro – esclareceu.

Foi então que eu disse a ele que deveriam esperar sessenta semanas por mim, já que, às oito semanas do contrato, eu deveria acrescentar mais cinquenta e duas (um ano), referentes ao contrato que eu havia assinado naquela mesma manhã com a TIM.

Algum tempo depois, seria frequente ouvir Emilio Azcárraga Milmo, quando queria me lisonjear, relatando aquele fato como exemplo da lealdade que se deve ter para com uma empresa e da ética com que os compromissos adquiridos

devem ser cumpridos. E lembrou que isso não tinha acontecido assim quando gente da TIM ia para a Telesistema, assim como quando gente da Telesistema ia para a TIM, ignorando contratos e outros instrumentos de compromisso. Ele comentou isso muitas vezes na minha presença e na frente de todo tipo de testemunhas.

No entanto, daí surgiu uma questão: por que razão teria havido a inusitada coincidência de dom Luís ter vindo falar comigo precisamente um dia depois de eu ter recebido a oferta da Telesistema, e de ter me oferecido um acréscimo exatamente igual ao da empresa de Emilio? Seria possível que a resposta poderia ser encontrada nas práticas de contraespionagem já comuns naquela época (1973)? Claro, isso nada mais é do que especulação infundada, mas, ao narrar a anedota, lembrei-me de algo que é, por outro lado, uma verdade absoluta: o fato de que nestas linhas eu não havia destacado dom Luis de Llano Palmer como um dos maiores gênios do mundo da televisão em língua espanhola, tanto em termos de produção e programação como de descoberta e contratação de elementos artísticos, diretores, técnicos etc.

Aliás, era também necessário mencionar que, em relação à minha contratação, a Telesistema não teve de esperar que transcorressem aquelas sessenta semanas, pois, antes de expirar o período em causa, aconteceu algo que iria modificar todos os acordos existentes: a Telesistema e a TIM uniram seus destinos e seus interesses, formando o que hoje se conhece como Televisa. Então meus programas começaram a ser transmitidos no Canal 2, e a audiência disparou até as nuvens.[52]

* * *

Nem tudo ia às mil maravilhas. Certa ocasião, quando estávamos para começar a gravar um programa, Ramón se aproximou de mim com uma expressão que refletia algum problema. Ele me disse:

– Fique sabendo que o Pachuco acaba de bater as botas.

Isso significava, na linguagem popular, que seu irmão Germán tinha acabado de falecer. Já era algo esperado, pois o genial Tin Tan sofria de um câncer incurável, o que não impediu que a tristeza invadisse o estúdio; afinal, o grande ator sempre havia conquistado o carinho de colegas, técnicos, executivos e outros. Então Ramón me fez ver que Rubén ou Edgar poderiam substituí-lo nos papéis que ele deveria desempenhar naquele dia. De fato, Ramón partiu para a capela onde já estavam velando os restos mortais de seu amado e admirado irmão.

Eu tinha escrito dois filmes para o extraordinário comediante Tin Tan: *Vagabundo y millonario* [Vagabundo e milionário] e *Fuerte, audaz y valiente*

[Forte, audacioso e valente], e durante as filmagens de ambos tivemos a oportunidade de conversar, rir, fazer piadas e assim por diante.

Tive também a satisfação de ser convidado para sua casa, onde toda a família fez questão de que os convidados se divertissem. Mas Germán foi, acima de tudo, um companheiro maravilhoso. Não me lembro de tê-lo ouvido falar mal de alguém ou fazer qualquer coisa que pudesse prejudicar outra pessoa. Sua morte me doeu muito.

Mas os revezes que ocorreram naqueles dias não pararam por aí, porque logo depois, durante a gravação de um programa, sofri um acidente que poderia ter tido consequências terríveis. Quero dizer, uma bala de festim que quase perfurou minha mão.[53] O acidente ocorreu durante a gravação de uma cena, momento que ficou registrado em uma fita que, suponho, deve ter ficado guardada em algum lugar. Eles imediatamente me levaram para o Hospital de la Marina, que ficava bem em frente à porta da Televisa San Ángel, onde fui atendido em uma emergência por médicos que tiveram de limpar muito bem o buraco provocado pela explosão, remover pedaços de pólvora queimada e suturar a ferida. Quando cheguei, a dor era insuportável, mas foi rapidamente reduzida com uma injeção de analgésico. O único inconveniente era que naquela época não havia especialista lá, e as mãos possuem uma complexa rede de nervos, tendões e outros, cujo tratamento requer a intervenção de verdadeiros *experts* na área. Por esse motivo, alguns nervos não foram religados, de modo que perdi, para sempre, grande parte da sensibilidade dos dedos indicador e médio da mão esquerda. Além disso, durante um bom tempo, tive de ficar com a mão enfaixada e, ainda, sujeitar-me a uma série de terapias que me ajudavam a recuperar o movimento dos dedos, o que consegui pouco a pouco ao longo de vários meses. Por causa disso, tive alguns problemas: o menor foi o impedimento para tocar violão por um período considerável de tempo; e o maior foi a incapacidade de datilografar. Esta última foi resolvida recorrendo à escrita manual (a lápis), à qual me acostumei tanto que só voltei à escrita mecânica muito mais tarde, quando já havia o enorme avanço representado pelas máquinas de escrever elétricas e depois as eletrônicas (os computadores levariam muito tempo para fazer uma aparição).

* * *

Um pouco otimista demais, eu tinha iniciado a compra parcelada de um terreno maior, na mesma área de Tlalpan, para construir uma casa maior, conforme exigia o número de filhos que já tínhamos: seis. Mas, depois de cobrir uma boa parte dos pagamentos mensais, o dinheiro acabou, e tivemos de devolver o terreno. Do dinheiro que já havíamos pagado, o banco devolveu

menos da metade, como costumam fazer as instituições honradas (pois já se sabe que um banco lhe empresta dinheiro com a condição de que você verifique com segurança que não precisa desse dinheiro).

Algum tempo depois, consegui vender alguns argumentos cinematográficos e, assim, consegui reiniciar aquela aventura. Quando digo “reiniciar”, uso o sentido literal da palavra, já que o novo terreno era exatamente o mesmo que eu tinha comprado (e perdido) anteriormente. A diferença é que dessa vez consegui pagar à vista.

Foi assim que algum tempo depois fomos morar na Circuito Tesoreros, 63, uma casa cujo projeto eu fiz e cuja construção foi executada pelo arquiteto Miguel Hernández, amigo do meu irmão Paco desde criança.

* * *

O Canal 13 havia sido inaugurado quase simultaneamente com o Canal 8, e havia também um espírito de competição que logo poderia afetar meus planos, já que chamaram María Antonieta para estrelar um programa de concursos que eles haviam criado. O programa se chamaria *Pampa Pipiltzin*, e María Antonieta seria a apresentadora e a responsável. Ela também me deu a notícia com a dor que sentia por saber que isso causaria um desajuste em *Chaves*, já que Chiquinha se destacava como um dos personagens mais importantes. Apesar disso, como aconteceu com Rubén, fiz com que ela percebesse que não seria eu quem impediria a ascensão legítima que isso parecia representar em sua carreira. Então, com a indicação de que nossas portas estariam abertas quando ela quisesse voltar, nós a deixamos ir.

Para justificar a ausência de Chiquinha, o programa comentava que Seu Madruga havia enviado a filha para estudar em um colégio de Guanajuato,[54] onde ela viveria sob a proteção de algumas tias que ali moravam. Isso no que dizia respeito a *Chaves*, porque, no que se referia à atuação dela como uma jovem ao lado de Chapolin ou em outros esquetes, o problema foi resolvido quando ela foi substituída por Florinda Meza. Os pessimistas, que nunca faltam, achavam que essas mudanças iriam influenciar negativamente o programa, mas a audiência não só não diminuiu, como continuou a subir na mesma taxa de antes.

Um ano e meio depois, María Antonieta reconheceu que o dinheiro não compensava a queda da popularidade e decidiu voltar ao programa, onde foi bem recebida, como havíamos dito a ela. E, é claro: ela logo recuperou a popularidade.

* * *

O Sindicato de Técnicos e Artistas de Rádio e Televisão organizou um congresso de produtores e diretores realizado em Puerto Vallarta no qual não

faltaram acontecimentos anedóticos, entre os quais se destaca uma competição que organizamos e que foi muito acirrada. Tratava-se de dar um voto de reprovação a quem falasse tolices durante as sessões (o termo oficial não era “tolices”, mas “idiotices”, porém a ideia tinha partido de Humberto Navarro, cujo domínio da língua não era propriamente acadêmico). Como secretário da ata tínhamos Alberto del Bosque, a quem bastava dar uma olhada nos concorrentes para que estes se denunciassem por meio de um gesto ou de uma simples expressão. Quando isso acontecia (o que acontecia quase sempre e por consenso), Beto traçava uma pequena cruz na linha correspondente ao nome do infrator. A contagem dos votos ocorreria no final do congresso. Para dar um exemplo: se alguém pedia a palavra para dizer algo que outra pessoa já havia falado, o erro valia uma cruz. Se alguém pedisse para falar quando já estávamos com vontade de ir à praia, comer, beber ou simplesmente descansar, a pena era de duas cruzes. Mas houve casos excepcionais, como o que resultou da denúncia contra Sergio Peña, acusado de ter comparecido ao congresso acompanhado da esposa. E embora esta (Kippy Casado) fosse uma dama bela e simpática, isso não a privava de sua condição de esposa, de modo que Sérgio não conseguiu diminuir sua culpa. Portanto, a sentença determinou cinco cruzes, sem direito à liberdade condicional. No entanto, quando as pesquisas apontaram Sergio como primeiro colocado da disputa, a intenção de voto deu um giro tão significativo que tudo começou a prever um empate técnico com outro produtor: Jaime Jiménez Pons. Então este, tirando força da fraqueza, começou a relacionar o número mais impressionante de idiotices que já tinha sido ouvido em um congresso, até que ele alcançou um triunfo amplo e indiscutível. Não é fácil lembrar a quantidade de cruzes que conseguiu acumular, mas basta destacar que a folha de papel onde elas eram registradas chegou a ter mais cruzes do que um cemitério de tamanho normal. E é preciso ressaltar o excelente senso de humor que Jaime demonstrou ao receber seu prêmio com palavras de satisfação e orgulho.

Tínhamos tido poucas sessões quando fomos informados de que o hotel também seria palco de um encontro diplomático entre o México e a Coreia do Sul, e que o então presidente Luis Echeverría estaria à frente da delegação mexicana. Este ficou sabendo que estava acontecendo um congresso de diretores e produtores de televisão, e então pediu para ser convidado a uma das sessões como observador.

E lá estava ele; embora tivéssemos ficado sabendo então que seu status de observador incluía o de orador, de modo que ele nos apresentou uma breve palestra de cerca de três horas que incluía felicitações e comentários sobre como a televisão deveria ser administrada. Mais tarde, ao se despedir do grupo, ele o

fez trocando um aperto de mãos com todos nós, um a um, fazendo-nos sentir os apertões com a força do atleta que era. Comigo ele também teve a cortesia de dizer que já tinha visto *Chapolin*, o que aproveitei para perguntar:

– Sr. Presidente, quer tirar uma foto comigo?

– Claro – ele respondeu gentilmente.

Então, posicionei-me ao seu lado e, apontando para o presidente, disse ao fotógrafo do nosso grupo:

– Você ouviu isso, Carlos? Ele disse que quer tirar uma foto comigo!

Dom Luís voltou-se para mim, fitando-me como se quisesse esclarecer:

– Foi você e não eu quem quis tirar a foto.

Isso era verdade, mas eu queria fazer uma piadinha. Eu digo: valeu, não valeu?

Como despedida do congresso, foi organizado um jantar na praia, para o qual também foram convidados os turistas que chegaram como passageiros de um luxuoso cruzeiro que acabava de atracar em Puerto Vallarta. Entre esses passageiros destacaram-se duas estrelas deslumbrantes do mundo do espetáculo: Harvey Korman, simpático parceiro de Carol Burnett, e a linda Jacqueline Bisset. Se bem que, na realidade, isso de que os turistas foram "convidados" é um modo de dizer, pois isso tudo já havia sido planejado, para que tal visita ajudasse a custear as despesas do congresso. E que bom, porque os turistas tinham o cacife necessário para bancar o evento, enquanto nós não tínhamos cacife para bancar coisa alguma, e assim pudemos evitar a conta. Além disso, o jantar incluía um show apresentado por Kippy Casado. (Não digam "então era por isso que ela estava lá"; ela teria ido de qualquer maneira.) E, no meio do show, Kippy apresentou algumas personalidades (assim disse ela) que estavam lá. Cada um agradecia a apresentação com um gesto ou uma saudação, e, quando chegou a minha vez, o que fiz foi "roubar a cena" pulando na mesa sem alçar voo, como fazia o Chapolin Colorado, ato que mereceu um aplauso gentil dos ali presentes, incluindo os convidados. Mas então, quando passei pela mesa ocupada pelos atores estadunidenses, Harvey Korman me disse: "*It was a very good jump!*", que na nossa língua significa "esse ser um salto muto bom", o que me permitiu me exibir para meus colegas, dizendo: "Ouviram isso? Aquelas pessoas conseguiram entender o que eu fiz; ou seja, eu pulei em inglês".

* * *

Nosso programa seguia cada vez mais forte, por isso não demorou muito para os direitos de transmissão serem vendidos para a Guatemala, que foi o primeiro país, além do México, onde foi exibido. Começou com *Chapolin*, que foi um sucesso total de audiência. A mesma coisa aconteceu em outros países da

América Central, onde sua popularidade se espalhou como uma febre (sem causar nenhum mal, espero). A partir daí, para que começasse a ser transmitido em Porto Rico e na República Dominicana, foi apenas um pulinho. Posteriormente, o fenômeno se fez presente na América do Sul. Dentre os países da região, o Equador foi o primeiro que se animou a adquirir a série. De fato, a empresa reconheceu que *Chapolin* servia como um aríete para escancarar as portas de todos esses mercados, porque, se antes não havia ninguém interessado nas séries mexicanas, desde *Chapolin* as possibilidades foram amplamente abertas. A estratégia estabelecia que, uma vez contratada a série, *Chaves* também fosse oferecida, com o qual seria um sucesso que nenhuma série de televisão jamais alcançou, inclusive as importadas dos Estados Unidos.

No México, continuou o mandato de seis anos chefiado por Luis Echeverría Álvarez, cujo governo deu início ao declínio econômico e social que seu partido, o PRI, sofreria até o colapso político ocorrido em 2 de julho de 2000. De sua posição populista derivou a desvalorização do câmbio, que por muito tempo havia permanecido na casa dos 12,50 pesos por dólar, até chegar a 20 pesos por dólar. (Depois, com a "ajuda" de López Portillo nos seis anos seguintes, a relação de câmbio alcançaria níveis vergonhosamente piores.)

Também foi notória sua participação no caso do jornal *Excélsior*, a respeito do qual dizem que ele mexeu seus pauzinhos até a expulsão de Julio Scherer, Vicente Leñero e outros jornalistas de boa reputação que haviam cometido a "ousadia" de mostrar seu desacordo em relação a muitas medidas do governo. Paradoxalmente, isso foi um estímulo à incipiente liberdade de imprensa que agora me permite escrever isto, mas, antes que esse mandato de seis anos terminasse, tive de testemunhar um evento que abalou a indústria cinematográfica mexicana.

Muitos cineastas foram convidados para um café da manhã oferecido nos belos jardins de Los Pinos, residência oficial do presidente, que estava encerrando seu mandato. Havia produtores, diretores, atores, escritores e outros. O cardápio era tradicionalmente mexicano, como era costume na época; aquela história de *tamales*, *chilaquiles*, *sopes*, *empanadas*, *gorditas pellizcadas*, *atole*, refrescos de tamarindo, de hibisco e de orchata, tudo de ótima qualidade e temperado com três ou quatro discursos que nunca faltam nesse tipo de reunião. Um desses discursos esteve na boca de Josefina "La Peque" Vicens, que falava em nome da Sogem (Sociedade Geral de Escritores do México), embora não me lembre de que nós, escritores, tivéssemos sido consultados sobre conceder ou não a representação de nossa sociedade à nossa querida companheira. O que me lembro é do conteúdo básico de seu discurso, que foi uma exposição grotesca da "triste condição" em que nos encontrávamos nós, trabalhadores do cinema,

vítimas cotidianas de nossos patrões; quer dizer: dos produtores. E não nego que isso pudesse ser verdade em mais de uma ocasião. Mas nem sempre, longe disso, como La Peque parecia generalizar! E, de qualquer modo, seu discurso foi um exemplo de ato inoportuno, porque, por um lado, não havia justificativa para usar o evento social como plataforma para externar sua reprovação e muito menos na presença dos agredidos (os produtores), que não tinham sido convidados para ouvir reclamações trabalhistas. Por outro lado, o incômodo foi ampliado ao se considerar que o discurso tinha sido proferido diante do advogado Echeverría, para quem bastava a chama de um fósforo para arder em santa ira. Porque foi o que aconteceu: em seu discurso de resposta, o presidente atacou todos os produtores sem distinção e acabou ordenando a retirada de todos eles da produção cinematográfica. Nem mais nem menos que isso!

Mas, além do grau pateticamente drástico da medida, ela era revestida da injustiça produzida por qualquer generalização dessa natureza, pois, embora houvesse produtores cuja conduta pudesse ter sido digna de todas as censuras e de todas as desonras, havia também aqueles que mereciam o nosso agradecimento e os nossos elogios, o que posso exemplificar com uma memória pessoal.

Eu estava nos escritórios da Oro Filmes, uma das mais conceituadas produtoras de filmes do México, quando soube que o chefe da empresa, Gonzalo Elvira, precisava de uma boa adaptação para um determinado argumento. Nada menos do que o famoso filme *Claro de Luna*, escrito e dirigido anos antes pelo não menos famoso Luis César Amadori, um pilar do cinema argentino. O filme teve como protagonistas as famosas irmãs Legrand, atrizes gêmeas que se destacaram amplamente no cinema de seu país e que alcançaram enorme sucesso, por isso, tratava-se de fazer uma nova versão com a participação das gêmeas espanholas Pili e Mili. A direção seria do próprio César Amadori, que na época vivia na Espanha havia vários anos. Mas já tinham feito seis ou sete adaptações e nenhuma havia sido satisfatória para o famoso diretor. Fiquei sabendo disso e solicitei a oportunidade de fazer uma adaptação.

– Me empreste o argumento – eu disse a dom Gonzalo Elvira –, e eu vou tentar fazer uma adaptação. Se o senhor gostar, podem me pagar o mínimo – (que eram 17.100 pesos na época) – e, se não gostarem, deixamos por isso mesmo.

– Já gostei foi da sua coragem – respondeu Elvira –, e gostei tanto que, mesmo que não gostemos do seu roteiro, de qualquer forma vou lhe dar a metade desse valor – (ou seja, pouco mais de 8.500 pesos).

E assim ele me emprestou um exemplar de *Claro de Luna*, e imediatamente comecei a trabalhar no desenvolvimento de um roteiro que deveria adaptar a

história para Pili e Mili, para a época em questão, e situá-la no México e na Espanha. Seria uma coprodução entre a Oro Filmes, no México, e Benito Perojo, na Pátria Mãe, a Espanha.

O entusiasmo me ajudou a terminar e entregar a adaptação rapidamente. E pouco tempo depois fui ao escritório de dom Gonzalo, atendendo a um telefonema que seu filho, Gonzalo Elvira Jr., havia me feito.

– Leia isto – disse-me Gonzalo ao me entregar um telegrama que acabava de chegar da Espanha, assinado por dom Luis César Amadori. Dizia resumidamente: "Adaptação escrita por Gómez Bolaños, excelente. Não procurem mais. Volto ao México dia tal".

Isso significava que meu trabalho tinha sido selecionado. E quase instantaneamente fui levado para a sala de dom Gonzalo Elvira pai, que me deu os parabéns e perguntou:

– Tínhamos combinado algo sobre o salário?

– Bem – respondi –, o senhor me disse que mesmo que minha adaptação fosse rejeitada, a empresa me pagaria a metade do mínimo estabelecido pela Seção de Autores e Adaptadores; mas, se fosse escolhida, o senhor me faria o pagamento integral; isto é, 17.100 pesos.

Dom Gonzalo pareceu refletir brevemente; então pegou um talão de cheques, preencheu uma folha e me deu, enquanto dizia:

– Acho que é isso que vale a sua adaptação.

E então vi a quantia, que era de 50 mil pesos!

– Cinquenta mil pesos! – exclamei. – Mas isso é praticamente três vezes o que foi combinado!

– É isso mesmo – confirmou o grande produtor. – É o mínimo que vale sua adaptação.

Ele era um dos produtores afastados da indústria cinematográfica porque "exploravam" os trabalhadores…

Acho que a anedota merece o complemento de mais alguns detalhes. O primeiro deles refere-se ao encontro que tive com o Sr. Amadori no Hotel María Isabel, onde ele se hospedou quando voltou ao México, pouco antes de iniciar as filmagens. O objetivo era trocar impressões sobre minha adaptação.

– Gostaria de lhe perguntar uma coisa – disse ele. – Como lhe ocorreu acrescentar a sequência em que Fernando – (Fernando Luján, protagonista masculino) – sobe e desce no sofá pesado? Isso não estava no meu roteiro original.

Era uma sequência que eu achava engraçada; e, se me ocorreu acrescentá-la, foi por esse motivo e porque também a considerei adequada para a trama e para os personagens, mas isso é algo difícil de explicar ao diretor e autor original; e

ainda mais quando essa personalidade conta com uma trajetória profissional tão amplamente reconhecida. Porém, minha gagueira deve ter revelado a angústia que a pergunta me causou, de modo que o Sr. Amadori se apressou a esclarecer:

– Se perguntei de onde veio a ideia, foi por simples curiosidade, porque considero que essa é a melhor sequência humorística do filme.

O elogio foi uma cortesia do prestigioso diretor, mas essas palavras também me ajudaram a recuperar a tranquilidade. O que se seguiu foi uma análise serena do que foi escrito e a execução de pequenas mudanças, quase todas relacionadas aos diferentes significados que algumas palavras têm no México, na Espanha e na Argentina. Mas essa não foi a única experiência positiva a esse respeito.

O filme se chamou *Un novio para dos hermanas* [Um namorado para duas irmãs]. As filmagens começaram em locações da cidade de Guanajuato e continuaram nas dependências dos Estúdios San Angelín (logo depois convertidos no Canal 8 e depois na Televisa San Ángel), lugar para onde fui logo depois, atendendo a um chamado do Sr. Amadori, que me disse:

– Olha: a topografia desse cenário contém diferenças consideráveis em relação ao que tínhamos imaginado, então fui forçado a adaptar algumas cenas mudando um pouco a ação e o diálogo. Isso foi o que me ocorreu.

E ele me mostrou o roteiro com as correções que tinha feito a mão.

– O que acha?

– Muito bom – respondi.

– Então me autoriza a filmar assim?

Meu queixo caiu de espanto. Era uma gentileza que eu jamais tinha recebido de um diretor de cinema. Os diretores que filmaram a partir de roteiros meus, uns mais e outros menos, mas todos tinham feito modificações sem darem a mínima se eu estava de acordo com as mudanças ou não. Portanto, na minha memória, há uma lembrança de infinita gratidão ao Sr. Luis César Amadori.

Concluo este conjunto de anedotas observando que muitos produtores voltaram mais tarde. E, com a morte do grande cavalheiro chamado Gonzalo Elvira, a empresa ficou nas mãos do filho que herdou o mesmo nome, a mesma honestidade, a mesma capacidade profissional e a mesma condição de grande cavalheiro.

XII

Enquanto isso, o sucesso do programa continuou a se espalhar em todos os sentidos, o que significou uma longa cadeia de contratações particulares em inúmeros lugares. O espetáculo era geralmente composto por dois atos: o primeiro ficava a cargo de toda a vizinhança do Chaves e incluía diálogos, ação, danças e canções, tudo montado em torno de uma trama que simulava a atuação espontânea e improvisada de um grupo de vizinhos da vila onde eles viviam. Nesse contexto, as crianças supostamente cometiam equívocos, enquanto os adultos tentavam encobrir os erros. Mas a verdade é que tudo havia sido profusamente planejado e ensaiado, então as improvisações eram muito ocasionais. E o mesmo pode ser dito do segundo ato, estrelado pelo Chapolin Colorado, também acompanhado por todo o elenco. O resultado era sempre recompensado com os mais calorosos e afetuosos aplausos.

Nem mesmo com esse histórico imaginávamos a magnitude do sucesso que nos esperava nos países que visitaríamos depois, que, com exceção de Cuba, foram todos os países da América Hispânica. Também fomos a muitas cidades dos Estados Unidos, o que merece a narração de algumas anedotas.

Para atravessarmos a fronteira do norte pela primeira vez, tínhamos de solicitar o visto de trabalho na respectiva embaixada, por isso fomos até lá depois de preenchidos os documentos necessários. E todo o processo transcorreu sem problemas até chegar a vez de quem liderava todo o grupo: eu.

O guichê disponível na minha vez estava sob a responsabilidade de uma senhora que, após revisar meus documentos, apontou que eu não havia preenchido o campo referente a cartões de crédito e me perguntou o motivo de tal omissão.

– Não tenho cartão de crédito – respondi.

– Bem, então, não posso lhe dar um visto de trabalho – disse ela, falando em "espanglês", mas eu entendi. E também entendi quando ela me explicou o motivo pelo qual me negava o visto: a falta de cartão de crédito significava que eu era um potencial "*mojado*",[55] que tentaria ficar no país dela para procurar trabalho clandestinamente. E era inútil, para mim, argumentar que no México eu tinha um emprego seguro que me permitia viver honradamente. E que, se eu não tinha cartão de crédito, era simplesmente porque preferia pagar tudo em dinheiro – o que naquela época era mais do que comum em nosso país. E, como se não bastasse, aconteceu que naquela semana a bem-sucedida revista *Tele Guía* trazia na capa uma fotografia do Chapolin Colorado; e também aconteceu que um rapaz que iria para nos prestar serviço (que já havia recebido seu visto) tinha um exemplar da revista no bolso, então ele me entregou e eu a mostrei à funcionária do consulado, gabando-me: "*This is me*".[56] Mas também não adiantou, porque, depois de olhar a revista com uma expressão de desprezo, ela me disse categoricamente: "*I'm not going to give you any visa*",[57] ou algo assim.

Então, meu irmão Horacio teve de me acalmar, porque, com total imprudência, comecei a dizer impropérios:

– É por isso que vocês estão perdendo as guerras! – (Eram os tempos em que eles estavam deixando o Vietnã com o rabinho entre as pernas.)

Felizmente, naquele momento, chegou uma senhora de mais alta hierarquia que nos reconheceu e nos perguntou se estávamos com algum problema. Explicamos o que estava acontecendo e ela gentilmente nos convidou para ir à sua sala, onde cuidou pessoalmente de expedir meu visto de trabalho.

A outra anedota se refere a uma época em que eu estava viajando sozinho para Los Angeles, onde tive de gravar uma cena com efeitos especiais para o meu programa. Lá eu deveria me encontrar com Florinda e Carmelita Ochoa, que haviam chegado antes.

Ao chegar ao aeroporto de Los Angeles, tive a ideia tola de fazer uma brincadeira, para a qual entrei em uma fila cuja placa dizia claramente: "*American Citizens*" [Cidadãos Americanos]. Lá mostrei meu passaporte e meu visto, o que suscitou um olhar que significava raiva, desconfiança, espanto ou tudo isso junto, ao mesmo tempo que um "hispânico" veio até mim em meu auxílio depois de me reconhecer. Então, permiti que ele me ajudasse, fingindo que eu não entendia meia palavra em inglês, embora eu falasse e entendesse medianamente. Mas aqui transcrevo tudo na minha própria língua:

– Eles estão perguntando – disse-me o amável hispânico – se você não sabia que esse guichê é apenas para cidadãos americanos.

– Sabia – respondi. E acrescentei, apontando para a placa: – Está escrito ali.

– Mas você não é americano.

– Como não! – respondi. – Eu nasci no México: que fica na América.

– Referem-se à nacionalidade norte-americana.

– Por isso mesmo! – insisti. – O México fica na América do Norte.

Estava pensando em continuar mais ou menos na mesma linha, mas percebi que já começava a perder a graça… Enfim, o caso foi que eu desisti, pedi desculpas e entrei na fila que cabia a mim.

* * *

Voltando à América Latina, a experiência não poderia ter sido melhor. Em Santiago do Chile, por exemplo, as pessoas formaram uma fileira ininterrupta do aeroporto ao hotel onde nos instalamos (algo como dezessete quilômetros de cerca humana). Depois, para ver o espetáculo, foi estabelecido um recorde que ainda persiste no Estádio Nacional de Santiago, com capacidade para oitenta mil espectadores, onde foram realizadas duas apresentações no mesmo dia. E o sucesso obtido em toda a República do Chile foi tão grande que o empresário Leonardo Shults contratou um enorme jato particular para cuidar exclusivamente do transporte do grupo de cidade em cidade. (Com as imagens de Chapolin e Chaves pintadas nas laterais do avião, tal como Charlie Brown e Snoopy tinham sido pintados em aviões de guerra estadunidenses.) E, no famoso parque Quinta Vergara, palco dos festivais de Viña del Mar, o público foi tão grande que uma parte teve de se instalar nas montanhas ao redor do local.

Aliás, enquanto fazíamos essa jornada triunfante, todos pensávamos que tais sucessos seriam amplamente comentados pela imprensa mexicana. E sim: é verdade que houve comentários, mas com características que me obrigam a recuar cerca de quatro anos na história.

Em setembro de 1973, um ataque-surpresa à sede do governo chileno levou-o à sua queda e ao suicídio de seu chefe: o presidente Salvador Allende. O golpe de Estado fora obra das poderosas forças militares do país, lideradas pelo general Augusto Pinochet, que, aliás, só pouco tempo antes é que havia ascendido ao topo da hierarquia militar, por desígnio… do próprio presidente Salvador Allende. (Entre parênteses, parecia-me impossível evitar a comparação com o que aconteceu no México quando Francisco I. Madero outorgou o comando de suas tropas ao general Victoriano Huerta, poucos dias antes de Huerta comandar o golpe de Estado e o assassinato que o levariam à presidência.) Mas voltemos ao Chile.

Algum tempo depois, começaram a se espalhar notícias que detalhavam os procedimentos desumanos de que se valiam os novos governantes para garantir o domínio absoluto da nação; dentre esses procedimentos, destacava-se a tortura, a eliminação daqueles que pareciam mostrar sinais de não conformidade. No

entanto, essas notícias se espalharam para países estrangeiros distantes muito mais cedo do que para o próprio território chileno. (Se especifico “distante” é simplesmente para apontar que um país “próximo” do Chile, como a Argentina, também ocultava notícias a esse respeito, já que o governo de Buenos Aires também tinha o caráter de uma ditadura militar.) E, ainda assim, quatro anos depois – quando estávamos lá em uma turnê de trabalho –, as informações ainda não chegavam à maioria dos chilenos.

Volto, portanto, ao que comecei a narrar há vários parágrafos, onde me perguntava se a imprensa mexicana teria feito comentários sobre a bem-sucedida turnê que estávamos fazendo no Chile. E eu já disse que houve comentários a respeito, mas devo acrescentar que a maioria teve o caráter de repreensão implacável:

– Impiedosos! –disseram-nos. – Como ousaram fazer palhaçadas no solo que serviu de prisão vergonhosa para as vítimas do golpe de Estado sangrento? – (“Fazer palhaçadas” significava apresentar o espetáculo; e o “solo” era o Estádio Nacional de Santiago.) – Como cometeram a ignomínia de turvar a memória dos milhares de inocentes que ali foram maltratados? Mas é claro: fazem tudo por dinheiro! Isto é, o mais seguro é que eles até ousaram cobrar pela apresentação (*sic*).

É óbvio que, para começar, nenhum de nós se lembrou de que o estádio já havia sido usado como um “campo de concentração” ou algo semelhante; e, por fim, também é óbvio que, se tivéssemos nos lembrado, teríamos trabalhado lá mesmo assim. Caso contrário, nenhum ator deveria aparecer para trabalhar no Zócalo do México, por exemplo, “turvando a memória de todos aqueles que foram assassinados lá durante a Decena Trágica”.[58]

De qualquer forma, o sucesso obtido no Estádio de Santiago foi mais do que inesquecível. E como esquecer a longa ovação que nos deram enquanto fazíamos a “volta olímpica” (que tivemos de fazer duas vezes), mesmo à custa de acabar bufando de exaustão? Mas valia a pena, não?

* * *

Dizia-se que o Del Luna Park, um grande e lendário auditório em Buenos Aires, só poderia ser preenchido por Carlos Monsón, o popular boxeador argentino, mas as apresentações do nosso grupo lotaram completamente o local durante sete dias consecutivos. E, oito anos depois, quando voltamos, o número de dias com ingressos esgotados aumentou de sete para nove. Mas os shows lotados aconteceram em todo o país, independentemente de os palcos serem estádios de futebol como o de Mendoza, o do Talleres, em Córdoba, o do Independiente, em La Plata, e assim por diante. Neste último, aliás, aconteceu

um fenômeno que parecia retirado de outro tipo de cenário. Digamos que fosse algo que poderia ter sido comum durante uma apresentação dos Beatles ou de algum outro grupo que tivesse fama universal e que fosse formado por jovens músicos ou cantores, mas não para um grupo de atores mais do que adultos e que já se encontravam no polo oposto do que poderia ser o galã ideal para uma adolescente. Porque o que acontecia era que as jovenzinhas se esgoelavam para expressar seu amor por nós, enquanto um bom número delas desmaiava de emoção, assim como acontecia com os Beatles ou com os Rolling Stones. E reações desse tipo mais de uma vez alcançaram graus mais elevados, como nas ocasiões em que algumas admiradoras conseguiam engenhosamente estar em nossos quartos de hotel quando voltávamos após as apresentações. Por isso, tivemos de exigir maior rigor à segurança do hotel; embora isso representasse um dilema, porque, se é verdade que tínhamos direito à privacidade, também é verdade que os atores "se devem ao seu público"… sobretudo quando o público é constituído por donzelas de agradável presença… (no meu caso, o objetivo das donzelas era um mito: quero dizer que procuravam Chaves ou Chapolin, e não Roberto Gómez Bolaños).

Por outro lado, devo também expor algumas considerações: uma delas era que naquela época minhas relações conjugais estavam cada vez mais longe do se poderia considerar adequadas. Outra: que eu teria trocado todas as aventuras por qualquer migalha do que ainda era meu sonho impossível. Digamos: por um beijo de Florinda.

E é claro que durante as turnês aconteceram as mais diversas experiências, em todos e em cada um dos lugares que visitamos. No aeroporto de Lima, no Peru, o Exército teve de ser chamado para remover (felizmente sem violência) as 50 mil pessoas que invadiram a pista depois de demolirem a cerca de proteção. Em Caracas, na Venezuela, as corridas de cavalos tiveram de ser suspensas, porque o hipódromo fica no mesmo caminho que leva ao Poliedro, o auditório onde nosso grupo se apresentou. Em Honduras, fomos forçados a nos hospedar em um lugar secreto (um motel), porque a multidão formava uma massa intransponível nas proximidades do hotel para onde deveríamos ir. Em Nova York, lotamos até a borda o grande e lendário Madison Square Garden, em toda a sua ampla capacidade. Como ficaram também abarrotadas todas as casas de show na Colômbia, no Equador, no Uruguai, em Porto Rico, no Panamá e, sem exceção alguma, em todos os locais onde nos apresentamos.

* * *

Certa ocasião, há algum tempo, descobri que minha filha mais velha, Graciela, parecia estar sofrendo de grande desassossego. A situação veio a me preocupar

profundamente… até que criei coragem para perguntar a ela o motivo daquele estado de espírito.

– É que não gosto do curso que estou fazendo na faculdade – ela me disse em meio a uma enxurrada de lágrimas. O que me fez suspirar de profundo alívio.

– Isso é tudo? – perguntei, sorrindo.

– Parece pouco para você? – ela insistiu, ainda com lágrimas que inundavam aqueles lindos olhos que ela tem. – Faz anos que faço você gastar pelos meus estudos – acrescentou –, e agora chego à conclusão de que prefiro estudar outra coisa.

Graciela havia estudado design (gráfico ou industrial? Dá na mesma). O importante era que àquela altura ela percebeu que se sentia muito mais atraída pelas atividades relacionadas ao ensino e queria seguir esse caminho. Naquele momento, eu a abracei com toda a ternura que eu pude, enchi-a de beijos e disse para ela estudar o que quisesse, sem me importar com o tempo e com o dinheiro que ela achava que tinha desperdiçado. Que o que poderia ser imperdoável seria tomar um rumo errado sabendo que não era o que ela desejava.

– Além do mais – acrescentei –, se você estudar o que quiser agora, e quinze minutos antes de se formar você perceber que é melhor estudar outra coisa, largue e comece a outra.

Não houve necessidade de chegar a esse extremo. Graciela estudou pedagogia, e não só se formou com brilhantismo, mas também agregou o mestrado aos estudos e os estendeu para a área da psicologia, onde também se graduou de forma relevante.

Sua vida pessoal, aliás, também partiu de um porto seguro, ao se casar com “o amor da sua vida”, o proeminente contador público e economista Raúl Pérez Ríos, com quem teve as minhas duas adoráveis netas mais velhas: Ana Lorena e Valeria, lindas adolescentes que encabeçam a lista dos meus netos, uma lista que é composta, nem mais nem menos, pelos “doze melhores netos do mundo”. Raúl é um homem distinto, do tipo do qual já não restam muitos, que soube se destacar como profissional e como ser humano de enorme qualidade moral. A isso devo somar uma grande simpatia pessoal e uma enorme habilidade para cantar, tocar violão, organizar grupos musicais e muitas outras qualidades.

A propósito: nada que seja relacionado a essa anedota, mas não posso deixar de me lembrar de um costume que pode de alguma forma ser interpretado como um conselho para outros pais.

Quando o namorado de uma das minhas filhas estava nos fazendo uma visita, eu fazia o que era mais prudente e recomendado nesses casos: descer as escadas tossindo alto, para que se anunciasse claramente a iminência de sua chegada. É o método mais adequado para evitar surpresas constrangedoras, tanto para o casal

namorado-filha como para os pais da moça. E uso o termo “moça” deliberadamente, porque, quando a filha não é mais moça, é aconselhável deixar que aconteça o que for preciso.

* * *

O papa Paulo VI morreu no Vaticano, e seu lugar foi ocupado pelo cardeal Albino Luciani, que fora patriarca de Veneza e cujo pontificado (como João Paulo I) durou apenas 34 dias.

Então aconteceu algo mais do que imprevisto: o trono do Santo Padre não foi ocupado por um italiano, mas por um estrangeiro, o que não acontecia havia muitos anos. O novo papa era um cardeal polonês, Karol Wojtyla, que havia sido arcebispo de Cracóvia, Polônia. Ele adotou o nome de João Paulo II, em homenagem a seu antecessor.

* * *

A OTI (Organização da Televisão Ibero-Americana) realizava havia algum tempo festivais de música em que competiam compositores de todos os países que a integravam. Certa ocasião, a convocatória foi lançada quando eu havia composto uma música que, a meu ver, tinha os atributos necessários para participar da competição. Então, entrei em contato com a Polygram, gravadora de discos, e trouxe uma gravação rudimentar (mas excelentemente cantada por Florinda). E a Polygram ficou interessada no meu projeto.

No entanto, propuseram a mudança de algo que me parecia impróprio, mas que consideravam necessário: que a canção, em vez de ser interpretada por Florinda, fosse interpretada por Dulce, com quem tinham um contrato estabelecido. Eu não poderia me opor a isso. Então minha música entrou na competição do festival, interpretada por Dulce (que também é uma cantora maravilhosa e realizou uma excelente interpretação no festival).

Minha música se chamava “Nacer” [Nascer], e durante a competição tive o prazer de constatar que o público lhe deu os aplausos mais longos de todas as canções que foram apresentadas, como se pode verificar com a respectiva gravação. Minha emoção foi incrementada pelas muitas lágrimas que refletiam a emoção que minha composição havia produzido. Isso talvez possa ser compreendido ao se conhecer a letra de “Nacer”, que transcrevo abaixo:

Había un ser muy pequeño
en las entrañas de una mujer
que veía en su sueño
que habría de nacer.
Lo deseaba con tal frenesí
y con tanta ilusión lo esperaba

que llegó a soñar que cantaba
este canto que dice así:
Yo quiero ya nacer
y quiero conocer
el color
que tiene cada flor.
Yo quiero ya jugar
y el juego disfrutar
con otros niños
Ya quiero recorrer
los campos por doquier;
escuchar
mil pájaros cantar.
Ya quiero sonreír
y quiero recibir
muchos cariños.
Pero alguien pensó de otro modo
y en un instante fatal decidió
que terminara todo
…y todo terminó.
Y ahora ya nunca podrá
conocer el color de las flores
ni escuchar pajarillos cantores
ni decir: "yo te quiero, mamá".
Yo quiero ya nacer (etc.).[59]

Todos nós esperávamos ansiosamente o resultado da votação dos juízes. E esse resultado dizia que, das quarenta músicas que haviam participado, a minha ocupava o 37º lugar.

Porém, ao sair do teatro, recebi muitos parabéns do público. E não só do público, pois também recebi os parabéns de quem conquistou o primeiro lugar no concurso: Napoleón, o excelente compositor e intérprete, que me disse com uma efusão de generosidade que eu agradeci infinitamente:

– Sua canção é melhor que a minha.

Também encontrei alguns membros do júri, entre os quais se destacava uma grande amiga minha: Lourdes Guerrero.

– Minha música realmente merecia uma classificação tão baixa quanto a que vocês deram? – perguntei à excelente jornalista e comentarista de televisão.

Lourdes ficou me olhando fixamente por algum tempo, que podia ter sido de apenas alguns segundos, mas me pareceu durar uma eternidade. Em seguida, ela me deu um beijo no rosto e seguiu seu caminho sem ter proferido uma única palavra.

Algum tempo depois, durante um encontro que tive com Miguel Alemán em seu escritório na Televisa Chapultepec, ele me disse:

– Além do que discutimos, quero aproveitar a oportunidade para dizer mais uma coisa. Espero que entenda.

– Pois diga – respondi.

– A Televisa não deveria ir ao Festival da OTI com uma tese sobre o aborto. Nem a favor nem contra. Entende?

Eu entendi, é claro. E não só isso; também me dei conta de que devia ter sido isso o que aconteceu. Não teria sido justo usar o palco do festival como plataforma de proselitismo. E saí depois de agradecer ao Miguel pela honestidade que a sua revelação implicava.

* * *

Meu relacionamento com Graciela ia se deteriorando paulatinamente. Como na grande maioria dos casos semelhantes de outros casais, a culpa deveria ser compartilhada entre os dois; mas é bem provável que eu tenha sido o responsável pelo maior percentual dessa culpa, pois, enquanto ela cometia falhas de médio porte, como falta de apoio ou desinteresse, meus erros estendiam-se ao campo da infidelidade. Durante as viagens, como já disse, éramos frequentemente assediados por mulheres que não se contentavam com a memória representada pelo autógrafo, mas pediam um testemunho mais íntimo.

No entanto, isso acontecia acompanhado por uma circunstância especial: por causa do nascimento da minha sexta filha, e por sugestão do ginecologista de Graciela (e por mim aceita), eu tinha feito uma vasectomia, de modo que estava impossibilitado de engravidar uma mulher. Por outro lado, era o tempo em que as doenças venéreas haviam sido praticamente erradicadas pelos antibióticos, enquanto ainda estava longe o dia em que apareceria a terrível ameaça da aids, situações que colocavam as experiências fora de casa em uma bandeja de prata. É claro que isso não era uma justificativa, mas também é claro que, junto com os fracassos mútuos mencionados acima, essas circunstâncias vão cavando um fosso entre os cônjuges, raso no início, mas abismal no fim das contas. Para piorar a situação, assim como eu ficava entediado nos círculos que Graciela frequentava, ela rejeitava os que formavam o meu mundo.

Ao mesmo tempo, a essência de Florinda me inundava cada vez mais. Porém, tinha de afogar meu sentimento no silêncio, já que minha condição de chefe continuava a constituir o obstáculo intransponível: a barreira ética que me impedia de tentar qualquer abordagem que ultrapassasse os limites de um tratamento decente e honesto (com nuances de flerte? É possível…).

XIII

Valentín Pimpstein foi um dos produtores mais conceituados da Televisa, além de estar envolvido em muitos outros aspectos da organização. Foi ele que um dia me convidou para jantar em sua casa, aonde fui acompanhado por minha filha Graciela, que tinha vinte e poucos anos na época. Lá me apesentaram alguém com quem eu viria a tratar mais de uma vez: Fabián Arnaud, produtor de cinema.

– A Televisa – disse-me Valentín – pretende dar início em breve à produção cinematográfica, atividade que será liderada por Fabián.

– E eu acho – acrescentou ele – que o primeiro filme que faremos deveria ser estrelado por você.

A notícia me deixou tão surpreso que fiquei sem palavras. E mais ainda quando me disseram que eu escolheria o argumento do filme (de preferência escrevendo-o eu mesmo), assim como o elenco, o diretor e tudo o que eu considerasse pertinente a esse respeito.

E não me lembro se foi Fabián ou Valentín quem me perguntou:

– O que você acha mais conveniente: *Chapolin* ou *Chaves*?

– Nenhum dos dois – respondi instantaneamente, causando a perplexidade natural de ambos. Minha decisão foi certamente produto de um ato intuitivo. Algo que vagamente me indicava que nenhum dos meus dois personagens era adequado para a telona, mas só algum tempo depois é que consegui encontrar uma explicação fundamentada para essa intuição.

No que dizia respeito a *Chaves*, começava pela limitação imposta pelo seu ambiente natural (a vila), ambiente a que o público televisivo estava habituado e de que não seria fácil escapar. Havia também a dificuldade de encontrar um argumento representativo da série, mas sem repetir o que a telinha já tinha mostrado. Por fim, para mim, era grotesco imaginar meu rosto projetado no

tamanho enorme a que o cinema está acostumado. É verdade que nunca tentei fingir que era criança; que meu objetivo (acho que bem alcançado) era fazer com que o público aceitasse que eu era um adulto representando uma criança. Mas então eu já tinha 48 anos (tinha 42 na primeira vez que interpretei o Chaves). E, embora conservasse a agilidade necessária, as rugas tornariam os closes da câmera quase impossíveis. Em relação a *Chapolin*, o cinema exigiria manobras muito mais espetaculares do que as apresentadas na série de televisão. Porém, no cinema isso representava (e continua representando) um custo proibitivo para os filmes mexicanos. Muitos milhões podem ser investidos em Hollywood, mas não no México. Por outro lado, a mesma intuição me dizia que o público não gostaria de pagar um ingresso no cinema para ver mais ou menos o que podia ver de graça na televisão. E minha intuição estava correta nisso, como os filmes de outros atores de televisão provariam mais tarde, que depois de um início altamente promissor, eles acabavam não sendo atraentes para quem dizia: "Posso ver isso na minha televisão em casa".

De qualquer forma, tinha de pensar muito acerca do argumento que esse meu primeiro filme deveria ter. E tive a sorte de lembrar que minha paixão esportiva, o futebol, também era a paixão esportiva de muita gente. Portanto, foi fácil, para mim, escrever o argumento de *El Chanfle* [Chute de trivela]. E igualmente fácil foi formar o elenco com todos os atores do meu grupo, mas em papéis que não tinham nada a ver com os que representavam na televisão. Interpretei um roupeiro do América, do México, apelidado de "El Chanfle"; Florinda fez o papel de minha esposa; Rubén Aguirre foi o presidente do time, cujo diretor técnico foi representado por Ramón Valdés; Carlos Villagrán foi um dos jogadores de futebol; Edgar Vivar era o médico do clube; e María Antonieta, a secretária. "El Chato" Padilla e Angelines Fernández formaram um casal alheio ao time.

A trama do argumento era mergulhada no mundo do futebol profissional, mas abertamente elaborada para fazer uma apologia à honradez, virtude que teria como representante o meu personagem.

O antagonismo ficou a cargo do treinador, cuja tática futebolística parecia retirada do mais verdadeiro manual de artimanhas, já que sua meta era realizar um objetivo a despeito dos meios que utilizasse para isso. "Temos que evitar que o outro time marque um gol; se para isso tivermos que quebrar a perna de um adversário, que pena, não é mesmo?"

O humilde roupeiro, por outro lado, era capaz de desobedecer ao treinador quando este lhe ordenava que entrasse em campo para interromper o jogo enganosamente. "É que temos que cortar o ritmo deles!", exclamava o técnico. "Mas isso seria antidesportivo", argumentava El Chanfle, que chegou a ir

protestar contra o árbitro (interpretado pelo famoso árbitro profissional Arturo Yamasaki) quando este marcava um pênalti a favor de seu time. “Mas se o pênalti é a favor do seu próprio time!”, explicava o árbitro. “Mas ninguém tocou no nosso jogador; ele caiu de propósito. E ele mesmo acaba de confessar”, informava
El Chanfle. Resposta inútil: o árbitro tem sempre razão.

A honestidade do roupeiro se estendia a todos os assuntos. Por exemplo: declarar-se culpado quando seu calhambeque colidiu com um carro estacionado… e procurar o dono do carro para pagar pelos danos causados. Mas quem poderia imaginar que esses exemplos se tornariam justamente alvo de críticas desfavoráveis ao filme!

“Isso é ridículo”, escreveu um crítico. “Não existe uma única pessoa no mundo que aja dessa forma”.

“Conheci idiotas”, escreveu outro, “mas como esse Chanfle, nenhum”.

“Onde vão encontrar um público que engula tamanho absurdo?”

Por outro lado, não cheguei a ler comentários sobre a atuação, a direção, a fotografia, a iluminação, o ritmo etc. Que pena! Porque teria sido muito útil para nós.

Em vez disso, contamos com o inestimável apoio de Emilio Azcárraga Milmo e Guillermo Cañedo, que colocaram à minha disposição o Estádio Azteca, o Centro de Treinamento de Futebol, os uniformes e serviços do Club América, e assim por diante. Para dirigir o filme, escolhi o diretor de fotografia do meu programa, Enrique Segoviano, que estreou como cineasta nesse trabalho. E, assim como na TV, seu trabalho foi excelente.

Algum tempo depois, recebi uma surpresa mais do que agradável:

– Por acaso você passou esta tarde na esquina da Insurgentes com a Baja California? – foi Valentín Pimpstein quem me fez essa pergunta ao telefone.

– Não – respondi com o desconcerto natural que essa pergunta me causava. – Por quê?

– Porque ali fica um dos cinemas onde *El Chanfle* estreou hoje, e o trânsito foi interrompido pela multidão que assistiu à estreia.

O fenômeno ocorreu em diversos outros cinemas, tanto no Distrito Federal quanto no interior da República, o que fez com que *El Chanfle* batesse todos os recordes de bilheteria até então existentes. Além disso, tem o privilégio de ser o primeiro filme a obter um rendimento superior ao do filme de Cantinflas[60] exibido no mesmo ano.

Então, com essa certeza de que no cinema encontraria algo diferente do que via na televisão, o público também foi em massa aos filmes subsequentes que fiz.

A Polygram me procurou com a intenção de fazer algo que não havia passado pela minha cabeça: gravar um álbum. Nessa oferta, vi um lado positivo e um lado negativo. O positivo foi a oportunidade de apresentar algumas das composições musicais que eu tinha feito; e o negativo foi que a empresa estava interessada em que eu mesmo cantasse, ignorando que cantar é uma arte que jamais consegui dominar. Disse isso sem pretensão de falsa humildade, pois, por outro lado, eu aceitava que minhas composições não eram ruins. Mas então, por insistência da gravadora, disse que aceitava com uma condição: que meus colegas também interviessem cantando, o que aceitaram imediatamente. Medida inteligente, porque entre os colegas havia alguns que cantavam muito bem, como era o caso de Rubén Aguirre, Edgar Vivar, Ramón Valdés e, nomeadamente, Florinda Meza. Esta tinha (e ainda tem) uma voz excelente, com um alcance muito amplo, uma sensibilidade extraordinária e uma experiência sustentada por vários tipos de teoria musical e de canto.

Dei a notícia aos membros do grupo, que manifestaram grande entusiasmo pelo projeto, com exceção de Carlos Villagrán, que nos disse que já tinha uma oferta semelhante (e pessoal) de outra gravadora. Essa falta de integração parecia ir contra o interesse geral, mas acabei dando meu consentimento.

Em seguida, dedicamo-nos à produção de um LP, para o qual era necessário algo muito importante: músicas. Porque a ideia era que todas as músicas fossem minhas composições, mas a maioria das que eu já tinha tratava de temas que não eram adequados para o grupo. Aqui devo fazer um esclarecimento: quando uso o termo “temas”, faço-o com seu significado original; o que diz que o termo se refere a um “assunto”, “matéria”, “ideia” etc., e não como alguns o usam agora, tornando-o sinônimo de “canção”. Um disco, dizem eles, contém dez temas, o que é absolutamente falso; ele contém dez canções e, provavelmente, um único tema: o amor, por exemplo.

Em todo caso, a solução para o problema que surgia era a mais óbvia: era preciso compor outras canções para completar as dez que iriam compor o álbum. E foi isso que eu fiz.

Esse primeiro álbum foi um sucesso sensacional, que mais tarde resultou em um prêmio pela venda massiva. Em todas as rádios se ouviam minhas canções, entre as quais posso ressaltar “El Chapulín Colorado”. (Atualmente, as gravações originais são vendidas como item de colecionador, a um custo que é geralmente trezentas ou quatrocentas vezes o seu custo original.)

E o mesmo aconteceu com outros dois discos que gravamos depois, nos quais se destacaram as canções referentes a *Chaves*. Acima de tudo, ressalto “¡Qué bonita vecindad!” [Que bonita vizinhança!],[61] música que, vinte e cinco anos depois, ainda continua vendendo (atualmente, aliás, gravada pelo famoso e

eminente Kronos Quartet e com arranjos de Ricardo Gallardo, aquele gênio que dirige o Tambuco).

* * *

E aconteceu durante uma turnê no exterior!

Havíamos chegado ao hotel à noite, depois de fazermos uma boa representação do espetáculo de *Chapolin* e *Chaves*, de modo que o grupo mostrava aquela euforia saborosa, serena, mas intensa, que costuma surgir no final de uma jornada de sucesso. Então, como costumávamos fazer em situações semelhantes, fomos ao bar e restaurante do hotel para jantar e tomar um ou dois drinques, enquanto a conversa à mesa incluía rotineiramente comentários sobre a apresentação, piadas,
anedotas e assim por diante. Então, também como era de rotina, o grupo começou a se desintegrar para voltar aos respectivos quartos, onde um sono reparador fechava o dia com chave de ouro. Pouco depois, não restavam mais de quatro ou cinco casais que continuavam dançando ao ritmo da música fornecida pelo pequeno, mas excelente, conjunto musical do hotel… além de dois retardatários do nosso grupo: “ela” e eu. “Ela” era, claro, Florinda.

Ela e eu havíamos dançado em algumas ocasiões, mas dessa vez senti que as circunstâncias do momento envolviam algo diferente, o que me impediu de encontrar as palavras certas para convidá-la para dançar. Porém, após uma pausa de silêncio mútuo, decidi impulsivamente pegá-la pelo braço e levá-la para a pista. Florinda se deixou conduzir sem comentários, mas me fixando com um olhar que mesclava surpresa e docilidade. Na surpresa infiltrava-se um vislumbre de sorriso; e a docilidade permitia adivinhar um mar de ternura.

Continuamos sem dizer uma palavra quando começamos a dançar.

Música inebriante; música excitante; música cúmplice; música que me envolveu com sua cadência e me permitiu ter Florinda em uma proximidade que superava qualquer antecedente semelhante. Tanto que não demorei a apreciar a deliciosa maciez de sua face apoiada na minha, para depois sentir que o toque rítmico de nossos corpos se tornava o mais agradável e encantador dos contatos… até que a música terminou e o mestre de cerimônias anunciou que havia chegado a hora de fechar o local.

Só então o silêncio foi quebrado entre mim e Florinda. Ela me disse:

– Quando ainda estávamos com o grupo, você comentou que estava com fome… e com muita fome!, você enfatizou. Mas, quando parecia que ia acrescentar algo, de repente ficou em silêncio. Lembra?

– Lembro – respondi.

– Por quê? O que você ia dizer e depois decidiu guardar?

– Era uma bobagem – eu disse honestamente. – É que fizeram comentários sobre os muitos beijos que as fãs nos dão, e comentei que dessa vez nenhuma veio até mim. E tinha que ser justamente hoje, quando tenho fome de beijos!… Por isso eu disse que estava com muita fome.

Então o silêncio voltou a reinar entre nós dois. Um silêncio cuja duração seria impossível de calcular. Um minuto? Um século? Não sei. A única coisa de que me lembro (mas isso sim: com clareza diáfana) é a frase que interrompeu a pausa:

– Se você quer beijar alguém – Florinda me disse –, por que não me beija?

– …?

E é claro que a beijei!

Foi o início de um romance que dura mais de um quarto de século (além do que se acumula neste e nos anos que restam), todo ele movido a paixão, ternura, admiração, emoção e felicidade.

Mas o passo seguinte representava um trauma inevitável, pois romper uma união como a que Graciela e eu tínhamos não era coisa simples, porque, apesar das incompatibilidades, durava mais de duas décadas. No processo, há um fiscal que atua implacavelmente: o sentimento de culpa. Aquele que com certo masoquismo faz com que a gente se considere o único responsável pelo que aconteceu, quando a realidade indica que a culpa é sempre dividida. Mas a evidência disso só vem com o passar do tempo, e, nesse intervalo, o remorso golpeia de forma sistemática, ao passo que questiona: “Por que vocês fizeram as coisas de maneira errada? Por que permitiram que se erguesse esse muro intransponível entre os dois? Vocês se deram conta de que têm filhos? Que culpa eles têm?”. Etc., etc.

Porém, depois se analisam as circunstâncias, e daí emerge uma conclusão decisiva: se a separação é acompanhada de dores e problemas, a união forçada não faria mais que aumentar tais problemas e tais dores, com o agravante de que os mais prejudicados costumam ser justamente os filhos. A solução do rompimento, portanto, era a mais razoável. E, para isso, decidi deixar para Graciela todos os imóveis que tínhamos, incluindo as duas casas que havíamos construído, um bom número de terrenos, ouro, o melhor dos meus dois carros, todos os móveis…

Não foi fácil, no entanto, superar aquele lacerante sentimento de culpa que mencionei linhas acima, porque o processo teve de ser lento, paciente e acompanhado de atos que às vezes eram de humildade e às vezes de indulgência, aos quais era preciso acrescentar a eventual descoberta de coisas que se saíam muito melhor do que se havia previsto.

Depois, também de modo muito lento, Florinda começou a ser aceita pelos

meus filhos, uns mais cedo do que outros. E posso assegurar que essa aceitação alcançou o grau de carinho.

Um dia, no final de 1977, Carlos Villagrán me disse que queria discutir comigo um assunto muito importante, para o qual me convidou a ir ao Vip's na esquina da avenida Insurgentes com a Altavista.

– Tenho pensado muito sobre isso – ele me disse quando estávamos lá –, e cheguei à conclusão de que é hora de eu liderar meu próprio programa; para isso, é claro, preciso me separar do grupo.

A decisão era de se esperar, já que as últimas viagens ao exterior, especialmente ao Chile e à Venezuela, haviam lhe dado um gostinho substancial do mel da fama. É verdade que o mérito correspondia basicamente ao trabalho realizado em conjunto, mas mais de um espectador incitou o seu ego ao lhe dizer que ele era a pedra angular do edifício, de modo que sua decisão era irrevogável. E, de qualquer forma, eu pensava que ele tinha o direito lógico de superação pessoal que todo indivíduo tem, então aceitei sua proposta, desejando-lhe boa sorte.

– Mas eu queria continuar interpretando Quico – acrescentou. – Quer dizer, falar com as bochechas infladas e tudo isso. Assim, gostaria de sua permissão para fazê-lo.

– Conte com ela – respondi.

Carlos não só me agradeceu muito sinceramente as oportunidades que lhe dera, como também me pediu para lhe dar os conselhos que eu considerasse pertinentes.

– Só vou te dar um – disse eu. – Quico é um personagem que pode te dar grandes satisfações e os triunfos correspondentes, mas não se limite a ele. Falar com as bochechas inchadas é muito engraçado, mas o excesso pode ser prejudicialmente enjoativo. Portanto, dose; combine-o com outros personagens que você mesmo pode criar.

– Vou fazer assim! – ele disse com entusiasmo. – E muito obrigado!

Um abraço caloroso encerrou o breve encontro.

Mas acho que Carlos não seguiu muito ao pé da letra o conselho.[62]

XIV

A Seção de Diretores do Sindicato dos Trabalhadores da Produção Cinematográfica (STPC) havia se tornado uma espécie de clube cuja filiação era proibida a todos os leigos; isto é, para quem não tivera a sorte de ingressar muitos anos antes ou o privilégio de ter um pai produtor de cinema. No entanto, chegou o momento em que uma série de circunstâncias tornou as condições de entrada mais flexíveis; uma dessas circunstâncias foi a nomeação de Sergio Véjar como secretário-geral da Seção, para a qual trouxe o ar fresco de que tanto a repartição precisava. Assim, depois de ter desejado fazê-lo por muito tempo, tive a oportunidade de dirigir meu primeiro filme.

Chamou-se *Charrito, um herói mexicano* [*Charrito*] e era um daqueles filmes que podem ser descritos como "cinema no cinema". Isso porque o assunto é justamente a filmagem de um filme. Nele há um ator coadjuvante (interpretado por mim) apelidado de "Charrito",[63] que vai bem de acordo com a imagem de camponês inquieto ao qual esse termo é normalmente atribuído. A parte cômica está na falta de jeito do ator, o que o obriga a repetir muitas cenas, com o consequente aumento de despesas que isso acarreta. Mas esses deslizes todos levam ao que poderíamos chamar de "tese" do argumento: aquela que diz que todo filme é um conjunto de cenas alinhavadas em uma ordem rigorosa, em que cada cena tem uma relação estreita com a anterior e a posterior, assim como as letras que são alinhavadas para formar uma palavra. Se as letras "a", "m", "o" e "r" forem unidas nessa ordem, elas formam a palavra "amor", mas o significado muda completamente se a ordem em que as letras são colocadas for invertida, pois resulta em "roma". E com outras variações você pode obter "ramo", "mora", "Omar". Da mesma forma, excluir uma letra pode gerar uma nova palavra; por exemplo: "mar". E em *Charrito* se mostra como o significado de

uma sequência muda quando a ordem em que as cenas são colocadas é alterada ou uma delas é excluída.

A jovem do filme era Florinda, que fazia o papel de uma professora rural em cuja escolinha as "carteiras" não passavam de toscos caixotes de madeira colocados ao ar livre. E a trama começa quando o arremedo de escola é repentinamente invadido pela filmagem de algumas cenas do filme, com Rubén Aguirre desempenhando o papel de diretor, e cuja atriz principal é interpretada por María Antonieta. Atuam, além destes, também "El Chato" Padilla, no papel de xerife da cidade e pai da professora, Angelines Fernández, Horacio Gómez, Víctor Alcocer, Benny Ibarra, Arturo García Tenorio e Gilberto Román.

Antes do lançamento de *Charrito*, a empresa considerou que o sucesso sem precedentes de *El Chanfle* exigia a filmagem de uma sequência. Condicionei isso a ter um argumento que justificasse o fato, o que foi relativamente fácil, já que a caracterização dos personagens havia ficado totalmente definida. Então escrevi *El Chanfle 2*, em que participaram os mesmos atores do primeiro, com exceção de Carlos e Ramón (que haviam se separado do grupo), e com o acréscimo de Sergio Ramos "El Comanche" (e a apresentação do pequeno Héctor Meza no papel do bebê).

O que não foi tão fácil foi assumir a direção de *El Chanfle 2*. Emilio Azcárraga me disse que ele e vários executivos da Televisa tinham visto o exemplar final de *Charrito* e não tinham gostado. Em consequência, deduziram que eu havia fracassado como diretor e, portanto, procurariam outro diretor para *El Chanfle 2*. Recusei categoricamente.

– Tenho certeza de que minha direção foi boa – eu disse a eles.

O mesmo disse Javier Carreño, o excelente assistente de direção que havia me auxiliado em *Charrito*. E, se alguém conhecia cinema, esse alguém era Javier Carreño (por isso o escolhi).

– Mas, se eles não querem que eu dirija este outro – acrescentei –, bem, não vou dirigir, e o assunto está encerrado. Mas encerrado totalmente, porque não aceito que outra pessoa o dirija.

A discussão durou vários dias, até culminar na sala de Emilio Azcárraga, que acabou por me dizer:

– Caralho! Como você é teimoso!

Sem me dizer mais nada, ele pegou o telefone, discou o ramal da secretária e disse secamente:

– Elisa, fale com o Fernando – (Fernando de Fuentes, então responsável pela Televicine) – e diga a ele que será feito como o Roberto diz.

Portanto, dirigi *El Chanfle 2*, um filme que seria exibido imediatamente para aproveitar o *boom* que o anterior havia causado. Essa foi uma decisão acertada,

já que *El Chanfle 2* foi outro sucesso de bilheteria.

Mas, então, quando chegou a vez da estreia de *Charrito*, a discussão que havia surgido inicialmente foi reavivada:

– Continuamos pensando que tem alguma coisa faltando ou sobrando – disse-me Fernando de Fuentes. – Mas já temos a solução: será lançado diretamente na televisão, sem antes ir para a telona.

– Não! – implorei.

– Mas é que…

– Nãão! – exigi.

– Mas é que…

– Nãão! – gritei. E eu saí da sala de Fernando.

No dia seguinte, fui ao escritório de Emilio Azcárraga na Televisa Chapultepec, onde Emilio e eu encenamos uma nova versão da mesma discussão. E tudo continuou igual: sem chegarmos a nenhum acordo e arrematando com a mesma expressão do meu patrão:

– Caralho! Como você é teimoso!

Eu sabia que não havia nenhuma cláusula no meu contrato que me permitisse contestar que o filme fosse distribuído ou exibido de acordo com meus critérios, mas a Televicine sabia que eu não tinha assinado nenhum contrato que me obrigasse a filmar outro filme com eles. Isso me daria liberdade para firmar contrato com qualquer outra empresa (e várias já tinham me feito propostas dessa natureza). No entanto, eu me senti eticamente obrigado a esperar um lapso de tempo razoável antes de começar a conversar com outra empresa. Enquanto isso, passaram-se duas longas semanas antes de eu receber qualquer notícia, até que recebi um convite para ir ao escritório da Televicine.

– Acho que já temos a solução conciliatória – disse-me Fernando, enquanto me conduzia à sala onde veríamos a cópia em vídeo de *Charrito*. – Foram feitas mudanças na edição – acrescentou ele –, e algumas cenas acabaram cortadas, mas acho que foi bastante aceitável.

E vimos meu filme como ficou depois de ter sido cortado e editado de maneira diferente. Por um momento pensei que fosse uma piada, porque o que tinham feito era precisamente parodiar a “tese” que *Charrito* continha: “Como muda o sentido de uma sequência quando se altera a ordem em que as cenas são colocadas ou quando se suprime alguma delas”. Mas não, não era uma paródia; fizeram-no com a “sã” intenção de melhorar o meu filme, como me esclareceram quando ri do que havia considerado uma “piada”.

– O que você acha? – Fernando me perguntou quando a luz da sala se acendeu.

– Bem, acho que realmente aprecio a boa intenção – respondi –,

mas desaprovo totalmente a edição que fizeram. Meu filme deve conservar a edição que tinha. E quanto a cortar cenas, nem pensar.

Dias depois houve um almoço no Estúdio A da Televisa Chapultepec, na qual dividia uma mesa com Rubén Aguirre e meu irmão Horacio. Emilio Azcárraga Milmo se aproximou para falar comigo, sorrindo e com uma voz intencionalmente alta (para que fosse ouvida ao nosso redor):

– Quero que me desculpe por ter opinado que *Charrito* não era um bom filme. Acabei de vê-lo novamente, agora na companhia de várias pessoas, e acho que é um filme muito bom e muito bem dirigido. Dou meus parabéns pelo trabalho… e pela teimosia.

A partir daí é fácil deduzir que *Charrito* foi lançado nos cinemas. E felizmente foi outro sucesso retumbante.

* * *

Durante minha infância e juventude, fui admirador de vários atores, tanto mexicanos quanto estrangeiros. E suponho que tenha sido uma coincidência o fato de que minhas preferências apontassem diretamente para os comediantes, porque naquela época eu não tinha ideia de que um dia me tornaria um deles.

Entre os mexicanos, três se destacavam no meu muito particular apreço: Mario Moreno “Cantinflas”, Germán Valdés “Tin Tan” e Joaquín Pardavé. (Eu os listei em ordem aleatória, pois acho difícil dizer que preferia um deles em detrimento dos outros.)

De Cantinflas já foi dito tudo. Ou quase tudo, já que os elogios a seu humor e talento cômico construíram paradoxalmente uma barreira que não dá oportunidade de se comentar acerca do excelente desempenho que tinha como ator. Só em três ocasiões fui capaz de tratar de maneira pessoal com o célebre comediante, embora muito brevemente, e das três tenho uma memória maravilhosa. Principalmente a que se refere à ocasião em que Florinda e eu entrávamos num restaurante e nos deparamos com dom Mario, que ocupava uma mesa localizada a caminho da que tínhamos reservado. Ali, Cantinflas se levantou e veio nos receber para nos dar os parabéns, a mim pelos programas e a Florinda pela produção e atuação na novela *Milagro y magia* [Milagre e magia]. Sua atitude distinta foi uma verdadeira lisonja para nós.

Já Tin Tan eu tive o privilégio de conhecer pessoalmente. E posso garantir que sua forma de tratar as pessoas tinha a mesma excelência que ele demonstrava como um estupendo ator. Mas, da mesma forma como acontece com Cantinflas, a simpatia e as habilidades interpessoais de Tin Tan impediram que se apreciasse totalmente a enorme qualidade cômica do grande comediante.

O mesmo não acontece, talvez, com Joaquín Pardavé, a quem se fez justiça a

esse respeito, visto que muitas vezes se disse (e com total acerto) que ele era um ator em toda a extensão da palavra. Não tive a sorte de conhecê-lo pessoalmente.

Para mim, é mais difícil selecionar meus favoritos entre os comediantes estrangeiros, que compõem uma lista tão ampla quanto heterogênea, por isso me limitarei a citar os mais destacados, como Charles Chaplin e a dupla formada pelo Gordo e o Magro. Mas estes, Oliver Hardy e Stan Laurel, são, para mim, a essência da graça e da ternura. Sempre continuarei a admirar Chaplin… assim como sempre continuarei a amar Stan Laurel e Oliver Hardy. Mas não é justo que eu deixe de nomear pelo menos mais alguns daqueles que compõem o que eu poderia chamar de "meu elenco de favoritos". Por exemplo: Benny Hill, Carol Burnett, Groucho Marx, Buster Keaton, Louis de Funes, Gila etc. Mas há outra pessoa; alguém que pode não ter alcançado um reconhecimento semelhante em todo o mundo, porque não teve a sorte de ser estadunidense, inglês, francês ou algo semelhante. É um argentino que deveria ter uma residência oficial no Olimpo dos comediantes: o Sr. dom Luis Sandrini, ator em todos os sentidos da palavra, que nos fazia ir das gargalhadas às lagrimas com a mesma habilidade. Tinha sido meu ídolo desde a infância e sempre foi assim. E com ele algo me aconteceu que merece um parágrafo separado.

Estávamos em turnê pela Argentina, um país que nos recebeu de braços abertos (e com as bilheterias fechadas, porque os ingressos esgotaram, felizmente, em muito pouco tempo). Mas, além das apresentações, concedíamos entrevistas à imprensa, ao rádio e à televisão, e durante uma delas mencionei a admiração que sentia pelo incomparável Sandrini, o que me trouxe a mais agradável das surpresas, pois alguém me disse:

– Dom Luis Sandrini acaba de ouvir o que você diz e o convida para ir amanhã à casa dele.

Tive de me beliscar para ter certeza de que não estava sonhando. Meu ídolo tinha me convidado pessoalmente para ir à sua casa! Quando eu poderia imaginar que um dia viria a desfrutar de tal privilégio? E é claro que aceitei de bom grado o convite (que o Sr. Sandrini, com aquela gentileza que o caracterizava, estendeu a todos os atores e atrizes do meu grupo).

Houve apenas um pequeno inconveniente: tudo isso foi dito durante a entrevista que foi transmitida ao vivo… de modo que no dia seguinte, na hora marcada, uma multidão se aglomerava nos três ou quatro quarteirões adjacentes ao domicílio do grande ator. A multidão era formada por jornalistas e fãs, e todos impediam qualquer tentativa de aproximação da casa. Até que, finalmente, apareceu também um número considerável de policiais, que nos ajudaram a atravessar aquele mar de gente até entrarmos na residência de dom Luis.

O encontro foi muito comovente, pois, além de nos lisonjear ao dizer que não

perdia nenhum dos nossos programas, o comediante nos proporcionou uma noite verdadeiramente deliciosa, mostrando-nos que também era um ser humano com uma personalidade avassaladora e uma qualidade moral insuperável.

No ano seguinte, infelizmente, dom Luis Sandrini despediu-se deste mundo, talvez cumprindo o que dissera num filme quando lhe perguntaram se continuaria: “Bem… enquanto o corpo aguentar”.

* * *

A lembrança daquela anedota me remete a outro par de circunstâncias que ocorreram algum tempo depois, mas que também foram produto de um acontecimento semelhante: ter sido objeto de atenção de personagens notáveis que haviam sido meus ídolos.

Eu estava em um estúdio da Televisa San Ángel, encarregado da direção artística de *Milagro y magia*, a maravilhosa novela que minha maravilhosa Florinda escreveu e estrelou, quando alguém veio me dizer que havia um telefonema para mim na salinha.

– Da parte de quem? – perguntei, indiferente.

– É do Brasil.

Isso era totalmente incomum, então insisti:

– Mas quem quer falar comigo?

– É o Pelé.

Pelé? Ninguém menos que o Pelé? Edson Arantes do Nascimento? Um dos dois gênios que o futebol produziu em todo o mundo? E sim: era ele! E sim, ele queria falar comigo pessoalmente! Isso eu pude comprovar quando entrei na salinha e, tomado por um nervosismo enorme, identifiquei-me.

– Oi, “Chaves” –disse-me “o Rei”, usando o termo em português brasileiro para o que em espanhol era *El Chavo*. – Como vai?

Em seguida, ele então explicou o motivo de sua ligação: ele queria que fizéssemos um longa-metragem, compartilhando os créditos; mas havia um incômodo que nos impedia de realizar tal projeto: ele queria que eu atuasse interpretando Chaves, e isso era algo que eu sempre tinha evitado e que continuaria evitando.

– Já há muito tempo – eu disse a ele –, decidi que o Chaves nunca deveria aparecer nas telas de cinema. É um produto da televisão, e assim ele deve permanecer.

Expliquei brevemente as razões que tive para tomar essa decisão, como o quanto o personagem ficaria grotesco na telona, a ausência do falecido Ramón Valdés, o cenário natural reduzido (a vila) etc. E Pelé entendeu que eu estava certo. Portanto, não havia mais nada a não ser nos despedirmos afetuosamente.

Mas isto sim: não havia ninguém para quem eu não contasse o que tinha acabado de acontecer comigo.

Dez ou onze anos depois, recebi outro telefonema. Dessa vez eu estava em casa quando Florinda me disse:

– Tem alguém querendo falar com você no telefone.

– Quem? – perguntei com a mesma naturalidade com que tinha perguntado da vez anterior.

– Maradona! – respondeu Florinda, com o mais largo dos seus sorrisos.

De fato! Era o próprio Diego Armando Maradona, o outro gênio do futebol mundial, quem tinha me ligado simplesmente para me cumprimentar, aproveitando que estava de passagem pela Cidade do México. Ele viera assistir a um jogo do seu time do coração (Boca Juniors) contra o meu (América), embora, infelizmente, não tenha chegado a tempo de ir ao Estádio Azteca, palco da partida. (Que, aliás, teve uma vitória do América por 3-1.) Maradona vinha de Cuba, onde andava fazendo tratamento médico, e o que ele me disse (cito de memória) não poderia ter sido mais lisonjeiro:

– Você tem que saber que é meu ídolo. Que eu não perco nem um sequer dos seus programas e que levei um bom número deles gravados em vídeo para Cuba. Assisti-los era (e continua sendo) o melhor remédio que tive para combater meus estados de depressão. Que Deus abençoe a você e a todos os seus.

Obrigado, Diego Armando (agora sou eu quem diz, escrevendo). Obrigado pelo que me disse e, claro, obrigado pelos momentos em que seu domínio do futebol me encheu de prazer e emoção. Que Deus abençoe a você e a todos os seus.

Agora, exibindo-me como um pavão, pergunto-me se há muitas pessoas que já foram alvo das atenções de duas personalidades do tamanho de Pelé e Maradona. Quer dizer, tenho motivos mais do que suficientes para me envaidecer, não?

Já que mencionei os jogadores de futebol estrangeiros, devo acrescentar outra dupla que não alcançou a fama das anteriores, mas que são pessoas extraordinárias e de cuja amizade posso me orgulhar a qualquer momento: um deles é Alex Aguinaga, um equatoriano que no México deu o melhor exemplo do que deve ser um jogador profissional, com os atributos de qualidade e honestidade no jogo, e de um grande ser humano em todos os momentos. Alex fala comigo do Equador, sua terra natal, com frequência, e tenho orgulho de contar isso. O outro é o chileno Sebastián González, o famoso “Chamagol”, que, além de ser excelente goleador nato, lisonjeia-me pessoalmente ao comemorar seus gols imitando Chapolin Colorado, Chaves, Seu Madruga, Dona Florinda e até mesmo El Chanfle, do filme que fiz há muitos anos. Meu muito obrigado a ambos.

* * *

Pouco antes daquela viagem pela Argentina (quando tive a oportunidade de visitar dom Luis Sandrini), aconteceu algo que poderia ser considerado desagradável, mas que, para mim, merece, em vez disso, a qualificação de triste:

Emilio Azcárraga me chamou para ir a seu escritório e disse:

– Carlos Villagrán veio me ver e se ofereceu para fazer uma série de televisão interpretando o personagem Quico. Eu acho que pode ser um sucesso, mas todos nós sabemos que o criador desse personagem é você. Não é assim?

– De fato é – respondi.

– Pois então, me diga se você dá sua autorização para fazermos isso e em que condições. Por exemplo, quanto você cobraria por essa permissão?

– Não – esclareci. – Não estou interessado em cobrar por isso. A única condição que eu colocaria é que constasse nos programas um agradecimento pela permissão, o que ao mesmo tempo seria um reconhecimento da minha autoria. Algo como: "Agradecemos a Roberto Gómez Bolaños pela autorização de usarmos o personagem Quico, que é uma criação sua".

– Entendo – Emilio me disse – que você teme que alguém possa alegar ser o criador do personagem mais tarde.

– Exatamente. Tenho todos os registros que endossam minha propriedade, mas nunca faltam oportunistas que me causem transtornos.

– Eu sei: mas, antes de tudo, a Televisa é uma testemunha a seu favor, assim como os próprios programas. E, de qualquer forma, não há problema: será feito como você está pedindo.

Mas, dias depois, enquanto Emilio estava fora do México, recebi um telefonema de Othón Vélez, o braço direito de Emilio, tanto no trabalho quanto nas relações pessoais. Othón me pediu para ir ao seu escritório, e eu fui.

– Carlos Villagrán veio aqui – disse-me quando eu estava à sua frente – e me disse que não aceitava a condição.

– Do que você está falando? –perguntei a ele.

– Da condição que você colocou para permitir que a série do Quico fosse feita: apontar que você é o criador do personagem.

– Mas eu sou! – protestei.

– Todo mundo sabe, mas esse rapaz diz que ele mesmo é o criador, já que foi ele quem o interpretou nos programas.

– Seria algo como afirmar que o criador de Hamlet não é Shakespeare, mas Laurence Olivier ou Richard Burton.

– Digamos que seja mais ou menos isso.

– Bem, nesse caso não dou minha autorização para que o programa seja feito.

– Tomei a liberdade de me antecipar e dar essa resposta a ele – Othon me disse com aquele sorriso que o caracterizava. – Mas fui um pouco mais explícito: entrei em contato com o rapaz e o mandei à… Bem, para onde ele quisesse, menos para a Televisa.

Depois disso, pensei que Carlos se arrependeria de ter agido daquela forma, que se desculparia e que voltaria a procurar a oportunidade de realizar o seu projeto, que eu mais uma vez estaria disposto a aceitar, sem outra condição senão a que eu havia definido anteriormente: o reconhecimento da minha paternidade em relação ao personagem Quico. Mas, longe de isso acontecer, Carlos entrou com uma ação contra mim, alegando ser o criador e dono do referido personagem.

Recorri então à Sogem, organização que imediatamente me deu razão, pelo que apresentou em minha defesa o Dr. Magallón, excelente advogado que obteve, por dois a três, a decisão do tribunal a meu favor.

– A verdade – disse-me o advogado – é que as evidências eram avassaladoras a seu favor.

Entre outros, por exemplo, a declaração escrita e assinada pelo próprio Sr. Villagrán. Referia-se a um documento que alguns empresários do Peru haviam me solicitado pouco antes, pois fariam um pequeno contrato mercadológico tendo Horacio, meu irmão, como meu representante. Naquela ocasião, os peruanos disseram a Horacio:

– Precisamos de um documento que certifique que o Sr. Roberto Gómez Bolaños é o criador dos personagens que aparecem no programa; principalmente aqueles que acompanham Chaves, e que os criadores não são os atores que os interpretam.

– Será suficiente uma declaração assinada pelos atores?

– Mais que suficiente!

Então Horacio explicou isso aos colegas, escreveu uma declaração na qual eles deram o seu testemunho e pediu aos atores que assinassem, o que todos (absolutamente todos) os atores fizeram. São eles: Florinda Meza, María Antonieta de las Nieves, Angelines Fernández, Ramón Valdés, Rubén Aguirre, Edgar Vivar, Horacio Gómez e Carlos Villagrán (“El Chato” Padilla ainda não estava integrado ao grupo).

Posteriormente, durante os depoimentos do processo, Carlos disse que eu o havia obrigado a assinar o referido documento, pressionando-o com a retenção de seu salário. O argumento, certamente sugerido por seus advogados, era plenamente infantil, já que era a Televisa, e não eu, quem pagava aqueles salários (e a empresa jamais atrasou um único pagamento). Por outro lado, houve o testemunho de todos os outros atores. No fim das contas, a decisão foi total e

facilmente favorável a mim.

– Agora – disseram os advogados da Sogem mais tarde –, você pode fazer duas coisas: processá-lo e impedi-lo de trabalhar em qualquer país usando o personagem de sua criação.

– Não – respondi. – Não vou fazer nenhuma das duas coisas.

– Por que não?

– Escute – expliquei –, se seu carro é roubado, você vai à Procuradoria e registra a ocorrência do roubo. Não é assim?

– Sim, claro.

– Mas você faria o mesmo, registrar a ocorrência, se roubassem o espelho lateral do carro?

– Bem, não… claro…

– Pois isso foi mais ou menos o que aconteceu comigo: roubaram um dos espelhos laterais do meu carro. Mas, além disso, se esse espelhinho o ajudar a fazer três refeições por dia, deixe que ele faça isso… e que faça bom proveito.

Não só o ajudou a fazer três refeições ao dia, como também lhe deu os recursos necessários para comprar casas em Caracas, no Distrito Federal e em Cuernavaca, vários carros de último modelo, ouro, joias e algumas outras coisas. Mas devo admitir que nada disso ele tirou de mim. Além do mais, não tirou de mim o que poderia ter sido muito mais valioso: a popularidade e o sucesso dos meus programas. Longe disso, desde sua ausência, meus índices de audiência permaneceram em primeiríssimo lugar, as turnês de sucesso por todo o continente aumentaram e minha série continuou no ar por mais dezessete anos. E poderiam ter continuado lá por muito mais tempo, mas um dia a empresa retirou todos os programas humorísticos do Canal 2, para se concentrar unicamente na transmissão de novelas. Felizmente (não para mim, mas para o público) tal medida foi posteriormente revogada.

Em ocasiões posteriores, aliás, María Antonieta de las Nieves também sentiu o desejo legítimo de dirigir sua própria série de televisão, além de um longa-metragem, e também rejeitei a compensação financeira que me foi oferecida em troca de conceder minha autorização, colocando como única condição o reconhecimento da minha paternidade como criador de Chiquinha. Mas, ao contrário do que aconteceu com Carlos, María Antonieta concordou totalmente. Por isso, para gravar a série de televisão *Aqui está a Chiquinha* [*Aquí está la Chilindrina*], bem como para filmar o longa-metragem *La Chilindrina en apuros* [Chiquinha em apuros], a empresa solicitou a minha autorização, que concedi sem exigir qualquer pagamento, e me contentando com o reconhecimento da minha autoria, razão pela qual a tela mostrava claramente a legenda que dizia: “Agradecemos a Roberto Gómez Bolaños pela autorização para usar o

personagem da Chiquinha, que é de sua criação”.

* * *

Fiz parte do Comitê Diretor da Sogem, onde tive a sorte de conviver com inesquecíveis colegas, entre os quais José “El Perro” Estrada, Héctor Azar, Ramón Obón, Raúl G. Basurto, o destacadíssimo Vicente Leñero e, presidindo a sociedade, José María Fernández Unsaín. Nascido em Tucumán, Argentina, mas radicado no México havia muito tempo, José María já tinha adquirido a nacionalidade mexicana, da qual se orgulhava (sem perder a oportunidade de fazer atos de presunção que recordavam de forma humorística sua origem argentina). Ele e eu mantivemos uma amizade que durou muitos anos (até sua morte), sustentada por um bom número de afinidades comuns, tanto artísticas quanto profissionais. Eu havia conhecido sua esposa pessoalmente, a maravilhosa e bela atriz Jaqueline Andere, durante as filmagens de um filme, escrito por mim, na qual ela era a protagonista feminina e eu tinha uma curta participação especial.

Já que estamos falando da Sogem, veio à minha memória o que aconteceu no dia da inauguração de seu novíssimo prédio localizado no bairro San José Insurgentes. Encerrada a cerimônia, desci para o andar inferior na companhia de Alfonso Anaya (o prolífico autor de comédias de sucesso), Óscar, o contador da sociedade, e um amigo deste, cujo nome não lembro, e começamos a jogar dominó. Fizemos isso por muito tempo e sem nos preocuparmos com absolutamente nada, até que decidimos encerrar a sessão. Então, despedimo-nos afetuosamente e nos preparamos para nos retirar para nossas respectivas residências, até que percebemos que não poderíamos sair do novíssimo prédio, uma vez que todos já haviam abandonado o local, inclusive o porteiro, que tinha trancado cuidadosamente todas as portas e saído levando as chaves. Claro, o que aconteceu foi que nem ele nem ninguém mais percebeu que os viciados em dominó estavam no andar de baixo envolvidos na disputa de um bom número de rodadas. O que podíamos fazer?

Bem, antes de tudo, ligar para nossas respectivas casas para avisar o que tinha acontecido e dizer que não deveriam se preocupar com o horário em que íamos chegar. Isso foi feito com rapidez e sem problemas, pois havia vários aparelhos de telefone no prédio, todos à nossa disposição no momento. O único que parecia ter um pequeno problema era Alfonso Anaya, cuja esposa suspeitava de que o homem estivesse em uma daquelas farras que ele frequentava de vez em quando. Então Alfonso decidiu eliminar essas suspeitas, dizendo à esposa:

– É verdade, meu amor; estou te dizendo a verdade. E, se não acredita em mim, vou passar o telefone ao Chespirito, que você conhece bem, para que ele te

explique e tire essa dúvida da sua cabeça.

– Sim, senhora – eu disse ao telefone –, foi isso que aconteceu com a gente; e não tem como sairmos daqui.

– Bem, é melhor mesmo que seja verdade – respondeu-me a esposa ciumenta de Alfonso, um momento antes de ele tirar o telefone da minha mão para acrescentar, como uma prova adicional:

– E digo mais – disse ele com a garantia de uma consciência limpa –, que tal se você ligar para esse escritório da Sogem, que acabamos de inaugurar, para confirmar que estamos aqui?

Era uma proposta razoável, e a mulher deve ter respondido que concordava, pois Alfonso então acrescentou:

– Claro! – E então, voltando-se para o resto de nós, perguntou: – Qual é o número do telefone que a Sociedade usa agora?

Mas ninguém soube responder à sua pergunta, porque, por mais que procurássemos em todos os telefones novos da Sogem, não encontramos nem mesmo um que mostrasse o número! Portanto, suponho que será fácil imaginar qual foi a reação da Sra. Anaya e quais seriam as consequentes tribulações que o bom Alfonso teria de suportar.

No entanto, foi o próprio Alfonso quem sugeriu que fôssemos pelo lado amistoso, aproveitando o fato de que as circunstâncias nos permitiam continuar jogando uma boa quantidade de rodadas de dominó, acompanhados dos sanduíches e das bebidas que havia sobrado do evento de inauguração do novo edifício. E a noite divertida durou até as 9h do dia seguinte, hora em que percebemos que o porteiro já havia chegado com o molho de chaves reluzentes que abririam as portas da Sogem.

* * *

Nosso grupo continuava a fazer turnês no exterior, e em todas elas, felizmente, o sucesso havia sido glorioso. Por outro lado, os eventuais contratempos foram mínimos em frequência e intensidade, de modo que não poderíamos estar vivendo um momento melhor. Digamos que um desses pequenos contratempos ocorreu no Peru, quando os empresários não cumpriram as regras de pagamento estabelecidas em contrato, portanto, a pedido de Horacio, recusamo-nos a ir para Cuzco. Os empresários depois conseguiram resolver o problema, mas tardiamente, o que fez com que não houvesse mais voos comerciais de Lima (onde estávamos) para Cuzco. Dessa forma, o contratempo se reduziu à necessidade de voar a bordo de um avião do Exército, daqueles usados para o transporte de tropas e que, portanto, não se distinguem exatamente pelo conforto. Para voar até Cuzco, é necessário alcançar uma altura considerável, e o avião

antigo não tinha a oxigenação adequada, de modo que tivemos de recorrer a uns tubinhos pendurados no teto do aparato rústico, pelos quais se administrava o oxigênio necessário introduzindo esses tubos no nariz (aliás, é o que fazem os estoicos soldados quando são transportados em um desses aviões por rotas inadequadas). Felizmente, as pessoas continuavam nos esperando com toda paciência no aeroporto de Cuzco, para depois ir em massa para a apresentação do espetáculo.

Foi precisamente no Peru que tivemos a oportunidade de viver outras belíssimas e inesquecíveis experiências: uma delas foi a visita à imponente e assombrosa Machu Picchu, a cidade sagrada que se ergue majestosamente no topo de uma enorme montanha. Dotada de sistemas de irrigação e outros avanços que superam tudo o que se imaginava para sua época de origem, Machu Picchu é um vestígio intransponível do esplendor daquela chamada cultura inca. Embora, para dizer a verdade, também seja possível encontrar a magnificência dessas construções em Tiahuanaco, nas linhas enigmáticas que marcam as planícies de Huasca[64] e em muitas outras mais das zonas arqueológicas que se espalham por todo o território do Peru e da Bolívia.

E também fomos para Iquitos, porto fluvial onde embarcamos em uma viagem pelo rio Amazonas a bordo de uma barcaça, até chegarmos a um acampamento situado em um enclave profundo da enorme selva que margeia o rio. A travessia é mais do que imponente, porque de um lado vai desfilando a paisagem mutante, formada por uma diversidade intransponível de árvores, samambaias, cipós etc., e do outro lado há trechos do rio em que não é possível enxergar a margem oposta. O acampamento ao qual chegamos era composto de cabanas interligadas, todas construídas sobre palafitas. E é preciso dormir coberto por mosquiteiros que protegem contra insetos noturnos. O banheiro ficava a uma boa distância. Consistia num balde com furos que serviam de chuveiro e um orifício no chão que funcionava como latrina (com pegadas para apoiar os pés e uma barra transversal para segurar com as mãos).

Fizemos algumas excursões ao redor do acampamento: uma diurna a algo que é uma aldeia mínima dos yaguas, uma tribo que, infelizmente, parece estar em vias de extinção. Lá nos deram uma demonstração de suas habilidades para atirar dardos com zarabatana de mais de dois metros de comprimento e nos mostraram como fazem dardos usando como ferramenta as mandíbulas serrilhadas de uma piranha. Da mesma forma, explicaram-nos que, quando vão caçar, os dardos são previamente impregnados de *curare*, o veneno original da região, que mata porque imobiliza a vítima ao afetar seu sistema nervoso. E à noite fizemos outra excursão, dessa vez a bordo de uma canoa que deslizava silenciosamente por um dos milhares de estuários que o Amazonas forma ao longo sua extensa trajetória.

E, se a canoa ia em silêncio, igualmente silenciosos nós devíamos ir, pois o atrativo da excursão estava em ouvir os diversos sons de animais que povoam a exuberante selva. Posso garantir que a experiência é incomparável.

* * *

Teresita del Niño Jesús (Tere, para os amigos) também decidiu se casar. Ela é a terceira de minhas filhas e, como suas irmãs, é muito bonita. E não estou dizendo isso porque sou o pai da noiva; é porque ela é muito bonita e ponto. Por causa da genética de sua mãe, igual à de suas irmãs? Certamente.

Casou-se com Luis Jorge Arnau, engenheiro, escritor, poeta e seu namorado de longa data. Tere é a mais reservada da família, devido, talvez, à sua timidez (essa, sim, produto dos meus genes), ou porque evite preocupar os outros com seus problemas pessoais. Para o caso em questão, não faz diferença. O importante é que se trata de outra moça excepcional, nutróloga (de profissão), excelente cantora (por afinidade) e mãe (por benção dos céus) de três maravilhosos filhos que integram aquele maravilhoso clã que se chama “os doze melhores netos do mundo”. Dessa vez, estamos falando de José Pablo, Diana e Pedro, um trio insuperável.

Luis Jorge é engenheiro, como já disse, e tem se destacado não só como expoente da sua profissão, mas também pelo relacionamento humano e excelente que tem com familiares, amigos, subordinados ou simples conhecidos. E, como se fosse pouco, meu genro ainda escreve poemas e excelentes contos, atividade a que ele também poderia se dedicar profissionalmente.

* * *

Dentre as muitas viagens de trabalho que nosso grupo realizou, gosto de ressaltar a que fizemos à cidade que na época se chamava Puerto Stroessner (sobrenome da pessoa que detinha o poder no Paraguai na época), e que depois, como consequência da queda do ditador, passou a se chamar Ciudad del Este.

Tínhamos ido a essa cidade para apresentar nosso show, mas, na hora de pernoitar, disseram-nos que era melhor fazê-lo no vizinho Brasil; justamente em Foz do Iguaçu, cidade vizinha às imponentes Cataratas do Iguaçu. No dia seguinte, fomos ver as cataratas, as maiores do mundo (em largura) e talvez as mais bonitas. São centenas de “cortinas” de água, de vários tamanhos e posicionadas em vários níveis, de modo a formarem um espetáculo que pode ser descrito como esplêndido.

Não menos belo é outro espetáculo muito próximo do anterior, só que esse não é produto da Mãe Natureza, mas do homem, aquela entidade maravilhosa que conseguiu até modificar a própria natureza (às vezes com resultados negativos, é verdade; mas isso é outra história). Aqui estou me referindo à famosa represa de

Itaipu, cujas dimensões são maiores do que a não menos famosa represa de Assuã, no Egito. Itaipu foi construída em consórcio entre Brasil e Paraguai; e considera-se que tenha capacidade para fornecer eletricidade a todo o Paraguai, além de a grande parte do sul do Brasil. Mas o melhor de tudo, para nós, foi que tivemos a sorte de ir a esse local precisamente uma semana antes da inauguração da monumental barragem, por isso fomos convidados a cruzar o leito da enorme represa a bordo de um Jeep. O singular disso tudo foi que na semana seguinte não seria mais possível fazê-lo, pois o reservatório voltaria a ser preenchido com as águas do rio Paraná, cujo curso havia sido desviado anteriormente. Depois de concluída, a represa alimentaria a maior usina hidrelétrica do mundo.

Desse mesmo passeio, aliás, há também a lembrança de uma circunstância que pode ser anedótica: no dia em que deveríamos nos apresentar em Assunção, capital do Paraguai, caiu um aguaceiro que não ficaria devendo nada para o Dilúvio da Bíblia, o que seria um impedimento para a apresentação do nosso show, já que seria ao ar livre (no estádio de futebol). Porém, os empresários nos disseram para não nos preocuparmos, pois esse tipo de tempestade só ocorria de vez em quando e nunca durava mais que um dia, de modo que o evento poderia ser realizado sem contratempo algum no dia seguinte. Mas havia inconvenientes, é verdade: para começar, não tínhamos mais reserva de hotel, que já estava em sua ocupação máxima; além disso, de lá deveríamos partir para Córdoba, Argentina, a bordo do único voo que fazia aquela rota, e que perderíamos se prolongássemos nossa estadia. Como se não bastasse, sabíamos que essas mudanças bruscas nas datas de apresentação costumavam se traduzir em diminuição de público, já que não há tempo suficiente para fazer a publicidade necessária.

– Não se preocupe com essa parte – disseram-nos. – A publicidade para isso já começou e é mais do que suficiente: anúncios detalhados na televisão, de quinze em quinze minutos, desde hoje até a hora do show amanhã. – E ele acrescentou com toda a naturalidade: – Ah, claro que isso é feito em todos os canais.

E era verdade! Isso pudemos comprovar pessoalmente.

– Mas isso não faz sentido – argumentamos. – Afinal, o custo dessa publicidade não vai ser coberto nem mesmo se enchermos o estádio vinte vezes!

– Isso é relativo – responderam –, já que somos os donos das emissoras de televisão.

Fácil de entender, mas e o problema do hotel? Tínhamos sido claramente avisados de que a falta de quartos disponíveis impossibilitaria o prolongamento da estadia.

– Também não há problema – disseram-nos. – O hotel também é propriedade nossa, e tem sempre uma forma de encontrar hóspedes para quem se pode dizer:

“Lamentamos, mas sua reserva não foi confirmada”.

– Bem – comentei –, isso também não é difícil entender. Mas e o voo para Córdoba? Não me diga que podem atrasar o voo para o dia seguinte porque também são donos da companhia aérea; a passagem é da Aerolíneas Argentinas! – especifiquei.

– De fato, isso não poderemos fazer, mas suponho que vocês não se incomodariam de viajar para Córdoba a bordo do avião presidencial paraguaio.

Claro que não nos incomodamos. Tampouco nos incomodamos que eles se encarregassem de realizar os trâmites necessários para passaportes, vistos e outras necessidades, inclusive as deferências reservadas exclusivamente aos corpos diplomáticos.

* * *

– Eeeu? – perguntei entre surpreso e alarmado. – Começar a fazer aulas de sapateado?

– E por que não? – Florinda respondeu.

– Porque já tenho mais de 50 anos – respondi. – Porque já não tenho mais idade para começar a fazer algo assim.

– Você está errado – ela rebateu. – Você tem tudo o que é necessário para dançar: agilidade, senso de ritmo, facilidade para coordenar movimentos e assim por diante. E não se trata de você se tornar o Fred Astaire ou o Gene Kelly; o objetivo é apenas que você dance de uma maneira que poderíamos chamar de “aceitável”. Digamos, o suficiente para que você possa subir no palco e ouvir as pessoas dizerem: “Olha só, até que ele não é ruim nisso!”.

Encorajador, não é?

Continuei a contestar a ideia até que, como sempre acontecia, minha mulher finalmente me convenceu. Comecei então a ter aulas de uma disciplina que nunca imaginei fazer: sapateado! Faça-me o favor! Florinda se sai muito bem, mas é vinte anos mais nova do que eu, além do fato de ter feito aulas de balé, dança espanhola e outras variedades de dança, incluindo algumas aulas de sapateado. Mas enfim…

Apesar disso, surgiram circunstâncias que amenizaram um pouco o incômodo. Uma era que, de fato, eu parecia dar sinais de que poderia aprender alguns passos. E outra, a mais importante, que tivéssemos a sorte de ter uma professora de qualidade superior: Gabriela Sala. Linda, excelente pessoa, pequena em estatura (mas casada com o grandalhão e simpatiquíssimo industrial Carlos Núñez) e, acima de tudo, dotada de paciência, tato e técnica que a tornavam uma professora por excelência.

Então, quando já tínhamos feito um bom número de aulas, um filme nos deu a

oportunidade de mostrar que a prática não havia sido totalmente em vão. O filme se chamava *Don Ratón y don Ratero* [Dom Rato e dom Ladrão] e apresentava Florinda cantando e dançando em dois números musicais, além de outro em que eu também dançava ao lado dela. A música, maravilhosa, era original desse gênio que é Nacho Méndez.

O elenco do filme era quase o mesmo que tínhamos em *Charrito*, com a entrada de Edgar Vivar e do jovem Alfredo Alegría. A ação transcorria no México dos anos 1920, por isso exigiu uma ambientação complicada que incluía o aluguel de carros antigos e figurinos de época. A produção desse filme também contou com contratempos, como me recusarem a contratação de figurantes adequados para assistir a um cabaré de luxo. Estes deviam usar, além disso, trajes que estivessem de acordo com a qualidade do lugar. E não tive escolha senão me valer do eterno recurso: Emilio Azcárraga.

– Homem, não me encha o saco! – Emilio exclamou ao telefone, mas dessa vez ele não estava falando comigo, e sim com o gerente de produção do filme. E acrescentou: – Dê ao Roberto o que ele achar necessário, ponto final!

Don Ratón y don Ratero, talvez o filme mais bem elaborado que já fiz, foi outro sucesso. E nesse filme, aliás, a linda irmã de Florinda, Esther, e seus lindos filhos, Roberto e Lucía Quiroz Meza, então com 6 e 4 anos, atuam como "figurantes". Esse "menino" agora é graduado com todas as honras do Tecnológico de Monterrey. Lucía, por sua vez, não se contenta em ser uma beldade autêntica, pois também se formou com menção honrosa no curso de artes plásticas. E nem é preciso dizer que, para Florinda, Beto e Lucy são os filhos que ela nunca teve; assim como para eles Florinda é uma segunda mãe.

* * *

A ausência de Ramón Valdés me fez pensar na necessidade de conseguir outro ator mais velho, principalmente para os episódios de *Chaves*. Mas eu não queria que ele substituísse Seu Madruga (no programa dizia-se que o personagem tinha saído em busca de fortuna), mas que interpretasse outro personagem cujas características eu já havia delineado. Seu nome seria Jaiminho, ele seria alguns anos mais velho que Seu Madruga e trabalharia como carteiro. Mas suas principais características seriam "evitar a fadiga" e trazer lembranças bucólicas de sua terra natal: Tangamandápio, Michoacán. E havia a coincidência de que eu já tivesse o ator adequado para isso: era alguém que participara de todos os filmes que eu tinha feito: Raúl "El Chato" Padilla. No início, porém, Raúl não estava totalmente convencido de que gostaria de se "prender" a um personagem fixo, mas mudou de ideia depois que fomos para a Colômbia. Evento que merece uma narração separada.

* * *

Não se tratava de uma viagem de trabalho, mas de uma colaboração para a Solidaridad, instituição de assistência aos necessitados, organizada fazia alguns anos por dona Nydia Quintero, esposa do então presidente da República da Colômbia, Julio César Turbay Ayala.

– Em anos anteriores – disseram-nos os representantes de dona Nydia –, foram organizadas marchas de atores famosos pelas ruas de Bogotá, durante as quais se pediu o apoio econômico da população para ajudar os necessitados.

– No ano passado – especificaram –, a marcha teve que ser realizada a bordo de veículos, pois o ator convidado tinha uma carreira de fama internacional (o grande Mario Moreno "Cantinflas"), e a multidão reunida era enorme. Tanto que o desfile começou às 9h30 e chegou ao destino às 13h30. O destino foi o famoso Campín, um complexo monumental composto por um estádio esportivo, um auditório e outras instalações.

– Agora – continuou a representação colombiana –, estimamos que o mesmo aconteça com a presença do Chaves e seu grupo. Portanto, vocês também vão embarcar em caminhões de bombeiros.

E assim foi. No primeiro caminhão, fui na companhia de dona Nydia e outras figuras de alto escalão do governo colombiano. Em seguida, igualmente a bordo de caminhões de bombeiros, foram meus companheiros, também em procissão com dignitários e personalidades importantes. Mas, embora tivéssemos começado o desfile às 9h30 da manhã, tal como no ano anterior com Cantinflas, dessa vez a chegada a Campín não foi às 13h30, mas sim às 18h. Acontecia que a multidão, composta por algo em torno de 4 milhões de pessoas (segundo cálculos oficiais), exigia que a comitiva se movesse a uma velocidade que em muitos momentos era nula.

O apoio financeiro também superou todos os antecedentes, já que a arrecadação foi quinze vezes maior (1.500%) do que qualquer outra feita anteriormente. A base principal dessa arrecadação veio com a venda de camisetas que mostravam um retrato de Chaves. Era impressionante quantas pessoas usavam essas camisetas. E foi curioso constatar que boa parte dessas camisetas, inclusive, era usada por animais de estimação, entre os quais obviamente se destacaram os cachorros.

Naquela mesma noite, fomos convidados à residência oficial do presidente da Colômbia, onde ele e sua amável esposa, dona Nydia, receberam-nos, na companhia dos principais ministros do gabinete. Os convidados éramos nós, atores, e nossos respectivos cônjuges, além de meu irmão Paco com Marta, sua esposa. Durante a reunião, aliás, senti o incômodo que usar gravata sempre me

causava, fato que foi notado pela esposa do presidente, que me questionou a respeito. Expliquei a ela o que estava acontecendo, e, para minha grande surpresa, ela pediu a atenção de todo o público e disse:

– Senhores: creio que o Roberto – (estava se referindo a mim, claro) – vai se sentir mais confortável se tirar a gravata. Então, que tal se todos os cavalheiros lhe dessem seu apoio e também retirassem as suas?

E assim fizeram: tanto os ministros quanto o próprio presidente da Colômbia se desfizeram das respectivas gravatas. E todos ficamos mais confortáveis.

Nem é preciso dizer que, depois de ter presenciado e participado de tudo isso, "El Chato" Padilla considerou que lhe convinha ingressar no grupo. E, durante toda a sua vida, continuou a expressar como estava feliz por ter tomado tal decisão.

* * *

A presidência do México estava nas mãos de José López Portillo durante aquele mandato de seis anos, mesmo que este já se aproximasse do fim. Quando López Portillo foi eleito, tudo indicava que o México estava prestes a fazer o voo que o levaria à cúpula privilegiada ocupada pelos países do Primeiro Mundo, impulsionado pelo "ouro negro" que jorrava do subsolo abençoado que Deus havia nos dado. "Os benefícios serão tantos", dissera mais ou menos o presidente, "que nosso único problema residirá em como administrar a exultante riqueza". Mais tarde, quando as coisas, digamos, não pareciam estar indo muito bem, e diante da ameaça de uma desvalorização da moeda, dom José nos assegurou de que "defenderia o peso como um cachorro". Por fim, decidiu abandonar a cena em silêncio com uma partida que deixará uma lembrança permanente nos espectadores (os mexicanos)… ele nacionalizou os bancos.

* * *

Chegou a vez de a minha segunda filha, Cecilia, casar-se. Uniu-se com Luis Felipe Macías, um rapaz que havia estudado e trabalhado em ciências da comunicação. Ambos estavam realmente apaixonados, de modo que, mais tarde, sua separação foi mais do que surpreendente. Mas, antes disso, eles haviam gerado dois outros integrantes da lista dos "doze melhores netos do mundo": Andrea e Alejandro. Não devo (nem desejo) julgar as razões ou os motivos que produziram o colapso desse casamento, mas sei que minha filha suportou a pílula amarga com toda a dignidade necessária e que soube enfrentar as consequências com honestidade e coragem. Conta com o meu apoio, é verdade, mas também com outros apoios mil vezes mais importantes e eficazes, como a sua própria integridade moral, seu estoicismo para enfrentar as adversidades e sua capacidade profissional. (Ela também escolheu a educação, atividade em que

se destacou tanto que se tornou diretora de uma importante escola: o CIE).

Mas seu outro apoio, certamente o maior de todos, é o de Andrea e Alejandro, seus filhos. Por sua vez, creio que continuem contando com o amor e com o apoio do pai, a quem também amam e respeitam, como deve ser.

* * *

Em 1983, aproveitando a circunstância de que suas férias coincidiam, meus irmãos concordaram em embarcar em um cruzeiro que percorreria o arquipélago grego e lugares adjacentes. Felizmente, a viagem havia sido planejada com antecedência, de modo que eu pude me unir a eles, já que, embora eu não tivesse época fixa para as férias, poderia criar essa janela de tempo adiantando os episódios gravados. Então comecei a escrever em um ritmo mais rápido do que o normal, até completar o número suficiente de roteiros que seriam necessários. Em seguida, tais episódios foram gravados, e Florinda e eu estávamos prontos para embarcar no tão esperado cruzeiro, aproveitando para considerar a viagem como uma lua de mel que não havíamos tido antes.

O navio era um dos três que formavam a prestigiosa Royal Viking Line, uma empresa de navegação que organizava cruzeiros para várias partes do mundo. O nosso partia de Veneza, local onde se encontraram os três irmãos Gómez Bolaños, acompanhados das respectivas mulheres: Marta com Paco, Luz María com Horacio e Florinda comigo. Isso aconteceu depois que meus irmãos e suas esposas haviam passado pelo Egito e por Israel, em viagem organizada por conta própria, independentemente da organizada pela agência de viagens, enquanto Florinda e eu havíamos ido, também independentemente, a Paris, Madri, Roma, Veneza e Florença, além de outros lugares próximos. O cruzeiro percorreu várias das ilhas gregas e alguns pontos da costa ocidental da Turquia, todos eles cobertos por ruínas e outros vestígios da cultura colossal que havia florescido nessas partes. Em seguida, cruzamos o estreito dos Dardanelos até a lendária Istambul. Visitamos essa cidade situada em ambos os lados do Bósforo, que atravessamos para chegar ao Mar Negro. Lá também desembarcamos em Odessa e Yalta, duas cidades que hoje pertencem à Ucrânia,[65] país que na época ainda fazia parte da União Soviética. Em Odessa subimos a enorme escadaria que ficou famosa por ser um dos cenários do filme *O encouraçado Potemkin*: aquela em que a tropa intimida o povo, com a cena dramática do carrinho de bebê descendo a escada sozinho com um bebê dentro.

A outra cidade, Yalta, tem uma relevância histórica, já que foi onde se firmaram os famosos tratados entre Roosevelt, Churchill e Stalin no final da Segunda Guerra Mundial, mediante os quais repartiram boa parte do planeta como se fossem fatias de bolo. E também no Mar Negro visitamos Varna, o porto da

Bulgária, então um dos muitos países localizados a leste da chamada “cortina de ferro”; ou seja, também sob a hegemonia soviética. Por fim, o cruzeiro terminou no Pireu, porto próximo de Atenas, berço da civilização ocidental, onde ficamos alguns dias, desfrutando de uma visita à Acrópole, à Ágora e a muitos outros locais onde abundam os vestígios da grandeza alcançada pela grande cidade-Estado.

E encontramos algo semelhante na península do Peloponeso, onde se destaca o esplêndido teatro de Corinto, um dos maiores e mais bem preservados daquela época. Mas, por coincidência, a permanência nesses lugares nos permitiu estabelecer algumas comparações com a abundância de zonas arqueológicas que existe no México, até mesmo constatar que, em muitos aspectos, a nossa herança arqueológica mexicana não deixa nada a desejar em relação à helênica. Por exemplo: a grandiosidade dos edifícios de Teotihuacán e, o que é mais louvável, a vigilância daquele local, que impede, por exemplo, os grafites que inundam a Ágora com expressões que vão desde “*Johnny was here*” até “*Figlio de putana*”.

* * *

Estávamos mais uma vez fora da Cidade do México quando recebemos uma notícia muito triste: vítima de um câncer, o amado e inesquecível Ramón Valdés acabava de falecer. Embora já estivesse havia algum tempo separado do grupo, sua ausência definitiva representou um impacto doloroso para nós e a impossibilidade de que um dia pudesse voltar.

Paradoxalmente, Ramón “ressuscitou” para todos nós e para as novas gerações, graças às reprises dos programas a todas as horas e em todos os lugares. E novamente ele me faz rir como só ele poderia.

* * *

Aproveitando as noções de sapateado que havíamos adquirido, Florinda e eu começamos a planejar uma aventura que envolvia muitos riscos: atuar em uma casa noturna.

Como as pessoas reagiriam?, nós nos perguntávamos. Porque, mesmo eu sempre dizendo que meu programa era feito para toda a família, muitas pessoas insistiam que era um programa “infantil”. Essa classificação sempre me pareceu tão boba quanto aquela que tinha feito o mesmo com *Mafalda*, a incomparável criação do argentino Quino, mas, de qualquer maneira, não eliminava o risco. No entanto, embarcamos na aventura formando uma espécie de parceria com Gabriel García, marido da nossa produtora Carmelita Ochoa, que se interessou em participar na parte administrativa com um percentual financeiro para a produção.

A primeira coisa necessária seria ter um roteiro adequado ao que

planejávamos, o que exigia que fosse ao mesmo tempo engraçado, de qualidade e com a malícia necessária para entreter o tipo de adulto que costuma ir às casas noturnas, mas sem se apoderar do duplo sentido ou da piada vulgar e obscena que tanto abundam nesses lugares. Tarefa difícil, de fato; mas acho que consegui escrever um roteiro que atendia a esses requisitos.

No entanto, outros problemas ainda precisariam ser resolvidos, especialmente encontrar uma casa adequada para o projeto. Já tínhamos posto os olhos na Marrakech, do Grupo Casablanca, porque sabíamos que o local ficaria desocupado depois do espetáculo que estava sendo exibido lá até então, mas os empresários que dirigiam o grupo disseram-nos que as pessoas não iriam àquele local para ver um show do Chespirito. Então, eles rejeitaram nosso pedido. No entanto, eu tinha certeza de que o público compareceria a qualquer local onde se soubesse que existia um bom espetáculo, por isso resolvi fazer o pedido diretamente ao proprietário: dom Emilio Azcárraga Milmo.

– Essas pessoas têm razão – disse-me Emilio. – Onde você vai encontrar adultos que queiram ver o Chespirito em uma casa noturna?

Mas eu insisti no contrário, até que ele acabou dizendo:

– Tudo bem: afinal, o risco é todo seu.

E mandou que os empresários me permitissem montar o espetáculo no Casablanca.

A noite de estreia foi absolutamente imbatível. O público foi grande (embora a maioria fossem convidados), e houve muitos aplausos para os números musicais dirigidos por Florinda, contando com o meu discreto, mas entusiástico, complemento e a magnífica colaboração de Fernando Madrid Campos à frente do seu conjunto musical, além dos excelentes coros das Hermanitas Salinas, que cantavam maravilhosamente bem. E não menor foi a chuva de gargalhadas que marcavam nossa participação humorística. Mas, no dia seguinte… ai, mamãe!

– O público não chega a ocupar nem um quarto da capacidade da casa – comentamos com tristeza.

– Mas ontem o público festejou tudo: os diálogos e a ação cômica, além das canções e danças!

– E hoje também festejou tudo! Quero dizer, os poucos que vieram.

– Isso sim. Vamos ver se haverá um pouco mais de gente amanhã.

Mas, no dia seguinte, em vez de mais gente… havia um pouco menos.

E algo semelhante aconteceu nos dias seguintes: o público festejou sem reservas tudo o que apresentávamos em palco, mas o número de espectadores não foi suficiente para ocupar um quarto dos assentos. Em outras palavras: uns paupérrimos 25% de ocupação.

– Os empresários tinham razão – comentaram alguns de nós. – Que adulto

teria interesse em ver Chespirito e Florinda Meza num cabaré?

Não podíamos evitar a tristeza que nos invadiu; tristeza que foi ainda maior quando combinamos com os empresários que começassem a contar os sete dias de praxe para rescindir o contrato. Muito mais do que a perda econômica, o que nos doía era o fracasso que a aventura tinha constituído, e mais ainda saber que muitos familiares e amigos não teriam mais a oportunidade de ver o show. Um deles seria o nosso amigo e colega de trabalho Raúl "El Chato" Padilla, que, sem saber ainda que estava para terminar a nossa curtíssima temporada, disse-me pelo telefone:

– Escuta, Roberto: a Lili e eu não conseguimos ir ver você lá no Casablanca. Não seria possível acrescentar uma mesinha e duas cadeiras para que eu e minha esposa – (Lili Inclán) – possamos ir?

– Você e Lili podem ir quando quiserem – eu disse –, e como nossos convidados. E digo mais, nem há necessidade de acrescentar mesas ou cadeiras.

– Bem… eu pensei… Com essa história de estar esgotado…

– Como assim, esgotado? – perguntei.

– Os ingressos. Ou seja, não tem mais lugar para irmos.

– Quem disse? – perguntei com a fúria que começou a me invadir a partir daquele momento.

– Faz três noites que tentamos ir – respondeu El Chato –, e três vezes nos disseram que ele está esgotado; que não tem mais ingressos.

– Quem disse isso, caralho?

– Bem, a pessoa que atende o telefone.

A informação foi suficiente para que, depois de dizer a El Chato que fosse ao Casablanca naquela mesma noite, em cuja entrada haveria alguém encarregado de recebê-los, eu corresse para discar o número do telefone do cabaré, providência que tive de repetir um bom número de vezes (porque só dava ocupado) antes de atenderem:

– Casablanca, pois não? – disse uma gentil voz feminina.

– Boa noite – respondi com a mesma gentileza, mas mudando minha voz para não ser reconhecido. – Eu gostaria de reservar uma mesa para o segundo show da noite, por favor. Mesa para quatro.

– Lamento muito, senhor, mas não há lugar.

– Nossa, que pena… Então para amanhã.

– Está tudo esgotado, senhor. Talvez se o senhor tentasse ligar semana que vem.

– Prefiro agora – eu disse secamente e parei de fingir minha voz. – Mas vou dizer quem está falando: meu nome é Roberto Gómez Bolaños e me chamam de Chespirito.

Em resposta, recebi um repentino silêncio. Retomei a palavra, outra vez com a maior gentileza, mas dessa vez sem disfarçar a voz:

– Poderia me dizer por que não há mais ingressos?

– Bem… – balbuciou a operadora –, bem… porque me mandaram dizer isso.

– Quem mandou você dizer isso?

– Então… então, não sei.

– Como você não sabe?

– É que… é que me deixaram um recado aqui na minha máquina de escrever.

– Assinado por quem?

– Por ninguém. Não tem assinatura.

– E você obedece às ordens de fantasmas que deixam mensagens para você em qualquer lugar?

Então a telefonista perdeu a paciência e, também evitando a hipocrisia, exclamou:

– Já basta, não acha?

– Bem, não – respondi. – Não acho, não. E eu gostaria apenas de perguntar se você percebe que isso pode custar o seu emprego.

E a resposta dela não poderia ser mais expressiva, além de contundente:

– Ora, não estou nem aí – ela concluiu antes de bater o telefone.

Então fiquei sabendo que a experiência de El Chato não tinha sido um caso isolado, mas que havia outros testemunhos semelhantes. E um deles não veio de ninguém menos do que minha filha mais velha, Graciela, que compareceu acompanhada de seu marido, Raúl, e um casal de amigos. Eles não tentaram fazer reservas pelo telefone, porque eu lhes tinha dito que a procura estava sendo muito baixa. E os quatro entraram no Casablanca, mas…

– Não disse que estava vindo um público muito pequeno? – alguém perguntou à minha filha. – Está quase cheio!

– Pois é. Que bom que conseguimos encontrar um lugar!

E pouco depois começaram a ver um espetáculo em que a apresentação de Florinda e Chespirito parecia mais atrasada do que o necessário.

– Deve ser porque tem esse show primeiro, para encher linguiça – comentou alguém.

– Certamente.

Mas não, não era isso que estava acontecendo.

– Chespirito não se apresenta aqui – disse um garçom que foi questionado pelos integrantes do grupo. – Ele está no salão ao lado: o Marrakech.

– E onde nós estamos? Aqui não é o Marrakech?

– Não. O que acontece é que as duas casas fazem parte do Grupo Casablanca – explicou o garçom com um sorriso indulgente –; mas este é o Madelón. Ha, ha,

ha! Vocês se enganaram.

– Não! Não estamos enganados! Já sabemos que aqui no Casablanca não existem apenas dois cabarés, mas quatro. Foi por isso que na porta dissemos claramente que íamos ver o Chespirito. E eles nos trouxeram a este lugar.

Porém, a discussão não prosseguiu, pois o grupo saiu do local e entrou no salão contíguo, que era onde estávamos, e onde ainda conseguiu ver a parte final do nosso show. Mas esse contratempo, junto com o de El Chato e outros, só poderia ser incluído em um termo comum: boicote.

Emilio Azcárraga não estava na Cidade do México, então, não era possível reclamar naquele momento. Assim, encerrei a curta temporada e esperei até que o patrão voltasse para lhe contar o que havia acontecido. Mas, logo depois de fazer isso, nosso amigo e sócio Gabriel García entrou em contato comigo e perguntou:

– Escuta, *brother* – (como ele me chamava) –, você contou ao Sr. Azcárraga o que aconteceu com a gente no Casablanca?

– Bem, sim – eu disse a ele. – Por quê?

– Porque ele acabou de colocar todo mundo na rua.

– Como assim, todo mundo?

– Exatamente isso. Ele demitiu todos que trabalhavam lá: executivos, funcionários, garçons etc.

Era uma manifestação do estilo pessoal de Emilio de reagir quando se sentia agredido. Uma daquelas que contribuíram para consolidar a fama que lhe rendera o apelido de “Tigre”? Não sei, mas pode ser. O que não tenho a menor dúvida, porém, é que naquela ocasião ele reagiu com base na amizade que nos unia. No entanto, apressei-me em vê-lo para dizer:

– Agradeço o seu apoio, mas entre os despedidos pode haver muitos que não têm um pingo de culpa.

– Claro – ele me disse com aquele sorriso que também mostrava com frequência e que se opunha totalmente ao conceito do Tigre. – Mas não se preocupe, já ordenei a reversão: ninguém vai perder o emprego lá.

– Menos mal! – comentei com alívio.

– Fiz isso para assustar um pouco aqueles idiotas. Porque, além disso, eu já sabia que eles faziam esse tipo de coisa e outras parecidas. E eu sei quem são os responsáveis, mas quero dar outra oportunidade a eles.

Ele sorriu novamente e acrescentou em tom paternal:

– Quanto a você, recomendo que não tente se apresentar novamente em um cabaré. Não é um local adequado para o Chespirito.

E eu lhe dei ouvidos.

Pelo menos até agora.

* * *

Florinda e eu continuamos fazendo nossas aulas de dança regularmente, o que foi mais do que útil quando a experiência definitiva chegou, no ano seguinte, pois o sapateado era uma das muitas disciplinas que compuseram um projeto espetacularmente ambicioso: uma comédia musical.

Fazia muito tempo que especulávamos sobre a possibilidade de fazer algo assim, até que, depois de muito pensar, decidimos que o tema da peça poderia ter como base o inesquecível *Pinóquio*, de Carlo Collodi. A decisão teve aspectos que se revelaram bons e outros que não foram tão bons. Entre os últimos está o fato de que se poderia pensar (e de fato aconteceu) que era algo voltado para as crianças. Mas nada é mais errado do que isso, porque a peça continha variações que não só a diferenciavam do original, mas também, modéstia à parte, enriqueciam-na com uma mensagem de maior valor. Porque, por um lado, o original não dá a devida ênfase à importância do prêmio que o personagem recebe: nada menos que a vida! Na minha obra, esse resultado é notoriamente exaltado. Mas, além disso, o heroísmo de Pinóquio no original consiste na salvação de Gepeto, personagem que é o criador e "pai" do boneco; eu, por outro lado, também o faço se sacrificar; mas não por alguém tão querido, e sim por seus inimigos!, os vilões que ele salva do fogo quando a multidão tenta queimá-los vivos. Essa, creio eu, é outra maneira de exaltar o sacrifício.

A comédia musical se chamava *Títere*, e nela participei como ator (no papel do Grilo Falante, professor de escola), roteirista, diretor e autor da música e das letras das canções (só me faltou vender bilhetes de loteria na saída do teatro). Florinda participou como atriz (era Bétel, abreviatura de Betelgeuse – a bela estrela da constelação de Órion – e exercia as funções de Fada Madrinha Debutante). Seu desempenho artístico foi insuperável como atriz, cantora e dançarina. Mas ela também se encarregou da complicadíssima produção da obra e de todas as funções auxiliares na direção musical, bem como do elaboração das coreografias. Estas, aliás, ficaram a cargo de Carlos Feria, como coreógrafo-geral, e de Gabriela Salá, em relação ao sapateado. A orquestração e a direção musical (em gravações e ao vivo) foi feita por quem, até então, nunca havia sido chamado para fazer algo semelhante e que a partir daí se tornou o arranjador e diretor de quem quer que quisesse montar uma obra musical de alta qualidade. Refiro-me ao excelente maestro Willy Gutiérrez, que contou com a ajuda de seu irmão Nacho, um renomado professor de música e canto, assim como os demais irmãos Gutiérrez, todos eles músicos e cantores de primeira linha. Como se não bastasse, entre as vozes femininas do coral se encontravam meninas que viriam a se destacar no meio profissional, entre as quais podemos citar Alejandra Ávalos,

Fernanda Meade (do grupo Pandora) e Laura Luz.

Já quanto à iluminação, escolhemos o maravilhoso Sergio Treviño, que fez um magnífico trabalho na nossa peça, e, depois disso, seus serviços foram disputados não só por muitos teatros, como também pela Televisa e pela Televisión Azteca.

Eu havia planejado que María Antonieta interpretasse Pinóquio, mas ela recusou o papel ao saber que não receberia o primeiro crédito. E deve ter se arrependido ao máximo, porque então contratamos um jovem comediante cujo desempenho foi insuperável: Rodolfo Rodríguez. Ele tinha sido um dos integrantes do *Cachún cachún ra ra*, um programa juvenil de muito sucesso na televisão, produzido por Luis de Llano Macedo. Rodolfo tinha o dom de cantar e dançar, além de uma enorme simpatia pessoal. E igualmente enorme foi seu brilho.

Para Gepeto, tínhamos um ator que não teria como ser mais perfeito para o papel: "El Chato" Padilla. Pode-se até dizer que Walt Disney o copiou para seu filme *Pinóquio*. Os vilões deviam ser dois grandalhões, liderados por Rubén Aguirre e Arturo García Tenorio, mas nenhum deles pôde participar, pois Rubén não aceitou o papel, enquanto Arturo nos comunicou que uma enfermidade o impediria de trabalhar. Foram substituídos por Ramiro Orcí, ator de grande experiência e excelente presença (robusto como poucos) que também era meu amigo desde criança; e por meu filho Roberto, então com 20 anos, que me pediu a oportunidade. Concordei e não me arrependi nem um pouco, pois, mesmo sendo sua primeira experiência desse tipo, seu desempenho foi surpreendentemente bom.

No papel de Stromboli, também tínhamos um ator que parecia ter sido feito perfeitamente para interpretá-lo: Edgar Vivar, mas ele também não estava interessado, de modo que recorri a meu irmão Horacio, que não tinha a mesma experiência de ator nem a aparência exata do personagem, como Edgar, mas que, no fim das contas, fez um bom trabalho.

Para o papel de Fada Madrinha que comandava suas colegas, contávamos com Angelines Fernández, que teve uma performance magnífica… até que um problema de saúde nos levou a substitui-la por Lili Inclán, esposa de "El Chato" Padilla, que também o representou com grande sucesso.

Mas a obra também contava com 32 bailarinos (dezesseis homens e dezesseis mulheres) e, claro, uma cenografia maravilhosa que reluzia esplendorosamente. Toda a montagem exigiu um grande investimento, no qual colaborou por algum tempo nosso bom amigo Gabriel García, como investidor (sua esposa Carmelita, como já disse, fazia muito tempo que participava da produção e da direção de fotografia do meu programa).

Títere estreou em um dos Televiteatros originais na esquina da rua Puebla com a avenida Cuauhtémoc, pessimamente planejados, diga-se de passagem, pois, por exemplo, não havia como levar certos elementos cenográficos ou objetos de cena para dentro do teatro: portanto, eles tinham de ser construídos no próprio palco; os camarins ficavam no fundo de um labirinto; e o ponto alto: uma acústica de primeira (de primeira fila, porque na segunda fila já não se ouvia nada). Isso nos forçou a usar microfones sem fio o tempo todo.

A temporada começou em meados de 1984, com duas apresentações diárias de terça a domingo (como era de praxe na época). O público era pouquíssimo, o que nos causou enormes prejuízos econômicos (apenas econômicos, já que esse pequeno público saía mais que satisfeito, o que evitou a perda de prestígio, que é muito mais dolorosa do que a econômica). Apesar disso, o fator econômico representava uma verdadeira angústia, pois era necessário sacar diariamente o dinheiro do banco para pagar os atores e os técnicos com pontualidade. Talvez tenha sido isso que obrigou Gabriel García a encerrar sua participação como investidor, embora o tenha feito em um momento em que a situação dava sinais de reversão de curso. E assim aconteceu, pois, logo após o "boca a boca", a publicidade começou a se refletir na venda de ingressos, a tal ponto que não demorou muito para pendurarmos aquela bela placa que diz "ESGOTADO" na bilheteria. Isso se repetiu muitas vezes, o que fez com que, em um teatro com capacidade para 1.400 lugares, a recuperação fosse alcançada em pouco tempo. E depois da recuperação veio o lucro, que foi aumentado quando saímos em uma turnê pelo interior da República, uma turnê que terminou com quarenta "esgotados" consecutivos na cidade de Monterrey, onde, aliás, houve um par de anedotas dignas de serem contadas.

Uma delas aconteceu, felizmente, na última apresentação que fizemos em Monterrey, o que significa que foi também a última apresentação de *Títere*. O anedótico foi o rompimento de uma vara da qual se dependuravam quatro dançarinas, suspensas por cordas que pareciam os fios que seguram as marionetes. E se eu dissesse que isso aconteceu "felizmente" na última apresentação foi porque, se tivesse acontecido em qualquer outra, não teríamos tido tempo de corrigir o problema. Por outro lado, o acontecimento ocorreu atrás da cortina, quando esta já havia descido para se tornar o pano de fundo de um monólogo do Títere (Rodolfo Rodríguez), para que o público não percebesse o ocorrido. Além disso, as quatro bailarinas não deixaram de sofrer o susto provocado pelo acidente.

A outra anedota aconteceu em uma apresentação anterior, mas foi mais significativa. Ou, pelo menos, mais inusitada: aproximava-se o final do primeiro ato, que culminaria com "La vida" [A vida], música-tema da peça interpretada

pela Fada Madrinha (Florinda) e dedicada ao Títere (Rodolfo) na presença de Gepeto (“El Chato” Padilla) e do Professor Grilo (eu). Tudo ia muito bem, até que vimos entrar em cena alguém que não deveria estar ali. E a perplexidade aumentou quando percebemos que o recém-chegado era um rapaz robusto que aparentemente tinha síndrome de Down. “El Chato” Padilla tentou puxá-lo pelo braço, convidando-o educadamente a deixar o palco, mas o garoto rejeitou o convite com a maior facilidade (devido à sua força física). Vi isso acontecer e fiquei completamente estático, sem a menor ideia do que poderia ser feito para resolver o problema, pois era óbvio que, embora não tivesse se passado mais do que alguns segundos desde o início do incidente, o público já havia assimilado o que estava acontecendo. A única coisa que estava clara é que a solução deveria ser condicionada a um ato de caridade, mas que, ao mesmo tempo, não seria conveniente interromper a apresentação. Surgiu então a providencial e inteligente intervenção de Florinda, que passou a cantar “La vida”, dedicando-a de forma evidente ao menino. Em seguida, alternou suas atenções, dirigindo-se brevemente a Rodolfo Rodríguez, para então voltar ao rapaz, que sorria em êxtase e na mais serena imobilidade, atitude que manteve até que a cortina caiu, acompanhada pelos mais estrondosos e efusivos aplausos.

Preciso esclarecer que tivemos de encerrar a turnê antes da hora, pois já nos haviam impedido de ficar no teatro do Distrito Federal quando estávamos recebendo uma bilheteria correspondente a mais de noventa por cento da capacidade. Mas talvez isso tenha se devido a um desígnio do destino (que obviamente estava do nosso lado), porque apenas três meses depois, em setembro, um terremoto cruel derrubou inúmeros prédios na Cidade do México, entre os quais se encontravam aqueles Televiteatros.

XV

Aquele 19 de setembro de 1985 cobriu de luto muitíssimos lares no país. A capital já havia resistido a alguns terremotos de forte intensidade, mas aquele ultrapassou todos os anteriores, fazendo com que grandes setores ganhassem a aparência de terem sofrido um bombardeio implacável. Edifícios inteiros desabaram como castelos de areia, e dezenas de outros foram seriamente danificados. Os mortos e desaparecidos eram incontáveis; sem dúvida, muitos mais do que os oficialmente reconhecidos. A tragédia estendeu sua sombra a todas as partes da metrópole.

Florinda me acordou me sacudindo e proferindo a frase patética que se tornou comum:

– Está tremendo!

Bem, como acabei de dizer, não era a primeira vez que isso acontecia na nossa cidade, embora naquela ocasião houvesse aspectos que parecessem prenunciar algo mais. É verdade que não houve deslizamentos à nossa volta, mas, entre outras coisas, o serviço de energia elétrica foi interrompido, o que, por outro lado, impossibilitou que ligássemos uma televisão ou um rádio que nos fornecesse informações. Isso só conseguimos depois, quando Esther, irmã de Florinda e nossa vizinha, chegou com um rádio a pilhas. Por meio dele, começamos a nos conscientizar da magnitude do fenômeno natural; especialmente quando Jacobo Zabludovsky disse:

– Estou diante do que há muito tempo é minha casa – referia-se à Televisa Chapultepec – e ela não existe mais. Desabou completamente.

Mais tarde, como todos os habitantes desta gigantesca cidade, pouco a pouco fomos nos inteirando sobre as várias consequências que o terremoto teve, consequências que em muitas partes incluíram a perda irreparável de parentes,

amigos e todos os tipos de entes queridos. Embora, felizmente, não houvesse exceções que narrassem ocasionais toques de sorte, como posso descrever o exemplo da sobrinha de Florinda, nascida poucos dias antes, e justamente nas dependências do Seguro Social da avenida Cuauhtémoc!, as quais vieram abaixo como um castelo de cartas. Mas tanto Fabiola (a recém-nascida) quanto sua mãe (Ana Luz) saíram ilesas.

No dia do desastre, Rubén Aguirre e “El Chato” Padilla viajavam de San Luis Potosí para a Cidade do México, mas, durante a viagem, na rodovia, um noticiário de rádio os informou sobre tudo relacionado ao catastrófico terremoto; e entre as notas destacavam a destruição de Ciudad Tlatelolco, um conjunto de edifícios de apartamentos, muitos dos quais haviam colapsado em sua totalidade. E acontecia que “El Chato” Padilla vivia em um desses prédios! Eu nem queria imaginar a angústia que nosso companheiro e amigo deve ter sofrido durante o resto da viagem, já que sua família havia permanecido na capital, justamente naquele prédio em Tlatelolco.

Ao chegar, El Chato ficou particularmente aliviado ao descobrir que sua família não havia sofrido ferimentos de nenhum tipo, pois seu apartamento ficava em um dos edifícios que não havia desabado completamente. Embora, sim: os danos materiais tenham sido enormes,
a ponto de a família ter de recorrer à ajuda de socorristas para abandonar a construção semidesabada. E as perdas econômicas, é claro, foram enormes. Por outro lado, ao redor havia sangue, corpos mutilados e uma infinidade de cenas lamentáveis que incluíam lágrimas e gemidos de dor.

Ao mesmo tempo, o terrível acontecimento deu origem a uma infinidade de heróis anônimos: equipes de resgate que arriscaram suas vidas para libertar aqueles que haviam ficado presos nos escombros; voluntários que, sem qualquer sinal de interesse próprio, varreram ou removeram os destroços para aliviar as tarefas de resgate. Entre eles, cabe destacar o próprio Emilio Azcárraga, que removeu pessoalmente os destroços do que fora a Televisa Chapultepec, tentando resgatar os funcionários que porventura tivessem ficado presos. E ele chorou mais de uma vez ao descobrir que muitos daqueles funcionários haviam perdido a vida como resultado do terrível terremoto.

Também foram muitos, muitíssimos, que doaram alimentos, mantas, cobertores, colchões e tudo o mais que fosse necessário para as vítimas. Entre eles estava Florinda, que, de acordo com seu temperamento, foi uma parte ativa da legião de ajudantes anônimos que a cidade possuía.

Por parte do nosso grupo surgiu uma ideia brilhante que se traduziu num ato de solidariedade para com “El Chato” Padilla, já que foi organizada uma turnê cujos lucros totais foram entregues à família de Raúl, para que servissem como

principal contribuição para a aquisição de um novo apartamento. Este acabou sendo muito melhor do que o anterior e ficava localizado em um bairro que também era de melhor qualidade. Ali, na companhia de sua família, El Chato viveu com merecida tranquilidade até o momento de sua morte, que ocorreu vários anos depois.

No meio da desgraça que aquele terrível acontecimento produziu, também não faltou, infelizmente, um homem corrupto que lucrasse com a dor alheia. E não menos lamentável foi a negligência demonstrada por quem deveria ter agido de outra forma. Dois dias depois do terremoto, por exemplo, fui procurar Emilio Azcárraga para saber as providências que deveriam ser tomadas em relação aos planos de produção e lhe dizer que contasse comigo para tudo em que eu pudesse ser útil… e o encontro foi tristemente revelador.

Emilio estava no refeitório executivo da Televisa San Ángel, na companhia de Miguel Alemán Velazco e Víctor Hugo O'Farril Ávila, de modo que pedi desculpas pela interferência repentina; mas já ia me retirar com prudência, quando Emilio me disse:

– Espera. O que posso fazer por você?

Expliquei brevemente o motivo que me tinha me levado a procurá-lo, e seu comentário foi acompanhado por um suspiro de desânimo e impotência.

– Bem, você pode levar alimentos, cobertores e tudo o mais que as vítimas precisarem.

– Florinda já está fazendo – informei a ele. – Mas eu queria ver se posso ajudar como pessoa pública; como alguém que as pessoas conhecem.

Emilio olhou para mim e disse:

– Não quer tomar um drinque com a gente?

Foi assim que dividi a mesa com os três grandes executivos da empresa, que se encarregaram de me atualizar sobre o que estava acontecendo: eles também haviam oferecido ajuda no nível empresarial, mas sua oferta não tinha sido aceita. Por exemplo: uma das piores consequências do terremoto foram os danos sofridos pelas telecomunicações, que só estavam funcionando com uma porcentagem baixíssima de sua capacidade. No entanto, o problema poderia ter sido resolvido em grande medida por meio de um enlace com os sistemas telefônicos dos Estados Unidos, enlace que seria muito fácil de realizar e que nossos vizinhos do norte ofereceram de maneira totalmente gratuita, graças às iniciativas que Emilio Azcárraga Milmo já havia posto em prática. Mas…

Mas o alto escalão do país disse que o México não precisava da ajuda nem de uma empresa privada nem dos Estados Unidos. Por consequência, o alerta foi estendido a todos os governos estrangeiros: "O México não precisa de ajuda", declarou solenemente. "Somos autossuficientes para resolver todos os problemas

e seguir em frente” (??).

* * *

Florinda e eu não tirávamos férias havia três anos, então a ideia de fazer outro cruzeiro com meus irmãos e suas esposas parecia maravilhosa. Mas o que eles estavam projetando dessa vez seria de maior duração e distância. Assim, viajamos primeiramente para São Francisco, onde embarcamos em um avião que nos levou a Sydney, Austrália, após uma escala no Havaí. Durante essa parada, um senhor muito simpático veio até nós, acompanhado de sua esposa, e se apresentou diante de nós dizendo:

– Provavelmente, vocês nem se lembram de mim nem me reconhecem, mas eu sim, porque não perco nenhum de seus programas de televisão.

Mas nós o reconhecemos e nos lembramos dele, já que era um político de primeira linha: dom Carlos Gálvez Betancourt, que havia sido governador de Michoacán, secretário da Agricultura e, por algum tempo, o mais provável “presidenciável”, isto é, um daqueles com maior probabilidade de alcançar a presidência no México. Dizia-se que tinha sido o maior “cardenista” do país, referindo-se ao seu grande apego à pessoa e à política do general Lázaro Cárdenas. Além disso, devido à proporção entre a idade de um e do outro, e pela enorme semelhança física entre os dois, não faltaram pessoas que garantissem que dom Carlos fosse filho natural de dom Lázaro. Claro, isso nunca passou de boato, ao contrário do que era fácil de constatar: que dom Carlos era um grande sujeito em todos os aspectos: culto, preparado, amável e
muito simpático. Ao longo da viagem, que durou seis semanas, estabelecemos com ele uma amizade franca e cordial, que incluía partidas de dominó ferozes, mas amistosas, alternadas com discussões (também ferozes, mas amistosas) sobre política.

Depois de visitar Sydney e seus arredores na massa continental da Austrália, o cruzeiro parou em lugares como as Ilhas Salomão, Vanuatu, Papua-Nova Guiné, a exótica Bali, na Indonésia, para continuar por Singapura, Filipinas, Hong Kong, Coreia do Sul, China e Japão, de onde voamos de volta para São Francisco e depois para o México.

Nem preciso dizer que a viagem foi um acúmulo de surpresas, admirações e experiências de todo tipo. Nas ilhas próximas à Austrália, por exemplo, conversamos com veteranos da Guerra Pacífico-Asiática, que estavam percorrendo os lugares que tinham sido palco de batalhas sangrentas e visitando os enormes cemitérios onde seus companheiros tinham sido enterrados, então na flor da idade, após sucumbirem aos estrondosos combates. Nesses cemitérios haviam sido entalhados os nomes daqueles que lá haviam perdido a vida, e entre

eles, aliás, era mais do que notória a abundância de sobrenomes como García, Fernández, López, González etc., o que evidenciava sua condição de hispano-americanos.

Seguiram-se experiências como a visita a Singapura, um lugar que é ao mesmo tempo cidade e país, e que no passado havia se distinguido, como diziam, pela sujeira e pelo abandono das suas ruas, e que então eram um exemplo do oposto: a cidade mais limpa e bem cuidada que se pudesse imaginar.

As Filipinas foram talvez o maior contraste com Singapura. Os subúrbios mais sujos e os bairros mais pobres se acumulavam e se espalhavam ao lado de poucos, mas magníficos, palácios e hotéis de primeira qualidade, tudo a serviço daquele Ferdinando Marcos que então governava o país ditatorialmente, na companhia de sua ambiciosa esposa. Na época em que lá estive, porém, já começavam a enfrentar uma rebelião popular que terminaria por despojá-los do poder.

O contraste era mais notório quando, depois de transitar porque aqueles bairros que eram o núcleo da sujeira e da pobreza, chegamos ao jantar daquele tour pela cidade, que acontecia em um hotel que podia competir em ostentação com qualquer outro de Paris, Londres ou Nova York.

Por outro lado, também eram magníficas as paisagens ao redor de Manila, onde o conjunto de rios e montanhas continua sendo palco de uma beleza incomparável. Em um desses rios, aliás, tivemos a audácia de embarcar em frágeis canoas que se deveria conduzir por um bom número de "corredeiras", e assim foi que conhecemos algo que deve ter um recorde mundial: "as corredeiras mais lentas do mundo"… De qualquer maneira, Florinda e eu adoramos tudo infinitamente.

Ainda era possível encontrar um ou outro ancião que falasse espanhol, língua que nas Filipinas tinha sido a usual e a oficial até meio século antes, quando o resgate feito pelas tropas estadunidenses no âmbito da Guerra Mundial o havia desencorajado e imposto o uso do inglês como idioma do país. Os nativos também falam o tagalo, uma língua de composição singular, pois, ao lado das palavras indígenas, contém vocábulos franceses, como os nomes dos móveis "*buró*" [escrivaninha], "*chifonier*" [cômoda] etc., e termos hispânicos, como os números "*uno, dos, catorce, siete mil ochocientos*" [um, dois, catorze, sete mil e oitocentos].

Hong Kong foi outro lugar singular. Outra cidade-Estado, como Singapura, já preparava sua integração à nação chinesa, o que deveria acontecer perto do final do século XX, conforme acordo firmado havia muito tempo. Ali, o que chama a atenção é o poder financeiro que a cidade adquiriu, graças, entre outras coisas, ao seu estatuto de porto livre (é o que dizem, porque o que mais vi foi um

acúmulo de construções e gente que acaba por aturdir qualquer pessoa que se atreva a passar por lá).

Mas há outra cidade na mesma costa da original: é formada pelas famosas “sampanas”, construções que são simultaneamente barco
e casa. Mais esta do que aquele, porque, embora tenha a aparência de uma embarcação, seu funcionamento é o de um lar, onde as pessoas habitam e vivem de forma comunitária. (Se isso pode ser chamado de “habitar e viver”, pois lá eles não só dormem, comem, defecam e assim por diante, como também vão ao mercado, à escola e a outros lugares comuns, pelo simples método de passar de uma sampana para outra, pois são também simultaneamente ruas e recintos. Tudo isso sem ter de pisar em terra firme em momento algum. Em suma: um verdadeiro pesadelo ao vivo e em cores – embora desbotadas.)

Passamos mais tarde por Xangai, outra cidade que, de certa forma, também tem algumas características de pesadelo, como o fato de ter tantos estacionamentos para bicicletas, que nos causam vertigens.
Os locais não são fixos, então não posso imaginar o que as pessoas fazem para identificar suas próprias bicicletas. Porque são milhares e milhares de bicicletas que repousam lado a lado, sem quaisquer marcas que ajudem a localizar o local onde cada uma foi deixada. E, como são praticamente iguais, apesar de cada uma ter sua própria placa, parece impossível sair por aí verificando placa por placa. Ou será que vale pegar a primeira bicicleta que tiverem em mãos? Porque, com essa coisa de comunismo, acho que não tem inconveniente algum. E, por outro lado, se é difícil para os chineses saberem qual é sua bicicleta, para as bicicletas é mais difícil saber qual é o seu chinês. Mas atenção: se faço tal afirmação com base no ditado de que todos os chineses são iguais, saibam que os chineses afirmam que todos os ocidentais são ainda mais iguais: que todos temos olhos tão redondos que parecem de cachorro. Não é necessário dizer que não eram os chineses que despertavam curiosidade; éramos nós, os turistas, que despertávamos a curiosidade dos chineses. E às vezes algo mais do que sua curiosidade:
o riso. Embora aqui seja necessário esclarecer que nisso, sim, muitas vezes tinham razão, pois entre os turistas havia cada gringa bunduda e vestida como uma pichorra que vocês conseguem imaginar por si mesmos.

Na cidade de Xangai, é difícil não ver a multidão que passa pelas ruas, tanto a pé quanto de bicicleta. Mas as pessoas comuns impressionam tanto por serem numerosas quanto pelas roupas. Estas são marrons ou azuis nos homens e azuis ou marrons nas mulheres. As crianças, por outro lado, costumam ir todas em marrom ou todas em azul, embora também seja comum elas irem todas em azul ou todas em marrom. Mas, além disso, são tantas pessoas nas ruas, que a todo

momento parecem ser torcedores de futebol saindo do Estádio Azteca depois de uma partida do América contra o Guadalajara. Os transportes automotivos, por outro lado, são muito menos numerosos no que diz respeito a transitar pelas ruas, pois só passam um aqui e outro ali de vez em quando, então os pedestres não precisam se preocupar com possíveis atropelamentos.
E é até provável que seja o contrário: que os carros tenham de se cuidar para não serem atropelados, pois bastaria um grupo de pessoas para garantir a vitória a favor dos pedestres.

Devo deixar claro que a China era o país que mais me interessava conhecer, principalmente naquela época (1986), quando fazia pouco tempo que abrira as portas ao turismo internacional. Isso se traduzia em um frescor que, segundo me contaram depois, já não é mais tão natural quanto naquela época. Como referência, posso citar o fato de que nossa visita ocorreu pouco antes do massacre de Tiananmen,[66] a praça monumental de Pequim. Nessa cidade, como em Xangai, a diversidade de cores do vestuário era reduzida ao azul e ao marrom. Para o turismo, por outro lado, havia uma diversidade muito maior, além de que grande parte dessa mercadoria poderia ser adquirida a preço de lembrancinha; por exemplo, era possível conseguir uma camisa de seda pelo equivalente a 3 dólares.

No campo, estava sendo construída uma infinidade de prédios de apartamentos destinados aos camponeses, e havia áreas onde se podiam ver verdadeiras “florestas” de equipes de construção. Isso fazia parte do propósito de melhorar a qualidade de vida daqueles que ali residiam. Mas os trabalhadores, por outro lado, continuavam sofrendo com condições de trabalho praticamente desumanas. Em uma fábrica de tapetes, por exemplo, os trabalhadores tinham de cumprir semanalmente seis jornadas de oito a dez horas diárias, durante cinquenta e uma semanas por ano. Dentro da fábrica, como pudemos comprovar pessoalmente, o barulho das cortadoras elétricas era um calvário insuportável para os ouvidos, mas não era necessário arranjar protetor auditivo para quem trabalhava lá, pois um mês após sua entrada já ficavam surdos. Mas, sim, a semana de número cinquenta e dois era de férias, para a qual costumavam ir… ao local designado pelo respectivo “comitê” do bairro.

Na China, era (pelo menos naquela época) quase impossível ter irmãos, irmãs, primos, primos, tios e tias. Isso se deve à proibição de haver mais de um filho por casal; assim, entende-se que, se tal criança não tiver irmãos e irmãs, elimina-se a possibilidade de que tenha primos, primas, tios e tias. Claro, não é incomum o descuido que engendra um segundo filho, talvez porque alguém pesou a mão (ou talvez outro membro), mas, quando isso acontece, o segundo filho tem de ser entregue ao Estado, para que este se encarregue de procurar um casal estéril para

adotá-lo.

Tínhamos um guia chinês que falava muito bem espanhol. Ele nos disse que tinha aprendido em uma universidade de seu país, e que tinha lido *Dom Quixote* várias vezes, uma obra da qual nos contou uma anedota curiosa: as sílabas da palavra “Quixote” significam, em chinês, eufonicamente, algo como “homem valente”. Como ele estava animado por tudo isso, Florinda quis lhe dar um romance que ela trazia consigo (escrito em espanhol, claro), mas o simpático guia nos disse que ele não poderia aceitar o presente, já que todo material escrito deveria passar por uma avaliação do comitê, a fim de evitar a possível entrada de “propaganda subversiva” no país.

Entre as muitíssimas coisas interessantes, é claro, destacava-se a histórica, lendária, quilométrica e superfamosa Muralha da China. No entanto, para meu interesse particular, a mão humana tinha feito na China algo superior: o Grande Canal. Iniciado no século IV a.C. e concluído no XIII d.C., é o canal artificial mais longo do mundo. (Não é à toa que levou dezessete séculos para ser construído!) É transitável a bordo de barcos de vários tamanhos, de modo que é usado para o transporte diário de milhares e milhares de pessoas, bem como de milhares e milhares de mercadorias. É óbvio que, exceto pelo atrativo turístico, esse canal é mais útil do que a Muralha.

Também guardo lindas lembranças de todos os outros lugares que visitamos naquela viagem, mas cuja descrição não parece adequada para a inclusão neste relato. O que precisa ser mencionado é que o cruzeiro incluía um privilégio a mais: a grande oportunidade de contemplar a passagem do Cometa Halley do melhor ponto de observação: no alto-mar do hemisfério sul. Para tornar o evento ainda mais relevante, a empresa de navegação contratou os serviços do famoso astrônomo Carl Sagan, que se encarregaria de ampliar as informações por meio de conferências sobre o assunto. O cientista, porém, não pôde nos acompanhar no cruzeiro e mandou um substituto em seu lugar. Pior de tudo foi outra ausência que devia ter sido ainda mais importante: o próprio cometa Halley. Pois bem, para dizer a verdade, não foi propriamente que tivesse faltado ao nosso encontro, mas que sua presença se distinguiu por uma decepcionante mesquinharia, pois só se mostrou como um finíssimo risco, que mal dava a impressão de ser um hífen tipográfico na enorme página do firmamento celestial. Isso, comparado com o que vinha sendo anunciado por longos 76 anos, produziu uma total desilusão para o mundo inteiro, mas ainda mais para aqueles de nós que supostamente deveriam estar no melhor dos observatórios. Resta saber como se apresentará depois de mais 76 anos.

* * *

Minha quarta filha, Marcela, também se casou. Seu marido, Enrique Penella, havia adquirido a profissão de nutrólogo, atividade à qual agregou aperfeiçoamento por meio de uma bolsa obtida para estudar em Paris. Ele o fez na companhia de Marcela, que também conseguiu uma bolsa para estudar na França. Minha filha já havia morado lá quando era estudante, na cidade de Besançon. Isso lhe permitiu atingir um nível estupendo no domínio da língua francesa, o que, por sua vez, incrementou os amplos conhecimentos que ela já possuía em função de sua profissão (na área da educação). E foi outro fator colaborativo no desempenho de Henry (como todos chamam seu marido Enrique). E este, por sua vez, aproveitou de maneira excelente as vantagens que a bolsa lhe proporcionou, de modo que, ao retornar, pôde colocar em prática com muito zelo a instrução adquirida.

É claro que Marcela e Henry também contribuíram para aumentar o número dos “doze melhores netos do mundo” (os meus). Ao grupo se juntaram seus filhos María e Andrés, dois outros exemplares extraordinários da raça humana (tenho muita sorte, não tenho?). E a contribuição da família também inclui o simpático sogro de Marcela, Antonio Penella, sua esposa e seus filhos, todos excelentes pessoas.

* * *

A Colômbia havia sido escolhida como a sede da Copa do Mundo de Futebol de 1986, mas alguns problemas internos a impediram de construir estádios e outras instalações necessárias para o evento, por isso foi anunciada sua incapacidade de organizar a grande competição. Assim, o México saiu à frente, sob os auspícios da única pessoa no mundo que poderia se comprometer com algo semelhante: Emilio Azcárraga Milmo, que se encarregou de construir, entre outras coisas, as magníficas instalações que funcionariam como um centro de comunicação para a imprensa, o rádio e a televisão para um número de países superior ao dos membros da ONU. Tais instalações foram projetadas de tal forma que, após cumprirem seu papel na Copa do Mundo, seriam facilmente convertidas em escritórios, estúdios, refeitórios e espaços semelhantes, todos construídos no terreno da Televisa San Ángel. Meus escritórios, aliás, mais tarde foram localizados no segundo andar do enorme complexo.

E, assim como 1970 havia sido o mais comentado e espetacular dos campeonatos realizados até aquela data, o de 1986 passou a disputar essa relevante posição. Assim como 1970 tinha sido a consagração de Pelé como rei indiscutível do belo esporte, 1986 se vestiu em traje de gala para a coroação do digníssimo herdeiro da coroa: Diego Armando Maradona.

* * *

Florinda e eu morávamos havia algum tempo em uma das pequenas, mas agradáveis, residências do condomínio da rua Porfírio Díaz, que pertencia a ela. Até que um belo dia Florinda alertou que estava à venda o terreno da oficina mecânica que sempre estivera a um muro de distância da nossa rua, e sugeriu a ideia de que a comprássemos para construir uma casa ali para nós. A ideia me pareceu magnífica, pois, embora o terreno fosse relativamente pequeno (cerca de 260 m^2), pensamos que seria o suficiente para um casal. Por outro lado, estávamos mais do que satisfeitos por sua localização próxima à casa que, para nós, havia sido o mais belo ninho de amor, o que posso exemplificar com uma anedota: Florinda tinha saído da Cidade do México em companhia de sua irmã Esther, e, quando voltou, fui buscá-la no aeroporto, onde o encontro foi acompanhado de todos os beijos recomendados para casos semelhantes. Depois pegamos o caminho de casa. No entanto, mal havíamos cruzado a porta, eu corri para o banheiro, localizado no segundo andar. Isso significava que Florinda deveria esperar a sua vez, mas, antes disso, algo chamou a atenção da minha mulher: ao pé da escada estavam espalhadas algumas flores com os respectivos talos, do que ela deduziu o que não admitia dúvida: *Roberto*, pensou ela, *comprou um arranjo de flores para me receber, mas é tão desajeitado que nem percebeu que as flores caíram*. Então ela as recolheu e tentou subir a escada, mas parou ao ver que também havia flores no degrau seguinte… e no outro e no outro… e em todos aqueles que restavam até chegar ao segundo andar. A partir daí, era óbvio que as flores formavam um caminho que seguia pelo pequeno corredor, continuava até entrar no quarto e subia (!) na cama, onde as pétalas das flores se alinhavam para formar as palavras “te amo”. Não é preciso dizer que, quando ela viu isso tudo, eu já a estava espiando da porta. Também não é preciso dizer que, um minuto depois, as palavras já tinham sido completamente desfeitas.

Acabei de dizer que tínhamos interesse em comprar um terreno vizinho para construir um novo ninho de amor, e foi o que fizemos. Eu me encarreguei de desenhar a planta da casa, para cuja construção contratamos os serviços do arquiteto José Antonio Gaxiola, casado com a linda Vicky, filha mais velha do meu irmão Horacio. Posteriormente, a Florinda caberia a escolha dos materiais para os acabamentos, bem como a aquisição e disposição de tudo o que contribuísse para a boa apresentação da futura casa, objetivo que foi alcançado com primoroso bom gosto.

* * *

Para escrever os episódios de *Los caquitos*, recorri frequentemente à ironia, pois os personagens tinham diálogos como este:

Botijão: *(suspirando de preocupação)* Sim, Chaveco, esta cidade está se estragando a passos largos.

Chaveco: Por que você diz isso, Botijão?

Botijão: Como por quê! Você não percebeu que as ruas estão cada vez mais iluminadas? Que há cada vez mais policiais por toda parte?

Chaveco: *(triste e resignado)* É verdade. E você sabe de uma coisa, Botijão? Para mim, é o governo que traz isso contra nós.

Botijão: Você acha que é tudo isso?

Chaveco: Por que vou dizer que não se é sim?, como diz a Chimoltrúfia. Se eu não os conhecesse!

Botijão: Ora, mas que cara de pau! Nesse ritmo, eles vão acabar com a profissão.

Etc. etc.

Era óbvio que chamar a atividade de ladrões de "profissão" era uma concessão ao humor, mas era certeza que as pessoas sempre iam entender desse jeito? Porque eu nunca tive dúvidas a esse respeito… até que vi na televisão uma "entrevista" (tenho de chamar de alguma coisa) feita com um ladrão de verdade.

Era um sujeito especialista em abrir portas de carros sem usar chave-mestra ou algo parecido. E o homem falou de sua atividade utilizando o termo "profissão" com a maior naturalidade do mundo. Isso me fez lembrar a maneira como usávamos essa linguagem nos meus programas e refletir sobre os danos que poderia causar a um espectador que não fosse capaz de discernir entre ficção e realidade. A reflexão não foi muito longa, porque logo cheguei à conclusão de que não deveria correr o risco. Portanto, decidi fazer uma mudança fundamental quando se tratasse de *Los caquitos*: decidi que eles deixariam de ser uma dupla de ladrões, para o que pedi e obtive a ajuda do Chaves… Do Chaves?! Sim!

Em um episódio de *Los caquitos* no início de 1987, Botijão, Chimoltrúfia e Chaveco estão assistindo ao programa do Chaves na televisão, um episódio em que este é acusado de ser ladrão,[67] injustamente, é claro, o que faz os telespectadores chorarem intensamente (como aconteceu na vida real com muitas pessoas). A mais atingida foi Chimoltrúfia, que derrama um mar de lágrimas e faz Botijão e Chaveco entenderem até onde pode levar a "atividade estúpida que eles realizam"; e daí ela passa a exigir a promessa de que eles nunca mais roubarão, o que é aceito com plena convicção pelo seu marido e pelo amigo dele. E, a partir daí, Botijão e Chaveco interpretaram o papel de dois ex-delinquentes que tinham de superar as barreiras que essa condição impõe a quem procura emprego. E eles nunca mais cometeram crimes.

Pois bem, não sei se foi por esse motivo (ou "apesar" dele), mas a

popularidade dos ex-ladrões continuou a crescer ao ponto de não demorar muito para chegarem à categoria de quadro de maior sucesso do programa. Houve, é claro, um fator que estimulou muito esse crescimento: o aumento inegável de experiência e engajamento que todos nós havíamos acumulado.

Por exemplo: se “El Chato” Padilla havia se destacado como Jaiminho, o Carteiro, aqui ele dava vida a um encantador Delegado Morales [Licenciado Morales], agente do Ministério Público, que se distinguia pela sua honestidade e, sobretudo, pela caridade que demonstrava no exercício das suas funções, e pela infinita paciência com que suportava todo mundo.

Ao seu lado estava o adorável Sargento Refúgio Pazguato, um policial tão cândido quanto honesto, interpretado pelo mesmo Rubén Aguirre que tanto se destacou no papel de Professor Girafales e que aqui, a meu ver, conseguiu se destacar ainda mais. Sua ingenuidade era tal que não encontrava nenhum problema em se apaixonar por Maruja (ou Marujinha [Marujita], como a chamava carinhosamente), que não tinha receio de se mostrar como o que era: “uma mulher da rua”.

Maruja, por sua vez, era interpretada por María Antonieta de las Nieves; e posso jurar que é o único caso em que a televisão mexicana mostrou uma comédia que incluía um personagem como esse sem nunca incorrer em mau gosto ou desrespeito pelo público. A interpretação de María Antonieta foi excelente…

O mesmo pode ser dito sobre Angelines Fernández, que abandonava completamente a posição da solteirona preterida que exercia como a Bruxa do 71, para encarnar a vizinha paciente dos imprevisíveis Botijão e Chimoltrúfia.

Para todos os efeitos, Botijão tinha sido o chefe da dupla formada por ele e Chaveco, dois ladrõezinhos cuja falta de jeito era o obstáculo intransponível que os impedia de consumar o mais simples dos roubos; embora Botijão não tivesse vergonha de afirmar que a culpa pelos fracassos era sempre de seu companheiro; enquanto este, Chaveco, aceitava as acusações de bom grado para evitar possíveis confrontos. “Leva numa boa”, dizia ele sempre com uma intenção conciliadora, sem se preocupar em averiguar quem tinha sido realmente o culpado.

Interpretar Chaveco foi a maior satisfação que tive na minha carreira de ator na televisão; e ainda mais com o privilégio de atuar ao lado de Florinda, que esbanjava talento, graça e simpatia ao dar vida ao delicioso e adorável papel de Chimoltrúfia. Lutadora incansável, irremediavelmente argumentativa, autoconfiante, inculta, mas inteligente, honesta em todos os sentidos, corajosa, empreendedora, orgulhosa quando necessário, mas doce e terna quando as circunstâncias o exigiam. E, como se não bastasse, tinha uma voz tão poderosa

que, quando cantava, colocava em risco os tímpanos de seus vizinhos próximos… e dos que não eram tão próximos.

Chimoltrúfia também se distinguia pelo uso de frases que mais tarde seriam repetidas com frequência: “Você sabe muito bem que quando eu digo uma coisa eu digo outra”; “Por que vou dizer que não se é sim?”; “Porque assim é como tudo, tem coisas que eu nem sei” etc. E o mesmo acontecia com pleonasmos múltiplos, como: “Um cadáver morto de um defunto frio que morreu no melhor de sua vida”.

Entre as muitas satisfações que Florinda tem recebido pela sua participação como Chimoltrúfia, ocupa um lugar muito importante o acúmulo de elogios expressos pela renomada poetisa e comentarista Margarita Michelena na coluna que escrevia no *Excelsior*, onde esbanjou exaltações tanto à atriz quanto à personagem, enfatizando que o humor também serve para dar bons exemplos.

* * *

Enquanto isso, meu grupo continuou a percorrer todos os países da América Hispânica e um bom número de cidades dos Estados Unidos. Nesse país, poderia destacar Nova York, onde em duas ocasiões conseguimos abarrotar o enorme e lendário Madison Square Garden, fora do qual permaneceu um bom número de pessoas que não conseguiram comprar ingressos.

Numa dessas ocasiões, o espetáculo do nosso grupo contou com um show de abertura maravilhoso, no qual havia um menino que tempos depois chegaria a ocupar um destacadíssimo lugar de popularidade: Luis Miguel. Também compareceu Capulina, que apareceu acompanhado por um trio de cantores. (Todo o seu número, aliás, girava em torno de uma canção que era composição minha: “La sotaca”[68] [A baixinha]). E o show incluía também uma luta livre, a cargo dos maiores expoentes do esporte dos mascarados: ninguém menos que El Santo e Blue Demon.

Eu já havia tido a oportunidade de conhecê-los pessoalmente, por isso já sabia que os dois lutadores tinham características que permitiam sua identificação mesmo que estivessem usando a máscara: El Santo era denunciado por sua voz, muito mais aguda (quase estridente) do que a que ele exibia nos filmes, nos quais sempre era dublado por alguém com uma voz grave; Blue Demon era denunciado pelas mãos, pois não apenas eram enormes, mas também mostravam a terrível deformação causada pela artrite de alto grau, doença que o obrigava a se submeter a uma terapia contínua e dolorosa (três horas diárias) como única forma de sobreviver na luta livre e na vida privada. De resto, ambos tinham um relacionamento mais do que amigável e cordial, além de um preparo que excedia em muito o que se poderia supor.

Todos nós embarcamos no mesmo avião para a cidade dos arranha-céus em um voo que, nessa ocasião, tinha muitos lugares vazios. Por isso se organizou algo como uma troca contínua de lugares, de modo que por muito tempo viajei sentado ao lado de El Santo, que usava sua inseparável e famosa máscara prateada. Estávamos conversando animadamente quando vimos que a comissária já havia começado a servir o almoço, então El Santo se levantou para ir ao banheiro. Ele voltou alguns minutos depois, mas usando outra máscara; digamos que era semelhante à anterior, só que incompleta, pois apenas o cobria do nariz para cima, expondo a parte inferior do rosto. A mudança tinha se dado por um motivo óbvio: com essa máscara ele poderia aproveitar melhor o almoço, já que a anterior (a comum) só tinha um pequeno orifício para a boca, que lhe permitia falar, mas não abocanhar uma boa porção. Aí, depois do almoço, El Santo me disse que voltaria ao lavatório para trocar as máscaras, mas ao contrário (ou seja, para recolocar a original), e de quebra me lembrou que já fazia um bom tempo que Florinda ia viajando sem a minha companhia. Isso era verdade, então voltei para junto dela, assim que foi anunciada a chegada do avião à cidade de Miami, escala da viagem para Nova York. Portanto, não demorou muito para aterrissarmos.

Lá, tínhamos de passar pela fiscalização aduaneira, então entramos na fila correspondente. No entanto, percebi que faltava algo que deveria estar ali. Ah, certo: o que faltava era um par de máscaras de lutador. E meu olhar vagou ao redor, sem ver o menor indício delas. Mas, quando cheguei ao guichê da imigração, ouvi uma voz estridente idêntica à que havia conversado comigo a bordo do avião. (Outra pessoa mais observadora teria notado que as roupas do orador também eram as mesmas do meu recente companheiro de viagem.) Embora com uma diferença: a máscara estava ausente. Isso era mais do que perceptível, apesar do fato de que o homem estava parado na minha frente na fila, portanto estava de costas para mim. Para confirmar tudo o que eu deduzia, o homem vinha acompanhado de outro, cujas mãos eram enormes e notoriamente afetadas pela artrite.

Pois é: tratava-se de El Santo e Blue Demon, que tiveram de tirar as máscaras para passar pela alfândega, cientes de que, em lugares como aquele, os gringos eram capazes de tirar a máscara do Michael Jackson (embora haja quem diga que não é máscara aquilo que ele traz grudado na cara). Desse modo, os lutadores não tiveram escolha a não ser permitir que eu conhecesse sua verdadeira personalidade.

Depois de termos cumprido o procedimento, descemos pelo corredor que dava acesso ao avião seguinte, trajeto durante o qual várias pessoas me reconheceram e me pararam para me cumprimentar ou pedir um autógrafo, o que aproveitei

várias vezes para dizer, mencionando o lutador:

– Por que você não aproveita para pedir um autógrafo a El Santo? Pois, como podem ver, este senhor é o grande lutador.

Não preciso dizer que quase morri fulminado pelo olhar que na hora me lançou Rodolfo Guzmán, verdadeiro nome de El Santo.

(E ainda bem que ele se limitou a me lançar olhares em vez de chutes ou éguas voadoras![69]) Especialmente quando insisti:

– É mesmo El Santo! O que acontece é que ele tirou a máscara.

Mas as pessoas exibiam o melhor sorriso incrédulo que se pode imaginar. Como diabos El Santo poderia ser aquele cavalheiro inofensivo, com rosto de boa pessoa e cuja aparência geral poderia corresponder muito mais à de um burocrata?

Então, El Santo percebeu que essa era a realidade: ninguém acreditava nas minhas palavras. *O que acontece*, as pessoas deviam estar supondo, *é que o Chespirito quer fazer uma piada com aquele homem, que com certeza é amigo dele*. E então, seguindo essa mesma corrente, Santo sorriu e disse:

– Sim: eu sou El Santo. E este – acrescentou ele, apontando para seu companheiro – é o Blue Demon.

As pessoas, é claro, comemoraram a "brincadeira" e continuavam a fazê-lo, quando os próprios lutadores pararam para dizer:

– Eu sou El Santo, o famoso lutador!

– E eu sou Blue Demon!

Mais tarde, quando não havia mais gente nas nossas proximidades, um dos dois (não lembro qual) comentou com um suspiro que sugeria um leve sentimento de melancolia ou resignação:

– Essa é a realidade inquestionável: sem a máscara, não somos ninguém.

* * *

Na Argentina, voltamos a ser contratados nove anos após a primeira turnê, o que nos fez temer não alcançar o mesmo sucesso da vez anterior. Esse medo foi descartado assim que nos apresentamos no Luna Park, pois, se na primeira vez havíamos batido o recorde de mais dias consecutivos (sete) atuando lá, na segunda vez ultrapassamos esse recorde, já que nos apresentamos por nove dias seguidos, com ingressos totalmente esgotados.

Um dia, durante essa turnê, fomos a uma estação de rádio de Buenos Aires onde, ao final de uma entrevista, tiraram uma grande quantidade de fotos nossas (ou "qualquer" número de fotos, como diriam os argentinos). Então, um grupo formado por quatro ou cinco senhores se aproximou de nós, e um deles me disse: "Eu gostaria de tirar uma foto com vocês. É possível?". Eu respondi: "Claro". E

então, depois de tirada a foto, ele me disse: “Essa foto logo estará na Casa Rosada”. O depoimento causou risos em muitas pessoas, inclusive nos que o acompanhavam, porque a Casa Rosada é a residência oficial do presidente da Argentina, o que equivalia a afirmar que ele seria a próxima autoridade máxima de seu país… E sim, foi, porque o homem em questão era ninguém menos que Carlos Saúl Menem! Bem, será que ele cumpriu a promessa? Porque não me surpreenderia se, com o tempo, ele tivesse preferido uma fotografia de Cecilia Bolocco[70] à nossa.

* * *

Ao final daquela turnê pela Argentina, meu irmão Horacio sugeriu a ideia de passar por ali mesmo o Natal, que se aproximava. A princípio não gostei muito da ideia, mas, depois de termos ido aonde fomos, fiquei mais do que convencido de que tinha sido um acerto estupendo. Pois bem, acontece que o lugar escolhido para passar a véspera de Natal, a cidade de Bariloche e seus arredores, é algo próximo do Paraíso na Terra. A cidade em si é uma réplica deliciosa dos povoados suíços, mas não só pela arquitetura tradicional que domina a paisagem dos Alpes, como também por alguns costumes de seus habitantes (muitos deles descendentes das regiões suíças), entre os quais se destaca a fabricação caseira de chocolates finos. Isso, para maior identificação com seus ancestrais, ocorre em uma região carente da matéria-prima, o cacau, como acontece na Suíça. Por outro lado, a beleza das paisagens naturais é incomparável; uma infinidade de lagos espalhados entre montanhas e colinas que exibem um leque de vegetação florida, bem como áreas cobertas de esplêndidas florestas, ar puro, céu claro, águas cristalinas, em suma: o Éden ressuscitado.

Fomos em dezembro, como já indiquei, e é preciso lembrar que no hemisfério sul essa época corresponde ao verão. Porém, mesmo que nessa estação as águas cristalinas a que me referi estejam geladas, o que impede o banho nos lagos, isso não diminui a beleza do imponente conjunto. No meio de um desses lagos (Nahuel Huapi, aos pés dos cerros Tronador e Mirador) há uma ilha que parece ter sido tirada de um filme de Walt Disney; embora os habitantes da região digam que se trata do contrário: que o filme de Walt Disney foi extraído da ilha, já que o famoso cineasta teria se inspirado nela para desenhar as paisagens de seu filme *Bambi*. E isso é muito possível, já que a ilha está repleta de lindas murtas e outras árvores de presença majestosa.

* * *

Esther, irmã de Florinda, encarregou-se de fazer a mudança, para que, na volta da Argentina, fôssemos morar em nossa nova casa. O resultado foi mais do que maravilhoso, pois, embora esteja longe de poder competir com as enormes e

suntuosas mansões em que reside a maioria dos atores, nossa casa tem o suficiente para que Florinda e eu possamos viver em paz e com a tranquilidade necessária.

* * *

No México aproximavam-se as eleições que viriam a ser as mais polêmicas dos últimos tempos: as de 1988. Pelo invencível PRI, Carlos Salinas de Gortari concorria como candidato, escolhido pelo já histórico método do "dedaço". Ou seja, o imperador da vez (nesse caso, Miguel de la Madrid) havia designado Salinas de Gortari como herdeiro do trono, para cujo objetivo, segundo Jorge G. Castañeda, em seu maravilhoso livro *La herencia: arqueología de la sucesión presidencial en México*, tinha sido necessário rejeitar outros aspirantes. Mas estes, aliás, recebiam uma generosa compensação pelo sacrifício que significava não terem sido selecionados.

– O que vamos dar ao Fulaninho para que ele não fique muito ressentido? – perguntava mais ou menos assim o presidente da vez.

– Poderia ser uma embaixada, não? – sugeria um assessor.

– Pode mandar ver! Acho que a da Bélgica está disponível.

– Está sim.

(Esse diálogo é uma versão minha, totalmente livre, do que conta *La herencia*. Mas o caso se repete de maneira semelhante com todos e cada um dos presidentes entrevistados por Castañeda, com a variação de alguns "sacrificados" ficarem com a embaixada, e outros receberem cargos no governo que podem variar de um burocrata nomeado a um secretário de gabinete; o que significa que é para isto que serve o cargo público: para dar de prêmio de consolação àqueles que não alcançaram algo mais produtivo.)

Na oposição recém-formada (PRD [Partido da Revolução Democrática]), destacou-se uma dupla formada por dissidentes do PRI: Porfirio Muñoz Ledo e Cuauhtémoc Cárdenas, dentre os quais se escolheu o último como candidato a concorrer à presidência. Logo se acrescentou um terceiro candidato, como porta-voz da antiga oposição chamada PAN:[71] Manuel J. Clouthier, possuidor de um carisma invejável, mas que, na época, estava longe de atingir a popularidade exigida por um empreendimento tão grande como aspirar a ser eleito presidente do país. Isso ficou claro quando os resultados oficiais da disputa o colocaram em terceiro lugar, a uma boa distância do vencedor. O que não ficou muito claro foi que o vencedor fosse realmente o vencedor. E muito menos pela margem indicada pela contagem: trinta e um por cento para Cárdenas contra cinquenta e um por cento para Salinas de Gortari! (Clouthier atingiu algo em torno de dezessete por cento.) Muito provavelmente, a votação efetiva indicava um

empate entre Salinas e Cuauhtémoc, embora os partidários deste, possivelmente com razão, afirmassem que o filho de dom Lázaro Cárdenas havia sido o vencedor. Outra coisa se tornou totalmente evidente: a fraude eleitoral.

Porém, por algum motivo particular (que nunca foi divulgado), o engenheiro Cárdenas absteve-se de capitalizar o descontentamento de seus seguidores, cujo número então diminuiu acentuadamente. Por sua vez, dom Manuel J. Clouthier (a quem apelidaram de "Maquío") concorreria não muito depois ao governo do estado de Sinaloa, mostrando que seu carisma natural crescia a passos largos. Posteriormente, algum "maléfico desígnio" determinou que o carismático Maquío morresse em um trágico acidente de carro.

E a mesma coisa, aliás, aconteceu com Carlos Loret de Mola, jornalista e ex-governador de Yucatán, que faleceu vítima de acidente semelhante.

* * *

Nosso trabalho continuava sendo tão gratificante como sempre; mas, novamente, havíamos acumulado muitos anos sem tirar férias, então decidimos nos aventurar em um novo cruzeiro. Dessa vez, o navio percorreria a região norte do planeta, com desembarques em locais tão remotos como o Cabo Norte, Bergen, Oslo, Estocolmo, Helsinque e Leningrado (agora São Petersburgo novamente), passando por Londres, Copenhague, Hamburgo etc.

O cruzeiro incluiu muitos outros locais de interesse, como as estepes escandinavas congeladas, que são pisoteadas diariamente por grandes rebanhos de renas, e onde podem ser vistos esparsos povoados de lapões vestidos com suas roupas pitorescas, oferecendo vários artesanatos aos turistas que por ali passavam. Percorremos também esplêndidos fiordes noruegueses, cujas águas são um remanso e um panorama, um sendeiro e uma paisagem. Depois o Cabo Norte, gelado e majestoso. Mais tarde, no próprio convés do navio, a fotografia clara e nítida tirada às 2h da manhã com luz natural, porque nos verões daquelas latitudes o sol não se põe; desce oblíquo e, quando parece que vai afundar no vasto oceano, volta a ganhar altura, traçando uma diagonal simétrica à anterior.

Durante grande parte da viagem, contamos com a companhia e a amizade de María Victoria Llamas, jornalista e comentarista de rádio e televisão, que viajava com seu marido, Dick, e o simpático filho de ambos. Dick e eu, aliás, tivemos uma pequena controvérsia depois que fui embora de um show em que um comediante relatava os incômodos sofridos por um turista em Cancún, entre os quais incluía "a impossibilidade de encontrar um banheiro"… Em Cancún! Faça-me o favor! Ao ouvir isso, eu me levantei da mesa comentando (no meu inglês pobre) que, de qualquer forma, seria mais difícil encontrar um banheiro na Europa (inclusive na Grã-Bretanha, de onde era o comediante), porque só assim

se compreendia o mau cheiro de muitos europeus. Dick me fez ver que eu havia exagerado (e ele tinha razão), além de ter mostrado o deficiente nível de autocrítica que acusamos os mexicanos de terem (ele também tinha razão). Mas não há como mudar o temperamento de uma hora para a outra, não é?

Em todo caso, a controvérsia se reduziu a esse pequeno desacordo, porque instantaneamente a amizade com Dick e María Victoria voltou a prevalecer, amizade que mantivemos com ela até o momento de escrever estas linhas (como foi com Dick, que acaba de falecer).

E eu ia dizer que, além daquele incidente com o comediante inglês, a viagem havia transcorrido sem nenhum contratempo, mas me lembrei de que surgiu um que tinha todas as características de tragédia e desastre: eu estava com um dente infeccionado. Não era de forma alguma uma simples dor de dente. Não! Era uma senhora infecção, como as que eu costumava sofrer, que inchavam minha mandíbula até eu me transformar em uma versão mexicana do Marinheiro Popeye e me faziam suportar uma dor que sugeria a invocação do diabo como o único remédio possível, mesmo que fosse ao preço de uma alma (como a minha, minúscula, mas, pelo menos até então, sem a mácula que resultaria da venda de meus direitos patrimoniais). E o pior de tudo foi que minhas pesquisas particulares iam apontando para um incremento na direção da fatalidade, principalmente quando recorri ao médico do navio e ele me disse:

– O antibiótico que o senhor traz é igual a uma *royalshit* – (uma majestosa sabe-se lá o quê) –, porque seu corpo já se tornou resistente ao *fucking medicine* – (algo como "droga de remédio"). – Pois bem: vou lhe receitar um comprimido de antibiótico diferente, mas, se não funcionar, o senhor terá que desembarcar na próxima *fucking city* – (Leningrado) – para ser tratado por um *soviet dentist* – (um dentista que faz o bem sem olhar a quem).

Isso me assustou demais, porque eu não imaginava como me faria entender. *Porque*, eu me perguntava, *o quanto seria apropriado eu me apresentar ao dentista russo e exclamar algo como: "Estouioff com dor na Matriosca"*?

Felizmente, o comprimidinho que o médico me deu funcionou maravilhosamente bem, pois minha mandíbula desinchou com uma velocidade mais do que reconfortante, enquanto minha dor passava a ser um simples detalhe anedótico para o diário de bordo. Isso também me permitiu desfrutar dos atrativos turísticos da cidade histórica, entre os quais se destaca o enorme e magnífico Museu Hermitage, que abriga obras de arte que constituem um esplêndido tesouro. E não menos interessante é o suntuoso Palácio de Inverno, com as esculturas douradas que ladeiam a longa rampa de água que deságua no Mar Báltico.

Antes, em Leningrado, havia acontecido comigo algo que também posso

qualificar de anedótico: nosso ônibus parou em frente ao prédio que era a sede do Ministério do Turismo, localizado diante de um enorme parque público; nessa parada eu queria aproveitar a oportunidade para ir ao banheiro. Mas onde encontrar um banheiro? Queria perguntar, então recorri ao inglês, mas me foi impossível encontrar alguém que entendesse a língua (um departamento de turismo onde ninguém fala inglês?). Então me dirigi à jovem espanhola que tínhamos como guia do passeio, que me ajudou atuando como intérprete; mas então minha surpresa foi maior, pois a resposta que deram à guia foi que "o banheiro não podia ser usado porque estava em conserto". "Mas não havia mais do que um único banheiro em um prédio de três ou quatro andares que ocupava um quarteirão inteiro?", perguntei quando recebi essa resposta, novamente recorrendo à ajuda da guia; mas a pessoa consultada, uma matrona gorda que parecia ter saído de um romance de Dostoiévski, respondia com gestos abruptos algo que parecia dizer "se você pensa assim, tudo bem, se não, nem me interessa". Percebi que a espanholinha ignorou o tom e os gestos abruptos, mas não conseguiu mudar o significado da resposta, então ela optou por apontar para o enorme parque em frente, dizendo-me que ali havia banheiros públicos.

– Mas você tem que pagar 10 copeques para usá-los – acrescentou.

– Isso é o de menos – eu disse enquanto corria em direção ao parque, com medo de que minha bexiga explodisse com o esforço.

Enfim consegui entrar na construção rústica que abrigava o banheiro… mas na porta havia uma matrona parecida com a anterior, que me impediu, usando para isso outro tipo de rispidez (a física), e então gritou algo que parecia: "O senhor não pode entrar aqui". A razão? Era um banheiro exclusivo para mulheres, como pude perceber quando ela apontou para uma placa na qual estava pintada uma silhueta feminina. Logo em seguida, ela me deu a entender que o banheiro masculino ficava na extremidade oposta do parque, para a qual me dirigi em um ritmo acelerado (minha bexiga me disse muito claramente que seria impossível aguentar uma corrida).

O banheiro masculino tinha a silhueta de um homem e era operado por homens. Era fácil presumir que pertenciam a um estrato social inferior ao da matrona que tinha nos atendido no posto de turismo, apesar do que os dois que lá estavam perceberam que eu era estrangeiro e se apressaram em dizer com bastante clareza:

– *You pay money* – disse um deles.

– *Ten kopeks* – completou o outro, mostrando os dez dedos da mão para que não houvesse dúvidas.

Eu não tinha nem copeques, nem rublos, nem nada do tipo, então tirei um dólar do bolso e mostrei-o com uma expressão questionadora. A resposta foi um

arrebatamento hábil e instantâneo da nota de um e um sorriso amigável de ambos.

E então, finalmente, fiz o que tinha de fazer.

Mas depois, quando saí, ainda era objeto de outra demonstração de cortesia, pois um dos senhores me interrompeu sem abandonar seu sorriso gentil, enquanto me dizia:

– *Change*.

E ele me deu o troco: 20 copeques (que então representavam 20 centavos de dólar, de acordo com a apreciação cambial do governo soviético. Atualmente, a propósito, são necessários mais de mil copeques para comprar um dólar).[72]

O tour nos proporcionou muitas outras experiências. Por exemplo: também passamos na frente dos laboratórios onde o famoso químico Dmitri Ivanovich Mendeleiev criou sua famosa tabela periódica de elementos. Por outro lado, em meio a todas essas visitas, houve algo que nos chamou fortemente a atenção: que tanto nos muros das cidades como na beira das estradas, frequentemente encontramos uma palavra que naquela época nos causava curiosidade: "Perestroika".

O que merece uma seção separada.

* * *

À frente da União Soviética estava um dos políticos que talvez devesse ser considerado um dos mais importantes do século XX: Mikhail Gorbachev. Tal apreciação poderia ser determinada por duas palavras que definiram seu trabalho político: Glasnost (Transparência) e Perestroika (Reconstrução). E, embora permanecesse à frente do partido ditatorial que o havia levado ao poder, suas reformas abriam os olhos de muitos que permaneciam apegados a um sistema que já apresentava claros sinais de putrefação. O comunismo desabava vertiginosamente, em harmonia com a enorme incoerência que lhe dera os alicerces e que lhe permitira sobreviver somente pela força do terror. Em seguida, houve a queda do infame Muro de Berlim, que simbolizava uma cerca que separava o prisioneiro do homem livre. O evento havia sido realizado sem a violência que se poderia esperar, talvez para prevenir o que aconteceu pouco antes (junho do mesmo ano) na praça Tiananmen, em Pequim, capital da China, onde o Exército havia reprimido violentamente um movimento de tendência democratizante organizado por estudantes.

E, logo após a queda desse muro de sinistra memória, o terrível Ceausescu[73] perderia o poder e a vida na Romênia. Os Países Bálticos exigiriam (e conseguiriam) sua independência, e o mesmo aconteceria com um grande número das outras repúblicas que constituíam a URSS. Algo semelhante

aconteceria com todos os Estados do Leste Europeu, países que contribuíram com uma enorme cota de cadáveres, tanto militares quanto civis. Então ficou claro que, se o mundo já havia identificado o carrasco de seis milhões de judeus, agora tinha de identificar o algoz de cerca de cinquenta milhões de pessoas, metade das quais eram os humildes camponeses russos cuja redenção foi o principal pretexto para a revolução bolchevique. A outra metade era basicamente composta por chineses e outros asiáticos que tinham perdido a vida por causa da doutrina maoísta e outras doutrinas semelhantes a ela.

Depois, Gorbachev ficou de fora dos grupos que determinam o rumo que o mundo deve percorrer, mas ninguém pode lhe tirar o mérito de ter sido aquele que fez o mundo enxergar (Glasnost) o esgoto que inundava a ditadura, o que conseguiu com a supressão progressiva da censura, e que introduziu as mudanças iniciais (Perestroika) para suprimir aquela administração econômica e política obsoleta que não tinha conseguido fazer mais do que empobrecer o povo, com a ajuda de uma corrupção brutal e o pesado fardo de uma inércia burocrática avassaladora.

Não significa, longe disso, que o mundo já esteja no caminho ideal. A tendência oposta, isto é: o capitalismo radical, representa mais um grande esgoto que, na minha opinião pessoal, pode estar à espera do “Gorbachev Ocidental” para realizar as respectivas Glasnost e Perestroika (que nesse caso deveriam se chamar Transparency and Restoration, como atenção especial ao local de onde devem provir).

* * *

Florinda havia começado o que poderia ser considerado uma tarefa irrealizável: escrever, produzir e estrelar uma novela, algo que nunca havia sido feito por ninguém e que jamais seria tentado novamente. (Talvez porque nunca tenha havido alguém que tivesse a habilidade e a tenacidade com que ela enfrentou o formidável desafio.) Como se os requisitos fossem poucos, ela também teve de cantar e dançar um grande número de atos musicais de várias épocas.

Para conseguir isso, ela teve de percorrer um caminho que não era coberto por tapetes confortáveis – muito pelo contrário. Para começar, não havia uma única pessoa que confiasse que ela seria capaz de escrever uma telenovela. Na verdade, dói-me confessar que eu próprio fui um dos que nutria algumas dúvidas. Eu sabia que Florinda havia escrito um bom número de diálogos que mostravam habilidade literária e excelente estrutura dramatúrgica, mas telenovela? Esse gênero, nascido no século XX, é condicionado por fatores inteiramente exclusivos; como sua dimensão, por exemplo: de cento e oitenta a

duzentos e cinquenta capítulos (às vezes até mais) que devem preservar a continuidade sem destruir a essência do tema central, mas admitindo a inclusão de uma série de subtópicos; e todos constituídos de tal forma que existam "picos" de emoção, interesse e incerteza que ajudem a captar a atenção dos espectadores. Como se não bastasse, esses picos devem ser de maior força quando colocados ao final do capítulo, e ainda mais quando se tratar do capítulo de sexta-feira. Etc. Etc.

Mas, então, quando tive a oportunidade de ler um bom número dos capítulos iniciais, descobri que eram excelentes. Tanto que pedi para ser eu o diretor artístico da novela, com a ajuda do meu filho Roberto na direção de fotografia. Florinda concordou, então começamos a revisar a papelada necessária, não imaginando que isso se transformaria em algo como uma Via-Sacra. Em primeiro lugar, objetou-se que uma única pessoa (Florinda, no caso) pudesse ser simultaneamente escritora, produtora e protagonista de uma novela. É verdade que no meu programa eu exercia três funções: escrever, atuar e dirigir, mas me abstinha de intervir na produção executiva, que estava a cargo do meu irmão Horacio (depois estaria Florinda, auxiliada por Horacio). E se a produção, é justo dizer, exige mais dedicação, é igualmente justo dizer que qualquer deficiência nesse sentido seria amplamente superada pelo entusiasmo e pela capacidade de Florinda.

Mas havia uma objeção ainda maior: "Onde já se viu", mais de um perguntou, "um comediante conseguir desempenhar um papel 'sério'?". E os muito estúpidos estavam falando sério quando diziam "sério", como se as comédias não fossem feitas com seriedade! "Se nos episódios de *Chespirito* ela faz você rir alto com o personagem Chimoltrúfia", opinavam outros, "quem poderá acreditar quando ela estiver chorando em uma cena de novela?" Só faltou alguém dizer: "Como é possível que Richard Burton tenha interpretado um homossexual, se tinha fama de ser um machão?". Ou ainda mais: "Como é possível que Pedro Infante tenha morrido, se ia fazer papéis de um homem eternamente saudável e robusto?".

Eu poderia citar um bom número de objeções adicionais, quase todas baseadas em raciocínios semelhantes aos já mencionados, mas prefiro ignorar as lembranças ruins e ir diretamente para a narração de todos os fatos positivos que vieram depois. A novela, que se chamava *Milagro y magia*, era diferente de todas as anteriores. E também acabou sendo diferente de todas as que foram feitas depois, porque, embora houvesse algumas que tentaram lhe copiar mais de um detalhe, nunca conseguiram. Em primeiro lugar, *Milagro y magia* pode ser considerada a primeira novela musical, já que a música não foi usada ali como simples pano de fundo ou reforço emocional, mas é um componente

fundamental da trama, já que a protagonista era uma cantora profissional. O argumento relata precisamente seu desenvolvimento através de muitas épocas – desde a primeira infância até sua morte, em idade avançada.
(Na condição de atriz, Florinda interpretou Elisa, a protagonista da história, desde quando o personagem tinha cerca de 15 anos até morrer, após ter passado dos 85.) Além disso, a história apresenta uma vasta seleção de números musicais, que vão desde a chotiça e a zarzuela dos tempos porfirianos e revolucionários,[74] até as canções que se tornaram famosas na segunda metade do século XX. Isso exigia, é claro, uma enorme variedade de cenários, figurinos, confecções, automóveis, mobílias, maquiagens, caracterizações etc., o que, por sua vez, implicava a mais extensa e rigorosa documentação. Fica aqui uma observação importante: quando a novela terminou, depois de demonstrar todos esses gastos que supunham mau emprego de recursos, acabou por ser a mais barata das novelas veiculadas naquele ano. Mas isso não foi alcançado nem por milagre nem por magia, mas pelo exercício honesto e inteligente da produção.

O trabalho também exigiu um forte investimento de tempo e esforço, principalmente no que se refere à gravação das músicas e aos exaustivos ensaios de canções, coreografias e cenas especiais. Mas, finalmente, todos os esforços foram compensados de mil maneiras, entre as quais se destaca a alegria de ter atrizes e atores como Ofelia Guilmáin, Miguel Palmer, Rafael Sánchez Navarro, Roberto Cañedo, Carlos Bracho, Juan Antonio Edwards, Tony Carbajal, Inés Morales e, claro, Florinda Meza.

Milagro y magia também teve outras contribuições que eu chamaria de "familiares", já que minha filha Paulina e meu neto Pedro também atuaram na novela. Paulina, a caçula da minha prole, interpretou uma menina mimada, e, com o tempo, o mesmo personagem se transformou em uma adolescente. Em ambas as intervenções, ela revelou um talento cômico além do comum, já que excedeu em muito o que se poderia esperar de uma garota com pouquíssima experiência em atuação.
E meu neto, Pedro, fazia o papel de um bebê que correspondia à sua idade. Nessa circunstância, não é possível saber se o "ator" interpretou bem ou mal, mas, no caso de Pedro, pode-se dizer que ele mostrou uma imagem insuperável de um bebê bonito e simpático.

Por outro lado, na novela foi um verdadeiro prazer ver e ouvir a encenação de números como "El pichi", "La violetera", "La verbena de San Antonio", "Vino tinto con sifón", bem como de "Di por qué" e "El negrito bailarín", de Cri-Cri,[75] além de "Vereda tropical", "Azul" e tantas outras canções, nas vozes maravilhosas de Florinda e Alberto Ángel "El Cuervo", entre outros, além das excelentes coreografias de Carlos Feria, com bailarinos selecionados de sua

escola.

Mas *Milagro y magia* contava com outra peculiaridade que também não tinha paralelo: ignorando as “fórmulas” batidas que as novelas costumavam usar, nesta nenhum dos “bonzinhos” era cem por cento bom, assim como nenhum dos “malvados” era cem por cento mau. Elisa, a protagonista, mostrava as fragilidades do ser humano, aquelas que nos fazem perder o bom caminho em mais de uma ocasião. E seus antagonistas, homens ou mulheres, estavam longe de ser a encarnação absoluta do demônio. Eles tiveram, também como todos os seres humanos, lampejos de bondade e arrependimento, por exemplo.

A novela teve de suportar mais uma série de ataques, como a exibição em horários inadequados e suscetíveis a mudanças, menor divulgação do que outras novelas e, sobretudo, de acordo com o que haviam antecipado, o ataque implacável e malicioso do setor mais baixo do jornalismo de entretenimento. Aquele que rascunha às pressas as páginas desprezíveis porque não consegue fazer os elogios venderem. O triste iletrado que não conhece os rudimentos mais elementares do que é a atuação, e que dessa perspectiva paupérrima insistia em dizer que Florinda continuava interpretando Chimoltrúfia. O bronco que nunca soube distinguir um suspiro de um bocejo.

Infelizmente, os mal-intencionados alcançaram, pelo menos em parte, seu objetivo, porque, apesar de *Milagro y magia* ter alcançado uma audiência excelente, os elogios foram grosseiramente preteridos por esse tipo de imprensa, tanto escrita quanto televisiva. Felizmente, o mesmo não aconteceu com o público, que expressou de mil maneiras sua predileção pela novela. Ainda como uma compensação tardia, Florinda e eu continuamos a encontrar pessoas que muitos anos depois continuam se desfazendo em elogios pelas recordações de *Milagro y magia*, perguntando onde poderiam conseguir as gravações, bem como as músicas que continham. (Esses vídeos, aliás, foram gravados por alguns telespectadores e agora são objetos de coleção.)

* * *

Entre as anedotas que surgiram durante a gravação da novela, gosto de lembrar a que se passava no corredor da XEW, “a voz da América Latina desde o México”, a saudosa estação de rádio para a qual escrevi meu primeiro roteiro profissional. Certa ocasião, eu estava supervisionando a gravação em um monitor instalado em frente à minha cadeira, quando fui interrompido por um jovenzinho que veio me pedir um autógrafo.

– Eu sou seu maior fã! – ele me disse. – Eu assisto aos seus programas desde que comecei a falar!

Atendi de bom grado e apertei a mão que ele me estendeu com franqueza. E

então, quando ele saiu, percebi que Janete, a simpática e eficiente continuísta da novela, olhava-me com um sorriso levemente zombeteiro nos lábios. Então se aproximou de mim e disse:

– Eu sei que o senhor não percebeu, mas poderia imaginar que existem milhares e milhares de meninas que dariam qualquer coisa para conseguir um autógrafo do menino que acabou de pedir o seu?

– Não me diga! – comentei, genuinamente surpreso.

– Bem, sim. Agora ele canta sozinho, mas o senhor pode tê-lo visto quando o menino fazia parte do grupo Menudo.

– Bem, claro que vi o grupo, mas…

– O nome dele é Ricky Martin – ela interrompeu –, e tudo indica que ele será o maior ídolo da juventude.

Janete tinha razão: Ricky alcançou alturas insuspeitadas, não só em Porto Rico (sua terra natal), mas também em toda a América Latina, nos Estados Unidos, na Europa e em outras latitudes.

Algum tempo depois, aliás, fui tema de uma homenagem na Televisa em que recebi gentis felicitações de personagens famosos, uma delas assinada por Ricky, que então já estava instalado no auge da popularidade. Naquela época, eu não imaginava que alguns anos depois Ricky Martin voltaria a ser o protagonista de mais uma de minhas anedotas, como narrarei algumas páginas mais adiante.

Nesse ínterim, voltando à gravação de *Milagro y magia*, devo dizer que também tenho uma lembrança desagradável daqueles dias: estávamos filmando algumas cenas nos Estúdios América, quando meu filho Roberto (que era o diretor de câmera) recebeu um telefonema na cabine da unidade móvel que realizava a gravação, por meio do qual foi informado de que a casa de sua irmã Cecilia acabava de ser incendiada. Nós não suspendemos as gravações porque minha filha Cecilia nos explicou pessoalmente que ninguém, nem da família nem estranhos, tinha sofrido danos físicos. Mas a perda material foi considerável, e o choque, imenso.

O acidente havia sido causado pela explosão de um caminhão de gás, cujo efeito se espalhou pela casa da minha filha e por outras duas. Posteriormente, como já é de praxe, entre a seguradora e a distribuidora de gás, elas conseguiram pagar no máximo quinze ou vinte por cento do que representavam os prejuízos.

* * *

Roberto, ocupando o quinto lugar da minha prole e o único representante do gênero masculino no dito conglomerado, também decidiu abandonar a solteirice. Casou-se com Kim Bolívar, de sangue colombiano (de seu pai Tacho) e holandês (de sua mãe Marielka), uma garota que combina sua beleza natural com muitos

outros atributos, incluindo sua integridade, sua simpatia e, como se não fosse suficiente, conhecimentos de espanhol, inglês, francês, holandês, italiano, alemão e algumas outras línguas.

Roberto e Kim mais tarde tiveram dois filhos tão bonitos quanto cuidadosos: Roby e Tamara. E tão bons atletas! Pois bem, por exemplo, aos 4 anos, Roby já sabia nadar, sem muito esforço, os cinquenta metros de uma piscina olímpica. E logo depois ele começou a jogar no time de futebol da escola, ajudando-o a vencer os dois primeiros jogos com resultados de 4 a 0 e 5 a 1. Com quanto Roby contribuiu para esses triunfos? Bem, ele "apenas" marcou todos os nove gols de seu time (claro: com os genes do futebol de um avô como eu!). E o que dizer de Tamara, esquiando também na idade de 4 anos? (Embora aqui eu deva admitir que não foi um produto dos meus genes, pois em toda a minha vida eu não soube o que é pôr esquis nos pés.)

O destino, porém, muitas vezes se encarrega de traçar caminhos imprevisíveis, já que Kim e Roberto decidiram encerrar o relacionamento e recorreram ao divórcio. A que isso se deve? Apenas os dois sabem. O fato é que Kim (a quem ainda amo muito) agora mora em San Diego, Califórnia, na companhia de seus adoráveis filhos. E Roberto precisa fazer viagens frequentes para passar o máximo de tempo possível com eles. Mas tenho de me contentar com encontros muito menos frequentes, além do orgulho de saber que Tamara e Roby são dois outros membros do seleto grupo descrito como "os doze melhores netos do mundo". (A propósito, não tenho certeza se esse recorde está oficialmente registrado no Guinness, mas, na pior das hipóteses, suponho que será apenas uma questão de cumprir alguns trâmites.)

A propósito, acho que este é o lugar apropriado para narrar a anedota que prometi nas páginas anteriores.

Meu neto Roby, filho do meu filho Roberto, mais tarde seria matriculado em uma escola em San Diego, Califórnia, onde os pequenos alunos tiveram e responder a várias perguntas, uma delas sendo: "Quem é seu personagem favorito?", e meu orgulho alcançou alturas insuspeitadas quando soube que Roby havia respondido: "Meu personagem favorito é meu avô Róber" (que sou eu). Mas então perguntaram a ele: "E por que vovô Róber é seu personagem favorito?". Meu neto respondeu: "Porque ele é amigo do Ricky Martin".

* * *

Ao longo de toda a gravação de *Milagro y magia*, Florinda vinha suportando mais do que estoicamente um acúmulo de dores intensas, apesar da advertência médica que enfatizava a necessidade de tratamento imediato. No entanto, ela esperou até que o trabalho árduo terminasse, e só então se sujeitou ao urgente e

inevitável: a cirurgia que retirou seu útero, seus ovários etc. O trauma se complicava pela dificuldade de obter sangue com o fator RH negativo de que necessitava, mas, felizmente, ela teve a atenção muito habilidosa e cordial do prestigioso médico Dr. Óscar Mendizábal, cirurgião e amigo que realizou uma operação maravilhosa, o que contribuiu para que a recuperação de Florinda fosse ainda mais rápida do que o esperado.

Com a cirurgia, Florinda perdeu todas as possibilidades de realizar o que poderia ter sido o mais caro de seus sonhos: a maternidade. Porque, se eu já conheci uma mulher com um grande instinto maternal, essa mulher é Florinda Meza. Não há bebê que não desperte nela o desejo de torná-lo objeto de toda sua proteção e de toda sua ternura. E isso não se limita aos bebês, pois da mesma forma se desdobra para abrigar toda criança ou adolescente que necessite de alguma ajuda, sem distinção de cor, raça, credo ou posição social. “Há ocasiões”, diz ela, “em que uma criança rica precisa de mais ajuda do que uma pobre”, com o que ela obviamente se refere ao auxílio em atenção e em carinho, muito mais importantes do que o financeiro. Resumindo: se há alguém maternal, repito, é Florinda Meza.

Tudo isso faz crescer o reconhecimento sem limites do quanto devo agradecer a quem decidiu unir o destino dela ao meu. Pois, antes de iniciarmos nosso bem-aventurado relacionamento, Florinda sabia que eu havia recorrido à vasectomia logo após o nascimento da minha última filha (Paulina), a pedido de Graciela e seu ginecologista, que consideravam tal procedimento um recurso necessário para a saúde dela. Assim, Florinda sabia que, comigo, ficava eliminada qualquer possibilidade de um dia alcançar o dom inestimável da maternidade. E, mesmo ciente disso, ela se juntou a mim.

* * *

Em certa ocasião, o presidente Carlos Salinas de Gortari visitou as instalações da Televisa San Ángel, acompanhado por Emilio Azcárraga Milmo e um seleto grupo da empresa. Naquela época, eu dirigia a novela *Milagro y magia*, em cujo estúdio fui apresentado ao presidente, que me lisonjeou, dizendo: “Claro! Quem não conhece Chespirito?”.

Pouco tempo depois, houve um café da manhã, também nas instalações da Televisa San Ángel, onde voltei a dividir o espaço com o então presidente (para ser sincero, posso garantir que deram a ele mais espaço do que a mim). Mas, nessa ocasião, também tive um breve encontro que mais tarde seria muito mais importante para mim: Emilio Azcárraga Milmo me apresentou a um jovem de quem já havia me falado muitas vezes, seu filho Emilio Azcárraga Jean, que na época não contava com mais de 23 ou 24 anos. Naquela época, eu estava muito

longe de imaginar qual seria o significado daquele menino para a empresa e, portanto, para mim.

Eu ainda teria mais uma reunião com o presidente Salinas de Gortari; foi durante uma refeição dos trabalhadores da Indústria de Rádio e Televisão, onde me presentearam com o troféu anual (denominado Antena, creio) que foi depositado nas minhas mãos pelo presidente, que não tornei a ver pessoalmente. Aliás, eu dizer que não tenho certeza do nome do troféu não se deve a nenhum tipo de "arrogância" da minha parte, nem a nada do tipo. O que acontece é que nunca me interessei por troféus quando estes são obtidos após uma competição, aqueles em que existem pré-selecionados ou um maior número de concorrentes e que são atribuídos após o apresentador dizer "E o vencedor é…". Embora eu deva admitir que recebi alguns deles. E os agradeci, sim, mas apenas pela gentileza que tiveram aqueles que decidiram concedê-los a mim, mas não porque os tenha apreciado como valiosos. É preciso também reconhecer que há uma diferença entre estes e muitos que não valem o pobre material com que foram feitos; mas nem mesmo o famoso Oscar é um reflexo fiel da qualidade de quem o obtém. Em todos (absolutamente todos) os troféus concedidos por meio de competições no teatro, no cinema e na televisão, os interesses criados representam a maior quantidade de votos a favor (ou a "desfavor"). Como se não bastasse, as injustiças que se cometem são grandes e cotidianas. Como é possível, por exemplo, que um ator seja considerado o melhor do ano, se seus inúmeros colegas não tiveram a oportunidade de desempenhar o delicioso papel que ele teve a sorte de interpretar? Ou como é possível que um roteirista seja ignorado porque seu bom argumento foi dirigido por um idiota, ou porque foi representado por um galã que usurpa sem a menor modéstia o título de ator? Além disso, mesmo o aplauso não deve ser considerado um troféu imaculado… porque depende de sua procedência e de quais circunstâncias ele deriva.

Como exemplo das injustiças cometidas a esse respeito, basta mencionar que Charles Chaplin nunca ganhou um Oscar em Hollywood.[76]

XVI

Há algum tempo eu tinha começado a escrever uma comédia para teatro, criada para ser protagonizada por Mauricio Garcés, mas a interrompi quando o excelente ator teve problemas de saúde que impossibilitaram sua participação em um palco teatral, sendo o principal deles uma afonia crônica e irreversível. No fim das contas, o insuperável comediante faleceu, deixando no mundo do espetáculo um vazio impossível de preencher. Eu, é claro, engavetei o projeto teatral.

Vários anos depois, Florinda deu uma olhada em *El injerto* [A inseminação] (como eu havia inicialmente intitulado a obra inacabada) e fez um comentário que mais tarde se tornou um elemento fundamental de nossa trajetória artística:

– Por que você não termina essa peça – disse ela –, adaptando o personagem do chofer para que seja apropriado a você, e depois a colocamos em um teatro?

A ideia inicialmente me pegou de surpresa, mas logo percebi que o fato não só era possível, mas também dava um vislumbre de boas chances de sucesso; então comecei a tarefa e em pouco tempo terminei a adaptação. Mas então recebi uma nova surpresa de Florinda, que me disse, quando leu a tal adaptação:

– Ei: não seria possível acrescentar algo mais?

– Do que você está falando?

– Daquela sequência que fizemos no show da casa noturna: a do código numérico.

De alguma forma, percebi automaticamente que não apenas era possível, como também abordava um tema totalmente relacionado com a peça, então poderia ser um grande elemento.

– Vou tentar e não acho que me seja difícil fazê-lo – disse eu –, mas uma dúvida me atormenta.

– Qual?

– Aquele show na casa noturna foi um fracasso.

– Não por nossa causa. E menos ainda por causa do roteiro! Não se esqueça de

como os poucos espectadores riram durante essa cena.

Lembrei-me facilmente, mas a memória me trouxe satisfação e dor ao mesmo tempo. Satisfação porque, de fato, o público sempre tinha celebrado a cena com uma gargalhada. Dor porque a experiência tinha durado um mínimo de tempo, sem que tivéssemos a oportunidade de demonstrar que era algo bom. Felizmente, a memória positiva superou a negativa, de modo que assumi de imediato a tarefa de fazer uma nova adaptação, que não se limitou a incluir aquela cena, mas o novo segmento passou a ser, até mesmo, uma parte estrutural da peça. E não demorou muito para ver que teríamos o maior dos sucessos… com o apoio do maior dos fracassos.

A comédia tinha outras características que poderiam ser traduzidas como elementos favoráveis; por exemplo, a montagem de um cenário único para os dois atos, o uso de trajes comuns e atuais como figurino, e a exigência de apenas cinco atores (quatro homens e uma mulher), dois dos quais já estavam escolhidos: Florinda como Cristina, o único papel feminino, e eu como o motorista do trailer, um papel cuja adaptação me levou a terminar o roteiro. Bastaria cobrir os papéis de Cristóbal, marido de Cristina, do Dr. Arenas e de Fernando Lobo, o playboy folgado que eu havia criado inicialmente para Mauricio Garcés.

Mas, antes de contratar o elenco, foi necessário garantir um teatro para montar a peça. E isso não foi fácil. O projeto foi inicialmente apresentado a Víctor Hugo O'Farril, então autoridade máxima da Televisa San Ángel, sob cujas ordens havia uma equipe encarregada de supervisionar e avaliar os projetos teatrais, mas acredito que essa equipe nem sequer tenha lido a peça. Então, levei o projeto para Felá Fábregas, esposa do incomparável Manolo Fábregas, encarregada de toda a produção de Manolo, que me disse que a obra era boa, mas que o tom "picante" a tornava inadequada para seus prestigiosos teatros. Ela estava certa em respeitar as condições que julgava necessárias para manter esse prestígio, por isso não insisti. (Posteriormente, porém, Felá teria de se adaptar às mudanças dos tempos, que sugeriam critérios mais amplos para qualificar uma peça teatral.) Depois, levei a obra para dona Angélica Ortiz, que estava encarregada da administração de outro teatro, mas ela, sem ter lido o texto, disse-me:

– Não preciso ler a peça. Eu contrataria Chespirito de olhos fechados… mas para fazer matinês com peças dedicadas às crianças.

– É que nunca fiz algo pensando exclusivamente nas crianças – disse eu. – Escrevo para toda a família. E acontece que, precisamente, esta não é uma peça adequada para menores de 11 ou 12 anos.

– Então a adapte para crianças de todas as idades.

E tive de me despedir (sim, com toda a amabilidade) da Sra. Angélica. Mais

tarde fui a Silvia Piñal, dona de um esplêndido teatro que então era dirigido por Ramiro Jiménez (a cujo encargo esteve por muito tempo a administração do Teatro Insurgentes), que, por sua vez, também tinha sido meu colega de escola no ensino fundamental. Ramiro, como é seu hábito inveterado, elogiou-me (como faz com qualquer pessoa que tenha à sua frente) e prometeu ler minha obra imediatamente, além de me assegurar que faria o relatório correspondente a Silvia Piñal. Logo depois, porém, ele me disse que Silvia não tinha se interessado pela minha peça, embora, na opinião dele próprio, fosse uma boa comédia. Em seguida, acrescentou que, por coincidência, seu filho Pablo era o encarregado da administração de outro teatro, o Libanés, que procurava uma peça para montar em seu palco. E fomos ver Pablo Jiménez.

Pablo já havia lido *El injerto* e me garantiu que ele e seu parceiro, Jorge Nahum, tinham adorado. Em seguida, estabelecemos rapidamente as condições contratuais, após as quais Florinda e eu iniciamos a seleção dos atores que completariam o elenco. (Mais tarde, Nahum e Pablo teriam diferenças pessoais que os levariam a encerrar sua associação, de modo que Nahum foi excluído).

Juan Antonio Edwards tinha acabado de atuar conosco em *Milagro y magia*, de modo que tínhamos lembranças frescas de sua atuação e de sua presença física, chegando à conclusão de que tinha o necessário para interpretar Fernando Lobo, o playboy que nunca chegara a ser representado por Mauricio Garcés. Sua contratação não resultou em inconveniente algum, ao contrário do que aconteceu com o ator que tínhamos escolhido para o papel de Cristóbal: o excelente Moisés Suárez, pois ele tinha um compromisso que necessitava cumprir, apesar de ter ficado fascinado pela leitura de *El injerto*. Então, lembrei-me de outro ator que poderia ocupar seu lugar: Arturo García Tenorio, um homem cuja estatura alta (com seus 1,98 m ele fazia um bom contraste comigo, 1,60 m antes que os anos vividos fossem reduzindo minha já exígua estatura, milímetro a milímetro). Arturo, por coincidência, tinha feito sua estreia no meu programa de televisão, primeiramente como figurante, e depois tinha desempenhado, também no meu programa, o primeiro papel em que teve algumas falas.[77] Por fim, havia o personagem do
Dr. Arenas, para quem havia duas possibilidades: Edgar Vivar (um médico, aliás, na vida real) e Rubén Aguirre, ambos grandes atores do meu grupo de televisão. Mas Rubén estava ocupado e comprometido com um circo, onde se apresentava caracterizado como Professor Girafales, enquanto Edgar tinha problemas de saúde que também o impediam de aceitar o trabalho. Esses contratempos eram, logicamente, um tema recorrente nas minhas conversas, por isso não foi surpresa que, ao comentar sobre isso nas instalações da Sogem, eu encontrasse o ator que finalmente ficaria com o papel: Mario Casillas. Ele não era escritor, mas às vezes

ia à Sociedade dos Escritores jogar dominó, diversão que motivou meu contato com ele. O tipo físico de Mario também era o certo para o personagem.

A conjunção do elenco, porém, não esgotou a quantidade de problemas que tivemos de resolver, entre os quais se destacou a fama de "frio" do Teatro Libanés. "É confortável e funcional, dizia-se, mas por x ou z motivo o público não o frequenta". Mas não havia opções, então decidimos arriscar, com fé na própria obra. E tinha outra coisa de que não gostei muito: o título. E não porque *El injerto* fosse um título ruim, já que continha as vantagens da brevidade e da referência ao enredo, mas, não sei! Podia haver algo melhor. E encontrei! Então, para a perplexidade inicial de meus companheiros, anunciei:

– O título da comédia será *11 y 12*.

– O quê? Como? Qual? – eles me perguntaram, pensando que talvez tivessem ouvido mal.

– *11 y 12* – repeti. – Mas, além disso, escrito com números, não com letras.

Os companheiros conheciam a comédia, por isso entendiam o significado e sua relação com o enredo, mas nem por isso deixaram de suspeitar dele.

– Será que vai ser atraente para o público? – alguns perguntavam.

– Não será necessário fazer esclarecimentos ou dar explicações? – outros questionaram.

Também houve quem apoiasse imediatamente a ideia; então, esse ficou sendo o título definitivo: *11 y 12*. E logo percebemos que tinha sido um acerto.

* * *

A aventura teve início em 9 de abril de 1992, embora, como é comum na maioria dos teatros, tivessem ocorrido nos dias anteriores os chamados ensaios gerais, que são apresentações completas com cenário, iluminação, troca de figurino etc. e com público não pagante, mas composto por convidados (no nosso caso, uma apresentação com alunos do ensino fundamental e outra com alunos do ensino médio). Mais tarde, na apresentação oficial de estreia, o público paga apenas meia-entrada, pois também são muitos os convidados, só que então são convidados especiais, entre os quais se destaca a imprensa. Dessa vez, a apresentação de estreia foi um sucesso. Mas, e no dia seguinte?

Um fracasso retumbante! Sim, porque o número de espectadores não chegou a vinte por apresentação. Em outras palavras, repetia-se meu estilo pessoal de estrear uma peça tal como havia acontecido com *¡Silencio, recámara, acción!*, 26 anos antes, e com *Títere*, oito anos antes. Então, no primeiro dia, houve duas apresentações (era uma sexta-feira), e as vendas de ingressos foram um tanto quanto patéticas: sete lugares vendidos para o primeiro horário, e nove para o segundo. E devo confessar que, dessa vez, recorremos a uma mentira, porque aos

sete espectadores do primeiro espetáculo foi dada uma explicação que dizia mais ou menos assim: “Um dos atores acaba de nos informar por telefone que não poderá chegar a tempo para esta apresentação. O motivo é aquele que os senhores já sabem: as manifestações e as marchas… Pedimos muitas desculpas e solicitamos que venham à bilheteria para receber a devolução do seu dinheiro, a menos que queiram esperar e trocar seu ingresso para o próximo horário”.

E o estratagema acabou sendo moderadamente funcional, já que quatro dos sete espectadores (dois casais) decidiram trocar o seu ingresso para a apresentação seguinte, e, somados aos nove ingressos vendidos, compunham um público de treze pessoas. E a estas poderíamos acrescentar ainda um distraído que chegou tarde, com o que a apresentação pôde ter catorze pessoas na plateia.

– Bem, o teatro deve estar frio! – comentou mais de um –, porque muito poucas pessoas vêm, apesar do fato de que os poucos que vêm reagem maravilhosamente bem.

– Sem falar do que aconteceu nos ensaios gerais! – outro comentou. – Todos os estudantes ovacionaram a peça até não poderem mais.

– Será que as pessoas estão sem dinheiro…

– Então, os que vão aos outros teatros compram os ingressos com o quê?

– E como pagam os que assistem aos jogos de futebol?

E por aí vai. Mas ainda havia mais um fator em contrário: *11 y 12* era anunciada na televisão. Isso não deveria ser suficiente para preencher os 406 lugares do Teatro Libanés? Essa pergunta mais tarde encontraria a resposta: não. Publicidade, mesmo para o meio esplêndido que é a televisão, não é suficiente para gerar o triunfo de um produto. É necessário, sim; mas insuficiente. Porque, enfim, o mais importante é o próprio produto. Ou seja: a publicidade é necessária, mas o produto deve corresponder às expectativas que essa publicidade tiver proposto.

E tínhamos certeza disto: *11 y 12* era um produto de qualidade. Mas tínhamos também outra vantagem: a publicidade de uma peça de teatro (ou de um filme para o cinema, por exemplo) tem um grande cúmplice: o próprio público. (Meu filho Roberto notou esse fato e logo o pôs em prática, pois fez um “comercial” cuja imagem se limitava a mostrar o público às gargalhadas.) Porque, assim como às vezes nos é irresistível participar da divulgação de um rumor, também mostramos a melhor disposição para sermos os primeiros a contar aos parentes e amigos: “Não deixe de ver tal peça (ou filme)! É excelente!”.

Isso não acontece com a publicidade de outros produtos. Por exemplo: não me lembro de alguém que parecesse ansioso a contar a seus parentes e amigos algo como “Não pare de usar essa pasta de dente!”.

De tudo isso se podia deduzir algo inquestionável: tal processo estava

ocorrendo no caso de *11 y 12*. Pelo menos isso foi confirmado pelo aumento constante do número de espectadores. E logo o fenômeno se inverteu, pois, dos pouquíssimos espectadores que tínhamos inicialmente, conseguimos o primeiro "esgotado" em 25 de maio. Em outras palavras: apenas um mês e meio após a estreia da comédia. E não só: a partir dessa data, as sessões com bilhetes esgotados foram se encadeando consecutivamente (de terça a domingo), até que se estabelecesse um recorde ainda em vigor. (E vai continuar em vigor, porque ninguém mais faz apresentações de terça a domingo, como aconteceu com *11 y 12*.) Mas esse seria apenas um dos muitos recordes que *11 y 12* conseguiria conquistar, entre os quais cabe destacar o de sete anos de duração de sua temporada de estreia (no mesmo teatro). Nesse sentido, a peça que ocupa o segundo lugar é a excelente comédia musical *El diluvio que viene*, que durou pouco mais de três anos em sua temporada de estreia no Teatro San Rafael. Isso significa que *11 y 12* ficou em cartaz por mais do que o dobro do tempo da peça que está no segundo lugar.

Conseguem imaginar a quantidade de reconhecimentos e troféus que recebemos por tal motivo? Não façam nenhum esforço; a resposta é zero. Será por se tratar de uma peça escrita por um mexicano, dirigida por um mexicano, produzida por mexicanos e interpretada unicamente por mexicanos? Seria muito estranho, não?

E, na mesma linha dos sucessos, as anedotas que surgiram em torno da obra foram se acumulando; embora a primeira delas inclua uma circunstância anterior aos sucessos. Refiro-me ao convite que fiz formalmente aos que estariam encarregados de revelar a placa comemorativa das primeiras cem apresentações da obra, pois fiz esse convite vários dias antes da estreia de *11 y 12*. Os escolhidos foram meu amigo e presidente da Sogem José María Fernández Unsaín, sua linda e talentosa esposa, Jaqueline Andere, e sua linda filha, Chantal, atriz e cantora. Os três aceitaram de boa vontade, embora com a desconfiança lógica que José María demonstrou ao perguntar:

– Ouça-me, como se atreve a nos convidar para inaugurar uma placa de cem apresentações de uma obra quando ela ainda nem foi lançada?

– Bem – respondi –, é a fé que a gente tem…

Nem é preciso dizer que a placa comemorativa das cem apresentações foi revelada por José María, Jaqueline e Chantal.

Foram muitas as anedotas que surgiram em torno do sucesso de *11 y 12*. Entre elas, por exemplo: a frequência com que alguns espectadores repetiam a sua presença, entre os quais havia aqueles que tinham ido muitas vezes ver a comédia, como foi o caso de Alex Aguinaga, um dos melhores jogadores de futebol de todos os tempos contratados para jogar no México, que viu *11 y 12*

onze ou doze vezes; a maravilhosa cantora e compositora Crystal tem sido outra espectadora assídua, cujo grande senso de humor se deve à frase que ela usa:

– Vim ver a peça outra vez – ela sempre diz, ciente de que o verbo “ver” não é o correto para sua condição de deficiente visual.

Esse caso, aliás, não foi isolado, pois vários deficientes visuais já compareceram, alguns dos quais acompanhados dos cães treinados que lhes servem de guia.

Frequentadores regulares também eram muitos outros personagens dos círculos artísticos e políticos. Entre estes últimos, cabe destacar a presença muito assídua da senhora Carmen Romano, ex-esposa de José López Portillo (que ambos descansem em paz).

As anedotas são tantas que seria impossível encaixar todas aqui, mas não resisto à tentação de contar uma:

– Acabo de assistir à primeira das duas apresentações – disse um espectador que estava começando a sair com sua família. – Mas rimos tanto – acrescentou – que a dentadura do meu pai escorregou e caiu no chão. E deve estar embaixo do assento da frente, mas meu pai diz que daria muito trabalho entrar lá para procurá-la. Posso entrar e ver se a encontro?

A permissão foi concedida, é claro… e é claro que o jovem encontrou os dentes embaixo do assento da frente, tal como havia suposto. O rapaz agradeceu a permissão e saiu muito orgulhoso com a dentadura, entregou-a ao pai, e este se apressou em colocá-la de volta na boca.

* * *

Emilio Azcárraga me convidou para fazer parte de uma comissão que se encarregaria de avaliar os projetos apresentados para compor a produção da Televisa. Isso incluiria a revisão de ideias, roteiros etc. para programas de entretenimento, ou seja: humorísticos, musicais, novelas, concursos e outros. Em seguida, os programas-piloto gravados também seriam avaliados.

Entre os membros do comitê estava Emilio Azcárraga Jean, que recentemente me havia sido apresentado por seu pai. E, por coincidência, estava também Miguel Alemán Magnani, filho de outro amigo meu: Miguel Alemán Velazco. O grupo também era formado por Víctor Hugo O’Fárril, Jorge Eduardo Murguía, Alberto Ciurana, Max Arteaga, Pepe Bastón, José Luis Eroza, Luis de Llano Macedo, Félix Cortés Camarillo, Luis Reyes de la Maza, Roberto Gómez Bolaños e alguns mais, todos comandados por Emilio Azcárraga Milmo. Como regra geral, as reuniões eram realizadas nas tardes de quarta-feira, embora às vezes fosse escolhido outro dia da semana. Nossa participação não era remunerada.

As análises de avaliação muitas vezes levavam a debates acalorados, mas a amizade ou camaradagem que nos unia nunca foi prejudicada. Embora deva ser reconhecido que todos nós sempre concordamos com uma premissa inquestionável. Era a seguinte: “No final das contas, será feito tudo o que o Sr. Azcárraga Milmo disser”. Nesse sentido, é provável que eu tenha sido o mais afetado dos participantes, pois sempre fui quem mais vezes ousou discordar da opinião do chefe (claro, tomando cuidado para não exagerar).

Tive também a satisfação de alcançar conquistas positivas, pois mais de uma vez consegui evitar a gravação de novelas ou séries de humor que iam muito além dos extremos da morbidez, do sensacionalismo, da pobreza dramatúrgica, da falta de originalidade, só para citar alguns. Certa vez, também consegui evitar que dessem o papel de protagonista de uma novela a certa “atriz” cuja falta de capacidade de atuação só poderia ser compensada pelo excesso de nádegas. Em outras ocasiões, porém, não consegui convencer ninguém quando insisti em afirmar que um cantor deveria ter afinação e voz. Ou pelo menos afinação, mesmo que faltasse a voz. Ou digamos que pelo menos um pouquinho de voz, mesmo que não fosse muito afinada. Mas não. A única coisa de que um cantor precisa é ser bonito e muito sexy.

* * *

Duas coisas sempre distinguiram Edgar Vivar: sua enorme capacidade cômica… e seu enorme volume físico. O primeiro é altamente plausível, mas o último pode ser altamente perigoso. E esse foi o estado que ele atingiu de forma alarmante em algumas fases da sua existência, entre as quais se destacou a de 1992, quando a própria Televisa decidiu intervir sobre o assunto.

Já em certa ocasião, tivemos de intervir de uma maneira direta, quando o Dr. Roberto Monroy nos havia alertado sobre o perigo que representava a inclusão de Edgar em uma turnê na Argentina.

– O simples fato de embarcar em aviões – dissera o Dr. Monroy – pode representar um sério perigo. A própria atividade da turnê, a tensão emocional, a agitação são fatores que podem ser fortemente prejudiciais.

Como resultado de tal diagnóstico, Edgar foi privado de fazer parte de uma das turnês que fizemos na Argentina, o que lhe causou grande frustração. Mas a medida era necessária, como se constatou durante uma reunião da Comissão de Avaliação em que foi analisado o problema pessoal do nosso colega. Foi aí que o próprio Emilio Azcárraga Milmo colheu os pareceres de todos nós que fazíamos parte da comissão, até determinar que era necessário intervir diretamente.

– Qual é a clínica de maior prestígio no tratamento da obesidade? – perguntou o chefe.

Não lembro o nome do estabelecimento recomendado por algum dos presentes, mas lembro que se falava de uma terapia múltipla que incluía, claro, um tratamento psiquiátrico importantíssimo. A clínica ficava localizada na Califórnia, a determinada distância de Los Angeles, e era famosa pela alta eficácia de suas terapias e pelo alto custo destas. Apesar disso, Emilio decidiu mandar Edgar para lá, à custa da Televisa. E não só isso; ele também ordenou que, enquanto fosse submetido a tal terapia, Edgar deveria continuar a receber da empresa como se estivesse atuando no programa. Diante dessa medida, senti orgulho de pertencer a tal instituição.

Como comentário final, devo apenas acrescentar que a terapia durou quatro meses (de junho a outubro de 1992), durante os quais tive de descobrir como escrever os programas sem a participação do nosso querido e importantíssimo ator. E talvez este seja o lugar certo para comentar que algo semelhante aconteceu depois com outro membro do nosso grupo: Angelines Fernández, que sofria de uma doença diferente, mas que também a retirou dos estúdios da Televisa. Ela também se viu favorecida pela empresa com o pagamento ininterrupto do que correspondia a uma atuação que ela não podia realizar, situação que acabou algum tempo depois, com o falecimento de nossa querida e admirada companheira.[78]

* * *

Certo dia, em abril de 1993, no final de uma das muitas apresentações de *11 y 12* no Teatro Libanés, tivemos de comunicar ao público uma notícia muito triste: o incomparável Mario Moreno “Cantinflas” acabava de falecer. Isso parecia não fazer sentido para aqueles de nós que haviam seguido e apreciado sua carreira por tanto tempo; como se pensássemos que devesse haver alguma incongruência em afirmar que um imortal havia morrido. Em nosso palco, todos os atores mostraram seus olhos mais do que umedecidos.

* * *

Apenas um mês depois houve outra morte que também chocou todo o país, mas de forma diferente, sobretudo por ter sido fruto de um acontecimento sangrento sem precedentes no México, como foi o assassinato de dom Juan Jesús Posadas Ocampo, arcebispo de Guadalajara.

O crime ocorreu em plena luz do dia no estacionamento do aeroporto de Guadalajara, onde se presume que o alto sacerdote aguardaria a chegada do núncio apostólico Girolamo Prigione. Lá, ele foi surpreendido dentro de seu carro e ardilosamente crivado de balas por pistoleiros que, em seguida, segundo se comentou, contaram com as mais amplas facilidades para abandonar o local e fugir.

Quase ninguém deu crédito à versão oficial divulgada pouco depois, já que esta se inclinava a supor que os atos tivessem sido consequência de um conflito entre duas gangues rivais de narcotraficantes, uma das quais havia tentado matar "Chapo" Guzmán, membro importante da outra gangue. Os corpos ensanguentados do arcebispo e de seu motorista permaneceram nos assentos do carro, reconhecidos somente depois de terminados os tiroteios que se prolongaram em volta deles.

Os argumentos expressos em apoio à tese do conflito foram muito fracos, pois entre eles se destacou a suposta semelhança do carro do arcebispo com um dos muitos veículos que "Chapo" Guzmán costumava usar. E tão inacreditável quanto isso era a suposição de que os assassinos pudessem ter confundido o alto sacerdote com o traficante. Portanto, essas e muitas outras dúvidas fizeram do caso Posadas mais um dos inúmeros casos sem resolução pela justiça. Essa situação prevalece no momento em que estas linhas são escritas.

* * *

Naqueles dias, tivemos o luxo de descansar algumas semanas, de modo que Florinda e eu aproveitamos para embarcar em outro cruzeiro. Dessa vez, estávamos acompanhados por um bom grupo de parentes e amigos: meu irmão mais velho, Paco, com sua esposa, Marta; Ramiro Jiménez com Elsi, Pablo Jiménez e Lety (que havia sido assistente do meu programa e havia se casado recentemente com Pablo); meu filho Roberto com Kim; e minha filha Marcela com seu marido, Henry, e seu filho Andrés, que tinha uns dois ou três meses!

A viagem saiu de Civitavecchia, Itália, e terminou em Madri, depois de ter passado por locais como Sicília, Córsega, Pisa (por terra, claro), Monte Carlo, Maiorca, Málaga, o Rochedo de Gibraltar, Marrocos, Lisboa…

A bordo do cruzeiro, há sempre vários motivos para se divertir, entre os quais a excelência da comida, dos vinhos, do caviar (para quem gosta desse tipo de coisa, porque eu não gosto), dos espetáculos, dos bailes, do jogo nos cassinos etc. Nos cassinos, aliás, eles nos trataram maravilhosamente bem, pois todos nós ganhamos. O único contratempo a esse respeito foi o que aconteceu com meu filho Roberto quando percebeu que várias das fichas que compunham sua vitória haviam desaparecido… até que, algum tempo depois, e de volta à Cidade do México, ele as encontrou… em um bolso de seu *smoking*.

Teríamos gostado de prolongar a nossa boa sorte no jogo ao chegarmos a Monte Carlo, mas nem sequer nos permitiram entrar para conhecer o famoso cassino, luxuoso demais para acolher alguns esfarrapados que, além de usarem calças jeans ou bermudas de elegância muito duvidosa, carregavam um bebê (Andrés!) de mala e cuia e um carrinho. Tivemos de nos contentar em tomar um

café ou uma cerveja em um lugar que tivesse mesas ao ar livre. E ficamos orgulhosos de ver que as cervejas mais procuradas eram as mexicanas.

No Rochedo de Gibraltar existem macacos que, segundo a tradição, lá permanecerão enquanto a célebre ilhota continuar a pertencer à Inglaterra, de modo que são mimados como se fossem da Família Real. Mas as pessoas também cuidam dos turistas, alertando-os de que esses macacos costumam ser agressivos, por isso é recomendável evitar o contato com eles. Porém, a excessiva atratividade que muitos animaizinhos representam para Florinda fez com que ela se aproximasse deles de maneira imprudente, apenas para verificar que a excessiva atratividade é recíproca, pois uma macaca pulou e pousou na cabeça de minha mulher e, em vez de atacá-la, começou a brincar com seus cabelos. Em seguida, elas se despediram uma da outra com muito carinho.

O cruzeiro terminou em Lisboa, uma cidade que nos deliciou, tanto pelas ruas arborizadas e edifícios lendários como pela amabilidade e simpatia de sua população.

Mas devo lembrar que antes, a bordo do navio, minha família teve um comportamento mais do que marcante. Por um lado, destacou-se especialmente o comportamento impecável do pequenino Andrés, que deu o melhor exemplo do que deve ser um bebê que mantém a compostura; e, por outro lado, destacou-se o comportamento da mãe de Andrés, minha filha Marcela, que deu o melhor exemplo do que deve ser uma mulher jovem que não tem compostura possível, porque se soltou cantando a plenos pulmões e gesticulando com graça, sem a menor inibição, provocando o deleite de todos os turistas que tiveram a oportunidade de ver o show improvisado e insuperável.

No México, tudo parecia estar indo muito bem. Faltava apenas um ano para o final do mandato de seis anos que proclamava um bom número de acertos, um dos quais sendo, sem dúvida, a assinatura do tão esperado tratado de livre comércio firmado por Canadá, Estados Unidos e México,[79] que era como abrir a porta da frente para a antessala do Primeiro Mundo. E a verdade é que isso se confirmou com o passar do tempo, quando se percebeu que as vantagens do tratado superavam em muito as suas desvantagens, apesar das objeções apresentadas por quem ainda não sabia que o Muro de Berlim já havia sido demolido. Mas, seja como for, o tratado entrou em vigor em 1º de janeiro de 1994. No entanto, ele não veio sozinho; veio acompanhado.

* * *

Na madrugada do mesmo dia, 1º de janeiro de 1994, um grupo de guerrilheiros empreendeu um tiroteio contra os destacamentos policiais que pernoitavam em vários povoamentos do estado de Chiapas. A surpresa impediu

que a agressão fosse devidamente revidada, de modo que o número de baixas foi consideravelmente maior entre os policiais do que entre os guerrilheiros, embora, como se viu mais tarde, estes estivessem apenas parcialmente armados (muitos carregavam réplicas de madeira no lugar de rifles autênticos).

O grupo agressor se identificou pouco depois como EZLN (Exército Zapatista de Libertação Nacional) e afirmou que seu objetivo era fazer valerem os direitos indígenas, para o que declararam guerra ao governo mexicano chefiado por Carlos Salinas de Gortari. O Governo Federal respondeu enviando algumas tropas para a zona de conflito, as quais entraram em confronto com o grupo rebelde, cujo avanço elas impediram. No entanto, o EZLN contrariou as expectativas, refugiando-se na intrincada selva de Chiapas, onde, evidentemente, já contavam com acampamentos previamente estabelecidos.

Então, tornou-se público que o grupo rebelde agia sob as ordens de um guerrilheiro que escondia o rosto atrás de uma balaclava e que seu nome de batalha era Subcomandante Marcos. Sua imagem logo se tornou conhecida em diversos meios, inclusive pela moderna e sofisticada internet, que, como logo se tornou notório, foi habilmente administrada pela guerrilha, tanto no aspecto técnico quanto no promocional. Essa imagem incluía, além da balaclava, um boné rasgado e um lenço que evidenciava seu uso prolongado, uma faca, um rifle, uma pistola, uma cartucheira no peito (que, segundo conhecedores, carregam projéteis de calibre diferente daquele requerido por suas armas) e, como marca registrada, um cachimbo eternamente aceso que ele só tira dos lábios para comer (supostamente) ou falar (comprovadamente). Também se presume que ele o deixe ao lado da cama quando está dormindo ou quando está ali fazendo outra coisa.

Dotado de um carisma marcante, o Subcomandante Marcos veio a adquirir uma notoriedade que transcendeu amplamente as fronteiras. Sua popularidade se devia, presume-se, ao sucesso de ter feito coincidir a sua figura com a imagem de um novo messias: aquele que iria redimir não só os habitantes indígenas de Chiapas, mas também os habitantes de todas as regiões do mundo que fazem parte das chamadas “nações em desenvolvimento”; isto é: os pobres, que constituem a esmagadora maioria neste planeta chamado Terra.

Independentemente do significado que atribuamos a sua figura, não há dúvidas de que haja incongruências mais do que evidentes entre os termos da sua reivindicação, pois, se, por um lado, aponta-se a urgência de socorrer os povos indígenas, por outro lado, isso deve ser feito sem alterar os chamados “usos e costumes” das ditas comunidades. Isso equivaleria a dizer, por exemplo: “É necessário proporcionar alimento a esses pobrezinhos; mas deve ser um alimento adequado aos seus usos e costumes”, sem esquecer que os pobrezinhos são

canibais há milhares de anos. Exagerei? Bem, vejamos outro exemplo: “É necessário ensiná-los a respeitar as mulheres”, mas sem privar o marido do direito que ele tem de quebrar a cara da esposa quando ela cometer o menor erro. Exagerei de novo? Não; não dessa vez. Cumpri apenas o estabelecido pelos “usos e costumes” em algumas regiões do nosso país. E eu poderia acrescentar uma infinidade de exemplos semelhantes, mas acho que bastará lembrar um deles: o que estabelece que suas autoridades não podem ser eleitas por voto secreto ou pessoal; é obrigatório votar abertamente (à vista de todos) e como parte de um conglomerado que deve apoiar o cacique correspondente.

Mas e daí? Não há como fazer algo pelos milhões de indígenas que precisam de ajuda para serem resgatados daquele “submundo” em que estão atolados? Claro que sim! E o primeiro passo teria de ser a rejeição daqueles que se valem do fácil recurso da demagogia para se tornar supostos defensores dos desamparados, quando, na realidade, o que procuram é exatamente o contrário: que os indígenas permaneçam no atraso que os obriga a continuar integrando um rebanho que se deixa conduzir com docilidade; naquele atraso que os impede de conhecer os benefícios que se obtêm quando há estradas que se comunicam; quando se tem instalações elétricas que fornecem energia (aquela que não pode ser alcançada sem a tecnologia que foi vetada por seus “usos e costumes”). E, de uma forma muito especial, quando se pode falar, ler e escrever em espanhol, o primeiro recurso necessário para – pelo menos na América Hispânica – iniciar o caminho que leva à superação, tal como fizeram, por exemplo, Ignacio Manuel Altamirano, David Henestrosa e Benito Juárez.

No entanto, é necessário reconhecer que Marcos e seus seguidores não tiveram de fazer muito esforço para justificar sua rebelião; disso já se encarregaram os maus-tratos que os indígenas receberam por parte dos governos federal e estadual durante muitos anos, e dos caciques que continuam existindo… muitos dos quais, infelizmente, também são indígenas.

A situação se prolongaria, tornando-se muito mais um confronto de declarações do que um confronto militar, o que seria inconveniente para ambas as partes, pois um ataque frontal do Exército Federal faria com que este adquirisse a condição de repressor sem misericórdia, enquanto outra ação semelhante por parte do EZLN o transformaria em um simples executor de práticas terroristas.

Uma parte relevante do conflito foi dom Samuel Ruiz, que por muito tempo foi bispo de San Cristóbal de las Casas. Sua participação já era considerada polêmica havia muito tempo, pois ele tanto conta a seu favor com legiões que o classificam como santo, como aglutina em contrário os detratores que o consideram um arquiteto do terrorismo. Mas também é provável que todas as

suas ações, certas ou erradas, sejam regidas por um espírito de caridade.

Em minha opinião particular, nenhuma dessas considerações é suficiente para justificar o uso da violência como método para atingir um objetivo, seja ele qual for.

* * *

Mas 1994 foi um ano que não se contentou com a rebelião de Chiapas, pois ainda guardava muitas surpresas, algumas das quais brutalmente violentas.

Em meio a silenciosas lutas internas no partido, o "dedaço" presidencial havia designado Luis Donaldo Colosio como herdeiro do cargo, um político que não só parecia representar a melhor opção para o PRI, mas também revelava características que poderiam ajudá-lo a ser um bom presidente para a grande maioria dos mexicanos. Essa conjectura pareceu ser confirmada por alguns conceitos expressos nos discursos do candidato, entre eles a insinuação de que iria procurar uma maior democracia, não só no nível da participação nacional, mas também na gestão interna do próprio PRI. Isso necessariamente incluía uma ruptura saudável com o embaraçoso passado, o que dificilmente poderia ser bem-visto por muitos que corriam o risco de ser afetados. Mas tudo isso ficou na palavra que usei algumas linhas atrás: "conjectura", pois dois tiros acabaram com a vida do promissor político.

Colosio acabava de proferir mais um de seus discursos (que viria a ser o último) diante de uma multidão que se aglomerava em Lomas Taurinas, bairro popular de Tijuana. Entre as pessoas estavam, é claro, os grandes grupos de manifestantes "comprados", embora houvesse também manifestantes que comparecessem de livre e espontânea vontade. O fato é que os dois grupos formavam uma multidão em torno de Luis Donaldo quando este terminava seu discurso, obviamente dificultando seu deslocamento. Mas isso é comum nesse tipo de manifestação, então alguém aproveitou a circunstância para se aproximar e atirar no candidato à queima-roupa.

Não se pode duvidar de que o autor material do crime tenha sido Mario Aburto, um jovem que foi preso e colocado sob custódia, embora logo depois tenham abundado versões que apontassem a possível intervenção de um segundo executor. Isso tem sido motivo de uma especulação sem fim com suas respectivas discussões; embora pareça difícil supor que uma figura política duvidosa contrataria alguém do tipo de Aburto como atirador, em vez de recrutar os serviços de um atirador experiente, que, além disso, teria recebido qualquer uma das armas altamente eficazes que com tanta facilidade se pode conseguir, em vez da pistola ridícula usada por Mario Aburto. Por outro lado, a sombria figura política que teria feito a contratação com tal objetivo teria garantido, em

primeiro lugar, que o assassino material também morresse ali mesmo, única forma de evitar a possível acusação contra ele; e, se o executor não morresse no local, não haveria cárcere que pudesse impedir o referido executor de ser posteriormente executado por outro executor. E muitos anos se passaram desde então; pelo menos o suficiente para que a oportunidade de agir em consequência já se apresentasse. A título de luto, no Teatro Libanés, suspendemos as apresentações de *11 y 12* na data do sepultamento de Luis Donaldo Colosio.

E não demoraria muito para que outro crime político abalasse a nação mexicana: ao sair de um café da manhã realizado em um restaurante central da capital, foi executado com um tiro, de forma desleal, Francisco Ruiz Masieu, ilustre político que havia sido governador do estado de Guerrero e que na época exercia a liderança política do PRI. O assassinato teria consequências de enorme importância no país.

* * *

Mas a vida continua seu curso, e, para a nossa comédia *11 y 12*, felizmente, esse curso continuou a gerar um gráfico ascendente, pois os ingressos continuavam a se esgotar com perseverança diária. Com a mesma perseverança zelamos pela continuidade do bom desempenho daqueles que participavam da obra.

Nas laterais internas do teatro existem cabines técnicas que podem ser acessadas por escadas convenientes e que têm utilizações diversas, dentre as quais se destacam a colocação e a manutenção dos equipamentos de iluminação. Isso é feito por meio de uma abertura em forma de janela, que é coberta por uma cortina durante as apresentações. Mas logo descobri que todos esses elementos se juntavam para dar a essas cabines técnicas o status de torres de vigia imbatíveis, já que delas dava para ver perfeitamente tanto o palco quanto o público. Fiz isso inclinando-me por uma fresta da cortina sem arriscar ser visto, pois as luzes de um lado impediam que direcionassem o olhar nessa direção. Como se não bastasse, fiz a “espionagem” confortavelmente sentado em uma cadeira que ali havia colocado. E de um lado da cadeira coloquei um tapete, no qual fazia alguns exercícios (agachamentos e flexões) durante os períodos apropriados de cada sessão.

Essa vigilância permitia, entre outras coisas, certificar-me de que cada apresentação fosse realizada de forma adequada; ou seja: que não houvesse anomalias na performance de técnicos e atores. Em relação aos primeiros, eu garantia que fossem feitas no devido tempo as mudanças de iluminação, coordenadas com as entradas e saídas dos fundos musicais, o volume destes (incluindo o de possíveis microfones), a colocação precisa dos móveis, objetos

de cena e demais componentes do cenário. Em relação aos atores, supervisionava para que jamais se perdesse o respeito devido ao público, à peça e aos companheiros de palco. As formas como um ator tende a faltar com o respeito que o público merece são muito diversas; e a maior é a representação feita sem entrega, aquela feita apenas para quebrar o galho ou apenas para "cumprir o expediente". Isso pode ser devido ao aborrecimento (momentâneo ou crônico), à falta de concentração produzida por problemas pessoais, bem como à presença de alguém especial no público, ao desânimo gerado por marchas de protesto, fortes chuvas ou qualquer outra causa que gere um volume reduzido de espectadores, e por tantas outras razões. O respeito pela obra se perde, por exemplo, quando o texto é alterado, ampliado, encurtado… a menos que as modificações tenham sido previamente planejadas e aceitas pelo autor e/ou pelo diretor da peça. E a falta de respeito pelos companheiros de palco se mostra de maneiras ainda mais diversas; basta apontar como exemplos a zombaria que possa chamar a atenção para o equívoco do outro ou provocar o desvio de atenção do público de um colega, seja tomando posições inadequadas no palco, seja fazendo deslocamentos fora do combinado ou chamando a atenção quando não cabe a você fazê-lo. Por fim, gostaria de ressaltar que, na minha opinião, rir intencionalmente no palco (quando a peça não o exige) é falta de respeito pelo público, pela peça e pelos companheiros.

Como eu disse, minha torre de vigilância também me permitia observar o público, o que foi muito útil para lapidar a encenação, pois me deu a grande oportunidade de observar as reações das pessoas. Mas o privilégio, além disso, tornou-se um belo presente que me era dado diariamente: o presente inestimável do riso do público.

Os ouvidos defeituosos (como os meus) captam melhor os sons quando se está em posição mais elevada, de modo que assim eu pude desfrutar melhor das risadas que ouvia. E as vistas defeituosas (como as minhas) são totalmente melhoradas com a ajuda de óculos que eu não podia usar quando estava no palco. E tenho certeza de que poucas coisas foram tão gratificantes quanto ver e ouvir tantas pessoas literalmente dobradas de tanto rir de uma peça que escrevi exatamente para isto: para divertir as pessoas.

Alguns parágrafos acima eu estava falando sobre a falta de respeito que alguns atores costumam ter; mas acho que devo destacar quem foi um exemplo preciso do oposto ao longo de sua carreira artística, seja no teatro, no cinema, na televisão ou no que for. Isto é, que se distinguiu, entre outras coisas, pela conduta impecável, pela absoluta honradez e pela dedicação às tarefas atribuídas, com total respeito pelos colegas, pelo público e pela profissão. Refiro-me a Raúl "El Chato" Padilla.

Não era possível, por exemplo, lembrar uma única ocasião em que El Chato se atrasasse a um chamado ao teatro, ao cinema, à televisão ou ao que fosse. Era dado como certo que ele tinha memorizadas as falas que lhe correspondiam. Obviamente, nunca dificultava a atuação ou o desempenho artístico de seus colegas. Como se não bastasse, Raúl exibia um estoicismo que muitas vezes beirava o incrível, como a vez em que realizou a interpretação impecável do delicioso Gepeto em *Títere*, apesar de, logo no início do espetáculo, ter sofrido um acidente de consideráveis proporções. A apresentação aconteceria em um teatro do interior, cuja localização tortuosa era obviamente desconhecida para nós, quando o nosso colega teve o azar de cair numa "armadilha" cuja localização não era identificada por nenhuma placa, o que causou ferimentos graves e dolorosos. Mas a apresentação já havia chegado ao fim quando soubemos do acidente sofrido por El Chato, pois ele continuou com sua atuação como se nada tivesse acontecido. Foi um dos técnicos que trabalhavam conosco quem comentou o acontecimento, pois foi a única testemunha casual do ocorrido. Mas na perna de Raúl havia outro testemunho: o talho enorme e impressionante que sangrava profusamente.

Alguns anos depois (em 1992, para ser mais preciso), meu filho Roberto me telefonou em casa para me dar a triste notícia de que "El Chato" Padilla acabara de falecer, vítima de um ataque cardíaco.[80] Foi uma perda irreparável, mas não só para o nosso programa, como também para todo o âmbito da arte dramática no México. O mesmo pode ser dito de sua encantadora esposa, Lili Inclán, embora a partida desta fosse ocorrer três anos após o início deste terceiro milênio.

Antes disso Ramón Valdés já havia morrido, mas seu falecimento ocorrera quando já fazia tempo que ele tinha deixado o programa. Portanto, El Chato foi o primeiro membro ativo de nosso grupo a empreender a jornada sem volta, que representou o adeus de uma multidão de personagens que ele interpretou com maestria, entre os quais é inevitável destacar o Delegado Morales, o honesto, correto, resignado e tolerante agente do Ministério Público que soube suportar e orientar a dupla Botijão e Chaveco ao bom caminho, esbanjando indulgências perante os desatinos de Chimoltrúfia. E, claro, também é necessário destacar o delicioso Jaiminho, o Carteiro, o ranzinza, mas adorável, idoso que sofria as travessuras e imprudências de Chaves e dos amigos que o acompanhavam. E muito provavelmente, para Jaiminho, o Carteiro, morrer tenha sido uma forma de "evitar a fadiga".

Meses depois, no final do mesmo 1992, faleceu também Angelines Fernández,[81] a maravilhosa atriz que há muitos anos fazia parte do nosso grupo e que, como já indiquei anteriormente, vinha sofrendo há algum tempo de uma enfermidade que a impedia de atuar. Angelines interpretou muitos personagens

que deixaram uma marca grande e positiva na memória dos espectadores, como Dona Cotinha [Doña Nachita], a paciente vizinha de Chimoltrúfia, e a maravilhosa Bruxa do 71, que tanto brilhou entre os hóspedes daquela comunidade da qual todos diziam: “Que bonita vizinhança… é a vizinhança do Chaves!”.[82]

* * *

Faltavam apenas alguns dias para o fim do agitado ano 1994, quando saí de casa em direção à casa de “Pollo” Ramiro Jiménez, onde costumávamos nos encontrar para jogar algumas partidas de dominó; mas no meio do caminho percebi que havia apenas uma cigarrilha na caixa que eu levava no bolso do meu casaco. Ao mesmo tempo, lembrei-me de que eu não tinha tirado um ou dois maços extras da geladeira, como fazia todos os dias. No entanto, o descuido não me preocupou, pois sabia que na casa de Ramiro havia muitos empregados em serviço a quem eu poderia pedir o favor de me comprarem um maço. A única coisa que fiz, a título de prevenção, foi guardar a cigarrilha que me restava, até que me arranjassem outra.

Depois de chegar à casa de Pollo, ocorreu-me que não era tão ruim assim ficar algum tempo sem fumar; e que, portanto, não havia necessidade de saírem para me comprar instantaneamente cigarrilhas a mais… Além disso, caso eu me sentisse pressionado pelo implacável assédio do vício, ainda permanecia em sua caixa a solitária cigarrilha, que seria suficiente para me ajudar a suportar os sofrimentos que pudessem ser causados pela espera. Mas, acima de tudo, não era vergonhoso aceitar que nem por um lapso tão breve de tempo pudesse ser eu mesmo quem tomasse as decisões acerca do meu comportamento, que o tempo todo eu tivesse de me agarrar a algumas lascas patéticas de tabaco enroladas em um tubo de papel?

Quando fazem terapia, os alcoólatras não prometem que nunca mais provarão uma dose de bebida alcoólica na vida. Eles nem mesmo prometem que vão deixá-lo por um mês… nem por uma semana… nem por alguns dias. Tudo com o que eles se comprometem é “parar de beber durante o dia de hoje”. E amanhã? Quem sabe!

Poderiam voltar a tomar um drinque… ou dois… ou nenhum! No último caso, eles poderiam repetir o juramento de “não beber durante o transcurso do dia”. E amanhã?… Quem sabe! E etc.

Um amigo a quem amo e respeito muito já tinha me dito isso – sem nenhum traço de hipocrisia. Então, foi o que eu tentei fazer ao me sentar à mesa de dominó: *Hoje*, eu disse a mim mesmo em segredo, *não vou fumar. E amanhã? Quem sabe!*. Mas não apenas eu consegui, como também fui capaz de fazer o

mesmo no dia seguinte! E também no seguinte do seguinte! E o seguinte do seguinte! E assim por diante até o dia em que escrevo estas linhas… o que acontece em meados de julho de 2005. Isto é: quando completei dez anos e meio de ter me livrado do mais estúpido e prejudicial dos vícios: o fumo.

A classificação de prejudicial é mais do que reconhecida atualmente; mas, se também o qualifico de estúpido, é devido à minha experiência pessoal, pois é quase impossível, para mim, saber de alguém que começou a fumar por necessidade. Mais ainda: a grande, grande maioria de nós começa depois de ter lutado muito para superar a repulsa e a rejeição que o nosso corpo manifesta quando começamos a forçá-lo (essa é a palavra) a adquirir o vício, até que este, talvez como vingança pela rejeição sofrida no início, instala-se dentro de nós como faria o mais impiedoso dos invasores.

Mas, então, o que nos levou a iniciar essa prática terrível? Estupidez, é claro. A estupidez de imaginar que um cigarro na boca seria suficiente para nos dar a aparência de adultos… em vez de deixar essa tarefa nas mãos de quem inevitavelmente a desempenha: o tempo. Que isso pareça acontecer com demasiada lentidão quando você é jovem? Sem dúvida, mas isso é motivo suficiente para confiar o futuro da nossa saúde à vontade de um assassino? E é claro que é um assassino! Não importa se em algumas ocasiões não consegue matar a vítima, pois a tentativa de assassinato é suficiente para qualificar o agressor como assassino. É verdade que a mim o vício não conseguiu matar; mas me deixou um enfisema no pulmão do qual não poderei me livrar pelo resto da vida que me restar, assim como não poderei eliminar muitas das múltiplas sequelas que a prática idiota me deixou: a bronquite crônica, por exemplo, que alguma vez já alcançou o grau de aguda (e que consegui superar naquela ocasião, mas cuja ameaça de reincidência ainda paira sobre mim). Tudo isso, além do catarro cotidiano que entope minha garganta e, consequentemente, minha respiração. No entanto, sei que é apenas o custo da minha estupidez.

Apesar disso, embora reconheça que minha reação foi muito tardia, sei que ainda estou muito melhor do que há onze anos. E tenho certeza de que, se eu não tivesse tomado essa decisão, minha autobiografia consistiria em muito, muito menos páginas.

Quer dizer: antes tarde do que nunca (mas quanto menos tarde, melhor).

Não posso fechar esta seção sem repetir o que comecei a responder quando alguns entrevistadores me perguntam: “Qual foi o seu maior sucesso? E qual foi o seu maior fracasso?”. De longe, meu maior sucesso foi ter parado de fumar. E, claro, meu maior fracasso foi ter começado a fumar.

Minha resposta foi absolutamente sincera; e não teve a menor tentativa de parecer original ou diferente do resto de meus colegas.

* * *

Era o mês de setembro de 1995, mas eu esperava com doce ansiedade, com alegria interior e com legítimo orgulho a chegada do dia 14 do mês seguinte. Por quê? Porque nesse dia completaria 25 anos desde que meu programa tinha ido ao ar pela primeira vez. Nada menos que 25 anos! Um quarto de século inteiro aparecendo semana após semana nas telas de televisão! (Durante várias temporadas, os programas eram exibidos duas ou até três vezes por semana!). Isso não tinha sido conquistado por ninguém… nem por mim. Por quê?

Porque um belo dia de… eu disse "belo" dia? Bem, falei errado, porque o correto seria dizer dia "horrível", já que foi em um dia ruim daquele mês de setembro quando descobri que o programa deixaria de ser exibido a partir de outubro. O próximo dia 14, portanto, não poderia mais ser esperado com doce ansiedade, alegria interior ou legítimo orgulho. Pelo contrário: eu sabia que a chegada desse dia 14 só me provocaria tristeza, ressaltando que faltariam apenas duas semanas ("duas malditas semanas", eu disse então!) para que o programa fizesse seu 25º aniversário.

– Você nunca me contou nada sobre isso! – Emilio Azcárraga Milmo me disse quando reclamei do ocorrido. Se você tivesse me contado, eu poderia ter adiado as mudanças por algumas semanas.

– Não contei nada – respondi – porque não tinha ideia do que a empresa estava planejando fazer. – Embora, é claro, eu não precisasse saber de tudo o que a Televisa planejava fazer.

Acontece que a empresa decidiu suprimir todos os programas ditos "unitários" (humorísticos, musicais, competições e afins) para que apenas as telenovelas fossem exibidas.

– É uma medida ruim – comentei imprudentemente quando Emilio me explicou isso que acabo de relatar.

– O risco é meu – ele ressaltou em um tom que não dava oportunidade de réplica.

No entanto, alguns dias depois, ele me chamou para dizer:

– Existem apenas dois programas unitários aos quais posso fazer uma ligeira exceção: o seu e *Mujer, casos de la vida real* – (este, uma produção de Silvia Piñal).

– E no que consiste a leve exceção? – perguntei.

– Que poderão passar aos sábados, por volta das 16h ou 17h.

Eu agradeci a distinção que a oferta significava, mas não aceitei, porque não gostei do horário. Por outro lado, pensei que seria uma boa ideia diminuir um pouco as minhas atividades e encontrar algum descanso. Mas não um descanso

total, porque, felizmente, *11 y 12* continuava sua estimulante temporada de grande sucesso no Teatro del Centro Libanés e nas turnês que fazíamos pelo interior da República.

Quando descrevo a temporada teatral como “estimulante”, não estou me referindo ao sucesso financeiro (que não foi desprezível, longe disso), mas ao que representava para mim como ator. Tratava-se de algo que tinha começado antes de o programa sair do ar, ou seja, quando decidi que *Chapolin* e *Chaves* ficariam fora do programa. Isso havia acontecido pelo menos uns dois anos antes,[83] quando cheguei à conclusão de que nenhum dos dois personagens deveria continuar na programação do programa *Chespirito*, já que ambos haviam cumprido um ciclo de vida mais do que notável e que não deveria se estender. E agora, ao longo dos anos, confirmo que minha decisão foi correta.

O fácil teria sido o contrário: espremer os personagens de forma impiedosa (sem piedade para mim, mas principalmente para o público) e prolongar sua existência como se faz com alguns pacientes até que sua fase terminal esteja muito avançada. E não estou me pronunciando a favor da eutanásia, um remédio que diz respeito apenas às pessoas diretamente afetadas; mas sei que estes (os enfermos e seus parentes) se recusariam, em todos os casos, a exibir aqueles que estão na fase terminal. Em outras palavras, opus-me a correr o risco de que Chapolin e Chaves chegassem a despertar pena; que passassem a exibir os restos em que vão se transformando inevitavelmente todos os seres humanos.

É verdade que, ao interpretar Chaves, nunca tentei fazer o público acreditar que era uma criança. Não; queria apenas que aceitassem a realidade: que se tratava de um adulto interpretando uma criança, o que, tenho certeza, foi plenamente realizado, sobretudo tendo em conta que a primeira vez que apareci como Chaves na televisão já tinha 42 anos. Embora mais jovens, o mesmo aconteceu com todos os outros adultos que interpretaram papéis infantis na série, já que Godinez (meu irmão Horacio) tinha 40 anos; Quico (Carlos Villagrán), 28; Chiquinha (María Antonieta), 25; Nhonho (Edgar), 23, e Pópis (Florinda), 22.[84]

Quando a série terminou, as idades não eram mais as mesmas. Eu tinha 66 anos; Horacio, 65; Carlos (que não fazia mais parte do grupo desde 1978), 52; María Antonieta, 49; Edgar, 47; e Florinda, 46.[85]

Houve outros fatores secundários, mas latentes, que determinaram o cancelamento da série; um dos quais foi, sem dúvida, a crescente ausência de atores. Em períodos distintos, Rubén Aguirre, María Antonieta de las Nieves e Carlos Villagrán já tinham estado ausentes, mas sua ausência em momento algum afetou o funcionamento do grupo. (Com exceção deste último, que nunca mais voltaria depois de sua saída, em 1978, os demais já tinham voltado com

renovado vigor para ingressar na equipe.) Outra separação, esta definitiva, correspondeu a Ramón Valdés, cuja morte ocorrera cerca de dez anos antes de o programa terminar. Pouco depois de eu ter tomado essa decisão, “El Chato” Padilla e Angelines Fernández também faleceram.

No caso de *Chapolin*, a ausência se deu principalmente devido a minha condição física, que ficou só na lembrança. Aos poucos, mas inevitavelmente, aquela agilidade foi murchando, embora, felizmente, tivesse me acompanhado até uma idade mais avançada do que o esperado para essas tarefas, e essa ausência foi se tornando cada vez mais evidente, por isso era aconselhável que meu querido personagem também desfrutasse da merecida aposentadoria.

Não faltaram comentários gerais daqueles que também consideravam Chespirito morto.

– Se não for Chapolin ou Chaves, o que mais você pode fazer?

Bem, por enquanto eu poderia continuar interpretando o Doutor Chapatin, Pancada Bonaparte e, acima de tudo, Chaveco. Este, com a maravilhosa companhia do Sargento Refúgio Pazguato, do Delegado Morales, do Seu Cecilio [Don Cecilio], de Botijão e da adorável Chimoltrúfia, continuou a ser uma das respostas deliciosas e terapêuticas que pude dar a essas objeções. E com a contribuição adicional que significou ter escrito tantos roteiros que, a meu ver, foram os melhores de minha extensa produção.

Tudo isso foi, para mim, algo como uma prova de que eu ainda tinha a coragem necessária para continuar fazendo o que eu fazia, mas havia outra coisa: na pior das hipóteses, o que ou quem tinha me imposto a necessidade de provar alguma coisa? E mais: o que precisava ser provado? Que eu era o melhor? Ou que eu tinha sido o melhor e, portanto, deveria continuar demonstrando que era o melhor? Não. Jamais ambicionei algo assim. E os *rankings* a esse respeito, quer se chamem Oscar, audiência ou como for, continuam me parecendo tão estúpidos quanto inúteis.

Considerações à parte, ainda tive a sorte de *11 y 12* proclamar em todos os lugares que eu poderia continuar escrevendo boas comédias e que também poderia continuar a atuar com o decoro e a dedicação que sempre procurei trazer ao meu trabalho.

* * *

Fazia algum tempo, eu tinha começado a escrever um livro, algo que nunca havia experimentado antes. Pode-se dizer que, como escritor, eu constituía uma exceção neste campo, pois, tendo escrito milhares de páginas, elas nunca foram utilizadas para compor o conteúdo de algum livro (quero dizer, livros impressos e editados para serem vendidos ao público, o que exclui os múltiplos roteiros de

televisão, cinema e teatro encadernados). A razão disso foi a falta de tempo, mas então, sem o compromisso de ter que entregar os roteiros da televisão diariamente, me dediquei a terminar algo que se chamaria *O diário do Chaves* [*El diario del Chavo del Ocho*].

Era um livro em que iria misturar passagens notáveis da série televisiva do mesmo título com aventuras escritas detalhadamente, todas narradas em primeira pessoa (na voz de Chaves), e um relato prévio na voz do autor que daria unidade e forma a todo o conteúdo. Também incluía caricaturas de todos os personagens, desenhadas por mim. O trabalho era complementado por um relato histórico da trajetória que a série de televisão havia percorrido no México e em muitas outras partes do mundo, escrito por Florinda.

O livro foi publicado pela prestigiosa Editorial Diana,[86] cujo dono e diretor-geral é José Luis Ramírez Cota, a quem já mencionei nestas páginas, lembrando que é meu amigo desde criança e membro destacado daquele grupo que se chamava Aracuanes, que continua a se encontrar regularmente para almoços e cafés da manhã. José Luis organizou uma magnífica apresentação do livro nas instalações do elegante University Club, onde recebi comentários entusiásticos dos muito ilustres apresentadores, ninguém menos que a grande escritora e poetisa Margarita Michelena, a destacadíssima atriz e querida amiga Ofelia Guilmáin e o querido amigo José María Fernández Unsaín, então presidente da Sogem.

Até o momento, foram vendidos cerca de cinquenta mil exemplares de *O diário do Chaves*, o que me parece uma quantidade muito pequena. Mas os conhecedores me dizem que isso não é nada mau para o México, onde escritores de prestígio vendem não mais do que dois ou três mil exemplares de cada um de seus livros.

* * *

Um dia, no início de 1996, Emilio Azcárraga me pediu para ir vê-lo em seu escritório, onde me fez uma oferta que me pegou mais do que desprevenido: ele me pediu, nada mais, nada menos, para aceitar o cargo de diretor-geral da Televicine, subsidiária da Televisa que se encarregava da produção cinematográfica e que, coincidentemente, havia iniciado suas atividades justamente com a filmagem de *El Chanfle*, um filme escrito e estrelado por mim, e que também produziu os outros filmes que estrelei.

– Ao longo dos vinte e sete ou vinte e oito anos de existência – disse-me Emilio –, a Televicine continua a ostentar seus filmes como os de maior sucesso. Mas, além disso – acrescentou –, você também teve o maior sucesso possível na televisão e no teatro, como autor, ator e diretor.

Agradeci imensamente os elogios, mas ressaltei que entre as minhas atividades a produção não se destacava de maneira alguma, e era essa a atividade que ele estava me propondo.

– Você era o produtor de seus programas – corrigiu ele.

– Nominalmente – esclareci. – Você bem sabe que na realidade a produção ficava a cargo da Florinda, com a ajuda do meu irmão Horacio. Acima de tudo – tive de acrescentar –, garanto que não tenho ideia do que pode ser a administração de um negócio.

– Disso eu já sei – respondeu ele com um sorriso que poderia ter sido um tanto zombeteiro. – Não se preocupe, já está definido quem será o responsável por essa parte do trabalho. Tudo o que você fará é selecionar quais projetos de filme devem ser aprovados e quais devem ser rejeitados.

E foi assim que embarquei em uma aventura nova e complicada.

* * *

A Televicine estava intimamente ligada à Videocine, empresa que se encarregava da distribuição de nossos filmes e de vários outros, e que era habilmente administrada pelo jovem, mas experiente, Eckehart Von Damn (mexicano, apesar do nome e do sobrenome). Este, a quem carinhosamente chamávamos de Equi, mais tarde também assumiria a produção, quando a Televicine e a Videocine se fundiram em uma única empresa. Mas isso aconteceria mais tarde, de modo que, nesse intervalo de tempo, eu tive de enfrentar um desafio de dimensões respeitáveis.

Para começar, a primeira coisa que encontrei foi uma pilha de argumentos cinematográficos que a empresa já havia comprado anteriormente à minha chegada, o que pode parecer animador para o recém-chegado que eu era, mas que acabou sendo algo que não só era desanimador, mas que também, de certa forma, sugeria algo pior: a possibilidade de uma compra fraudulenta. No entanto, também cabia supor que tudo se devesse à falta de talento de quem havia determinado sua compra. E, em última análise, também teria sido necessário determinar se minha apreciação era melhor que a de meus antecessores.

Por outro lado, algo recuperável poderia emergir daquela pilha de argumentos, como pude ver após ter lido cuidadosamente cada um deles. Mas também tive a colaboração inestimável de quem seria o meu braço direito durante a minha estada na Televicine: refiro-me ao incansável e amplo conhecedor do negócio Pablo Martínez de Velazco. Seus conhecimentos sobre a produção cinematográfica abrangiam todos os aspectos, pelo que a sua colaboração foi mais do que decisiva no desenvolvimento das minhas funções à frente da empresa. E tanto que, depois de ter lido aqueles argumentos que já haviam sido

comprados, Pablo me trouxe uma pequena lista dos poucos que, a seu ver, poderiam ser resgatáveis… e a lista coincidia em algo como noventa por cento do que eu considerava resgatável! (sem nunca termos combinado de antemão).

Assim, embarcamos na aventura de iniciar nossas primeiras produções, conscientes de que o cinema mexicano estava submerso no mais profundo dos buracos. Devido à baixa qualidade e ao número insignificante de filmes rodados, seria possível afirmar de forma conclusiva que "não havia uma indústria cinematográfica mexicana".

É verdade que, por vezes, foram alcançados sucessos isolados e discretos, mas tratava-se apenas de exceções, dignas, mas insuficientes, da triste realidade – realidade que foi determinada em alto grau por um fator chamado Hollywood.

O México não foi a única vítima daquele dragão insaciável que era o cinema estadunidense. Não; as vítimas foram quase todos os países do mundo, porque, com exceção das cinematografias autossuficientes devido ao seu consumo local, como Hong Kong, Índia ou algum outro país do mundo oriental, todos os outros países colocavam (e continuam colocando) a maioria de suas telas à disposição do dragão todo-poderoso.

Claro, mesmo sendo o fator determinante, Hollywood não é de forma alguma o único culpado pela triste realidade em que o nosso cinema estava mergulhado. Mas este não é o espaço adequado para fazer uma análise a respeito, então, é melhor eu passar a narrar brevemente o que aconteceu durante minha estada na Televicine.

Comecei produzindo um filme que foi um fracasso financeiro. O título era *Última llamada*, original do ator e escritor Mario Cid, que soube dar uma bela abordagem à espinhosa questão da pena de morte, já que entrelaçava um acontecimento local com as atuações teatrais do inesquecível *Bandera negra*, uma peça de teatro do dramaturgo espanhol Horacio Ruiz de la Fuente, a quem, aliás, o filme homenageia.

O elenco artístico de *Última llamada* incluiu Alberto Estrella (no que foi seu primeiro protagonista), a maravilhosa atriz Arcelia Ramírez, o menino Imanol e vários outros, todos sob a direção de Carlos García Agraz. Na minha opinião (e na de muitos outros), foi um bom filme. Por que, então, ele fracassou financeiramente? Seria porque, em vez do clássico final feliz, mostrava a dura realidade (ou seja: a execução desumana do condenado à morte)? Por motivos múltiplos e diversos que se conjugam de forma aleatória? Devo confessar que não sou eu quem tem a resposta.

Por outro lado, tive a sorte de continuar com um sucesso: *Elisa antes del fin del mundo*, um filme que incluiu o lançamento estelar de uma menina cuja carreira artística pode chegar a ser notável. Refiro-me a Sherlyn, tão bonita

quanto é boa atriz. Estava acompanhada por vários atores, entre os quais Susana Zavaleta e o menino Imanol (o mesmo de *Última llamada*). O argumento original era de autoria de Paula Markovitch; a direção era de Juan Antonio de la Riva. O sucesso foi tão amplo que não comento mais sobre ele (porque sucessos, dizem, não requerem explicações). Citarei apenas que, como no filme anterior, este também não tem um final feliz, pelo contrário, aqui quem morre é a doce, linda e pequena protagonista.

Produzi vários outros filmes: *¡Que vivan los muertos!*, que inclui o lançamento daquele magnífico comediante que é Mauricio Herrera, e, se a comédia não alcançou o sucesso esperado, foi devido, entre outras coisas, à fraca divulgação; e aconteceu exatamente a mesma com *Un baúl lleno de miedo*, em que a oportunidade de estrelar o filme foi proporcionada ao simpático e bom ator Carlitos Espejel, acompanhado por estrelas da categoria de Diana Bracho e Julián Pastor, além de mais uma revelação que logo se destacaria por sua beleza e capacidade de atuação: Patricia Llaca.

E fizemos outros filmes, entre os quais gostaria de destacar o intitulado *En un claroscuro de la luna*, filmado em coprodução com a Rússia, escrito e dirigido por Sergio Olhovich, também estrelado por Arcelia Ramírez. Esse filme fez mais sucesso no exterior do que no México.

Outro sucesso superou até mesmo o de *Elisa antes del fin del mundo*. Refiro-me a um filme cujo elenco era formado por jovens praticamente desconhecidos na época, mas que foram habilmente dirigidos por Alejandro Gamboa. O argumento era original de Benjamin Cann e se chamava *El despertar*, mas eu mudei esse título para *La primera noche*, que, eu acho, era mais sugestivo. E o êxito desse filme foi tão grande que depois o próprio Alejandro Gamboa filmou *La segunda noche*, um filme que até superou o sucesso do outro, apesar de não ser uma continuação daquele (o possível caráter de continuação era encontrado no título).

Minha gestão à frente da Televicine durou exatamente dois anos e meio (de 1º de fevereiro de 1996 a 1º de agosto de 1998), período durante o qual produzi dez longas-metragens. Posteriormente, meu lugar foi ocupado pelo jovem cineasta Diego López (neto do famoso muralista Diego Rivera), mas por tão pouco tempo que não teve oportunidade de fazer nenhum filme. Em seguida, ocorreu a fusão, que já mencionei, da Televicine com a Videocine, liderada por
Eckehart Von Damm. Já estava sob sua gestão quando, entre outros, foram filmados *La segunda noche* e *La última noche*, ambos dirigidos também por Alejandro Gamboa.

* * *

A Sra. Alejandra Lajous, então diretora do Canal 11, teve a gentileza de me convidar para algo que deveria ter uma importância mais do que relevante: o Congresso da Língua Espanhola, que teria como sede a bela cidade de Zacatecas. Aceitei com todo prazer!

Houve, é claro, um bom número de pessoas que questionaram sem cerimônia os méritos que Chespirito poderia ter para comparecer de igual para igual e compartilhar o espaço (e até argumentar, se necessário) com a nata dos escritores da Espanha e da América Hispânica. Esta (a nata) estava mais do que representada pela presença de três ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura: Camilo José Cela, Gabriel García Márquez e Octavio Paz (embora este último não tivesse podido comparecer pessoalmente devido a uma doença que o afligia, mas enviou uma gravação na qual apresentou suas valiosas contribuições). E, se não bastasse a presença de tão ilustres expoentes da literatura em espanhol, o congresso enriqueceu-se com a augusta presença de suas majestades, o rei Carlos e a rainha Sofía da Espanha.

Em uma das muitas cerimônias, eu me aproximei para ver mais de perto o casal real movendo-se por um corredor de jardim, mas fiquei tão fascinado que tropecei na beira do gramado e, como resultado disso, estava prestes a colidir com sua majestade, a rainha, embora, felizmente, tenha sido detido a tempo por um dos seguranças, que interveio com rapidez e eficácia, mas com uma prudência e um cavalheirismo que não pude deixar de agradecer (e admirar). Não recebi mais repreensão do que o olhar de desaprovação de Jacobo Zabludovsky, que marchava ao lado de suas majestades. (Só faltou ele dizer: “Tinha que ser o Chaves de novo!”.)

Eu dizia que minha presença havia sido questionada por certas pessoas, entre as quais alguns jornalistas e um ou outro escritor. No entanto, não vou mencionar nem uns nem outros; eles mesmos que se virem para conseguir publicidade. E mencionarei, no lugar, a amável atenção de Alejandra Lajous, de dom Belisario Betancourt, literato e ex-presidente da Colômbia, do destacado linguista Raúl Ávila e do próprio Gabriel García Márquez, com quem só pude compartilhar alguns escassos minutos, mas cujo tratamento simpático e amigável foi de se agradecer.

Aliás, Gabo (como é carinhosamente chamado o famoso escritor colombiano) apresentou uma proposta tão revolucionária como absurda no congresso. Talvez mais absurda do que revolucionária, já que não foi o primeiro a propor a supressão dos sinais de pontuação e de um bom número de letras do alfabeto castelhano; mas, nesse caso, suas propostas eram tantas e tão drásticas que, a meu ver, impediriam… o próprio García Márquez de ler saborosamente.

* * *

Estávamos em turnê com a peça *11 y 12* em alguma cidade da República quando recebemos uma notícia muito triste: dom Emilio Azcárraga Milmo acabava de falecer. Para mim, em particular, a notícia foi mais do que dolorosa, pois significou a perda de um querido amigo, um chefe extraordinariamente capaz e um defensor apaixonado de todas as coisas mexicanas.

Emilio havia criado uma enorme quantidade de empregos; tinha sido o modelo para empreendedores e investidores; tinha promovido e protegido muitos representantes de diferentes disciplinas artísticas, esportivas e intelectuais; tinha dado prestígio ao México e ao mexicano. E, claro, tendo gerado tudo isso, era inevitável que gerasse também outra coisa: a inveja. E já se sabe que a inveja, por sua vez, gera inimigos. Parece que estou vendo alguns deles no momento em que são lidas estas linhas (desde que me concedam o favor imerecido e altamente improvável de lerem estas linhas). E imagino o tom desdenhoso com que perguntariam: "Quais foram os supostos expoentes artísticos, esportivos e intelectuais que esse homem promoveu e protegeu? Alguém como María Félix, Hugo Sánchez e Jacobo Zabludovsky?". E se poderia responder: "Sim; e com muito orgulho". Mas devemos acrescentar Plácido Domingo, Octavio Paz, Enrique Krauze e tantos outros. E destacar a criação de bolsas de estudos e as doações a museus e a múltiplas fundações de assistência social, para citar alguns.

Mas teria servido de algo ter tornado conhecido tudo o que foi mencionado acima? Duvido. Muito provavelmente, caluniadores maliciosos ou gratuitos ainda existem. Os que se queixaram, por exemplo, de Emilio ter dito que "os mexicanos estão fodidos", como se a frase tivesse sido pronunciada com sentido pejorativo, quando a verdade é que ele a pronunciou com o mais profundo sentimento de tristeza, dor e impotência, uma certeza pessoal que tenho e que torno pública aqui.

Da mesma forma, registro a total desilusão do Sr. Azcárraga a respeito da situação política que então prevalecia no país. Depois de, anos atrás, ter confessado sinceramente ser "um soldado do PRI", Emilio expressou o temor de que o partido já estivesse construindo seu próprio mausoléu.

Ele também cometeu erros, é claro. E muitos, talvez. Mas, de qualquer modo, o positivo superou em muito o negativo. E a reflexão é inevitável: se tivéssemos vinte ou trinta Azcárragas, até que ponto o nosso país poderia ter se elevado?

Bem, acho que seria pedir muito encontrar vinte ou trinta, mas pelo menos já existe um: seu filho Emilio Azcárraga Jean, que ele deixou à frente do grande consórcio e sobre quem foram feitos comentários semelhantes aos feitos antes com relação a seu pai. Mas, apesar da pouca idade na época em que este texto foi

escrito, a direção da empresa está nas mãos de Emilio há mais de oito anos.

* * *

Eu estava novamente em turnê com a comédia *11 y 12* quando, por coincidência, recebi a notícia de que outro grande amigo meu havia falecido: José María Fernández Unsaín, prolífico roteirista de cinema e teatro, também diretor, inspirado poeta e gerente altamente qualificado, por muitos anos, da Sogem. Tínhamos nos conhecido durante as assembleias da Seção de Autores da STPC, quando ambos aspirávamos apenas ao direito de fazer adaptações cinematográficas. Ou melhor: que nos concedessem o direito de receber por essas adaptações, pois fazê-las, nós sempre as fizemos – mas quem ganhava por elas era um produtor ou um diretor ou… enfim. Posteriormente, José María ascendeu rapidamente como escritor e como diretor de escritores, até chegar à presidência da sociedade, e conseguiu unificar os diferentes ramos (teatro, cinema, televisão, livros etc.).

Após sua morte, surgiram algumas dúvidas quanto à ortodoxia na gestão da Sogem, mas a opinião mais geral concluiu que os fracassos foram produto da inércia que, paradoxalmente, a rápida e eficiente ascensão da sociedade gerou. E, em última análise, o prato do lado positivo na balança pesava muito mais do que o prato do lado negativo.

Algum tempo depois, a disciplina que sempre havia prevalecido no grupo que formava *11 y 12* começou a relaxar, então Florinda e eu decidimos contratar Moisés Suárez (que havia sido um dos primeiros sondados) e Óscar Bonfiglio, ambos excelentes atores que contribuíram com suas grandes faculdades cômicas para fazer nossa peça de teatro alcançar a plenitude a que sempre fora destinada.

11 y 12 continuou a se apresentar com sucesso insuperável em todos os estados da República Mexicana e em lugares no exterior, como Los Angeles, Las Vegas e Porto Rico. No final do século XX, o número de apresentações já ultrapassava 3.200.

* * *

Mercedes de la Cruz e Pablo Leder haviam encenado uma obra há alguns anos cujo título original não lembro, mas que daquela vez decidiram chamar de *La ronda de las arpías*, um título excelente, na minha opinião. O teatro havia sido o Polyforum Siqueiros; a direção era compartilhada por Mercedes e Pablo, e o elenco, composto exclusivamente por mulheres, era comandado por Rosita Quintana e Helena Rojo. O oitavo e último lugar nos créditos foi ocupado por um nome que abrangia a totalidade de meu interesse particular: Paulina Gómez Fernández, a mais nova das minhas filhas.

Seria fácil imaginar que meu amor paternal fosse o que me fizesse supor que,

apesar desse último lugar na lista de participantes, Paulina tivesse sido quem mais se destacou. Mas o que aconteceu foi que dois fatores muito importantes se juntaram: por um lado, o personagem que ela representava ia crescendo em importância no decorrer da peça, até culminar com um monólogo longo e emocional que dá o final e a explicação da trama; o outro fator é chamado de talento: o talento natural de uma menina que a levou a desempenhar seu papel com grande confiança, apesar do mínimo preparo que ela teve nesse quesito. E deve-se acrescentar que o talento de Paulina não se limita, longe disso, à atuação, mas se estende a muitas outras disciplinas, entre as quais se destaca a escrita, principalmente na especialidade da dramaturgia.

Em 1998, minha filha voltou aos palcos com a mesma peça e com o mesmo papel, mas com algumas mudanças em relação à vez anterior. Nessa ocasião, o teatro selecionado foi um dos que integram o excelente complexo de "Los Fábregas", dirigido pela incansável e capaz Felá; também houve mudanças no elenco, em que vale destacar a atuação de Alejandra Meyer e a ausência de Helena Rojo; e também a diferente fonte de financiamento, dessa vez por conta de… Florinda Meza e Roberto Gómez Bolaños. A contribuição de Florinda não se limitou aos pesos e aos centavos (que eram muitos), mas se estendeu à vigilância, ao cuidado e ao decoro da encenação, tudo com o complemento de um entusiasmo ilimitado. Nem é preciso dizer que Paulina foi mais uma vez a figura que mais se destacou, brilhando com uma luz própria.

Agora minha filha está mais focada na dramaturgia do que na atuação. Mas ela também tem algo que é mais (muito mais) valioso do que dramaturgia, atuação e todo o resto: refiro-me a Inés, sua filha, que desde muito jovem já deu a entender que é herdeira de todas as habilidades de sua mãe, e que, é claro, faz parte do famoso grupo chamado "os doze melhores netos do mundo".

* * *

Um dia, no início de 1999, fiquei sabendo que vários atores estavam ensaiando uma peça que iam encenar… no Teatro Libanés! Nada menos do que no teatro onde fazia sete anos que encenávamos *11 y 12*! Mas tais atores, entre os quais figuravam Marga López e Erick del Castillo (ambos amigos meus), garantiram com toda a naturalidade que sua peça seria lançada só alguns dias depois da data em que fiquei sabendo de todo o plano (eles achavam, com toda a lógica, que eu estava a par de tudo, o que não era o caso). Procurei então Pablo Jiménez para lhe perguntar sobre isso, já que era ele quem devia ter a concessão para dirigir o teatro, mas Pablo me disse que não, que o concessionário era mesmo seu pai.

– Que para todos os efeitos dá na mesma – eu disse. – Só quero que me diga o

que é verdade sobre esse boato de que outra peça vai estrear aqui, no teatro que estamos ocupando.

– Bem, parece que sim – respondeu Pablo. – Mas quem está bem a par de tudo isso é meu pai.

Nem é preciso dizer que imediatamente marquei uma reunião com os dois Jiménez, pai e filho, o que aconteceu no dia seguinte, no camarim do teatro que eles usavam como escritório. Lá me disseram que "sentiam muito, mas que a bilheteria com *11 y 12* não era mais a mesma e que, por isso, tinham decidido substituir a peça".

E, claro, as vendas de ingressos tinham caído, já que a temporada de estreia de nossa comédia estava em cartaz por sete anos ininterruptos; e também estava claro que seria apropriado pensar em uma possível peça para substituí-la. Mas havia uma série de aspectos que não se encaixavam: para começar, o fato de que, embora fosse verdade que as receitas de bilheteria haviam caído, também era verdade que isso não tinha acontecido, nem de perto, de forma alarmante (aliás, *11 y 12* continuava a ser uma das peças menos afetadas pela crise sofrida por todos os teatros da cidade). Em segundo lugar, Pablo sempre havia se interessado profundamente por outro trabalho meu como um possível substituto. Como se isso não bastasse, eles estavam me avisando da mudança em uma quinta-feira, e a data de encerramento da temporada seria no domingo. E isso estava indicado com clareza no documento que eles haviam redigido anteriormente, embora todos nós soubéssemos
que no teatro esses arranjos devem ser notificados com pelo menos sete dias de antecedência. Eu argumentei nesse sentido, mas ao mesmo tempo disse a eles que não importava; então assinei o documento. Três dias depois, no domingo, 31 de janeiro de 1999, fizemos a apresentação de número 2.739, que foi a última no teatro situado nas dependências do Club Libanés (cujos diretores, aliás, sempre nos deram um tratamento insuperável, que continuamos agradecendo ampla e profusamente).

Deve ser esclarecido que esse fato narrado não provocou o rompimento da amizade que mantínhamos com os Jiménez. Embora, obviamente, o contato que sempre houve entre nós tenha diminuído, continuamos nos cumprimentando como se nada tivesse acontecido. Porque o teatro é assim.

Quando se soube que não tínhamos mais esse compromisso na capital, toda a região provinciana da República pareceu concordar em nos contratar para levar a montagem para suas localidades.

* * *

E a contratação não se limitou ao interior do México, pois também fomos a

Los Angeles, Las Vegas e San Juan de Porto Rico. Neste último lugar, aliás, tive um forte revés.

Eu tinha sofrido de uma espécie de alergia que, até então, não passava de um desconforto de pequeno ou médio grau. O problema se manifesta pelo aparecimento de múltiplas urticárias que me causam uma coceira crescente que às vezes se torna quase insuportável e que invadem várias áreas, principalmente virilha, axilas, pescoço e cabeça. Até o momento, não foi possível detectar se a referida alergia ocorre como reação a algum alimento, bebida, aroma, toque ou sabe-se lá o quê; e tudo parece indicar que, como se tem observado com cada vez mais frequência, é algo causado por tensão, estresse ou… sabe-se lá o quê! Mas nunca sofri disso com tanta força como em Porto Rico.

Os temíveis vergões começaram a aparecer acompanhados da respetiva coceira, de modo que Florinda percebeu que dessa vez o problema podia apresentar características preocupantes. Sem perder tempo, procurou o pronto atendimento médico do hotel, o que poderia não ser muito simples, por causa do horário: algo em torno das 3h30 da manhã. Enquanto o médico vinha, a coceira aumentou de intensidade a tal ponto que tive de entrar no chuveiro para diminuir a sensação com o golpe da água fria.

Então, quando o médico finalmente chegou, eu já havia sofrido algo próximo de um desmaio. Ou talvez outra coisa, porque eu não tinha plena consciência do que se passava, embora, como Florinda me explicou mais tarde, eu também tivesse erupções na garganta, o que representava dificuldade para respirar. Ela me disse que o médico teve de me dar duas (ou três?) injeções, além de assinar a receita com a qual no dia seguinte eu deveria comprar medicamentos adicionais.

Depois, o problema se apresentou com um pouco mais de frequência, pelo que Florinda tomou todas as medidas necessárias, entre as quais se destacam as injeções que controlam a reação alérgica. Isso tem sido tão rigoroso que uma vez tive de receber uma injeção a bordo de um avião, em pleno voo. A encarregada de aplicá-la foi a própria Florinda, que, além de transportar remédios, seringas e outros utensílios necessários, tem a capacidade de aplicar injeções de maneira excelente. O único inconveniente foi, talvez, que muitos passageiros tiveram a oportunidade de contemplar minhas magras nádegas sem qualquer restrição e sem ter de desembolsar um único centavo pelo excitante espetáculo. (Então, ao chegar ao aeroporto, tive também a intervenção espontânea e gentil da Sra. Ana Teresa Aranda, diretora-geral do DIF,[87] que estava a bordo do mesmo avião e que havíamos conhecido em Villahermosa, Tabasco, de onde estávamos voltando.)

* * *

No domingo, 21 de novembro de 1999, pela manhã, eu estava na cama lendo

jornal e esperando chegar o meio-dia, horário em que seriam exibidos simultaneamente na televisão todos os jogos de futebol que compunham a última rodada do campeonato. Depois fiquei sabendo que, em sua casa, meu irmão Horacio estava esperando a mesma coisa.

Eu, enquanto isso, ainda estava deitado na cama lendo o jornal quando o telefone tocou. Florinda, como sempre, apressou-se em atender.

– Vicky! – exclamou com uma expressão de agradável surpresa. – Que milagre!

Não conhecíamos nenhuma outra Vicky, então deduzi imediatamente que se tratava da filha mais velha de Horacio. Mas o som seguinte que Florinda fez foi aquele tipo de fungada interrompida que entra em ação quando acabamos de ouvir uma notícia desagradável. E não precisei ouvir mais, porque já estava chorando quando Florinda me disse com a voz quebrada pela dor:

– Róber… você tem que ser forte…

Eu já sabia. Aquele som que escapou da garganta de Florinda foi o suficiente para me dizer que meu querido irmão havia falecido.

Horacio tinha sido mais do que um irmão para mim. Tanto que às vezes penso que não bastaria nem mesmo qualificá-lo como "irmão gêmeo", pois os gêmeos tendem a evitar excessos de convivência mútua que possam minar a identidade de cada um; e, ao contrário disso, Horacio e eu tínhamos uma coexistência tão ampla e frequentemente compartilhada em uma infinidade de ambientes, que a melhor definição do nosso parentesco poderia ser a de "irmãos/amigos" (com todo o valor que representa o termo "amigos", que muitas vezes excede o de "irmãos" por méritos próprios). Nesse sentido, sei que meus dois irmãos, Paco e Horacio, foram meus melhores amigos.

Eu estava longe de imaginar, então, que apenas nove meses depois Paco, meu irmão mais velho, também faleceria. Como outras notícias semelhantes, essa veio a mim enquanto estávamos em turnê com *11 y 12*, então tive de vivenciar aquela suposta tradição que obriga os atores a atuarem no palco como se eles não estivessem sendo afetados por sofrimento algum. Mas esse caso talvez fosse diferente, porque, apenas três meses antes, Marta, a doce e terna esposa de Paco, também havia morrido. Era uma ausência que Paco não conseguia suportar, então era mais ou menos previsível que meu irmão logo fosse atrás dela.

* * *

Dizem que certa vez alguém se aproximou do grande dramaturgo espanhol Jacinto Benavente e lhe disse:

– Mestre, o senhor sabia que fulano – (o nome não importa) – está falando muito mal do senhor?

– Não, não sabia – respondeu dom Jacinto. – Mas isso me causa muito estranhamento, porque nunca fiz nenhum favor a essa pessoa.

Lembrei-me dessa anedota quando estava prestes a narrar algo semelhante. Mas não vou citar nomes, porque não gostaria que este livro trouxesse impressa uma manifestação de ressentimento (razão pela qual não pretendo receber diplomas de indulgência nem nada nesse estilo, pois estou ciente de que é mais fácil ser caridoso do que ser justo). O que acontece é que Florinda e eu passamos por uma experiência semelhante à de dom Jacinto, depois de termos feito mais de 3.200 apresentações de *11 y 12*.

Tínhamos separado do elenco alguns atores pela indisciplina contínua, e um deles, principalmente, por uma arrogância constante que ficava evidente pelo seu relacionamento mais que grosseiro. Entre suas formas de indisciplina destacava-se a de ignorar a regra de evitar o riso no palco, enquanto seu relacionamento interpessoal grosseiro já havia atingido o grau de doença crônica. A separação foi realizada através da aplicação rigorosa das normas que regem a relação entre os atores e as empresas que os contratam; ou seja, dar o aviso regulamentar de que o contrato duraria apenas mais sete dias. Depois disso, procedemos à contratação de outros membros para substituir os anteriores, e tudo continuou a correr sem qualquer alteração até que, passado muito tempo, recebemos a notícia de que um dos atores demitidos estava nos processando na esfera trabalhista, por quebra de contrato!

Era algo que não tinha precedentes no México e, simultaneamente, algo que não deveria constituir jurisprudência, pois impossibilitaria qualquer tipo de contratação. Resumindo: o teatro não poderia existir, pois nenhuma das duas partes, ator e empresa, pode se comprometer a perpetuar a relação (porque não há empresa que possa garantir a permanência de uma obra em palco, da mesma forma que nenhuma pode exigir que um ator permaneça a seu serviço por toda a eternidade). Porém, apesar do absurdo e até mesmo do caráter risível que parecia ser uma demanda dessa natureza, ela chegou a uma das mesas de Conciliação e Arbitragem. Ali alegava-se, entre outras falácias que pareciam de desenho animado, que o sujeito negava que a assinatura estampada nos recibos de pagamento fosse sua, mas os especialistas em caligrafia confirmaram que, sem dúvida alguma, a assinatura era autêntica (apesar de isso já ter sido provado pela representante da Anda, a Associação Nacional de Atores do México, que havia efetuado os pagamentos correspondentes). Por causa disso – e por tantas outras provas –, surgiu a única decisão que se poderia esperar: aquela que determinava a sentença em nosso favor. Mas…

Mas pouco depois fomos informados de que o documento da decisão havia sido… extraviado! Sim, exatamente o que parece.

Então tiveram a “amabilidade” de nos dizer que estavam dispostos a encontrar a decisão perdida, mesmo que tivessem de buscar por céu, terra e mar, e que a busca custaria apenas uma x quantia de pesos.

Claro que Florinda e eu concordamos que não pagaríamos nem meio centavo; portanto, o documento não foi encontrado, e o julgamento foi reiniciado.

Tudo nos dava novamente a razão. E mais uma vez eles tiveram a gentileza de nos dizer que a decisão seria favorável para nós… e que esse “serviço teria apenas um preço um pouco mais alto do que o anteriormente solicitado para cobrir o custo da busca”.

É óbvio que Florinda e eu respondemos tal como havíamos respondido antes, o que resultou na emissão de outra sentença (em definitivo), que então dava razão ao demandante. Entre os dados que se destacavam estava o laudo de especialistas em caligrafia, que afirmavam que na vez anterior não haviam conseguido ver bem as assinaturas (provavelmente porque tinham remelas nos olhos), mas dessa vez perceberam que haviam sido falsificadas. A representante da Anda insistia que eram autênticas e que tinham sido executadas em sua presença, mas a Anda não deu crédito a sua honesta representante (talvez porque ela não se sujeitasse às normas acordadas).

Para não alongar a narrativa, saiba-se que Florinda e eu tivemos de pagar um valor que, em números aproximados, era igual à soma de tudo o que o ator havia recebido durante aqueles sete anos de trabalho (essa não foi a única vez que fomos vítimas da “Síndrome de Benavente”).

Depois disso, voltaremos a gastar nossas economias para dar de mamar a essa enorme quantidade de advogados que invadem as Mesas de Conciliação e Arbitragem para roubar, agindo em conluio com uma grande porcentagem de seus funcionários?

* * *

No entanto, nem Florinda nem eu podíamos abrir mão da criatividade, de modo que não temos nos mantido ociosos. E menos quando começamos a nos interessar por algo de que sempre tínhamos nos afastado com prudência, apesar de recentemente ter sido um assunto frequente de nossas preocupações e motivo de múltiplos comentários e trocas de opiniões. Estou falando de tudo relacionado à política (mas com um interesse de participação exclusivamente cívica, condicionado à nossa rejeição total de cargos ou empregos políticos. Ou seja, não os buscaríamos nem aceitaríamos, assim como nem mesmo pretenderíamos figurar como candidatos a cargos eletivos).

Cabe esclarecer que, se a política nunca fez parte dos nossos interesses, não foi por desprezo ou porque ignoramos a sua importância. Não; a abstenção se

deveu, mais do que tudo, àquele fatalismo reprovável, mas compreensível, que havia governado a conduta de muitos mexicanos por um bom número de décadas. “Por que se dar ao trabalho de votar”, costumávamos dizer, “se já sabemos quem vai ganhar?”. Ou: “De que adianta eu votar contra esse candidato, se ele vai contar com milhares e milhares de votos comprados?”. Foram muitas as discussões desse tipo que nos afastaram das urnas, até que uma semente diferente começou a germinar dentro de nós.

Talvez porque aqueles que lançaram a semente também tenham sido diferentes, já que eram aqueles poucos (pouquíssimos) personagens que têm a enorme virtude de não se deixar vencer pela adversidade. Mas eles eram personagens reais; tão autênticos que tinham sobrenome: Nava, Clouthier, Álvarez… E então começamos a pensar: “E se não fosse verdade que as coisas não têm remédio? E se pudéssemos nos livrar desse par de fardos muito pesados chamados preguiça e pessimismo?”.

Um dia, Florinda e eu estávamos de férias em Cancún quando Esther, a irmã de Florinda, disse-nos:

– Fiquem sabendo que aqui na cidade vai haver um ato de campanha de Vicente Fox.

Era ninguém menos do que o arquiteto de nosso incipiente otimismo! O mexicano que começou a nos contagiar com a ideia incomum de que poderia haver uma mudança incomensurável.

Mas, além disso, o contágio se espalhou pelo uso de uma linguagem direta, valente e emancipada dos antigos e ultrapassados padrões do discurso oficial, pois, em vez de dizer, por exemplo: “Nossa plataforma política se sustenta nos princípios imaculados que emanam do feito revolucionário”, dizia o discurso de Fox: “Já estamos fartos desse bando de funcionários corruptos”.

Então, Florinda e eu fomos à manifestação. O público foi enorme. “O maior que já compareceu aqui em um evento dessa natureza”, disseram-nos. E isso era tão verdadeiro, que a turbulência da multidão foi um obstáculo que o candidato teve dificuldade de superar antes de chegar ao palco que serviria de tribuna. Uma vez lá, as ovações e demonstrações de apoio foram incessantes. Mais tarde, ao descobrir que Florinda e eu estávamos presentes, o Sr. Fox nos convidou a subir ao palco, o que nós fizemos com grande prazer e aplaudindo abertamente o candidato, que, com uma gentileza que agradecemos por tudo o que vale, disse à multidão: “Eu sei que vocês não vieram me ver, vocês vieram ver o Chespirito; mas obrigado mesmo assim”. Tanto a multidão quanto nós rimos muito, porque era óbvio e sabido que Florinda e eu estávamos lá de férias e que tínhamos ido a Cancún sem ter a menor ideia de que nossa presença lá iria coincidir com a campanha do Sr. Fox.

Pouco depois, já na Cidade do México, não faltou o imperturbável redator editorial que escrevesse que “Vicente Fox levou Chespirito e Florinda a Cancún”.

Aliás, três anos depois, Florinda e eu estávamos no saguão de um hotel em Hermosillo, Sonora, quando nos deparamos com o então presidente Fox, a quem saudamos com o devido carinho e respeito, quando tanto ele quanto nós nos preparávamos para sair dali (o presidente ia para Guaymas em uma viagem de trabalho, e Florinda e eu, ao aeroporto para embarcar no voo que nos levaria de volta à Cidade do México). No entanto, a caminho do aeroporto, ouvimos um pobre comentarista de rádio que disse algo como: “a propósito: no saguão do hotel também estavam presentes Chespirito e Florinda Meza, que o bajularam, mas, claro, o que mais poderiam fazer, se foram transportados no avião presidencial e alojados no melhor hotel de Hermosillo?”.

Não me lembro nem quero me lembrar do nome do comentarista, mas, para quem ouviu tal desinformação, direi que Florinda e eu não conhecemos nenhum transporte presidencial, nem ônibus, nem carro, nem cavalo, nem (muito menos) um avião; que tínhamos ido a Hermosillo em voo comercial pago pela Universidade de Sonora, a cujas instalações tive a honra de ser chamado para dar uma palestra, o que tinha feito na véspera. E a Universidade também foi a instituição que cuidou de nossas despesas de viagem (uma diária de hotel e o traslado foram o pagamento que recebi pela conferência). E fiquem sabendo que tentamos falar com a rádio pelo celular para negar o que o comentarista tinha dito, mas ele, assim que soube que era Florinda e eu quem estávamos falando, fingiu que “por acaso a comunicação tinha sido cortada”.

– Alô? Alô? – disse o pobre diabo com a hipocrisia que os covardes costumam usar nesses casos, para, em seguida, acrescentar:

– A comunicação foi cortada. Que pena!

* * *

E agora, voltando ao que eu estava narrando anteriormente (o que aconteceu três anos antes), é fácil lembrar que a campanha política do Sr. Fox avançava em meio a um mar de obstáculos, o maior dos quais ainda sendo o fatalismo: aquela triste resignação que impede até mesmo a menor tentativa de levantar nossas vozes para tornar público nosso desacordo, e esse também foi o primeiro obstáculo que Florinda e eu tivemos de superar (foi ela quem primeiramente conseguiu e quem mais me influenciou para que eu também conseguisse). Esse não foi o único obstáculo no caminho; havia outro impossível de ignorar: o medo. Embora, na realidade, esse já fosse um dos cúmplices mais aguerridos do fatalismo, sobretudo em um país onde parecia inquestionável que “viver fora do

pressuposto era viver no erro", para dizer o mínimo. Portanto, tomamos a saudável decisão de contribuir com nossa parte.

Para falar a verdade, foi uma coisa simples. Tudo consistiu em duas ou três gravações que fizemos para televisão e rádio, nas quais nos limitamos a tornar públicas as nossas preferências em favor de Vicente Fox como candidato à Presidência da República, incluindo a informação de que votaríamos nele nas eleições, a serem realizadas em 2 de julho de 2000. *Um apoio muito leve*, pensei. E ainda mais leve foi a pequeníssima frequência com que as nossas modestas gravações foram veiculadas, apesar de que algo surpreendente começou a acontecer: as pessoas faziam comentários muito numerosos e agradáveis a esse respeito. Mas isso não acontecia somente, longe disso, em referência aos vídeos de apoio de Florinda Meza e Chespirito, mas também se tornava um lugar-comum para tudo o que se relacionava à campanha de dom Vicente. Isso ficou cada vez mais claro para nós, pois naqueles dias estávamos em turnê com nossa comédia *11 y 12*, por muitos locais do interior da República, o que nos deu a oportunidade de constatar algo que dificilmente poderia ter acontecido alguns meses antes: o apoio da população ao Sr. Fox mantinha um aumento constante e perceptível aonde quer que fôssemos.

O que se passou a seguir já é amplamente conhecido: apesar dos inúmeros obstáculos que teve de ultrapassar, Vicente Fox obteve uma vitória praticamente avassaladora, fazendo com que 2 de julho de 2000 representasse o que de melhor aconteceu ao país nos últimos muitos, muitos anos.[88]

* * *

Ainda é significativo que eu tenha escolhido a narração desse acontecimento para encerrar um livro meu, por se tratar de um final feliz, que se identifica plenamente com o tipo de dramaturgia a que dediquei a maior parte da minha existência e que tenho utilizado como ferramenta para tentar proporcionar ao público momentos de saudável descontração, pausas para descanso e pelo menos algumas migalhas de felicidade. Tudo, é claro, com o melhor de minhas possibilidades.

Mas, de qualquer maneira, as biografias costumam incluir a data, a forma e as circunstâncias em que ocorreu a morte do protagonista, e, como ainda me apego a esse dom sublime e maravilhoso que é a vida… terei de acrescentar um epílogo.

Epílogo

É preciso lembrar que sempre há um futuro, um futuro implacavelmente incerto. Com isso não quero passar uma mensagem de pessimismo, longe disso, já que a incerteza pode terminar tanto negativa quanto positivamente, com a vantagem de que o ser humano tem o poder de inclinar a balança a seu favor. É verdade que ele nem sempre terá sucesso (e pior ainda: que haverá ocasiões em que alguma tendência suicida o fará se apoiar no prato oposto), mas, em todo caso, a força maior reside no simples fato de que você pode (e deve) lutar pelo positivo. Especialmente considerando que já se passou algum tempo desde 2 de julho de 2000 e que muitas coisas aconteceram nesse intervalo.

Para começar, todos sabíamos que a tão esperada mudança provocaria algum tipo de reação no povo.

– Mas que mudança? – muitos perguntam. Alguns com sinceridade, e outros com ironia.

Os primeiros porque consideram realmente que as mudanças foram muito pequenas. E os outros porque negam ter notado qualquer mudança, mas negam com tanta força e com tanta frequência como jamais puderam fazê-lo antes que uma mudança permitisse que se expressassem dessa forma.

Não há dúvida de que a liberdade de expressão foi a maior das mudanças, mas, paradoxalmente, também foi a melhor arma de quem a nega; porque, antes, quem teria ousado dizer, por exemplo, que “o presidente é mandão e ignorante” ou que “o chefe do governo do Distrito Federal é protetor dos corruptos”? A resposta é: ninguém (ou quase ninguém, pelo menos). Agora, por sua vez, há uma mudança.

E é a mudança que permite que se expressem publicamente não só com frases como as mencionadas, mas também com muitas outras que são principalmente ofensivas, cruéis e impiedosas.

Parece-me que o paradoxo tem uma interpretação adicional, pois dele, da

liberdade de expressão, pode-se dizer que é algo tão grande que não cabe em cérebros estreitos. Portanto, o excedente transborda para algo que é obviamente repugnante.

Além da política, também acontecem outras coisas…

Epílogo do epílogo

Entre as coisas que me aconteceram desde então, a mais notável é que estou envelhecendo a cada dia. Essa é uma experiência que pode ser boa ou ruim, dependendo das circunstâncias em que ocorre. Por exemplo: escrevo isto quando acabo de completar 75 anos, o que foi surpreendentemente festejado na casa da minha filha Marcela, na companhia de Florinda, dos meus filhos (com seus cônjuges), dos meus netos e de muitos dos meus amigos Aracuanes (também com seus cônjuges e/ou filhos). Seria difícil ter uma experiência mais agradável.

Alguns meses antes, por outro lado, eu tinha adoecido de forma alarmante (alarmante para Florinda e para os que me cercavam, pois não descobri que o problema era grave, já que perdi a consciência por um bom lapso de tempo). Aconteceu comigo em Cancún, onde minha bronquite crônica repentinamente se manifestou em uma crise aguda, acompanhada por uma febre de quase 41 graus que me fez dizer uma série de inconsistências, como me contaram mais tarde (acho que dizer inconsistências muitas vezes é uma manifestação de meu estado normal). Enfim, pela primeira vez na minha existência, fui levado para um hospital onde me trataram muito bem, embora eu tivesse tido um forte ataque de alergia ali mesmo. E então, de volta em casa, o ataque se repetiu, só que dessa vez a pérfida alergia o fez de forma traiçoeira e com vantagem, porque se aproveitou do fato de minha imunidade ter sido reduzida a tal ponto pela fraqueza que às vezes pensei que nem mesmo chegaria a completar o tempo regulamentar, o que consegui sem imaginar que ainda faltava o pior: a tortura que significa suportar horas de prorrogação sob o assédio de um agressor impiedoso conhecido como “dor no nervo ciático”. No entanto, eu poderia jurar que não morri como consequência disso, mas que tenho me recuperado até me encontrar em condições de saúde mais do que aceitáveis.

E depois o herpes zóster, uma doença da qual já tinha ouvido falar muitas vezes, mas que eu não imaginava como era dolorosa. Claro, como diz Graciela, a

mais velha das minhas filhas:

– Papai, se depois de ter completado 40 anos você acordar de manhã e perceber que nada dói, é porque você já morreu.

Conclusão

Após 27 anos de convivência livre, voluntária e de grande amor, Florinda e eu decidimos formalizar nossa união perante a sociedade, contraindo matrimônio. Ou melhor: decidimos agregar um testemunho jurídico ao que já havíamos decidido desde o início.

A cerimônia contou com a presença de um pequeno grupo de familiares (incluindo todos os meus filhos e todos os netos que estavam na cidade), além de um seleto grupo de amigos que nos deram a honra de ser nossas testemunhas: Emilio Azcárraga Jean, Pepe Bastón, Alberto Ciurana, Max Arteaga, Javier Labrada e Edgar Vivar.

Conclusão da conclusão

Muito obrigado!

Agradecimentos

Levou muitos anos para que *Sem querer querendo* chegasse ao Brasil. Este lançamento não teria sido possível sem o empenho do pessoal da Lotus Global, o apoio das páginas e canais Fórum Chaves, Vila do Chaves, Chespirito Mania e Chaves de Novo, bem como de todos os que trabalharam na produção do livro, em todas as etapas. A Estética Torta também agradece a cada um de vocês que garantiram suas cópias em pré-venda:

A

Adams Oliveira, Adelson Esperidião Pereira da Silva Junior, Ademir Angelo Moser Junior, Adenires Amorim Marinho, Adilson Ament, Ádina Pereira dos Santos, Adriana de Moraes Castilho, Adriane Pedreira de Araujo Miranda, Adriano Cavalcante Paiva, Adriano da Silva Martins, Adriano Paulino Cardoso da Silva, Adriano Pereira da Silva, Aguiberto Dantas, Alan Chaves, Alan Gomes da Silva, Alan Gustavo Lira de Oliveira, Alcione Aparecida de Andrade, Aldair Oliveira, Aldo Carmine Rosito, Aldrey Rose de Menezes Bino, Alessandro Santos Jannas, Alessandro Yara Rossi, Alex de Carvalho Brito, Alex Dos Reis de Paula,
Alex Felipe Macedo, Alex Martins Neves, Alex Silva Machado, Alexandre Cesar da Silva Santos Filho, Alexandre Douvan, Alexandre Maluf de Moraes, Alexandro Luis dos Santos Oliveira, Aléxia França de Souza, Alexsander Victor Machado da Silveira, Alice Cristina Galimberti Blemblem, Aline Cunha Mendes, Aline de Lurdes Louzada Ribeiro, Aline Lima, Aline Michelle, Aline Oliveira Gouveia, Aline Pereira, Aline Santos, Aline Silva Barreto, Alisson Pinheiro Costa, Allan Carlos de Almeida Martins, Allan Charles Belle Pimenta, Allan Simon, Allan Thomaz Prada, Álvaro Augusto Gomes, Alvaro Moritz, Alyne Caroline Pontes Cury, Amanda Cristina, Amanda Ferreira, Amanda Oliveira, Amilson Leopoldino Reis, Ana Bela Lemos, Ana Carolina Figueiredo,

Ana Carolina Monteiro Freitas Henriques, Ana Carolina Oliveira Santos, Ana Carolina Pereira de Morais, Ana Carolina Reis Mendes, Ana Carolina Silva, Ana Flávia Castro Hosken, Ana Flávia Gomes Ferreira, Ana Flávia Santa Brígida Feijó, Ana Karoline Rodrigues Leitão, Ana Paula Matiello Garrido, Ana Paula Rolim de Moura, Ana Paula Viana da Silva, Ana Priscília Almeida, Ana Renata da Costa, Anderson Azevedo Nogueira, Anderson da Conceição Lima Bastos, Anderson Da Silva Prado, Anderson Fillipe Oliveira dos Santos, Anderson Giovanetti, Anderson Gomes Bastos, Anderson Lima, Anderson Melo, Anderson Monteiro de Azevedo, Anderson Reis de Oliveira, André Bastos Sávio, André Bizorão, Andre Breseghelo Caliman, André de Lima, André de Souza Guterro, André e Marcos de Castro, André Felipe de Carvalho Albuquerque, Andre Felipe de Oliveira Felix, André Gustavo de A. C. Silva, André Luis Machado, André Luis Silva, André Luiz Almeida Scheffelmeier, André Luiz Dias de Carvalho, André Medeiros Teixeira, André Paulino Cardoso da Silva, André Pereira de Almeida, André Ramos Cocareli, André Ribeiro Alves, Andre Ricardo Silva, André Silva, Andrea Velozo, Andreia do Amaral, Andressa Celoto Alves Nogueira, Andriolly Coelho de Menezes, Angelica Fernandes Alves Bezerra, Angelino Teixeira da Silva Júnior, Angelita Tonete da Silveira Souza, Angelus Burkert, Anna Júlia Alvarenga, Antônio Augusto Silva Calonego, Antônio Carlos Nascimento, Antonio Cunha, Antonio Lucas Silva Gonçalves, Antonio Mansur, Antonio Marcelo Bernardes de Almeida, Antônio Marcos Boscaini Rabaioli, Antonio Marcos Oliveira Araujo, Antonio Pereira da Silva Júnior, Antonio Quintino da Silva Júnior, Antonio Tonon Júnior, Arábia Hyokohama, Argemiro Andreati, Ariana Peroni, Ariane Valadares, Ariany Moura de Oliveira, Ariovaldo Machado Felix, Aron Muniz, Arthur Azedias do Nascimento, Arthur Costa de Souza, Arthur Nogueira, Arthur Protti Ramos, Arthur Wermann, Artur Fontenelle, Átila Pardo, Áurea Carolina D. B. A. S. B. de Souza, Aurélio Duarte Pereira, Aureo Barbosa Silveira, Auro Santos Guimarães.

B

Baldoni Braz, Bárbara Nascimento Campos Leonardi, Bartholomeu Junior, Bartira Zingra Gomes, Bernardo Bertrán Caldas, Bernardo de Souza Gonçalves, Bernardo Lobato dos Santos Neto, Bernardo Rosenblatt, Beto Andrade, Beto Frassão, Beto Valentim, Bianca Bueno da Silva, Bianca Carvalho Maia, Bianca Ferrari, Bianca Pinhatti, Brenda Santos, Brenno Cavalcante, Breno Monteiro Bruno, Bruce Marcondes, Bruna Bastos Nogueira, Bruna Bianchi Pagliuca, Bruna de Andrade Pires, Bruna Eduarda Matei, Bruna Feltrin Ferreira, Bruna

Meschiari, Bruna Noronha do Prado, Bruna Reginato, Bruno Anderson Andrade Cavalcanti, Bruno Aparecido da Cruz Chaves, Bruno Athayde de Souza Gonçalves, Bruno Augusto Pires, Bruno Batista dos Anjos, Bruno Cabral, Bruno César Gonçalves, Bruno Defaveri, Bruno Figueiredo, Bruno Filandra Lopes, Bruno Godoy de Melo, Bruno Henrique Alves Barbosa, Bruno Henrique Fernandes Gabriel, Bruno José Nunes Gonçalves, Bruno Karaski Bassora, Bruno Lievore Alves, Bruno Lima Mathias, Bruno Mochi Galvao, Bruno Nieto, Bruno Oliveira Santos, Bruno Oscar, Bruno Politchuk, Bruno Rezende de Oliveira, Bruno Ricardo dos Santos Braga, Bruno Roberto da Silva, Bruno Rodrigues Lima, Bruno Rossini de Oliveira Mantovani, Brüno Santos Silva, Bruno Silva, Bruno Tomayose, Bruno Torres Ramos, Bruno Versiani, Bryan Gomes.

C

Caio Anderson Melo, Caio César Farias Gomes, Caio Cruzeiro, Caio Lettieri Ferreira, Caio Rocha da Silveira, Caio Rodrigues Costa, Caíque Helbig, Calebe Borges Romão, Camila Caroline de Oliveira Gallego, Camila Costa dos Santos, Camila Cristiane Valença dos Santos, Camila Donin, Camila Meireles Carvalho Gonçalves, Camila Michelsen Lima, Camila Nunes, Camila Postal Adomaitis, Camila Rodrigues, Camila Teixeira dos Santos Serra, Camilo Jaffet Alves da Silva, Carina Boschetti, Carina Terezinha da Silva Oliveira, Carla Coda, Carlinhos Novack, Carlos Augusto Ferreira da Fonseca, Carlos Augusto Malucelli, Carlos Eduardo Farias Barbosa, Carlos Eduardo Feuerharmel, Carlos Eduardo Gil Sarzi, Carlos Eduardo Gomes Pereira, Carlos Eduardo Pultz Habermann, Carlos Eduardo Silva, Carlos Ferreira Jr., Carlos Geovani Neves dos Passos, Carlos Henrique Fernandes Fanelli, Carlos Henrique Fonseca, Carlos Henrique Vieira Ferreira Fournier, Carlos Leandro Pontes de Sousa, Carolina Oliveira, Caroline Menezes, Caroline Rafaela Alves dos Santos Motta, Cassia Da Silveira Arnoud, Cássia Rodrigues de Oliveira, Cassiano Gonçalves dos Santos, Cássio Agostineli, Cassio Augusto Gregorio, Cássio Bruno Galvão Nunes, Cássio Praia Dornelles, Catarina Luiza Boldarim, Cauê Santos Andrade, Celio Roberto dias Andrade, Celso Zamarchi Cenci, César Bonini, Cesar Fernando Machado, César Teles, Cesar Tranquilo, Cézar Andrade, Charles Wendel Nascimento Rocha, Charlie Chung, Charlles Souzza, Chaves de Novo, Chrístofer Leandro de Oliveira Sabino, Ciléia Nascimento, Cinliane Sousa Pires, Cíntia Gomes dos Santos, Cintya Bezerra, Clairton Ribeiro Rodrigues, Clarissa Ciacco, Claudia Regina Ferreira da Silva, Claudio Abrahão Neto, Claudio da Silva Evangelista, Cláudio Davi Rodrigues Rotay, Claudio Gomes Roberto de Freitas,

Cláudio Henrique da Silva Ferreira, Clayton Lima Tavares, Cleber Xavier, Clécio Ricardo, Cliff Rodrigo Silva, Cosette Costa Monteiro, Cristian Cristovão Shunck do Nascimento, Cristian Lopes Azevedo, Cristiane Ruppel,
Cristiano Candido Bertoni, Cristiano Pires Dos Santos, Cristina Eskchipiéce, Cynthia Carolina Santos Dulze, Cynthia Fernanda Teles Machado.

D

Daiana Spier, Daiane Aparecida da Silva, Daiéli Fernanda da Silveira, Daline Rocha Sousa, Dalva Leite Suzart, Dani Carvalho, Daniel Alves, Daniel Bolorini, Daniel Costa Coelho Ramos, Daniel Costa Ribeiro, Daniel Coutinho Moreira Felix, Daniel Dantas, Daniel de Souza Soares, Daniel e Lucas Cabral, Daniel Fernandes Gomes, Daniel Fernandes Poiares, Daniel Jardim, Daniel Ribeiro Palma (Watts), Daniel Rodrigues Dias, Daniel Tassoni Souza, Daniela Abreu Da Cunha Santos Ferreira, Daniela Alessandra Alvares, Daniela Carvalho, Daniela Cristina de Oliveira Fernandes, Daniela Fazan, Daniela Ferreira de Moura, Daniela Galichio De Oliveira, Daniela Pacheco, Danieli Stochero, Danielle Costa Figueiredo, Danielle Lanfredi, Danielli Gomes de Oliveira, Danilo Cosmo Americano, Danilo Dambroz Soprani, Danilo Galan Favoretto, Danilo Kiss, Danilo Lanza, Danilo Mota e Silva, Danny Sequia, Darlan Silva, Dauan Daniel de Sousa, Davi Figueiredo Corrêa, Davi l Schaffer, Davi Oliveira, Davi Pascale, Davi Ryba, David de Sousa Gregório, David Grigorio dos Santos, David Ribeiro de Oliveira Santos, Dayane Nogueira, Dayano Souza Santos, Dayse Anne Ferreira Martins, Dayse Anne Santos Venâncio, Débora Goncalves, Débora Guimarães, Débora Loureiro, Deidson Alves, Deimison Rodrigues Neves, Deividi Vaz Mazuim, Delmar Machado, Delnathan Rodolfo Mendes Espíndola, Demétrius Polga, Denilson Azevedo Milagres, Denis Henrique Melatto Valle, Denis Mattos, Denis Paccez Samea, Denis Ribeiro Coelho, Denis Ricardo Gomes Santos, Dênis Vieira Yoshida,
Denise Correia do Nascimento, Denise de Oliveira Pagani, Denise Lira Torres, Denise Suracci, Denyo Silva Domingos Brandão, Desio Vieira da Silva Junior, Deyse Moreira dos Santos, Deyvysson Silva, Diego Andrade, Diego Barbosa Belarmino, Diego Braytner Oliveira, Diego Eric da Silva, Diego Henrique Faria de Paula, Diego Henrique Molina Dos Santos, Diego Herbert Jangrossi da Silva, Diego Mariano de Moura Silva, Diego Martinez Lopes de Barros, Diego Wendhausen Passos, Dimas Bezerra Marques, Dimas Viveiros Magalhães, Diógenes Caliari Armani, Diogo Cardoso Aquino, Diogo Comba, Diogo Freitas, Diogo Mustaro, Diogo Pyrrho, Diogo Siqueira Leite, Diogo Spuri Morales, Diogo Thomaz Kawachi, Dionatã Gomes Pereira, Diuliana Pommer, Djavan

Marques Gonçalves, Domingos Fernando Freitas Nunes, Donizeti Nunes, Dorcirio Júnior Silva de Paula, Douglas Andirel de Oliveira, Douglas Enrique Assmann, Douglas Frumi, Douglas Sanchez da Costa, Douglas Santiago de Faria, Duerdson Natanny, Dyógenes Andrade.

E

Eber Miranda Rodrigues, Edcarlos Figueiredo, Eder Danielski da Luz, Edilson Monteiro Junior, Edilson Souza, Edison José Berrio, Edson Company Colalto Junior, Edson Junior, Edson Romerito Congo, Eduardo Azevedo, Eduardo Carlini, Eduardo Casari Muniz Marques, Eduardo dos Santos Pugliesi, Eduardo Fochesato, Eduardo Freire, Eduardo Geraldo de Campos, Eduardo Gomes da Silva, Eduardo Hermida y Amoedo Fraguas, Eduardo Karls, Eduardo Lage, Eduardo Luiz Meira Soares, Eduardo Mazzer, Eduardo Otávio, Eduardo Paglioni Salama, Eduardo Pfals Barbosa, Eduardo Simões, Eduardo Versiani, Edwilson Massola, Elaine Gomes Correa, Elaine Santiago Gomes, Elaine Sousa Pires, Elaine Turaca, Elder Braz da Silva, Eliabe Joner Domingos, Eliane De Lima Coppi Cunha, Elias dos Santos da Silva, Elias Marcos Cruz, Eliel Vieira, Eliéser Balieiro Mantovani, Elisângela Gouveia Trancoso, Elizandra Frivoli, Elizeu de Lima Grizante, Ellen Katharyn Ferreira Moreira, Elton Braga Rodrigues, Elton Luiz Gonçalves de Oliveira, Elvis Amilton, Elvis Aquino, Elvis Rodrigo Medina, Elvys Evaristo Xavier Brito, Ely Maianny de Oliveira, Elza Albuquerque Avila, Emanoel Bernardo Confessor de Aquino, Emanuelton Antony Noberto de Queiroz, Emerson Danillo da Silva Georgetti,
Emerson Fagundes dos Santos, Emerson Felipe Germano Santos, Emerson Gunia, Emerson Luciano da Cruz, Emerson Pereira Neves, Emilia Da Silveira Carvalho, Emmanuel Elias Scorsato, Eric Araújo, Érica Alexandre, Erick Lima dos Santos, Erick Paixão Ribeiro, Erik Penha, Erik Rodrigues Augusto de Oliveira, Erika Atália, Erika Bouffier Cury Battazza, Érlon Marques Ziquinatti, Erzi de Fátima Borges da Costa, Estéfano Alves de Souza, Estela Maria Lobato Mesquita, Éuder Carvalho Vieira, Eudivan Lopes Teixeira, Evandro Filho, Evelise Oliveira, Evelyn Almeida, Everton Andre Holz, Everton de Almeida Ramos.

F

Fabia Azevedo de Carvalho Lima, Fabiana Eva Proença Albuquerque, Fabiane Rezende, Fabiano da Costa Höltz, Fabiano José da Silva, Fabiano Koich Miguel, Fabiano Schiavi Scalabrini, Fabiano Teixeira Melo, Fábio Correia, Fabio Joseph, Fabio Lansarin, Fábio Leonardo de Lima, Fabio Marinho, Fabio

Melitio da Silva Alves, Fabio Nunes Assunção, Fabio Tadeu Notari, Fabio Vieira de Sousa, Fabricio Janssen, Fabrício Milani, Fabricio Pomponet Monteiro, Fagner Santos Dias, Fanuel Manhaes Couto, Fausto Assumpção Fernandes, Felipe Alves da Silva, Felipe Augusto Gonçalves Camanho Lopes, Felipe Barbosa, Felipe Bigon, Felipe de Mattos Gabriel Santos, Felipe Diogo de Oliveira, Felipe Domingos Marques, Felipe Ernesto, Felipe Gurgel Paulino Murta, Felipe Held, Felipe Hirschmann, Felipe Lemos Fernandes, Felipe Major, Felipe Márcio Ferreira Silva, Felipe Mariano Soares (Don CHelipe), Felipe Nakata, Felipe Rech Rodrigues, Felipe Rezende de Albuquerque, Felipe Rodrigues, Felipe Senra Lucas, Felipe Soares, Fellipe Lourenço, Felype Emanuel, Fernanda Elisa Lima Barreto, Fernanda Guimarães Pimenta, Fernanda Oliveira Silva, Fernanda Paola Dias Vieira, Fernanda Salgueiro Ten, Fernando Bacchin, Fernando Capeli, Fernando Crisci Calazans, Fernando Fabri, Fernando Francisco de Oliveira Junior, Fernando Kruger, Fernando Lucas do Prado, Fernando Martins César, Fernando Rodrigues da Silva Bertolini, Fernando Tadeu Ginez Fabretti,
Fernando Wagner Leão Soares, Filipe Ferreira de Lima Silva, Filipe Heil, Filipe Pessoa, Fillip Torres Pereira Batista, Fládson Lima Mendes, Flávia de Souza Ramos, Flavia Natividade, Flávia Wesley Martins Silva, Flávio Cardoso & Lília Lavor, Flávio Carneiro Lima, Flávio Luiz Salvador, Flavio Martins, Flávio Peixoto Luna, Flavio Ribeiro, Flavio Ricardo Lourenço de Melo, Flavio Rodrigues, Francesnaldo Sergio da Silva, Franciele Santana, Francielly Christine Venâncio Galdino Crema, Francis Martinelli, Francisca de Assis Pastana da Mota, Francisco Chagas Filho Laline Fortes, Francisco Demontieze Alves Bezerra, Francisco Edinaldo Silva, Francisco Eduardo Liandro, Francisco Fiorini Moreira, Francisco Jean Paulino de Souza, Francisco Junior, Francisco Paulo Queiroz Araújo, Francisco Rogerio Silva, Franz Zimmerhansl.

G

Gabriel Alves Pereira, Gabriel Barbosa Borges Garcia, Gabriel C R da Silva, Gabriel Costa de Sousa, Gabriel da Silva Pereira, Gabriel Francisco de Oliveira, Gabriel Garcia, Gabriel Gonçalves, Gabriel Henrique da Silva Trindade, Gabriel Henrique De Freitas Alves, Gabriel Ledur Pereira, Gabriel Nelson Koller, Gabriel Pereira João, Gabriel Schmalbach, Gabriel Uchôa Rosa de Lima Vieira, Gabriel Vitor, Gabriela Aparecida Bregantin da Rocha Tonon, Gabriela Guimarães Müller, Gabriela Mariana Cardoso Gondim, Gabriele Leal, Gênesis Souza Pereira, Genival Fernandes dos Santos Filho Fernandes, George Márcio, Geovani Evangelista Brito, Geovani Santos, Geovanne Ribeiro, Gerardo Filho

(GIL), Gessica Miranda Santos Morais,
Géssica Ribeiro Santos, Geziel da Costa Figueiredo, Gibran Molina Borges Gomes, Gilberto Caracciolo Morelli, Gilberto Correia da Silva Junior, Gilberto Manoel, Gilmar Pedro da Rocha Junior, Gilson Felipe de Araujo Lima, Gilvan da Cas Ebertz, Gino Osti Rocchi, Giovana Zani, Giovane Alcântara de Andrade, Giovani Merighi Tabaquim, Giovanna Garcia, Gisele Maria De Moraes, Gisele Nascimento Cabral, Gislene Xambre, Giucilei Giovani Gomes da Silva, Glauco da Silva Terra, Glauco Pimentel Fernandes Silva, Gleice Pinheiro, Gleidson José dos Santos Oliveira, Gleison Fernandes de Castro, Glória Aparecida Manarin, Gonçalo Benício de Melo Neto, Grama Toys, Grasielly de Andrade Pessanha, Grazielle Celso, Grazielle Silva, Greyce Sousa Guerra, Guido, O Palhaço, Guilherme Antonucci Romualdo, Guilherme Augusto Mariano, Guilherme Bauer, Guilherme Biazoli, Guilherme Borges Steigleder, Guilherme Bramos, Guilherme Brandão Pereira, Guilherme Carneiro Leão Farias, Guilherme Carniel, Guilherme de Faria Damasceno Neto, Guilherme Galvão de Figueiredo, Guilherme Henrique Hanauer, Guilherme José da Silva Moreira, Guilherme Leite Arruda, Guilherme Liça, Guilherme Moreira Früh Machado, Guilherme Oliveira da Silva, Guilherme Pereira Gomes, Guilherme Rebelato, Guilherme Sachs, Guilherme Santa Anna, Guilherme Sippel Machado, Guiomar Carneiro Costa, Gustavo Adolpho Vasconcellos Leme, Gustavo Alves Corrêa, Gustavo Augusto Ernesto Silva, Gustavo Berriel, Gustavo Corrêa Figueiredo, Gustavo Cunha dos Santos, Gustavo D Avila da Rosa, Gustavo Eduardo Rabelo da Silva, Gustavo Enrique de Souza da Silva, Gustavo Guzzo Netto, Gustavo Menon Miranda, Gustavo Moreira Mendes, Gustavo Pinho Rosa, Gustavo Saad, Gustavo Silva de Andrade, Gustavo Spagnolo Tegon, Gutierre Farias Alves.

H

Harisson Breno Souza Rosa, Harley Neves Gonçalves, Harley Teixeira dos Santos, Haysllan Basilio, Heitor Cunha Mendes,
Heitor Ribeiro Lopes Gonçalves, Helder Leão, Helen Cristina Lima Ribeiro Bernardo, Helitom da Costa Alves, Heloísa Soares Portella, Heloísa Tucumantel, Hemerson Mateus, Henrique Barros Chagas de Oliveira, Henrique de Araujo Lima Pereira, Henrique Gabriel G Vicente Farin, Herbert Bernst Antonio, Heverton De Assis, Higo Telis de Sousa, Higor Galeano Nobre Damasceno, Hilton Gonçalves, Hiure Nunes Nascimento Costa, Huanderleia De Souza, Hugo Agrassar, Hugo Freitas, Hugo Gonçalves de Matos Júnior, Hugo Mendes Martins,
Hugo Oliveira Albuquerque, Hugo Raimundo Dezem, Humberto Cardoso dos

Santos Filho, Humberto Kelvin da Silva.

I

Ian Silva, Ícaro Fonseca Dias, Idalina Braga de Santana, Idelmar de Lima Pereira, Iéverton Moreira Dantas, Igor Antunes Marchetti, Igor Corrêa Lopes, Igor de Souza Almeida, Igor Fellipe Brito Pires, Igor Fernando de Almeida, Igor Germano Seibert, Igor Machado, Igor Vinícius Melo de Moura, Ilson Tavares Filho, Ingrid Ramos de Freitas, Iolanda Pachêco do Rêgo, Iran Sérgio Arruda Rodrigues de Lima, Irlan de Sousa Cotrim, Isabela Rui, Isaque Gomes Correa, Ismael Calebe Ribeiro do Nascimento, Ismael Maynard Bernini, Ismael Schwantes, Israel Furtado de Aquino, Italo de Rosa Lettieri, Iuri Chagas de Freitas, Iury Cesar Alves, Iury Galdiks Gardim Franzini, Ivan Carlos Miranda, Ivan De Vilas Boas, Ivenisy Oliveira Gomes, Ivo Varela Santiago Jr.

J

J.C. Marangoni, Jackson Dantas Nunes Junior, Jackson Rocha, Jader Magri, Jairo da Silva, Jairo Vaz Neto, Jaleni Gonçalves Soares, James Revolti, Janaína Cruz, Janaína Garrot, Janaína Kássia Lucas de Oliveira, Janaina Pereira, Jaquicilane Rosa, Jaziel Lopes, Jean Bueno, Jean Carlos Corizola, Jean Carlos Guerino, Jean de Sousa, Jeferson Augusto Souza, Jeferson Fagundes de Azevedo, Jefferson Aragão Brahim,
Jefferson David Silva do Nascimento, Jefferson Martins, Jéffte Oliveira Batista Freitas, Jenisson Santos de Sousa, Jennifer Gonzalez Campos, Jeorge Gonzaga de Souza, Jerfersson Rodolpho Rodrigues de Oliveira, Jerry S Soares, Jéssica Beker, Jessica Bento, Jéssica Santana Carvalho, Jéssica Val de Souza, Jhonata Chaves, Jhonatan Emídio, João Averaldo Kricheski, João Batista de Oliveira Neto, João Batista Fernandes Junior, João Carlos Sani Ratto, João de Brito Raposo Neto, João Felipe da Costa, João Gabriel Tavares Campos Wanderley de Araújo, João Guilherme Leite, João Henrique Martins, João Lucas Gambarra, João Luiz Albuquerque Alves, João Marcelo Mansano, João Nere, João Paulo Bizarro Lopes, João Paulo Boeira de Souza, João Paulo Bolsonaro Calegari, João Paulo Brodbeck, João Paulo Leal de Sousa, João Paulo Lima de Melo, João Paulo Marcelino Ferreira, João Paulo Masseran do Nascimento, João Paulo Morandi Barboza, João Paulo Oliveira da Silva, Joao Paulo Rodrigues Dias, João Paulo Torres Azevedo, João Pedro Bini, João Pedro de Proença, João Pedro Rocha Viana Carvalho da Silva, João Pedro Sarmiento Gouvêa, João Pedro Vilarinho e Silva, João Rafael Souza Balmant, João Rodrigues Teixeira Filho, João Victor Roscoche, João Victor Souza, João Vitor Alves Azevedo, João Vitor

Alves Ribeiro, João Vitor Faléco, João Vitor Souza, John Gustavo Alves da Silva, Johnny Vila, Johnny Weissmuller Dantas Rodrigues “Chespirito Mania”, Johnny Wilker, Joice Mariana Rodrigues Morais, Jonatan Lucas de Oliveira, Jônatas Holanda do perfil Chespirotadas, Jônatas Passos Delgado, Jonathan Brum de Almeida, Jonathan Dias Lima de Souza, Jonathan José Mendes Espíndola, Jorge Augusto Guimarães Gregório, Jorge Cesar Viana Alves, Jorge Luís de Castro Adriano, Jorge Vitorino Sacramento, Josafá Lima, José Anacleto, José Antonio Gonçalves Matias, José Carlos Oliveira Soares Júnior, José Carlos Walter, Jose Cassio Tavares, Jose de Fatima Vasconcelos Filho, José Edmário Lima Matias, José Felipe Moraes Pereira Trindade, José Heleno de Souza Melo, José Henrique Vieira Carvalho, José Igor Alves, José Jailson da Silva,
José Júnior Pereira dos Santos, Jose Maria de Almeida, José Nilson Holanda Júnior, José Renato Marques Farrão, José Roberto, José Roberto Gonçalves Filho, José Souza, José Tertuliano de Lima Júnior, José Vagner de Farias, Josefa Luciene dos Santos Silva, Josias Battu (Kiko Cover), Josiel Eliseu Borges, Josiele Garcia, Josimar Ribeiro da Silva, Joyce Costa Tome, Jt Oliver, Juan Gimenes de Faria Toledo, Juarês Jocoski, Jucier Ramos Francelino, Jucimara André dos Santos, Julia Lima Vieira, Juliana Amaral, Juliana Avelino, Juliana Fontanari Moles, Juliana Géssica Domingos Bezerra, Juliana Gil, Juliana Goes Gomes da Costa, Juliana Guimarães, Juliana Guimarães Lima, Juliana Maria Calegare, Juliane Fernandes,
Juliano Catani, Juliano César Paixão Paixão, Juliano da Palma Macedo, Júlio Bernardes, Julio Cesar Godoy Alves, Julio de Almeida Macedo, Julyana Régia da Rocha Mota Rodrigues, Júnior Andriotti, Juscele Pasquali.

K

Kamilla Miranda de Carvalho, Karen Cruz, Karen Frangiosi, Karina Franciane Braz Fidelis, Karina Mattos, Karina Sant’Ana, Karina Silva, Karina Tomaz, Karine Viero, Karoliny Ricarte Gonçalves Luiz, Karolyne Inajá Santos Heringer, Kary Hellen Marins Subieta Campos, Kássio de Assis da Silva Frazão, Kathlyn Almeida, Kauã Francisco Moreira, Kauan Antônio Smaniotto, Kelly Keller, Kelly Oliveira, Kelvin Rascke, Kelyan Ferreira, Kevin Santos, Kivia Rios, Klara Gabriela Machado Sanches, Kupper Viana.

L

Laercio Gandra, Laércio Zancan, Laerte André Massirer, Lailla Cristina Oliveira de Carvalho, Laiz Mafassioli Machado, Larissa Barbosa de Oliveira, Larissa Capetani, Larissa Gemigani, Larissa Pujol, Laura Laky Gatti, Lauro

Silva Rodrigues, Leandro Antonio Sales da Silva, Leandro Baruffi, Leandro Camargo Souza, Leandro Cavalcante de Almeida Alves, Leandro César Menzen, Leandro dos Santos Neves, Leandro Forner, Leandro Freire, Leandro Gabriel Silva, Leandro Lemes Barbosa, Leandro Miranda da Silva, Leandro Rafael Barbosa, Leandro Weishaupt, Léia Rodrigues, Leidiane Araujo da Costa, Lélio Viveiros, Leômany Vinck, Leonardo Barros, Leonardo Borin Mattia, Leonardo Brandalise Machado, Leonardo Caieiro Geyer, Leonardo Delabio, Leonardo E L Pinto, Leonardo Guido, Leonardo Labbé, Leonardo Lins, Leonardo Magalhães de Oliveira, Leonardo Portilho Maciel, Leonardo Rodrigues Cunha, Leonardo Sancassani, Leonardo Santos, Leonardo Taynô Tosetto Soethe, Leonardo Vieira Messias, Leonardo Vignoli, Leopoldo Megali Otoni Braga de Faria, Leriane Fagundes, Lesliane As, Letície Almeida Soares, Levi Borges Haddad Oliveira Rocha, Lidia Monteiro Braga, Lilian Almeida, Lilian Mesquita, Lilian Siboney Xavier, Liliane Dallelaste Teixiera, Liliane Ribeiro, Lincoln Pierazzo Molina, Lorena Lins Damasceno, Lourenso Presotto, Luan de Assunção, Luan Faitanin Volpato, Luan Maciel, Luan Telles Garcia, Luana Marchese, Luana Martins, Luana Toledo Gazola, Lucas Amaral, Lucas Antônio Silva Pereira, Lucas Aragão Feliciano, Lucas Araujo, Lucas Aurélio Pereira e Silva, Lucas Batista, Lucas Cardozo dos Santos, Lucas Carminatti dos Santos, Lucas da Rocha, Lucas de Francisco Carvalho, Lucas Dias Grolla da Silva, Lucas Diemer, Lucas E. Dayse, Lucas Emanuel Francisco da Silva Melo, Lucas Emanuel Souza de Almeida, Lucas Fabiano Konrdörfer, Lucas Fernandes Peres, Lucas Fernando da Silva, Lucas Fernando Malavazi, Lucas Gabriel Molina dos Santos, Lucas Gonçalves Horta, Lucas Guidace Cardona, Lucas Honório Brito Lyra de Melo, Lucas Inácio Macêdo, Lucas Lima, Lucas Martins de Carvalho, Lucas Meneses de Lacerda, Lucas Pereira da Paixão, Lucas Renan Francischetti Maester, Lucas Resende, Lucas Santos, Lucas Souza, Lucas Stuczynski da Silva, Lucas Stumpf Zanatta, Luciana Gregorio de Souza Alves, Luciana Mendes Duque, Luciane Dias, Luciano Gomes Costa Junior, Luciano Santana, Luciano Silva, Luís AlbertoLuís Rocha, Luis Carlos Matos Júnior, Luis de Paula, Luis Fabiano Sandre,
Luis Felipe Da Silva Fernandes, Luis Felipe Fleury, Luis Felipe Seufitelli Souza, Luis Henrique Domingues, Luis Piovezani, Luis Quintana, Luís Rafael Casares Paisani, Luís Virgílio Caldas, Luisa de Souza Miranda, Luiz Araujo, Luiz Augusto Lima, Luiz Carlos Kreusch, Luiz Carlos Rodrigues Junior, Luiz Cláudio da Silva Braga, Luiz de Lara, Luiz Fernando Pina Sampaio, Luiz Gabriel Wanderley Inácio da Silva, Luiz Henrique Araujo dos Santos, Luiz Marcelo Martim Biancheti, Luiza Rosiete Cavalcante, Luiza Vieira de Oliveira, Lukas Bassi de França, Lukas Ribeiro Araujo.

M

Madalena Hermana Coelho, Madruga, Maggie Suellen Paiva Ribeiro, Maicon Cássio Riediger, Maicon de Almeida, Maiki Willian, Mailson Bruno de Castro Pereira, Maíra Garcia, Mara Cristina Cunha Sabino, Marcel Santos, Marcela Manhães Siqueira, Marcello Ercole de Melo, Marcello Peres Zanfra, Marcelo Alves Borba, Marcelo Batista Nobre, Marcelo Bohm, Marcelo Cruz, Marcelo da Silva Miranda, Marcelo Dantas Pedrosa, Marcelo de Azevedo Zanotti, Marcelo dos Santos, Marcelo Ferreira Gomes, Marcelo Ferreira Vaz da Silva, Marcelo Frigo, Marcelo Gomes Silva, Marcelo Gustavo Rauber, Marcelo Luis Salvalaio, Marcelo Marques, Marcelo Marques Souza, Marcelo Matias Matos, Marcelo Pariz, Marcelo Presa Buttenbender, Marcelo Quaglia, Marcelo Rovaroto Camargo, Marcelo Silva Santos, Marcelo Soares Maciel, Marcelo Sureira, Marcelo Vicente, Marcelo Wachter Maroski, Marcelo Zordan Lucas, Marciano Gonçalves da Silva, Marcio Andrade, Márcio Corrêa Barbosa, Marcio Luciano Belo, Marco Paulo Sardella De Luca, Marcondes Vieira de Oliveira, Marcos Antonio Magalhães, Marcos Antonio Nobrega da Costa Junior, Marcos Diego Costa Silva, Marcos Iraniel da Silva Lucena, Marcos Silva de Lima, Marcos Stamillo, Marcos Vargas Peixoto, Marcos Vinicius Maia Fonseca, Marcos William Oliveira, Marcus Carmo, Maria Alice da Luz, Maria Aline Lacerda Godoy, Maria Cecília Barbosa Fonseca, Maria Cecília de Carvalho Sousa Leite, Maria Elaine Rodrigues Lima, Maria Isabel Leandro da Silva, Maria José Reis Mendes, Maria Nayara Pessoa de Lima, Mariana Carvalho, Mariana Chirelli, Mariana da Cunha Nogueira Santos, Mariana Franco Teixeira, Mariana Lutz Siqueira Vicente, Mariane Mayer dos Santos, Marianna Oliveira Evangelista, Marília Gabriela dos Santos Simão, Marília Maciel Moreira, Marina Teixeira de Melo Silva, Marinalva Pereira da Silva, Marindia Brandtner, Mario Henrique Corá, Mario Rodrigues Terra dos Santos, Maristela Marques Nunes, Marli e Daniel de Alencar, Marllon Seixas Salgado, Marlon Medeiros, Marta Imaculada Anastacio, Mateus dos Santos Alves, Matheus Amorim dos Santos, Matheus Augusto de Andrade, Matheus Batista da Silva, Matheus Davi Costa Silva, Matheus de Souza Silva, Matheus Farah de Oliveira Rezende, Matheus Gazziero, Matheus Gianfrancesco Filippi, Matheus Kich Soares, Matheus Lucas Teles, Matheus Maia Castro, Matheus Patrik Candido Mercado, Matheus Pezzotti, Matheus Samuel Deschamps Teixeira, Matheus Silva de Rezende, Mauricio Procopio Loschiavo, Maurício Rossetti, Max Miller Carneiro da Silva, Max Willian de Oliveira Couto Rodrigues, Maximiliano Pessôa Junior, Maxwel Tibério, Mayara Baptista, Mayara Ferreira, Mayk Rocha Sampaio, Maykon

Bezerra, Máyra Garcia Alves, Micael Abner Santos, Michael Alves Araújo, Michael Neves Ferreira, Michael Souza dos Santos, Michel B. Bezerra, Miguel Giacometti Lopes, Miguel Lira Mesquita Ramos, Milca Dias da Silva, Mirray Rafael de Souza Lopes, Mônica Alvernaz, Monique Russi, Murillo André Mendonça, Murillo Ramos Mello, Mylena Caldas.

N

Naara Priscila Soares da Silva, Nágela Simão, Naiara Bonfim, Naiara Martins, Naira Moreira, Natã Julião, Natália Cristina Longhi Basquera, Natalia Lubarino Ferreira, Natalia Pielak, Natália Rodrigues Lino,
Natasha Ferreira de Souza, Natashe Gelbcke, Nelson Marzenoto, Nícolas Miranda Alves, Nicolas Santos Pinto, Nicole Gomez, Nikolas Corrent, Nilcéia Maria da Costa, Nirfa Rosa da Silva, Norberto Faria Jr.

O

Oscar Fernandes Vellozo Neto, Osmael Márcio de Sena Oliveira, Osmar Oliveira Silva, Oswaldo Cezar de Castro, Otávio Augusto Silva e Fonseca, Ozeias Menegassi.

P

Pablo Oliveira, Pablo Thadeu da Silva Miranda, Pakiza Jardim da Silva, Pâmela Soave, Patrícia Aparecida Guilherme, Patrícia Carla dos Santos, Patrícia Elisangela dos Santos, Patrícia Flores Lima, Patricia Leal Alves Costa, Patrick Alexsander Zucchi dos Santos, Patrick Allan de Oliveira Kato, Patrick Rafael Hoffmann, Patrick Teixeira, Patrick Valentim Wisbeck, Pattryck William Silva, Paula Beatriz Ferreira Santos, Paula Stephany de Camargo Silva, Paulo Cesar Almeida,
Paulo de Moraes Fonseca Filho, Paulo Eduardo Ellert Pereira, Paulo Johnny Alves, Paulo Pacheco, Paulo Panaro, Paulo Régis Alves da Silva, Paulo Renato Cerri, Paulo Ricardo da Silva Souza, Paulo Roberto Correia de Souza (Mecie), Paulo Roberto Maciel Cavalcante, Paulo Sérgio Guimarães Lima, Paulo Siqueira, Paulo Vinicius de Almeida Frazão, Paulo Vinicius Fernandes de Freitas, Pedro Alderete, Pedro Amâncio, Pedro Castro da Silva Nunes, Pedro dos Santos Lira Junior, Pedro Eugênio de Oliveira Rabite, Pedro Francisco Lemos Ramos, Pedro Garcêz de Moura, Pedro Henrique Caires de Almeida, Pedro Henrique Cipriano Ribeiro, Pedro Henrique Passos Lobo, Pedro Henrique Rezende, Pedro Henrique Saldanha Cardoso, Pedro Lucas Fernandes Silva,

Pedro Luis dos Santos Marques, Pedro Meinberg Junior, Pedro Naeferson Paulino Xavier, Pedro Pereira Spósito de Almeida, Pedro Rafael São Lourenço, Pedro Salomão Perrini,
Pedro Vicente, Péricles Vieira Leite, Priscila Gessy Moura, Priscila Monteiro dos Santos, Priscila Rocha.

R

Radicleide de Arruda Lima, Rafael Alcênio de Melo, Rafael Andretta, Rafael Audi, Rafael Balseiro Zin, Rafael Battisti, Rafael Cesar de Almeida, Rafael Cristiano, Rafael de Assis Maciel, Rafael de Fraga, Rafael de Freitas, Rafael de Freitas Rodrigues, Rafael de Souza Bergamini, Rafael Eckstein, Rafael Faria Abrão, Rafael Felipe Silva Marcondes, Rafael Geraldo Ramos dos Santos, Rafael Gomes da Silva, Rafael Gordilho Barbosa, Rafael Henrique Cardoso Raiz, Rafael Johann, Rafael Lazaro, Rafael Luiz Sabino, Rafael Matos Moreira, Rafael Melo Marques, Rafael Miranda, Rafael Perassole, Rafael Pereira Camargo, Rafael Pereira Figueiredo, Rafael Peres Vila Verde Farias, Rafael Scotta, Rafael Simões de Oliveira, Rafael Trajano, Rafael Vieira Duarte, Rafael Vieira Lanes, Rafaela Castro de Araújo, Rafaela Prata, Raimundo Honorato de Souza Júnior, Ramilis Moreira do Nascimento, Ramirez Santos, Ramiro Garcia, Ramiroz Ogera Rey, Ramon Martins Fagundes, Rangel Stori Liporati, Raphael Castro Hosken, Raphael da Silva Fonseca Pereira, Raphael da Silva Santos, Raphael de Souza Lima, Raphael Luiz Pinheiro Alves da Silva, Raphael Morais, Raphael Riveiro, Raphael Villela Azevedo, Raul de Oliveira Menezes, Raul Jorge Simoes, Rebeca Graciela Matheus Lizárraga, Regis Santiago Alves, Regno Henrique Sumera, Remerson Cosme Alves, Renan B. Righi, Renan Grecchi, Renan Igor Lima Silva, Renan Rodrigues, Renan Sales Lapá dos Anjos, Renan Salomao Martins, Renata Barbosa Silva, Renata Freitas, Renata Lages, Renata Moura, Renatinho, Renato Alfred Raugust, Renato Alves, Renato Araujo Tejo, Renato Bomdam, Renato Coimbra Monteiro da Cruz, Renato de Castro Valdivino, Renato José Galavoti Filho, Renato Joukoski Garcia, Renato Oliveira Siqueira, Rhayssa Viegas Lima, Ricardo Antonio Stank,
Ricardo Bassanesi, Ricardo Biazotto, Ricardo Bruscato Batista, Ricardo de Oliveira Dora, Ricardo Erlich, Ricardo Fernando Manfredini Lopes, Ricardo Ferreira de Souto, Ricardo Fukuoka, Ricardo Mota, Ricardo Novais Gomes, Ricardo Renato Bortoletto Parra, Rick Mangueira, Rideak Castro da Silva, Rivaldo Gomes, R-LO Rodrigo Lopes, Rô Soares, Róberson Duarte de Melo Sá, Roberta Preta Marques da Silva, Roberta Regina Tenório dos Anjos, Roberto Cesar de Lima Hortala, Roberto Gomes da Silva, Roberto Rossini Júnior,

Robison Tiago de Freitas, Robson Claudino, Robson Daniel da Silva, Robson Moreira Silva, Robson Romero Ruiz Junior, Robson Roni Pereira, Rochele Pires, Rodolfo Goetz, Rodolfo Loes Pereira Pontes, Rodrigo Abreu, Rodrigo Akatsu, Rodrigo Almeida Lima, Rodrigo Alves dos Santos, Rodrigo Andrade de As, Rodrigo Batista Dulze, Rodrigo Bilhalva, Rodrigo Borges Pereira, Rodrigo César de Mello, Rodrigo da Paixão, Rodrigo Darini Valente, Rodrigo de Carvalho Marquezini, Rodrigo dos Santos Onori, Rodrigo Fabricio Gomes, Rodrigo Ferreira de Barros “Poka”, Rodrigo Fontana, Rodrigo Garone Gulin, Rodrigo Gonçalves da Costa, Rodrigo Konorat, Rodrigo Lucas de Oliveira, Rodrigo Marczuk, Rodrigo Marinho da Silva, Rodrigo Matos Machado, Rodrigo Noé de Souza, Rodrigo Oliveira, Rodrigo Pereira da Silva, Rodrigo Reche, Rodrigo Resende, Rodrigo Salles, Rodrigo Santos da Silva, Rodrigo Sousa Lima, Rodrigo Tozette, Roger Alves Zuccolotto, Roger de Carli Carretta Delboni, Roger Lima, Roger Luís dos Santos, Roger Monteiro Barros dos Reis, Rogério Jorge, Rômero Ricardo de Sousa Pereira, Rômulo Dazilio Ferreira, Rômulo Fernandes Ercoli, Ronaldo Fortunato, Ronaldo Luiz Souza Leal Junior, Ronaldo Silva Manoel, Rone Charles Maranho, Ronnie Souza, Rosa Cristina Aragão, Rosana Mello, Rosana Valéria Almeida dos Santos, Rossano Soares Mendes, Ruan de Almeida, Ruan Vandermuren Modole, Rubens Mateus Pisciotta, Rudson Rodrigues Camarda, Ryuston Cruz Vicente.

S

Sabrina Guimarães Mesquita, Saimon Feiten Rodrigues, Samantha Suyan de Barcellos, Samara Arrais Leme, Sammuel Rocha Cavalcante, Samuel Maynard Bernini, Samuel Melo, Samuel Orlando Petrazzo, Samuel Portela, Samuel Wendell Gomes Marinho, Sandro Rogério Gomes Teixeira, Sara Gardenia Gonçalves de Castro, Sara Maria Bazilio de Paula, Sarah Pereira Vieira, Saulo Ferreira Camilo, Shanna Capell, Sheila Cruz, Sheron Files Rodrigues, Sidneia Lopes & Carlos Ganéo, Silvio de Oliveira Giuliani Junior, Silvio Massao Nakandakari Filho, Silvio Rafael, Silvonei Lopes de Souza Júnior, Simão Schiller Martin, Sophia Lopes, Stefani da Silva de Paula, Stefani dos Santos, Stefenson França, Steice Neri, Stella Sophia Santana Magalhães, Stênio Moreira do Lago, Stephanie Bueno Ribeiro de Castro, Suelen da Mata Vieira, Suzana Ferreira Alves.

T

Taffarel Entringer, Taina de Paula S de Campos Espassa, Taina Ferreira Rodrigues, Tainara Lodi Vizioli, Talis Mathias, Tamara Elissandra Fuhr Mettler,

Tamara Silva Moura, Tarcísio Gonçalves Neto, Tarcísio Paulo dos Santos Araújo, Társis Oliveira Santos, Tatiana Helena de Lima Souza, Tatiana Pinheiro, Tatiana Pinheiro, Tatiana Schuch, Tatiane Cristina Poiano, Tatiane Sales Martins, Tatiane Silva Miranda, Tayane Karine Barbosa de Morais, Thaís Barbosa dos Santos Rosário, Thais Protazio Carlos dos Santos, Thaís Rocha de Sousa, Thaísa Marchesin Abrahim, Thales Pastre, Thales Renan Araújo Medeiros, Thalita Lopes de Almeida, Thalita Nascimento Rodrigues, Thamires Baroni Siman Crichi, Thayrine Razaboni Silva, Thays Menezes, Theomarco Rodrigues, Thiago Alt, Thiago C. Coquim, Thiago César Diástor Silva, Thiago de Moraes, Thiago de Oliveira Tani, Thiago Divino, Thiago Ghizellini, Thiago Henrique Justen da Cunha, Thiago Luiz de Moraes, Thiago Mantovani Scomasson, Thiago Mazieri Sousa, Thiago Mendes Dias, Thiago Nogueira de Oliveira, Thiago Nunes, Thiago Oliveira da Silva, Thiago Oliveira Pereira, Thiago Pinto, Thiago Ribeiro Oblesrczuk, Thiago Robles Moreira, Thiago Rosa de Souza, Thiago Santiago de Melo, Thiago Yamanaka Bordignon, Tiago “Professor Nerd” Gonzaga, Tiago Almeida, Tiago Barros Gonçalves, Tiago Borges Matter, Tiago Dayrell Pires, Tiago dos Santos Augusto Bento, Tiago Frazão de Andrade, Tiago Gomes, Tiago Gomes Fernandes, Tiago Luís de Carvalho Paula, Tiago Novello Tonet, Tiago Oliveira dos Santos, Tiago Percy Alcântara de Moraes, Tiago Rangel Siga, Tiago Santos Lopes, Tiago Sbardelotto Staudt, Tobias Bueno Kricheski, Tonny Assis França, Tony Carlos Moura Cavalcanti, Tony Crífio da Silva Mergulhão, Tony Guimarães dos Santos Oliveira, Túlio de Carvalho Silva.

U

Ubirajara Avila, Uilson Souza.

V

Valdemar Ferreira de Barros Junior, Valdemir Geraldo Costa Junior, Valdenice Lemos, Valentim Pazine Oliveira, Valéria Corrêa, Valéria Cristina da Silva, Valnei Ferreira de Araújo, Vanderlei Gonçalves Paixão, Vanderléia de Oliveira Machado, Vanessa Campos Melo, Vanessa Marcondes Trojman, Vanessa Mota da Silva Monteiro,
Vanessa Pereira do Nascimento, Vânia de Sá Brandão Fonseca, Vania Giorgi Lopes Puerta, Vicente Augusto Tucilo, Victor Arruda Danilevicius, Victor Hugo Assis Costa, Victor Hugo da Silva Maria, Victor Hugo de Araujo Silva, Victor Oliveira da Anunciação, Victor Penachini, Vilmar Simonetti, Vinicius Almeida, Vinicius Botter, Vinicius Brandao, Vinicius da Rosa Araujo, Vinícius da Silva, Vinicius Gallert dos Santos, Vinicius Goering Ventura, Vinicius Gomes Castanho

Vieira, Vinícius Homem Antunes de Faria, Vinícius Leardini Gonzaga, Vinícius Porto, Vinicius Raineri da Silva, Vinícius Schumacker Folly, Vitor Dellamano Laranjeira, Vitor Lucas Ugarti de Oliveira, Vitor Miguel de Souza Santos, Vítor Rodolfo Haluch Casagrande, Vitor Severini Pavan, Vitória Capuano Morais, Vitória Roberto Pellis, Viviane De Araújo Gouveia, Viviane de Sales, Viviane Martins, Viviane Souza.

W

Wagner Domingos Kinappe, Wagner José Silva, Walans Souza, Wallace Schmitz Teixeira, Walter Jesus da Costa Martins Filho, Washington Fábio Barbosa, Webert Oliveira, Wedson Galdino da Silva, Welitom José Rodrigues Monção, Wellington Araújo, Wellington Domingues Fernandes, Wellington Fernando Silva, Wellington Flávio Barbosa, Wellington Idalgo Santos, Wellington Moreira, Wellington Oliveira Soares, Wellison Breder, Wellysson Prado, Welton Roberto Silva, Wendell Correia, Weslei Salgado, Wesley de Carvalho, Wesley Henrique Garcia, Wesley Rodrigues, Weslley Fernandes Diniz, Wilian Calori, Wilian Kaique de Souza, Willame Ferreira de Miranda, Willi Schults Borelli, William David Vieira, William Fofão Almeida, William Oliveira Félix, William Santos Oliveira, Willian Azeredo da Silva, Willian Bertuzzi, Willian César Graciano, Willian Ferreira Peixinho, Willian Meirinho, Willyan Bertotto, Wilson da Cunha Silva, Wirley Contaifer, Wisley Rosendo, Wladimir Dianim.

Y

Yan Junior Sodré Mac Dowell, Yargo Gagliardi, Yunus Yahya de Paula, Yuri Condé Arrighi, Yuri Goulart Martins Medeiros.

Z

Zé Helou.

---

[1] No *tweet* original, lê-se: "*Hola. Soy Chespirito. Tengo 82 años, y esta es la primera vez que tuiteo. Estoy debutando. ¡Síganme los buenos!*".

[2] No espanhol, lê-se: "*...A la vida, por lo tanto, le tengo que agradecer que por mi doble quehacer, escritor y comediante, es la risa mi constante y fascinante placer. / Roberto Gómez Bolaños / 1929-2014 / Fue un buen hombre*".

[3] (Nota da Tradutora) No original, "*Cállese, no hable*". O jogo se faz entre "Calles", o sobrenome do presidente, e o verbo "*calles*", que, em espanhol, é forma conjugada do verbo "*callar*" (calar).

[4] (N. T.) José María Albino Vasconcelos Calderón (1882-1959), político e educador mexicano, é considerado um "apóstolo da educação" no México devido a seu papel nas reformas educacionais implementadas nos anos 1920, após a Revolução Mexicana (1910-1920). Foi reitor da atual Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM), onde criou um novo brasão com o lema "*Por mi raza hablará el espíritu*". O lema traz vivo o ideal da Revolução de que uma única raça latino-americana desenvolveria uma cultura de novas tendências, de essência espiritual e livre. Ao trocar "espírito" por "Che Guevara", Bolaños usa de clara ironia.

[5] (N. T.) "Francisco Ignacio Madero Gonzáles foi presidente do México entre novembro de 1911 e fevereiro de 1913, quando foi morto durante a "Decena Trágica" (Dezena Trágica), movimento armado de dez dias que culminou com a deposição do governo legítimo e popular do presidente mexicano. Seu assassinato se deu no Zócalo, uma das principais praças da Cidade do México, e que Bolaños mencionará adiante".

[6] (Nota da Revisão Técnica) Luis Echeverría Álvarez foi presidente do México no período de 1970 a 1976, sucedido por José López Portillo, que governou de 1976 até 1982. Margarita López Portillo foi uma prestigiada escritora e política mexicana.

[7] (N. R. T.) Acrônimo de “Petróleos Mexicanos”, estatal responsável pela exploração dos recursos energéticos no país.

[8] (N. T.) Referência ao aracuã, uma ave semelhante ao faisão. Pode ser referência também ao personagem Folião [El Pájaro Aracuan], do filme da Disney *Você já foi à Bahia?* (*The Three Caballeros*), de 1945, mesmo ano citado na passagem. Folião é retratado como um pássaro maluquinho.

[9] Nessa época, o número de Aracuanes continuava crescendo. Alguns entraram fazia muito tempo, como os irmãos Porter (Wallace e Pancho), Jaime Arvizu, José Luis Ramírez Cota, Adrián Herrera, Alfonso e Roberto San Vicente (mais conhecidos como “Los Capullos”), Ángel “Kelo” Ruiz, Rafael Legorreta “Rafita”, Agustín de la Garza, Paco Ruiz, Crispín Aguilar, Jesús Tijerina, Horacio Alemán etc., que em breve seriam acompanhados por Agustín Robles, Raúl – o “Ruly” – González, Esteban Escalante, Arsenio Rosado “Tuts”, Alejandro Estévez “El Espanha”, Toño Rodríguez, Óscar Cuéllar, Jorge “El Médico” Carrillo, Gustavo Adolfo Rosier, Enrique Hernández “El Timo”, Isauro Villar “El Bolas” e os irmãos mais novos de alguns, como Roberto Ramírez e Jorge Ruíz.

[10] (N. T.) As *fiestas patrias* do México, ou “feriados patrióticos”, celebram o início da Guerra de Independência em relação à Espanha (1810-1821). As comemorações começam na noite de 15 de setembro, mas é o 16 de setembro que se considera o Dia Nacional do México, marcado por festividades e comidas típicas (e alguns conflitos típicos de aglomerações populares).

[11] (N. T.) Grito comum nas festas patrióticas mexicanas. Há variantes com palavras chulas, mas Bolaños apresenta aqui uma versão eufemística equivalente a “filhos da mãe”. A origem da expressão remonta ao período colonial. Alegoricamente, diz-se que o mexicano é um povo mestiço descendente do homem espanhol (o colonizador, simbolizado pelo conquistador Hernán Cortés) e da mulher indígena (simbolizada por La Malinche, a concubina indígena de Cortés, que teria traído seu povo). Os mexicanos são, portanto, os filhos de Malinche, mas são também os filhos da violação espanhola. Esse é um tema recorrente da “mexicanidade” e um dos explorados pelo escritor mexicano Octavio Paz (1914-1998) no ensaio *O labirinto da solidão*.

[12] (N. T.) O *tepache* é uma bebida fermentada típica do México. É servida gelada e feita com casca de abacaxi, açúcar mascavo e canela.

[13] (N. R. T.) Presidente do México no período de 1858 a 1872, conhecido por resistir à ocupação francesa nos anos 1860 e restaurar a república no país.

[14] (N. R. T.) Tentativa mexicana de estabelecer alianças com os Estados Unidos, quando o governo liberal de Benito Juárez lutava contra os conservadores. No México, foi visto como uma traição – afinal, seriam cedidos direitos aos estadunidenses, que haviam vencido a Guerra Mexicano-Americana uma década antes.

[15] (N. T.) Um rosto “*cacarizo*”, em espanhol, é um rosto cheio de sulcos resultantes de um quadro acentuado de acne. É daí que surge o apelido “Cácaro” para “Kelo” Ruíz.

[16] (N. R. T.) Penhasco da cidade de Acapulco usado como ponto de partida de saltos acrobáticos ao mar.

[17] (N. R. T.) Região do estado mexicano de Morelos, situada a sessenta quilômetros da colônia Del Valle.

[18] Deve-se notar que conheço muitos boxeadores profissionais que são excelentes pessoas, e todos eles (os muitos que são boas pessoas e os poucos que não o são) são irrepreensíveis diante da triste realidade que os cerca.

[19] (N. R. T.) Estado no nordeste do México.

[20] (N. T.) Referência ao personagem fictício Lone Ranger, de Fran Striker (1903-1962), um mascarado Texas Ranger (uma espécie de autoridade policial texana) que atua como justiceiro no Velho Oeste dos Estados Unidos, na companhia do índio Tonto.

[21] (N. T.) Referência ao personagem Dom Quixote, de Miguel de Cervantes.

[22] (N. T.) Pedro Infante (1917-1957) é reconhecido como o maior ator e cantor da Era de Ouro do Cinema Mexicano (1936-1959), um período em que as produções cinematográficas do país alcançaram um grande padrão de qualidade, êxito financeiro e reconhecimento internacional.

[23] (N. R. T.) Adhemar Ferreira da Silva (1927-2001), primeiro bicampeão olímpico do Brasil.

[24] (N. T.) No original: “*¿Desea usted tener unas buenas pompas? Acuda a Pompas Fúnebres Poyoso. Con nosotros, sus pompas serán las mejores*”. Na verdade, o original traz uma piada linguística decorrente do duplo sentido de “*pompas*” no espanhol: “cerimônia formal” e “nádegas”. Assim, o efeito estaria em: “Deseja ter uma bela bunda/cerimônia?” e “Conosco, sua bunda/cerimônia será a melhor”.

[25] (N. R. T.) Estação de rádio pertencente à família Azcárraga, fundadora do Grupo Televisa.

[26] (N. T.) O termo “escada”, bastante difundido na comédia, refere-se ao personagem sério que serve de suporte para o personagem principal, cômico.

[27] (N. R. T.) Localizado na avenida Chapultepec, na Cidade do México, o edifício Televicentro é hoje um dos complexos do Grupo Televisa. Na época, contava com seis andares, três auditórios com capacidade para seiscentas pessoas, dezoito estúdios, escritórios e uma torre de cinquenta metros.

[28] (N. T.) “No jardim de cerejas/você cortou, menina, aquela flor;/perfumou-a com seus beijos/e com seu candor”.

[29] (N. T.) *Contigo pan y cebolla* (1833) é uma comédia em prosa em quatro atos do dramaturgo mexicano Manuel Eduardo de Gorostiza. Na história, a protagonista, influenciada pelos romances sentimentais que lê, decide casar-se para levar uma vida de pobreza e adversidade idealizadas.

[30] (N. R. T.) Monumento quadrangular que possui estátuas de bronze em cada extremidade, simbolizando a Lei, a Justiça, a Guerra e a Paz. Está localizada no Paseo de La Reforma, importante avenida da capital.

[31] (N. T.) Dizer que um local fica “*por casa del diablo*” equivale a dizer que fica “onde Judas perdeu as botas”. No entanto, o trocadilho é com *Doña Diabla*, filme mexicano estrelado pela referida atriz María Félix, que também vivia em Tlalpan, uma demarcação territorial da Cidade do México bem afastada do centro.

[32] (N. T.) Uma espécie de rodoanel que acompanha aproximadamente o perímetro da Cidade do México.

[33] (N. T.) Povo do Himalaia que auxilia os montanhistas no Everest.

[34] (N. R. T.) Jogo de palavras com as palavras “lhamas” e “chamas”, que, em espanhol, compartilham a mesma forma: “*llamas*”.

[35] (N. R. T.) José María Fernández Unsaín faleceu no dia 18 de junho de 1997, aos 78 anos.

[36] (N. R. T.) Estado mexicano localizado ao norte da península de Yucatán, fazendo limite com os estados de Campeche e Quintana Roo.

[37] (N. T.) Bolaños refere-se ao domínio da Espanha sobre a América e especificamente à conquista do México, em 1521, pelos soldados de Hernán Cortés.

[38] (N. T.) No verão de 1968, a Cidade do México vivenciou protestos crescentes contra a realização dos Jogos Olímpicos daquele ano na cidade. Em represália, no dia 2 de outubro, as forças armadas abriram fogo contra civis e mataram um número indeterminado – provavelmente centenas – de estudantes. O episódio ficou conhecido como Massacre de Tlateloco.

[39] (N. R. T.) Adaptação da história *Don Juan Tenorio*, do espanhol José Zorilla. Desde o século XIX, tradicionalmente é encenada no Dia dos Mortos no México. A obra foi também adaptada no programa *Chespirito*, em diversas ocasiões.

[40] (N. R. T.) Telenovela de 1972 baseada em *Irmãos coragem* (1970-1971), de Janete Clair. Foi dirigida por Enrique Segoviano (1944-), que mais tarde assumiria a direção de *Chaves* e *Chapolin*.

[41] (N. R. T.) Marshall McLuhan (1911-1980), um dos mais importantes teóricos da comunicação.

[42] (N. T.) O nome do personagem inclui trocadilhos sobre sua condição de bêbado: é um engenheiro (*ingeniero*), mas é ébrio, do que decorre o nome “Ingeniebrio”. Já “Tirado Alanís” provavelmente decorre de “*tirado al anís*”, algo como “largado no anis”, sendo este um ingrediente usado na fabricação de licores.

[43] (N. T.) A frase é um trocadilho cultural e gramatical sofisticado com o ditado popular mexicano “*No tiene la culpa el indio, sino el que lo hace compadre*” (A culpa não é do índio, mas de quem o faz compadre), indicando que a culpa por um erro não recai apenas sobre quem o comete, mas também sobre quem lhe atribuiu essa responsabilidade. O ditado expressa preconceito ao indígena – o principal alvo de preconceito no país –, por insinuar que 1) o indígena é um incapaz e não pode ser responsabilizado por seus atos; 2) ter um companheiro indígena é um mau negócio. Já em “*No tiene la culpa el indio sino el que lo hace Fernández*” (A culpa não é do índio, mas do que Fernández faz), há mais camadas: 1) uma provável alusão aos mexicanos mais pobres, como o homem morto, serem de origem indígena e, portanto: 2) a culpa não seria do morto, mas de quem o matou; 3) a culpa não é de “El Indio” (Fernández), mas do ato dele (Fernández), o que serve tanto para o assassinato quanto para o fracasso do filme. Posto tudo isso, foi uma fala infeliz, e, certamente, os telespectadores estrangeiros não entenderiam.

[44] (N. R. T.) A estreia de *Zona roja* e o crime cometido pelo diretor Emilio Fernández (1908-1986) ocorreram ambos em 1976, porém o quadro *Los supergenios de la mesa quadrada* teve sua exibição interrompida cinco anos antes, em 1971. Coincidentemente ou não, naquele mesmo 1976, a série *Chapolin* apresentou um episódio intitulado "No tiene la culpa el indio, sino el que lo hace Fernández" (conhecido no Brasil por "A cidade perdida").

[45] (N. T.) Em espanhol, "*chiflado*" equivale a "maluco". Portanto, o título seria algo como "Os maluquinhos".

[46] (N. T.) Em espanhol mexicano, "*chavo*" é uma forma de dizer "garoto".

[47] (N. R. T.) Como evidenciado na série, Dona Neves, a bisavó da Chiquinha, é avó do Seu Madruga, não sua mãe.

[48] (N. T.) Referência a *O riso: ensaio sobre o significado do cômico* (1899), obra clássica do filósofo francês Henri Bergson (1859-1941).

[49] (N. R. T.) Na dublagem brasileira, o nome foi traduzido para "Frederico".

[50] (N. R. T.) Godinez fazia referência ao argentino Alfredo Di Stéfano (1926-2014), no lugar do italiano Giuseppe Di Stefano (1921-2008); e "os tigres" de conhecimento do garoto são uma equipe de beisebol de Detroit, nos Estados Unidos.

[51] (N. R. T.) Segundo informações da revista *Tele-Guía* e do jornal *Avance*, do México, *El ciudadano Gómez* era exibido às sextas-feiras em 1973. É importante frisar que, na realidade, ele era uma nova versão daquela série de treze episódios que, embora não mencionada por Chespirito, recebeu exibição entre 14 de outubro de 1970 e 6 de janeiro de 1971.

[52] (N. R. T.) *Chaves* e *Chapolin* continuariam sendo exibidos no Canal 8 por mais algum tempo. *Chapolin* passou para o Canal 2 em 15 de junho de 1974, enquanto *Chaves* mudou de canal em 1975. Por conta disso, então chamado de *El Chavo del 8*, *Chaves* passou a ser referido na programação apenas como *El Chavo*.

[53] (N. R. T.) Por conta desse acidente, as gravações das séries foram interrompidas por várias semanas de 1973. Para suprir a ausência de episódios inéditos, a Televisa exibiu compilações de quadros do programa *Chespirito*. Entre eles, foi ao ar "Remédio duro de engolir", o mais antigo esquete do *Chaves* exibido atualmente.

[54] (N. R. T.) Presidente Prudente (SP), na dublagem brasileira.

[55] (N. T.) O termo "*mojado*" (em português, "molhado", e em inglês, "*wetback*") refere-se aos imigrantes ilegais – normalmente mexicanos, mas por extensão também os provenientes de toda a América Central – que tentavam cruzar a fronteira para os Estados Unidos através do rio Bravo para entrar no Texas, às vezes boiando sobre pneus, o que lhes rendia as costas molhadas. Usado pela primeira vez em 1920, o termo "*mojado*" se tornou um insulto popular em outras partes dos EUA com grande população ilegal.

[56] (N. T.) "Esse sou eu."

[57] (N. T.) "Não vou lhe dar visto nenhum."

[58] (N. T.) O Zócalo é uma das principais praças da Cidade do México. Ela foi parte dos conflitos da "Decena Trágica" (Dezena Trágica), movimento armado de dez dias que culminou com a deposição do governo legítimo e popular do presidente mexicano Francisco I. Madero, e seu consequente assassinato, em 19 de fevereiro de 1913.

[59] (N. T.) Havia um ser muito pequeno/no ventre de uma mulher/que via em seu sonho/que ele ia nascer./Desejava-o com tal frenesi/e com tanto entusiasmo o esperava/que chegou a sonhar que cantava/esta canção que diz assim://Eu quero nascer/e quero conhecer/a cor/que cada flor tem./Já quero brincar/e da brincadeira/desfrutar/com outras crianças/Já quero percorrer/os campos por onde quiser;/ouvir/mil pássaros cantar./Já quero sorrir/e quero receber/muitos carinhos.//Mas alguém pensou de outro modo/e em um instante fatal decidiu/que terminaria tudo/…e tudo terminou./E agora ele nunca mais poderá/conhecer a cor das flores/nem ouvir pássaros cantores/nem dizer: "Eu te amo, mamãe".//Eu já quero nascer (etc.).

[60] (N. R. T.) O filme *El patrullero 777*.

[61] (N. R. T.) Na dublagem brasileira, a música foi traduzida como "Que bonita sua roupa".

[62] (N. R. T.) Em entrevista à revista *Tele Guía*, em abril de 1979, Carlos Villagrán relatou ter comunicado sua saída durante uma visita à casa de Chespirito, no dia 19 de janeiro daquele mesmo ano.

[63] (N. T.) O termo de vem "charro", um cavaleiro tradicional mexicano que traja um conjuno de paletó curto, camisa branca, chapéu de aba larga com o topo cônico e calça justa, retratado com humor no pôster do filme *Charrito*.

[64] (N. T.) Possivelmente Bolaños se refere às Linhas de Nazca, no Peru.

[65] (N. T.) Na data de publicação deste livro no Brasil, Odessa ainda é parte da Ucrânia, mas Yalta, localizada na península da Crimeia, faz parte do território ucraniano que, desde 2014, foi ocupado pela Rússia.

[66] (N. T.) Também conhecido como Massacre da Praça da Paz Celestial, que aconteceu em 1989.

[67] (N. R. T.) O momento foi ao ar no episódio "O crime não compensa". Na ocasião, eles assistem a um trecho do capítulo "O ladrão da vizinhança", de 1982. Na cena em questão, a personagem Dona Cotinha, interpretada por Angelines Fernández, também assiste ao *Chaves* ao lado do trio.

[68] (N. R. T.) Interpretada pela primeira vez no filme *Capulina Speedy González*, a música ficou muito conhecida ao ser exibida no episódio "Juleu e Romieta", do *Chapolin*, em 1975.

[69] (N. R. T.) Golpe de luta livre que consiste em derrubar de costas o adversário por um impulso em volta do seu pescoço. É reproduzido de forma cômica em alguns episódios do *Chapolin*.

[70] (N. R. T.) Chilena, eleita Miss Universo em 1987 e que, em 2001, viria a se casar com o então ex-presidente argentino Carlos Menem.

[71] (N. R. T.) Acrônimo do Partido de Ação Nacional.

[72] (N. R. T.) À data da edição em português deste livro, são necessários cerca de 7 mil copeques para comprar 1 dólar – cada rublo equivale a 100 copeques (como cada real equivale a 100 centavos).

[73] (N. T.) Nicolae Ceausescu (1918-1989) foi secretário-geral do Partido Comunista na Romênia e presidente do país (1974-1989). Seu governo ditatorial foi derrubado na Revolução Romena de 1989, que pôs fim ao regime comunista no país e marcou a saída da Romênia do bloco soviético.

[74] (N. R. T.) Os tempos porfirianos se referem àqueles em que o general Porfirio Díaz (1830-1915) governou o México, em três períodos entre 1876 e 1911. Já os revolucionários estão relacionados ao conflito armado que durou entre 1910 e 1924, os quais remontam à situação do país durante a presidência de Díaz.

[75] (N. R. T.) Francisco José Gabilondo Soler (1907-1990), cantor e compositor mexicano reconhecido por suas músicas infantis. O clipe "É aqui", do Chaves, é originalmente uma homenagem a ele, com o nome "Gracias Cri-Cri".

[76] (N. R. T.) Embora não tenha recebido um Oscar nas categorias de atuação, Chaplin ganhou a estatueta de trilha sonora dramática original por *Luzes da Ribalta*, em 1973 – um ano após ser agraciado com um prêmio honorário da Academia, por sua extraordinária contribuição ao cinema.

[77] (N. R. T.) Arturo García Tenório fez sua primeira aparição em "Arruaceiros", esquete do *Chapolin* exibido em *Chespirito* no ano 1972. Mais tarde, apareceria também em "O bebê jupiteriano", do *Chapolin*, em 1974, e faria outras participações no programa *Chespirito* a partir dos anos 1980.

[78] (N. R. T.) Angelines faleceria em 25 de março de 1994, aos 69 anos, vítima de uma insuficiência respiratória.

[79] (N. T.) Na sigla em inglês, Nafta. O tratado de livre-comércio entre Canadá e Estados Unidos, de 1992, recebeu a adesão do México em 1994 e vigorou até 2018, quando foi substituído pelo Acordo Estados Unidos-México-Canadá, atualmente em processo de ratificação interna por cada um dos países.

[80] (N. R. T.) Na realidade, Raúl "El Chato" Padilla faleceu em 3 de fevereiro de 1994.

[81] (N. R. T.) Como ressaltado em nota anterior, Angelines faleceu em 25 de março de 1994.

[82] (N. R. T.) Tradução literal de "Que bonita vecindad", versão original da música mais conhecida pelos brasileiros como "Que bonita sua roupa".

[83] (N. R. T.) Os dois quadros deixaram o programa *Chespirito* em 1992. Os esquetes finais foram "Aulas de inglês", do *Chaves*, e "Mulher tirana, marido banana", do *Chapolin*.

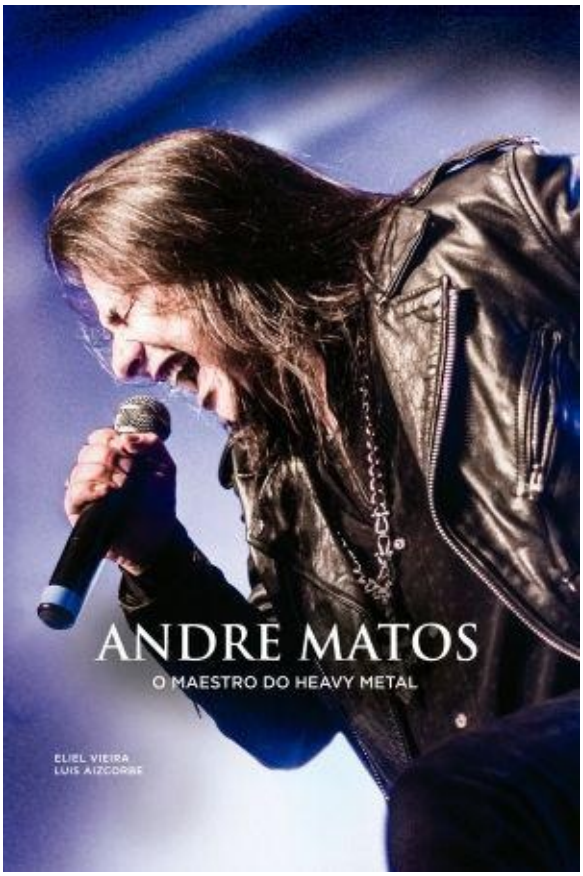
[84] (N. R. T.) Em suas respectivas estreias como os personagens infantis, Horacio tinha 44 anos; María, 23; e Edgar e Florinda, 25.

[85] Ao final do programa *Chespirito*, Carlos Villagrán tinha 54 anos, e María, 45.

[86] (N. T.) No Brasil, o livro foi lançado pela primeira vez em 2006, pela Suma de Letras.

[87] (N. T.) Sigla referente a Sistema Nacional para el Desarrollo Integral de las Familias, ou Sistema Nacional para o Desenvolvimento das Famílias, uma instituição pública mexicana de assistência social.

[88] (N. R. T.) Fox foi presidente até dezembro de 2006, quando foi sucedido pelo correligionário Felipe Calderón, também do PAN.


ANDRÉ MATOS
O MAESTRO DO HEAVY METAL
ELIEL VIEIRA
LUIS AIZCORBE

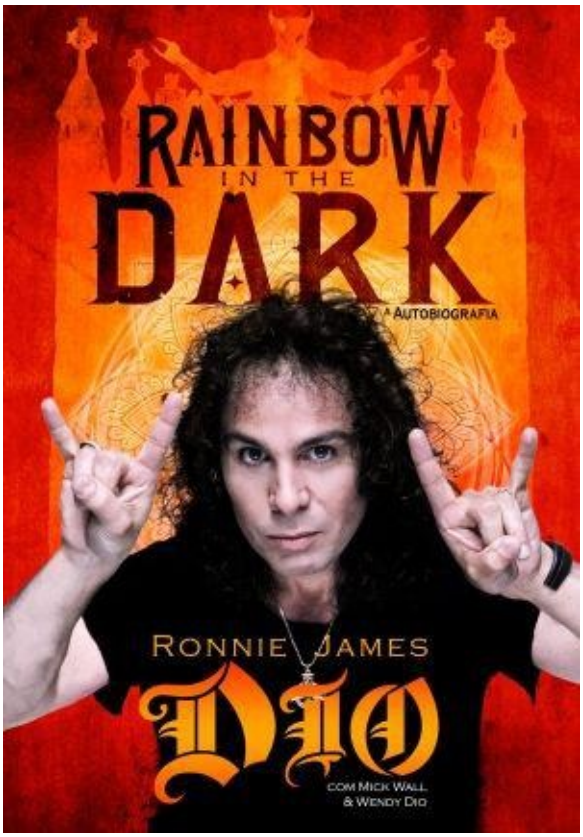
Andre Matos

Vieira, Eliel
9786589087144
456 páginas

Compre agora e leia

Cantor, compositor, maestro, produtor, pianista. Um currículo invejável, com formação acadêmica em regência orquestral, composição musical, canto lírico e piano erudito. À frente das bandas VIPER, ANGRA e SHAMAN, vendeu milhões de discos, desbravou mercados antes inimagináveis e tocou para multidões. Fluente em inglês, espanhol, italiano, francês, alemão e sueco, era um cidadão do mundo. Capaz de popularizar a música erudita para os ouvidos de jovens ávidos por barulheira, fez também a via contrária, traduzindo e exportando a cultura musical brasileira para os exigentes ouvintes da Europa e Japão. Neste livro, mais do que apenas um relato detalhado e completo abrangendo toda a carreira da estrela do heavy metal ANDRE MATOS, o leitor terá um vislumbre de como era o ser humano por trás do glamour, das fotos promocionais e das luzes do palco: o Andre que ria e chorava; que tinha sonhos e pesadelos; que era apegado às coisas simples; que poderia ter ficado milionário, mas preferiu suportar as consequências de não vender seus princípios; que não tinha vergonha alguma de recomeçar do zero, quantas vezes fosse necessário. O homem que, de maneira abrupta e precoce, deixou esse mundo aos 47 anos de idade, vítima de um infarto fulminante. Além de uma extensa e detalhista pesquisa sobre centenas de entrevistas dadas por Andre Matos a revistas, jornais, sites, TVs e rádios ao longo das últimas três décadas, os autores entrevistaram pessoas bastante íntimas e próximas a Andre, que o tinham não como estrela do rock, distante, mas como amigo e companheiro. Recheado com fotografias raras jamais divulgadas, vindas do acervo pessoal da família do músico, e lançado em edição de luxo, em ANDRE MATOS: O MAESTRO DO HEAVY METAL os fãs terão em suas mãos o tributo definitivo sobre a história de Andre Matos e sua surpreendente carreira.

Compre agora e leia


RAINBOW
IN THE
DARK
A AUTOBIOGRAFIA
RONNIE JAMES
DIO
COM MICK WALL
& WENDY DIO

Rainbow in the Dark

Dio, Ronnie James
9786589087274
324 páginas

Compre agora e leia

Antes de sua trágica morte em 2010, Ronnie James Dio estava escrevendo uma autobiografia, colocando no papel memórias da notável vida que o levou de sua cidade natal no interior do estado de Nova York aos maiores palcos do mundo. Enquanto contemplava a realização de um sonho, tocando no imponente Madison Square Garden, Ronnie refletiu sobre os principais pontos de sua vida que culminaram naquele momento: o grupo de amigos com quem deu seu pontapé na música, tocando em festas, bares, fraternidades e clubes; a transição repentina que o levou do baixo para o microfone e mudou sua vida para sempre; a sorte que culminou no nascimento de Rainbow e a parceria produtiva, embora difícil, com Ritchie Blackmore; o encontro casual que o fez ser vocalista do Black Sabbath, levando os britânicos a novos patamares de sucesso; a cativante história por trás do nascimento dos "chifres do diabo", o eterno símbolo do heavy metal; seu casamento com Wendy, que estabilizou sua vida, e a grande aposta que fizeram juntos, lançando o empreendimento de maior sucesso de sua carreira: sua banda solo, Dio. Toda essa incrível jornada é descrita com grandes detalhes e de coração aberto, sem poupar palavras: de suas desavenças com Blackmore, às drogas que atrapalharam o ressurgimento do Black Sabbath, até os confrontos de personalidade que desgastaram cada uma das banda em que esteve.

Compre agora e leia

Table of Contents

Prefácio à edição brasileira
I
II
III
IV
V
VI
VII
VIII
IX
X
XI
XII
XIII
XIV
XV
XVI
Epílogo
Epílogo do epílogo
Conclusão
Conclusão da conclusão
Agradecimentos

Table of Contents

Prefácio à edição brasileira
I
II
III
IV
V
VI
VII
VIII
IX
X
XI
XII
XIII
XIV
XV
XVI
Epílogo
Epílogo do epílogo
Conclusão
Conclusão da conclusão
Agradecimentos